FREIDA McFADDEN



BARRIGA DE ALUGUEL

ELA QUER O QUE É SEU.

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

BARRIGA DE ALUGUEL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

FREIDA McFADDEN



BARRIGA DE ALUGUEL

Traduzido por Camila Fernandes Carmocini

ARQUEIRO

Título original: *The Surrogate Mother*

Copyright © 2018 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente em inglês em 2018 por Hollywood Upstairs Press.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Ana Sarah Reboredo

preparo de originais: Sara Orofino

revisão: Ana Grillo e Sheila Louzada

diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura

capa: Raul Gastao

imagem de capa: Magdalena Russocka | Trevillion Images

foto da autora: © Mira Whiting

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429b

McFadden, Freida
Barriga de aluguel [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Camila Fernandes Carmocini. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: The surrogate mother
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-306-0255-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Carmocini, Camila Fernandes. II. Título.

26-106359.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha família

SUMÁRIO

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

EPÍLOGO

SOBRE A AUTORA

SOBRE A ARQUEIRO

PRÓLOGO

Nas próximas vinte e quatro horas, vou ser presa por homicídio.

Não sei como isso aconteceu. Não sou o tipo de pessoa que vai para a cadeia por homicídio. *Não sou.* Nunca recebi nem uma multa por excesso de velocidade. Caramba, nunca nem atravessei a rua fora da faixa de pedestres. Sou a cidadã mais obediente à lei que já existiu.

– Eles têm uma argumentação bem fundamentada contra você, Abby.

Meu advogado, Robert Frisch, não dourou a pílula. Não faz muito tempo que o conheço, mas já sei que o negócio dele não é passar a mão na cabeça de ninguém. Ele gastou os últimos vinte minutos listando todas as provas que a polícia reuniu contra mim. E, quando ouço tudo ser exposto assim, parece grave. Se eu fosse uma pessoa alheia à situação ouvindo as palavras de Frisch, pensaria: *Tá na cara que ela é culpada. Mandem essa mulher pra cadeia e joguem a chave fora.*

Enquanto ouço Frisch, meu coração acelera dentro do peito. Em alguns momentos, é até difícil escutar o que ele diz. À minha direita, Sam, meu marido, está afundado na cadeira, de olhos vidrados. Foi ele quem contratou Frisch. "Ele é a sua melhor chance, Abby", disse Sam.

Se esse advogado não puder me ajudar, já era.

– São só provas circunstanciais – comento, mesmo sem saber se é isso mesmo, ou o que é uma prova circunstancial. Mas de uma coisa eu sei: – Não fui eu.

Frisch dá um suspiro longo e cruza os braços.

– Você precisa entender que, se esse caso for levado à justiça, você vai ser

condenada.

– *Se* for levado à justiça?

– Recomendo tentar fazer um acordo – diz ele. – Quando te prenderem…

Imagino a polícia batendo na porta da minha casa, me algemando e lendo os meus direitos. *Você tem o direito de permanecer calada.* Será que realmente dizem isso na vida real? Não quero descobrir.

– *Se* me prenderem – corrijo.

Frisch me olha como se eu tivesse perdido o juízo. Ele é advogado criminalista há quase trinta anos. Um dos melhores. Dá para perceber como é bem-sucedido pelo sofá de couro e pela mesa de mogno, onde há um porta-retratos com uma foto dele apertando a mão de Barack Obama. Temos dinheiro, mas as despesas de um julgamento completo podem esgotar nossas economias.

– Homicídio por dolo eventual pode dar uma pena de quinze anos até prisão perpétua – explica Frisch. – Já com homicídio por dolo direto você pega prisão perpétua sem a possibilidade de condicional. Se você topar a primeira opção…

– Quinze anos! – grito.

Não quero passar quinze anos na cadeia. É uma vida inteira. Não quero passar nem *um dia* na cadeia, mas quinze anos é impensável. Não entra na minha cabeça. Não posso fazer um acordo que me dê todo esse tempo de prisão. *Não posso.*

Olho para Sam na esperança de vê-lo tão indignado quanto eu. Em vez disso, encontro aquele mesmo olhar vidrado. Ele está encarando a parede atrás de Frisch e, embora eu tente chamar sua atenção, ele não olha para mim.

Será que ele acha que fui eu?

Será que meu próprio marido acredita mesmo que sou uma assassina? Sam me conhece melhor do que ninguém. Se *ele* acredita que sou culpada, que chance eu tenho diante de um júri?

Mas a culpa não é minha. Não fui eu. Não matei ninguém…

Ou será que matei?

UM

Um ano antes

Neste momento, minha vida é quase perfeita.

Eu não poderia ter dito isso alguns anos atrás. Naquela época, preferiria cortar os pulsos a estar diante de uma sala cheia de executivos da Aconchego, "a nova grande marca de fraldas", e apresentar a eles uma campanha publicitária com dezenas de imagens de bebês angelicais de auréola na cabeça e o slogan "Porque o seu anjinho merece o melhor". Eu faria a apresentação, claro, mas meu sorriso não seria verdadeiro como é hoje.

Porém, neste momento, tudo está exatamente do jeito que eu quero. Quer dizer, não *exatamente*, mas quase. Tenho o emprego que sempre quis. Sou casada com um homem maravilhoso. E daqui a poucas semanas (se as Divindades do Parto quiserem) vou ser mãe pela primeiríssima vez.

Dá para dizer que estou radiante de felicidade.

– Esta nova campanha – explico, apontando para a imagem projetada na tela – tem o potencial de alavancar a Aconchego para o mesmo patamar da Huggies e da Pampers.

Olho para Jed Cofield, o diretor de marketing da Aconchego. Cofield tem uns 40 anos, cabelo castanho bem cheio, olhos escuros e penetrantes, e está usando um terno Hugo Boss. Nesses dois anos em que trabalhamos juntos, embora use uma aliança de ouro na mão esquerda, ele chega sempre um pouco mais perto do que o necessário na hora de conversar comigo. Tão perto que consigo identificar o que ele comeu no almoço. Mesmo agora, quando estou prestes a me tornar mãe, percebo o olhar dele percorrer meu corpo de alto a baixo.

Antes de ser promovida ao meu cargo atual como diretora de estratégia de conteúdo na Stewart Propaganda, aprendi muito sobre demonstrar

autoconfiança. O contato visual é fundamental. Por isso, olho nos olhos de Jed, endireito a postura e empino os ombros.

Tenho motivos de sobra para estar autoconfiante. Sei que a campanha é fantástica. Eu me dediquei muito para garantir que fosse.

– O que as mulheres na faixa dos 25 aos 34 anos acharam dessa campanha? – pergunta Cofield.

É uma pergunta excelente. No mercado das fraldas, as mulheres de 25 a 34 anos são *o suprassumo* do público-alvo da Aconchego. Poucos homens na casa dos 60 anos compram fraldas para crianças, por mais convincentes que sejam nossos comerciais. É claro que eu mesma já saí dessa importante faixa etária e ainda assim tenho um pacote de fraldas para recém-nascido guardado no armário, mas deixa isso pra lá.

Denise Holt, a diretora de marketing e também minha chefe, abre a boca para responder à pergunta. Três anos atrás, talvez eu a deixasse falar. Mas ser autoconfiante também significa não permitir que sua chefe responda a nenhuma pergunta por você.

– Elas adoraram, Jed – afirmo, antes que Denise diga uma única palavra. Aperto um botão no controle remoto, exibindo uma tela de dados. – Depois de verem a nossa campanha, demonstraram uma tendência 53 por cento maior a escolher a Aconchego em vez das outras marcas principais.

Eu o vejo erguer as sobrancelhas e acrescento:

– E, além do público-alvo original, essa campanha também provocou ótimas reações entre as mulheres de 35 a 44 anos. Como você sabe, as mães mais maduras correspondem a pelo menos trinta por cento do público consumidor de fraldas.

Impressionado, Cofield faz que sim.

– É bem verdade.

Olho nos olhos dele outra vez.

– A gente vai arrasar.

Ele abre um sorriso, mas Denise, não. Conheço Denise Holt há muito tempo e sei que ela não gosta quando alguém ofusca seu brilho. Foi ela quem me contratou, há muito tempo, mais de uma década atrás. Ainda me lembro de entrar em sua sala e ficar apavorada com aqueles gélidos olhos azul-claros e o cabelo loiro preso num coque banana perfeito. Fiquei repuxando a lapela do blazer enquanto gaguejava a lista ensaiada de motivos pelos quais queria trabalhar para a Stewart Propaganda e, especificamente, para a famigerada Denise Holt.

Ela me contratou. E me ensinou tudo o que sei, inclusive como prender meu cabelo pretíssimo num coque banana, que, pelo jeito, também é chamado de francês (quem diria?). Nosso relacionamento só degringolou quando ela descobriu que eu estava tentando engravidar.

– Elas adoraram, é? – diz Cofield.

Faço que sim com a cabeça.

– Pois é.

Ele sorri ainda mais.

– Bom, eu também adorei. Achei brilhante.

Por fora, continuo tranquila, mas por dentro estou dando cambalhotas. *O diretor de marketing da Aconchego adorou a minha ideia. Ele* adorou*! Achou* brilhante*!*

Abro um sorriso triunfal para Denise, cuja atitude durante todo o tempo que passei trabalhando no projeto foi completamente negativa. Ontem mesmo ela disse que eu precisava adiar esta reunião, porque "a campanha ainda não está pronta". Quando insisti em manter a data, ela me acusou de estar com "cérebro de grávida".

Denise decidiu continuar livre de deveres maternais. Quando comecei a trabalhar como sua assistente, ela repetia o tempo todo que nada joga a carreira ladeira abaixo mais depressa do que ter um ou dois pimpolhos. Para Denise, nada é mais importante do que o trabalho, e ela é extremamente bem-sucedida. Na época, eu também achava a minha carreira a coisa mais importante do mundo. Aí Sam chegou para me convencer do contrário.

Não me arrependo de nada. Tudo está dando certo para mim.

– Me diz uma coisa, Abby. – Cofield olha para mim, erguendo as sobrancelhas. – Vai comprar Aconchego pro seu bebê?

– Lógico que vou – minto. – Eu quero o que há de melhor.

Aham, até parece que vou botar essa fralda vagabunda no meu filho.

Discutimos mais alguns detalhes e depois todos apertam as mãos. Quando aperto a de Jed Cofield, ele pisca para mim e eu seguro os dedos dele com firmeza, do jeito que Denise me ensinou anos atrás. A mão quente de Cofield segura a minha um milissegundo a mais do que o necessário. Ele é meu maior fã desde que comecei a trabalhar na campanha da Aconchego, então não vou me queixar.

Se ele acha que vai conseguir algo além disso, está redondamente enganado.

– Parabéns – diz ele.

Não sei se está falando do sucesso da apresentação ou da maternidade

iminente, mas me limito a sorrir.

– Obrigada.

Depois que Cofield e seus sócios deixam a sala, Denise e eu ficamos sozinhas. Houve uma época em que eu ficava feliz da vida com qualquer oportunidade de estar a sós com a mulher que admirava, mas hoje em dia fujo dela como o diabo foge da cruz. Considerando que a apresentação correu bem, seria apropriado da parte de Denise fazer um comentário positivo ou até mesmo um elogio, mas a expressão azeda dela me diz que não vou ganhar aplausos hoje.

– Estou querendo falar com você já faz um tempo, Abigail – diz ela.

Denise é a única pessoa na empresa que me chama de "Abigail" em vez de "Abby". Antes, eu gostava. Me sentia como uma executiva em vez de uma garota com sardas e maria-chiquinha brincando no parquinho (já tive sardas e usei maria-chiquinha). Por um tempo tentei fazer com que todo mundo na empresa me chamasse de Abigail, mas não colou. Agora, ouvir esse nome dos lábios dela me dá arrepios.

– Sobre o quê? – pergunto.

Dou o mesmo sorriso falso que agora sempre uso com Denise, embora fique cada vez mais difícil. Um dia vou estar no meio de uma conversa com a minha chefe e não vou mais conseguir sorrir. Vai ser fisicamente impossível.

Denise avalia a minha roupa. O conjunto de blazer e saia é da Armani. No mês em que fiz a compra, Sam veio falar comigo, horrorizado, mostrando a fatura do cartão.

– Roubaram nosso cartão de crédito, né? – perguntou ele. – A gente *não gastou* esse dinheiro todo, né?

Tive que dizer que gastamos, sim. Com certeza gastei aquele dinheiro todo num único conjunto, e *valeu a pena*. Sam alega que seus ternos de lojas de departamento são idênticos a qualquer coisa da Armani ou da Prada, mas está enganado. Talvez não faça diferença numa sala de aula, o único ambiente que importa para ele. Mas, de perto, qualquer profissional que se preze consegue distinguir um terno caro de um baratinho. E os executivos a quem apresento campanhas respeitam quem se veste bem. Portanto, minhas roupas valem o que pago.

Mais uma lição que aprendi com Denise.

– Como você está? – pergunta ela.

– Estou bem – respondo, com cuidado, pois qualquer coisa mais positiva pode ser uma deixa para Denise dificultar a minha vida.

– Que ótimo, que ótimo. – Denise toca o queixo com a unha pintada de

vermelho-escuro. – Quanto tempo mesmo de licença-maternidade você está pensando em tirar? Dois meses?

Sinto um músculo repuxar minha mandíbula.

– Três.

– Três meses? – Denise arregala os olhos, surpresa, apesar de já termos tido esta mesmíssima conversa umas dez vezes. – Tudo isso?

O músculo repuxa outra vez. Tive minha primeira enxaqueca no começo do ano, depois de uma discussão especialmente tensa com Denise. Não posso deixar que ela me abale.

– Três meses estão dentro do que é permitido por lei – afirmo.

– Estou ciente. – Denise me encara, estreitando aqueles olhos gélidos. – Mas isso não quer dizer que você *precise* tirar três meses, não é? É um período muito longo. Seus clientes vão ficar decepcionados.

– No último mês vou trabalhar um pouco em casa – explico. Já combinamos isso. – Todo mundo vai ficar com uma parte das minhas tarefas. E é claro que a Monica, minha assistente, vai estar aqui pra ajudar.

– *A Monica vai estar aqui pra ajudar* – repete ela num tom de deboche sutil, piscando algumas vezes. – Bom, nesse caso, talvez seja melhor darmos o seu cargo *pra Monica*.

Se eu desse um soco na cara dela, iria para o olho da rua. Preciso me lembrar disso. O tempo todo.

– Brincadeira – diz Denise, mas não sorri. – É claro que você tem o direito de tirar três meses, Abigail. Só estava torcendo pra que reconsiderasse.

Não vou reconsiderar. Adoro a minha carreira, mas passei um bom tempo avaliando minhas prioridades. Não vou voltar correndo para o trabalho. Se Denise me odeia por isso, não ligo. E vamos falar a verdade: ela me odiaria mesmo que eu tirasse só dois meses.

– Enfim…

Denise ajeita o coque impecável, o que me faz levar a mão até o meu num gesto automático. Sinto que uma mecha de cabelo caiu do coque e a encaixo depressa atrás da orelha. Denise deve usar uma embalagem de fixador por dia para manter o dela intacto, mas não parece. O cabelo dela é sedoso e perfeito.

– Acho que a Shelley organizou uma… *festinha* pra você.

Sei muito bem que Shelley, minha melhor amiga, organizou um chá de bebê para mim. Ela queria me fazer uma surpresa, mas, com minha agenda complicada, foi impossível. É muito gentil da parte dela, mas, depois de quinze minutos, vou dar alguma desculpa para fugir. A tarde está lotada. Desse jeito, só

vou chegar em casa lá pelas oito ou nove da noite.

– Infelizmente, não vou poder comparecer – diz Denise.

Não é nenhuma surpresa. Ela não escondeu de ninguém que não aprova eventos que "fazem todo mundo perder tempo", como chás de bebê.

– Mas não se esqueça de tirar todo o lixo da sala depois que terminar.

Mordo a língua para não responder que não sou mais assistente dela e que ela não pode me mandar tirar o lixo. Mas fico calada, pois estou feliz. Consegui impressionar o pessoal da Aconchego e estou indo para um chá de bebê em minha homenagem. Um *chá de bebê*. Para *mim*.

Desde que comecei a trabalhar na Stewart Propaganda, estive em uns dois milhões de chás de bebês. Tudo bem, talvez esteja exagerando um pouco. Acho que só participei de *um* milhão. Quem sabe três quartos de milhão. Sem dúvida não foi menos que meio milhão.

Porém, pela primeira vez, o chá de bebê é para mim. Não para a Elsa da recepção, que já teve uns dez filhos desde que começou a trabalhar aqui, nem para Shelley, que teve dois, um número mais razoável. Esse evento é para *mim*. A pilha de minissanduíches num canto da sala será montada em *minha* homenagem. Os presentes empilhados com primor no outro canto serão para *mim*. O primeiro pedaço do bolo de chocolate com avelã será *meu*.

Só há uma diferença entre este chá de bebê e todos os que foram organizados para outras mulheres da empresa.

Eu não estou grávida.

DOIS

– Toma aqui sua mamadeira, Abby.

Shelley coloca uma mamadeira na minha mão. Está cheia de… bom, não é leite. Tem cor de âmbar.

– Vamos começar daqui a pouco.

Levanto a mamadeira à luz.

– O que tem aqui dentro?

– Suco de maçã – responde minha amiga, mas dá uma piscadela, o que me preocupa.

– Não vou beber uísque no trabalho, Shelley – resmungo.

– É *suco de maçã*.

Já fizemos essa brincadeira pelo menos meio milhão de vezes. Todo mundo recebe uma mamadeira cheia e mama no bico. Quem terminar primeiro ganha. É uma das muitas brincadeiras sem sentido que inventamos para os chás de bebê e que aperfeiçoamos ao longo dos anos.

Quando comecei a trabalhar na Stewart, esses momentos eram a maior farra para mim. Em algum ponto entre o terceiro e o décimo teste de gravidez negativo, parei de achar graça. Lá pelo vigésimo, viraram uma forma de tortura.

Quando eu via aquelas enormes barrigas redondas, queria me esconder numa cabine do banheiro e chorar, não comemorar criando bebezinhos de Frankenstein com recortes de revistas. Em geral, eu ficava nas festas por uns cinco minutos, depois me retirava devido às muitas demandas na empresa. Era verdade que tinha muito trabalho a fazer, mas não era por isso que eu fugia como se a sala estivesse pegando fogo.

Hoje, porém, estou me divertindo. Porque, depois de anos de desilusão, estou à beira da maternidade. Daqui a três semanas, vou me tornar a mãe orgulhosa de um menino recém-nascido, cuja mãe biológica tem 16 anos e mora em Tucson, no Arizona. Eu disse a Shelley que a adoção não justificava um chá de bebê, mas ela insistiu em me dar o mesmo tratamento que todas as moças com o barrigão.

A porta da sala de reunião se abre e Monica entra carregando um fardo de fraldas absurdamente grande em forma de bolo. Está decorado com uma fita azul e tem um ursinho de pelúcia da mesma cor agarrado à lateral. Os braços da coitada estão tremendo com o esforço de segurá-lo, por isso corro até lá e pego a outra ponta antes que ela derrube tudo no chão.

– Um bolo de fraldas da Aconchego – comenta ela, sem fôlego, enquanto pousamos a monstruosidade na mesa comprida. – É meio… grandinho.

Sorrio com meus botões enquanto imagino Jed Cofield mandando a secretária dele enviar esse fardo gigante para cá. Será que é horrível da minha parte esperar que as fraldas sejam de *outra* marca?

Reviro os olhos para Monica.

– Da próxima vez vou pedir um cupcake de fralda.

Monica cobre a boca ao dar uma risadinha. Ela é minha assistente há seis meses, desde que a anterior, Gertie, caiu e quebrou o quadril e a empresa a pressionou, sem muita delicadeza, a se aposentar cedo. Tem sido maravilhoso trabalhar com Monica. Não que eu não gostasse de Gertie, que preparava uns cookies com gotas de chocolate espetaculares, mas fazia tudo *muito devagar*. Até vê-la andar pela sala era doloroso. E não sabia imprimir documentos. Até passar um fax era difícil. Acho que, quando ela começou a trabalhar na Stewart, a máquina de fax ainda não tinha sido inventada. Não sei nem se o telefone já existia. Mas a humanidade já devia ter o fogo e a roda.

Então, sim, Monica sem dúvida é uma novidade muito bem-vinda. Tem 20 e poucos anos, estudou artes e matemática na faculdade há pouco tempo e tem uma inteligência afiadíssima. Absorve tudo feito uma esponja. Ter Monica como assistente aumentou minha eficiência em pelo menos… 68 por cento.

Durante a entrevista de emprego, soube na mesma hora que ia contratá-la. Sua aparência me lembrou muito a minha, desde o cabelo pretíssimo, preso sem jeito num coque, até o terno mal ajustado e o sorriso superansioso. Além disso, em vez de me elogiar pela campanha da Aconchego, como todas as outras candidatas que entrevistei, Monica desfiou detalhes sobre uma campanha que fiz anos atrás, para um fabricante de iogurte. Um trabalho bem menos conhecido, mas do qual tenho muito orgulho. Isso mostrou que a menina se empenhou em

pesquisar.

E, quando perguntei o que esperava do emprego, ela respondeu:

– Quero aprender tudo o que você sabe.

Eu a contratei na mesma hora.

Depois de ajeitar o bolo de fraldas na mesa, Monica franze a testa ao ver uma pilha de bonezinhos de bebê do New York Yankees do outro lado. Sua expressão confusa me faz rir.

– Shelley queria que a gente usasse esses bonés, mas ninguém topou. Se você puser um, ela vai ganhar o dia.

Monica sorri.

– Ah, não. Cresci torcendo para o Red Sox, ia a todos os jogos deles quando era criança. Se usar um boné do Yankees, nunca mais vou poder pisar em casa!

– Bom, eu torço pro Yankees – respondo –, e mesmo assim não quero pôr um boné.

Nesse instante, Shelley se aproxima depressa e coloca uma mamadeira nas mãos de Monica.

– Faltam dez minutos pra mamada! – avisa ela.

– Ah. – Monica olha para mim com as bochechas coradas. – Ainda preciso digitar a ata da reunião de hoje cedo e tirar cópias pra…

– Não precisa, não. – Ponho a mão no ombro da minha assistente. – Você anda trabalhando pra caramba, e a Aconchego adorou a nossa apresentação de hoje. Tem o direito de dar um tempinho.

– Bom, me deixa pelo menos limpar a…

– *Não*. – Lanço um olhar sério para ela. – Quero que você relaxe. Tenta se divertir um pouco. Você também merece.

Shelley dá uma piscadela para Monica.

– Que sorte você tem, Monica. Abby é legal demais com a equipe dela. Se você fosse *minha* assistente, eu te mandaria recolher os copos de plástico do chão agora mesmo.

Olho para a sala e… caramba, tem mesmo muitos copos de plástico espalhados. As funcionárias da Stewart são um bando de folgadas. Denise estava certa quando falou do lixo. Mas temos uma equipe de limpeza, e Monica é minha *assistente*.

– Acho que dá pra…

Monica espia a sala com aqueles olhos castanho-escuros. Às vezes, quando a encaro, tenho uma impressão muito forte de que estou me olhando num espelho. Nosso cabelo é preto, embora o dela seja bem liso, enquanto o meu é ondulado.

Mesmo assim, nós duas somos um tanto parecidas, apesar de ela ser mais de uma década mais jovem. Às vezes me agrada quando alguém comenta a nossa semelhança, mas torço o nariz quando Jack, do departamento de criação, chama Monica de Abby 2.0.

– Vou ficar, mas só um pouquinho. Depois preciso mesmo voltar pro trabalho!

Sinceramente, se não der certo adotar esse bebê, posso acabar adotando Monica.

– Foi muito legal a Aconchego mandar todas essas fraldas – comenta ela. – Ouvi dizer que é um produto bem caro.

– Ah, Abby não precisa se preocupar com isso – responde Shelley com uma risadinha. – A família dela é muito rica. O avô investiu numa empresa enorme quando estava bem no começo.

Dou um suspiro. Detesto quando ela fala do dinheiro da minha família. É constrangedor e cafona.

– Shelley…

– A Abby não quer que eu te conte qual é a empresa – diz ela. – Mas vou dar uma dica. Talvez você tenha um produto deles dentro da bolsa.

– Shelley…

– Mais uma dica: não é uma laranja…

– Shelley!

Minha amiga ri.

– Não esquenta, Abby, não vou revelar seu segredo. – Ela sorri para Monica. – Mas, enfim, ela tem um belo de um fundo fiduciário, então não precisa se preocupar com o custo das fraldas, pode acreditar.

Shelley não está errada. Tenho mesmo um pequeno fundo que já me sustentou nos momentos difíceis. Mas o dinheiro não é infinito. Estou bem de vida, mas não sou rica. Dito isso, o custo das fraldas com certeza não vai ser motivo de preocupação.

Monica se afasta para pegar um sanduíche, mas Shelley continua ao meu lado. A expressão dela é indecifrável. Eu a conheço há dez anos, desde que éramos humildes assistentes, mas ainda acho difícil adivinhar o que se passa na cabeça dela.

– Está nervosa, Abby? – pergunta Shelley.

Olho para ela.

– Do que você está falando? Eu arrasei na apresentação da Aconchego.

– Não é isso. Está nervosa por causa do B-E-B-Ê?

– Não. Vai dar certo.

– E o Sam? O que ele acha?

Não consigo deixar de sorrir.

– Ele está *muito* feliz. É tão fofo. Ontem ele passou o dia inteiro montando o berço.

– Ah, é, tinha esquecido. Sam é perfeito.

– Não é perfeito…

– É, sim.

Shelley toma um gole da mamadeira. O que será que tem dentro dessas coisas?

– Ele tira o lixo, limpa a casa, lava a roupa… e deve trocar o rolo de papel higiênico mais de uma vez a cada milênio. Agora ele até cozinha…

– Não é bem por aí – respondo.

Nos últimos meses, estimulado pela alegria de esperar pelo bebê, Sam decidiu que ia aprender a cozinhar. Os resultados foram… variados. Não, isso foi um eufemismo. A comida dele é *horrenda*. Era de se esperar que, seguindo uma receita, ele conseguisse se sair bem, mas não.

– Bom, e daí que ele não sabe cozinhar? – retruca ela. – O mais importante é que ele continua loucamente apaixonado apesar de vocês estarem casados há *séculos*. E o melhor de tudo é que ele ainda é muito gato. Não perdeu nem um fio de cabelo. Enquanto isso, Rick está quase *careca*.

Seguro uma risada ao ver a expressão da minha melhor amiga.

– Rick não está careca.

– Eu disse *quase* careca. Careca seria bem melhor! Em vez disso, ele fica se agarrando aos últimos fios. Patético. – Vejo a mandíbula dela ficar tensa. – Um dia, juro que vou raspar tudo enquanto ele dorme.

– Eu ainda acharia o Sam lindo mesmo se ele ficasse careca.

– Para, Abby, por favor. Desse jeito vou vomitar.

– Desculpa aí.

Shelley sempre finge ter inveja de mim, mas a verdade é que Rick, o marido dela, também é uma pessoa ótima. Além disso, pelo que sei, é um pai maravilhoso. Mas, sim, preciso admitir, Sam é mais gostoso e menos careca. Só que isso não é tão legal quanto as pessoas acham que é. Gosto de ter um marido gato, mas não é muito divertido quando esse marido é professor de matemática e dá aula para jovens universitárias.

Não que eu ache que Sam me trairia nem nada do tipo, mas…

Bom, ele não faria isso. Mas às vezes eu preferiria que ele trabalhasse numa

universidade exclusiva para homens.

Sinto os ombros relaxarem enquanto converso com Shelley. Talvez eu passe mais de quinze minutos aqui. Nos últimos três meses, não fiz nada além de trabalhar feito uma condenada na campanha da Aconchego, então tenho o direito de aproveitar uma festa em minha homenagem por pelo menos vinte minutos. Não é sempre que eu ganho um chá de bebê.

Levo a mamadeira à boca e tomo um gole demorado. E… caramba, é suco de maçã *mesmo*. Tudo bem, pelo jeito não vou aproveitar a festa *tanto* assim.

Estou quase sugerindo para Shelley que a gente saia para beber depois do trabalho quando alguém abre a porta da sala de reunião. Fico de queixo caído ao ver meu marido. Uma sensação calorosa de alegria toma conta do meu peito, como acontece sempre que vejo Sam de surpresa. Não consigo acreditar que Shelley o convidou! Ela é demais.

– Olha lá, é o pai! – grita Shelley ao vê-lo na porta. – Sam! Vem cá pegar uma mamadeira!

Sam abre um sorriso de lado. Sempre que ele aparece de repente, fico balançada ao perceber como é lindo. Um cara como ele poderia muito bem ser um garanhão, mas, na verdade, Sam é meio tímido e muitas vezes fica constrangido com o impacto que causa nas mulheres. Como quando as alunas se referem a ele como Professor Tesudo. Usa óculos porque "não faz sentido" usar lentes de contato, nunca comprou uma embalagem de gel para cabelo na vida e nunca botou os pés numa loja da Armani. Apesar de tudo isso, ainda consegue fazer meio mundo virar a cabeça ao vê-lo passar.

– Oi! – digo. Já estou sorrindo tanto que meu rosto começa a doer. – Não acredito que você conseguiu vir. Não tinha uma palestra hoje à tarde?

– Hã, é.

Sam coça os pelinhos no queixo porque só se barbeia dia sim, dia não, embora precisasse fazer isso todo dia. Nos dias em que não faz, fica absurdamente sexy.

– Hã, então, Abby…

Sam me encara com seus olhos castanhos. O olhar dele é muito gentil. Dizem que os olhos são a janela da alma. Se for verdade, meu marido tem a melhor alma que já conheci. Sam tem várias qualidades positivas, mas foi por causa do olhar gentil que me apaixonei por ele.

E sei, só de olhar naqueles olhos, que alguma coisa horrível aconteceu.

– Está tudo bem? – pergunto, já apostando que não.

Ele olha ao redor, ficando com as orelhas vermelhas.

– Abby, a gente pode conversar? Lá fora?

Na mesma hora, a sala fica em silêncio. Isso é bem ruim. Não sei o que ele vai me contar, nem quero saber. Quero viver cinco minutos atrás, quando eu estava (até) me divertindo no meu primeiro e único chá de bebê. Antes de o meu marido chegar e tudo desmoronar.

TRÊS

Na porta, Sam pega minha mão no instante em que me aproximo. Ele a envolve com a mão grande e quente e me leva pelo corredor até passar por uma planta grandalhona, cheia de folhas, e pelo bebedouro.

– Sam, o que está acontecendo?

– Vamos conversar na sua sala.

Afasto a mão da dele e o seguro pelo cotovelo, puxando-o para um canto ao lado da copiadora.

– Não, vamos conversar *aqui*.

– Tá bom, mas… – Ele olha para os lados. – É melhor a gente pegar uma cadeira pra você…

Ele quer que eu me sente. Ah, meu Deus. Acho que vou vomitar.

– Sam – repito, com toda a paciência possível. – Dá pra você me dizer o que está acontecendo?

Ele volta a me encarar. Um vinco profundo se forma em sua testa.

– Janelle desistiu.

– Quê?

– Steve acabou de me ligar. – Ele passa a mão pelo cabelo castanho-claro. Seus dedos tremem. – Ele disse que Janelle mudou de ideia. Ela quer ficar com o bebê.

– *Quê?*

Minhas pernas estão bambas. Sam tinha razão: teria sido melhor irmos para a minha sala. Ou eu deveria ter procurado uma cadeira.

– Acho que a mãe dela vai ajudar ou… sei lá. – Ele suspira. – No fim das

contas, dá no mesmo. Ela vai ficar com ele.

– Ela… pode fazer isso? – gaguejo. – O contrato diz…

– Janelle tem o direito de desistir. – Sam fecha os olhos por um instante e, quando volta a abri-los, percebo pela primeira vez que estão meio avermelhados. – Não podemos disputar o bebê com ela na justiça. Não temos como ganhar.

Minha visão começa a escurecer. O mundo inteiro está sumindo e a única coisa que consigo ver é o rosto de Sam. Sinto um nó na garganta e sei que estou prestes a chorar.

– Abby? – A voz dele parece muito distante. – Você… está bem?

– Não – sussurro. – Não estou, não.

Caio nos braços dele e, embora ainda haja algumas pessoas nos cubículos que podem nos ver, deixo as lágrimas escorrerem. Talvez "deixar" não seja a palavra certa. Não tenho a menor condição de deter essas lágrimas.

Pelo menos Sam está aqui. Quando ouviu a notícia, ele estava sozinho. Não consigo imaginar como deve ter se sentido. Ele queria esse bebê tanto quanto eu. Dá para ver pelos olhos dele que está arrasado.

– Eu te levo pra casa, tá? – diz ele. – Estou com o carro.

Casa. Onde um quarto está prontinho para um bebê que não vamos receber. Como podemos voltar para lá? Não vou aguentar. Além disso…

– O chá de bebê… – Pensar em voltar à sala com o bolo de fraldas gigante é como levar uma facada no peito. – Preciso falar pra elas.

– Eu falo – responde Sam. – Fica aqui.

Sam é um marido maravilhoso.

Se não engravidei, a culpa é toda minha. *Ele* é normal. Espermatozoides perfeitos. Espetaculares. Eu é que sou defeituosa.

– Não precisa… – murmuro.

– Eu falo com elas – repete ele, dessa vez com mais firmeza. – Mas não vai embora sem mim. Promete?

Faço que sim, calada. Não vou discutir com Sam.

– Vai dar tudo certo – afirma ele. – Pode ter certeza.

Mas não sei se ele está tentando convencer a mim ou a si mesmo.

* * *

Durante o caminho até em casa, não dizemos uma única palavra. Até o carro dele é uma lembrança deprimente do que perdemos. Desde que nos conhecemos, Sam dirigia um Honda Civic 1997. Já era velho e usado quando ele comprou, e chegou ao ponto de ele ter que rezar toda vez que virava a chave na ignição.

Implorei a ele que trocasse por um carro mais seguro e confiável, insistindo que tínhamos dinheiro para comprar o modelo que quisesse, mas Sam se agarrou ao Civic como se fosse seu primogênito.

Porém, quando descobrimos que íamos mesmo ganhar um bebê, Sam nem precisou de incentivo: se livrou do carro velho e comprou um Toyota Highlander zero. É um SUV grande e seguro e tem uma cadeirinha de bebê instalada no banco de trás que provavelmente nunca vamos usar. Só de olhar para a cadeirinha tenho vontade de chorar.

Eu deveria ter ido para casa de metrô.

Quando chegamos ao apartamento, meus olhos estão inchados e as bochechas, pegajosas de tantas lágrimas. Sam me deixa sair primeiro e estaciona o carro. Ele não aceita que eu pague a taxa exorbitante do estacionamento no subsolo do prédio, por isso está sempre procurando uma vaga desocupada na vizinhança. Ele se levanta da cama às seis da manhã no dia de folga para tirar o carro e evitar a multa. Eu pretendia insistir em pagar o estacionamento depois que o bebê chegasse, mas agora esse problema acabou.

Ao subir de elevador, sinto uma onda de ressentimento pela teimosia de Sam com essa história da vaga. Não quero encarar sozinha a porta aberta do que seria o quarto do bebê. Tenho um vislumbre da madeira castanho-clara do berço e da parede pintada de amarelo, mas logo puxo a maçaneta e a porta se fecha com um eco.

Dentro da minha bolsa, o celular toca. Não há ninguém com quem eu queira falar agora, mas deve ser Shelley tentando me consolar. Pego o aparelho e vejo uma mensagem na tela. É de ninguém menos que minha chefe preferida, Denise:

> Lamento saber da sua situação. Acho que posso cancelar a licença-maternidade de 12 semanas, certo? Me avise o quanto antes se vai precisar de uma folga amanhã.

Pelo amor de Deus, será que essa mulher não pode me deixar chorar por uma horinha? Denise já foi a mulher que eu mais respeitava no mundo, mas agora a odeio. *Odeio!* Não, a palavra "odiar" não é forte o suficiente para expressar o que sinto por ela. "Detestar" e "abominar" também não servem. Alguém precisa inventar uma nova palavra para descrever meus sentimentos por Denise Holt.

Só que nada disso é culpa dela. Uma hora atrás, ela não passava de um incômodo na minha vida, em vez de alvo do meu ódio fervoroso. Então talvez eu deva me conter e não responder à mensagem agora, porque não posso me dar ao luxo de esculhambar minha chefe. Agora, só tenho meu emprego.

Olho para o relógio. Quanto tempo Sam leva para estacionar a porcaria do carro?

O telefone ao lado do sofá começa a tocar. Nem sei por que temos a linha fixa, já que todas as ligações importantes chegam nos nossos celulares. Só quem telefona para o fixo são operadores de telemarketing. Se bem que, no momento, não me recusaria a gritar com um deles. Talvez até me sinta melhor.

Atravesso a sala para atender o telefone, mas, antes de alcançá-lo, tropeço em alguma coisa e bato o joelho na mesa de centro. É um daqueles móveis de mármore pesados que não saem do lugar e, *caramba*, como dói! Esfrego o joelho, que está ficando avermelhado, e procuro o objeto em que tropecei.

É um berço portátil. O que chegou hoje de manhã.

Claro.

Arranco o fone do gancho, pronta para gritar com quem estiver do outro lado da linha. Provedora de TV a cabo? Internet? Seguro do carro? Não sou seletiva, topo gritar com qualquer um.

Mas a voz não parece a de um operador de telemarketing. É uma voz jovem, feminina e meio hesitante.

– Alô?

– Sim? – respondo, impaciente.

Meu joelho está começando a latejar de verdade. Eu deveria pegar uma compressa de gelo para que não fique muito inchado… isto é, se conseguir andar.

– Quem é? – pergunto.

– É… da casa do Dr. Sam Adler?

Isso me intriga.

– É, sim…

– Ah, que bom – diz a garota, e dá uma risadinha. – Hã, meu nome é April, tô na aula de cálculo do Dr. Adler e tenho umas dúvidas sobre a prova na sexta-feira. Ele… tá *disponível*?

Eu não deveria me surpreender. Alguns anos atrás, tiramos nosso número da lista telefônica por causa desse tipo de coisa. As garotas nas aulas de Sam descobriam o telefone do professor bonitão e ligavam para ele, na esperança de… bom, não sei exatamente o que é que elas esperavam. Ele usa aliança, então acho que estavam atrás de um casinho. Mas, se era isso que queriam, por que ligar para *a casa* dele? Que universitárias mais burras.

A julgar por esses telefonemas, não quero nem imaginar o que acontece quando ele está no campus.

Ainda bem que confio no meu marido.

– Não está, não – respondo, ríspida.

– Ah, que pena… – Ela dá mais uma risadinha. – Bom, posso me encontrar com ele em algum lugar pra conversar depois. Tipo, no sábado à noite…

Essa garota está tirando onda com a minha cara? Já não é a primeira vez que atendo o telefonema de uma aluna apaixonada, mas geralmente é engraçado. Eu e Sam damos risada. Mas agora não tenho a menor vontade de rir.

– Escuta aqui, *April* – rosno ao telefone. – Quem está falando é *a esposa* do Dr. Adler, e eu agradeceria se você nunca mais ligasse pra casa dele.

– Ah. – O tom brincalhão da garota desaparece. – Desculpa, não tinha percebido…

Ouço a porta do apartamento se abrir. Finalmente Sam conseguiu estacionar a porcaria do carro.

– E mais uma coisa – acrescento, antes que ele entre e me impeça. – *Nunca mais* incomode o Dr. Adler. Se eu souber que você entrou em contato com ele, seja aqui ou no campus, vou te denunciar à reitoria por assédio. Entendeu?

Sam entra em casa no meio da frase. Não sei quanto ele ouviu da bronca, mas arregala os olhos. Acho que ouviu o bastante.

– Tá bom – diz a garota, baixinho. – Me desculpa.

– Ótimo – respondo.

E bato o fone com força no gancho.

Essa é a melhor parte de ter uma linha fixa. Dá para bater o telefone. Quando é no celular, a gente não tem a alegria de fazer isso com toda a força. O que é que dá para fazer? Apertar "Encerrar chamada" com muita raiva?

Sam passa a mão pelo cabelo, mas, como sempre, para no meio do couro cabeludo, deixando os fios em pé.

– Hã, quem era?

– Uma das suas alunas.

Ele fica de queixo caído.

– Você falou assim com uma das minhas alunas?

– Aham.

Encaro Sam, desafiando-o a me censurar. Não quero brigar com ele agora, mas se precisar eu brigo. Seria fácil até demais.

Mas ele não morde a isca. Em vez disso, entra na sala e senta ao meu lado no sofá. Pega a minha mão e, simples assim, toda a minha raiva se esvai. E só o que resta é tristeza. E um vazio.

Não acredito que não vamos ficar com nosso bebê. Eu queria tanto! Nem sei

dizer o quanto.

Por ironia, foi Sam quem insistiu primeiro para termos um filho, enquanto eu resisti. Eu até queria ter filhos, com certeza, mas só depois dos 34 anos, após consolidar minha carreira. Denise vivia resmungando sobre como a maternidade afetaria minhas chances de crescer na Stewart, e isso me marcou. Queria esperar.

– Trinta e cinco – eu disse a Sam quando nos casamos. – Talvez aos 35, dependendo de como estiver a vida.

Sam tinha outra opinião. O pai dele tinha 40 anos quando ele nasceu, e morreu de repente de um ataque cardíaco quando o filho estava no ensino médio. O pai não o viu se formar na escola nem na faculdade, não o viu se tornar professor e não foi ao casamento dele. Embora tenha uma saúde física muito melhor que a do pai, Sam sentia pavor de ser um "pai velho" e perder grande parte da vida dos filhos.

– Não quero morrer enquanto meus filhos ainda estão na escola – dizia ele, com a voz embargada.

Por isso, assim que nos casamos, ele começou a insistir sutilmente para que tentássemos ter um bebê. Eu tinha apenas 27 anos e aquilo parecia inconcebível. Mas, quando Sam chegou aos 30, os pedidos ficaram mais persistentes. Aí Shelley e Rick decidiram começar a tentar, e por fim cedi.

Quando parei de tomar anticoncepcional, senti um misto de nervosismo e empolgação. Brincava com Sam que minha esperança era demorar mais de um ou dois meses para engravidar. Mesmo assim, fiquei surpresa quando o resultado do primeiro teste foi negativo. Sendo uma mulher saudável de 29 anos, sempre imaginei que engravidaria no momento em que deixasse de tomar uma única pílula. Mas foi um alívio: mais um mês sem me preocupar com a responsabilidade da maternidade. Eu e Sam rimos da situação, dizendo que assim podíamos nos divertir mais com as tentativas.

Seis meses depois, paramos de rir.

Sam fez um espermograma. Os "bichinhos" dele estavam perfeitos e, por sermos relativamente jovens, a ginecologista nos aconselhou a continuar tentando por mais seis meses antes de nos preocuparmos. Mais seis meses se passaram, Shelley teve o primeiro filho e continuei sem um resultado positivo. Era hora de investigar mais a fundo.

E foi aí que tudo desmoronou.

A médica me disse que eu devia ter sofrido alguma espécie de infecção que deixara marcas profundas no meu útero e, mais ainda, nas tubas uterinas. Engravidar naturalmente seria impossível. Partimos logo para a fertilização in

vitro, apesar do aviso de que até mesmo esse método tinha poucas chances de sucesso, considerando o meu "útero hostil". Sam me deu injeções de hormônios em casa para estimular a produção de óvulos, mas, depois de examinados, estes também foram considerados "de má qualidade".

Eu me senti um fracasso total como mulher. Meu útero estava lesionado, os óvulos eram de má qualidade e todas as tentativas de fertilização in vitro foram desastres de alto custo. Fiquei arrasada porque meu marido "normal" não poderia ter o filho que queria por minha culpa, embora ele tenha jurado várias vezes que não me responsabilizava. Enquanto isso, Denise não demonstrou a menor empatia diante da minha necessidade de sair para consultas com a especialista em fertilidade. Nem quando tive que reagendar uma reunião porque minha única gestação bem-sucedida resultou num aborto espontâneo depois de meras três semanas.

Passei um tempo obcecada em tentar engravidar. Mergulhei nisso de cabeça, com a mesma intensidade que garantia o meu sucesso no trabalho. Fui vegana por um tempo. Bebi uma coisa chamada "chá de fertilidade", que tinha o mesmo gosto da poeira da mesa de centro. Visitei todos os fóruns de infertilidade do país e me tornei uma grande conhecedora do jargão. "Tentante" é quem está "tentando engravidar", por exemplo: "sou tentante há três anos e ainda não dei sorte". FIV é a própria fertilização in vitro. "Janela de implantação" é o período em que o endométrio está mais receptivo para receber um embrião implantado. Depois da implantação, eu entrava numa contagem regressiva para, mais uma vez, fazer xixi num TRG ("teste rápido de gravidez").

Toda vez que uma mulher no grupo anunciava uma gestação, dávamos os parabéns, mas eu tinha o pressentimento terrível de que nunca seria eu.

Se dependesse de mim, continuaria investindo na FIV até ficarmos sem um tostão, mas foi Sam quem teve a ideia de adotar.

– Ainda vai ser um filho nosso – disse ele.

Resisti, porque tinha ouvido histórias de terror de outras mulheres nos fóruns sobre adoções que deram errado. Porém, mais uma vez, Sam insistiu, até que cedi. Ele tinha razão: se queríamos ser pais, essa era a única alternativa.

Depois de começarmos o processo de adoção, fui, aos poucos, ficando otimista. Já fazia uma eternidade que eu queria ter um filho. Era um sonho que logo se tornaria realidade. Infelizmente, nada nesse processo foi rápido. Depois de escolher uma agência com muito cuidado, tivemos que passar pela análise, que foi uma verdadeira revista íntima do processo de adoção: a assistente social da agência nos visitou várias vezes, solicitando todo tipo de documento que já

fora emitido no nosso nome. Eu não entendia por que eles não podiam apenas olhar para mim e para Sam e perceber que seríamos bons pais, mas acho que existem diretrizes a seguir.

Depois que fomos aprovados, começou a busca por uma criança para nós. Sam aceitaria uma criança mais velha, mas exigi um recém-nascido. Durante todos aqueles anos tentando engravidar, sonhei com um bebê pequenininho e não conseguia abrir mão dele. Às vezes sentia um peso na consciência por causa disso, sabendo que havia crianças mais velhas precisando de uma família, por isso combinamos que a segunda adoção (e talvez a terceira, se chegássemos a esse ponto) seria de uma criança mais velha. Mas eu queria a experiência de ter um recém-nascido. Só uma vez. Passamos um ano sendo rejeitados por diversas gestantes até que, por fim, Janelle transformou nosso sonho em realidade.

Bom, quase.

E agora, depois de ter tudo isso por um período muito curto, voltamos à estaca zero.

– E agora? – sussurro para meu marido.

Sam apoia a cabeça no sofá, encarando o teto com os olhos vidrados. Às vezes me envolvo tanto na minha própria tristeza que esqueço que isso significa tanto para ele quanto para mim. Sam queria ter um filho antes mesmo de eu querer. Isso está acabando com ele, dá para ver em seu olhar.

– Acho que a gente devia adotar uma criança mais velha – diz ele, por fim.

Respiro fundo.

– Sam…

– Eu sei – responde ele, tenso. – Sei que você queria um recém-nascido. Eu *sei*. Mas, Abby, tem muitas crianças por aí precisando de uma família.

Olho para o minúsculo berço portátil que quase me quebrou o joelho. Está enfeitado com uma fita amarela estampada de florezinhas cor-de-rosa. Antes, quando ainda acreditávamos que íamos ser pais, eu tinha deixado uma roupinha dentro do berço. Um macacão azul que cabia na minha mão, acompanhado de meias amarelas minúsculas. Eu me lembro de segurar uma dessas meias, admirada de ver como era pequena. Como é que um *ser humano* poderia ter um pé tão pequenino a ponto de caber ali? Beijei a peça com delicadeza, sabendo que logo aqueceria o pezinho do meu bebê.

Sei que parece bobagem, mas estou decidida a ter um recém-nascido. Não estou preparada para abrir mão do sonho de segurar um bebê no colo, de pôr um pezinho dentro daquela meia.

– A gente comprou tudo pra recém-nascido – argumento. – As roupas… o

berço… o *outro* berço… a cadeirinha.

– E daí? – Ele vira a cabeça para me encarar. – Podemos comprar tudo novo. São só *objetos*, Abby.

É, são só objetos. E não foram eles que me fizeram hesitar.

– Todo mundo quer um recém-nascido – diz ele. – Mas as crianças nos orfanatos… elas precisam muito de uma família. É isso que eu quero fazer, Abby. Estou cansado de esperar um recém-nascido. Só quero que sejamos a mãe e o pai de uma criança que precise de nós.

Ele tem razão, é claro. Tenho que desistir dessas fantasias bobas da época em que era *tentante*. Também estou ciente de que, se Sam quer muito ter filhos, pode me trocar por alguém como a tal April. *O esperma dele é normal.* O problema sou eu.

Mas ele nunca faria uma coisa dessas.

– Tá bom – respondo. – Eu topo.

QUATRO

A pior parte de ir trabalhar no dia seguinte é ver outras pessoas. Seria muito melhor se eu pudesse me teletransportar para a minha sala num passe de mágica e não ter que falar com ninguém.

É uma caminhada de dois minutos da estação de metrô até o prédio da firma e, no trajeto, passo por umas cinco mil mulheres empurrando carrinhos de bebê. Não sei o que estão fazendo na rua a esta hora da manhã. Tento não olhar para elas, mas é difícil. Um dos bebês não deve ter mais do que 1 ou 2 meses. É menina e ainda tem aquela aparência de feto, com os olhinhos bem fechados e as mãos minúsculas bem fechadinhas e vermelhas. A touca caiu da cabeça dela e tenho vontade de esticar a mão para arrumá-la. Se fosse minha filha, eu nunca deixaria que a touca caísse da cabecinha dela ou que passasse um único instante de frio. Nunca negligenciaria os meus deveres da touca.

Por que o universo tirou meu bebê de mim?

Quando entro no escritório, um silêncio mortal toma conta de todos. Se houvesse música tocando, pararia de repente, arranhando o disco. Todos os olhares me acompanham, e tento acelerar o passo até a minha sala. É o bastante para eu me arrepender de não ter pedido o dia de folga.

Quase alcanço a segurança da sala, mas dou de cara com Shelley. Ela está parada com outras duas mulheres do escritório. Fui aos chás de bebê de todas elas nos últimos cinco anos, e nenhum deles terminou de repente em tragédia.

– Você está bem, Abby? – pergunta Shelley.

– Tô. – Eu me esforço para sorrir. – Tô bem. Sério.

E é verdade. Quer dizer, estou bem *em parte*. Ontem à noite, eu e Sam

entramos em contato com a assistente social da agência e dissemos que queríamos ampliar nossas alternativas de adoção. Sam achou que não adiantava nada ficarmos parados, sentindo pena de nós mesmos, e que seria melhor se já começássemos o processo de encontrar outra criança para adotar. Quando ele disse isso, pareceu bobagem, mas no fim das contas Sam tinha razão.

Não que eu me sinta melhor com isso, mas a dor aguda no meu coração se tornou mais uma pontada distante.

Shelley me abraça. As outras mulheres também, embora eu mal as conheça.

– Um dia o seu bebê vem – promete Shelley.

Evito olhar nos olhos dela. Não estou a fim de ouvir discursos motivacionais condescendentes.

– Aham.

– Sinceramente, você tem sorte – comenta Jan, uma das mulheres. – Criança dá muito trabalho. Tipo, agora você pode sair pra jantar quando quiser sem ter que pensar em babá.

– E quem tem bebê *nunca dorme* – acrescenta a outra, Sidney. – A gente passa um ano vivendo feito zumbi. Na verdade, isso dura uns cinco anos!

– Dura dezoito! – Jan dá risada.

Sidney pisca para mim.

– Abby, se quiser, pode ficar com os meus filhos pra você.

Olho para Shelley, que percebe o quanto esses comentários estão me incomodando. Só Deus sabe quanto tempo essas mulheres bem-intencionadas continuariam me dizendo que tenho sorte porque a adoção foi arrancada das minhas mãos, se a própria Denise Holt não tivesse chegado. A cada passo, o salto de seus escarpins Christian Louboutin estala alto no piso.

Denise caminha em linha reta até nós, sem o menor sinal de solidariedade naqueles olhos azuis. Fico pensando se está feliz porque a adoção não deu certo. Mas, de certa forma, estou grata pelo olhar de pedra que ela me lança. Pelo menos *uma* pessoa está me tratando do mesmo jeito de sempre.

– Abigail – diz, num tom ríspido, cruzando os braços esbeltos. – Eu informei que você podia tirar o dia de folga. Mas, já que veio trabalhar, por favor, não atrapalhe o resto da equipe.

– Abby está abalada! – diz Jan. – Estamos tentando dar uma animada.

– Na verdade, não precisa – respondo depressa. – Estou cem por cento. Desculpa, Denise. Eu… vou pra minha sala.

Graças a Denise, consigo escapar sem ganhar mais nenhum abraço nem olhar de compaixão. Entro na minha sala, fechando a porta com força. Por fim, estou

no meu porto seguro.

O problema é que um canto inteiro da sala está ocupado pelos presentes do chá de bebê.

Pelo menos tiveram o bom senso de não me dar o bolo de fraldas. Mas por que imaginaram que eu ia querer olhar para essa pilha gigantesca de presentes, cada um embrulhado num papel com um tom pastel diferente? Não preciso abri-los para saber que estão cheios de roupinhas, babadores e chocalhos. Para um bebê que não vem.

Pego o presente no alto da pilha. Está embrulhado em papel azul estampado de ursinhos de pelúcia, bastões de beisebol e bolas de basquete, entremeados pelas palavras "É MENINO". Olho para o cartão e vejo que é de Gertie, minha ex-assistente. Ela não pôde vir ao chá de bebê ontem porque ia fazer uma segunda cirurgia no quadril fraturado. Tenho certeza de que a caixa contém alguma coisa fofa e miudinha que vai partir meu coração.

Ontem tinha achado tão meigo da parte dela mandar um presente… Agora, preferia que ela não tivesse se incomodado com isso. Queria que ninguém tivesse me dado nada.

E ainda preciso continuar a campanha para vender *fraldas*. Que maravilha.

Eu me acomodo na cadeira ergonômica de couro. Fiquei tão feliz no dia em que consegui minha própria sala! A cadeira luxuosa foi a cereja do bolo. Mas agora? Não importa. Abriria mão de tudo se isso pudesse fazer Janelle mudar de ideia.

Tiro esses pensamentos da cabeça enquanto verifico as mensagens no telefone fixo da sala. Minha mãe ligou para cá duas vezes depois que deixei o telefonema dela no celular cair no correio de voz. Ela sempre liga nas noites de quarta-feira. É entre a noite do clube do livro e a noite do baile. Mas não aguentaria falar com ela. Minha mãe não é do tipo acolhedor e nunca concordou com a adoção. Na opinião dela, se eu e Sam não conseguíamos engravidar, era melhor ficarmos sem filhos. *Filho dos outros não é problema meu.* Não quero ouvi-la dizer que é sorte minha continuar assim.

Terminei de ouvir a maior parte das mensagens e já estou me sentindo mais perto da normalidade quando Monica entra na sala com uma caneca de café para mim. Está com aquele mesmo vinco profundo entre as sobrancelhas de todo mundo por aqui. Devem achar que estou prestes a me internar numa clínica psiquiátrica.

– Como é que você está? – pergunta ela, deixando a caneca com cuidado na mesa.

– Estou bem. Mas, hã, dá pra você tirar esses presentes da sala?

– Ah! – Ela dá meia-volta e olha para a pilha de presentes. – Desculpa! Não sabia o que fazer com eles. Ninguém quis pegar nenhum de volta, então eu só…

– Tudo bem. – Eu me esforço para sorrir. – É que… não quero olhar pra eles.

– Pode deixar. Vou tirar tudo daqui. É pra já.

Estendo a mão para pegar a caneca, imaginando que um cafezinho vá me fazer bem. Mas aí percebo que é a peça que Shelley comprou para mim na semana passada, como presente adiantado de chá de bebê. A caneca diz "Combustível da Mamãe". E a dor volta como uma facada.

Monica percebe que estou olhando para a caneca e arregala os olhos, cobrindo a boca com as mãos.

– Ai, meu Deus, me desculpa!

– Tá tudo bem – murmuro.

– Não tá, não. – Ela tira a caneca da mesa, com as bochechas coradas. – Não acredito que fiz uma coisa dessas. Nem percebi. Como sou besta!

Monica morde o lábio com tanta força que vai acabar tirando sangue. Não é culpa dela. Só pegou uma das minhas várias canecas sem ver qual era. Eu deveria ter estilhaçado essa coisa ontem mesmo.

– Tá tudo bem – repito, embora meu humor tenha piorado consideravelmente nos últimos sessenta segundos. – Estou bem. Mas… por favor, dá um fim nessa caneca.

– Pode deixar. – Monica franze as sobrancelhas. – Tenho certeza de que todo mundo vai entender se você quiser ir pra casa.

– Não, prefiro ficar aqui.

– Bom, se você quer trabalhar, já mandei por e-mail a agenda do dia. – Um leve sorriso aparece nos lábios dela. – Você tem muito o que fazer.

Não é exagero. Agora que a Aconchego aprovou a nova campanha, tenho toneladas de trabalho pela frente. Não existe a menor chance de eu sair para almoçar. Acho que vou pedir a Monica para comprar saladas para nós duas pela terceira vez nesta semana, e vamos comer juntas na minha sala.

Em geral, adoro dias de correria. Adoro ser produtiva e sentir que estou impressionando os clientes. Mas hoje é mais difícil arranjar entusiasmo.

– Bom, não tenho mesmo mais nada na vida – resmungo.

– Abby… – Monica baixa o olhar. – Sinto muito pelo… bom, pelo que aconteceu.

– É a vida – digo.

Nervosa, minha assistente muda o peso de um pé para o outro nos sapatos

pretos de salto alto, olhando depressa para os lados. Nossa, ela me lembra muito a mim mesma nessa idade. Na época, eu era jovem e ansiosa para agradar, me desdobrando para satisfazer Denise e depois me censurando se levasse café para ela numa caneca inconveniente. (Não que alguma coisa numa caneca pudesse incomodar Denise Holt.) Em parte estou aliviada por ter encerrado essa fase da minha vida.

E outra parte tem tanta inveja de Monica por ser jovem e feliz que me dá até nojo.

– Mas é maravilhoso vocês tentarem adotar – comenta ela. – Tem muitas crianças por aí precisando de uma família. Sei que vão encontrar a certa pra vocês. Por que colocar mais crianças no mundo quando dá pra acolher uma que precisa de você, né?

– É – respondo.

Hesito, imaginando se alguém já inteirou Monica dessa fofoca ou se devo contar para ela. Ah, que se dane.

– A verdade é que eu e Sam tentamos ter um filho nosso, mas… não conseguimos.

– Ah! – Ela se espanta. – Eu não sabia. Vocês já tentaram fertilização in vitro? Foi o que a minha prima fez.

Assinto, sem vontade de contar toda a história dolorosa.

– Já… Não deu em nada.

– Que pena…

Dou de ombros, como se não me importasse nem um pouco. Como se não tivesse chorado a cada resultado negativo.

– Não tem alguma mulher que poderia assumir a gestação pra vocês? – pergunta ela. – Ouvi falar de, tipo, uma irmã que engravidou do bebê da outra. Vocês não poderiam fazer isso?

Balanço a cabeça.

– Não tenho irmãs pra toparem isso.

– Tá, mas… e outra pessoa?

Por um tempo considerei uma gestante substituta, ou barriga de aluguel. Foi Sam que vetou a ideia.

– Seria pedir demais… A gente usaria *o óvulo e o útero* da pessoa, então ela engravidaria do próprio bebê só pra depois entregá-lo pra nós. – Pigarreio. – Agora estamos muito animados com a adoção. Já descartamos outras opções.

Não, eu nunca vou ter um recém-nascido. Porém Sam tem razão: isso não importa. Queremos ser pais. Sei que vou amar qualquer criança que levemos

para nossa casa.

– Enfim. – Eu me viro para o computador. – Vou me preparar pra reunião das dez. Não quero chegar despreparada. Você tem cópias do modelo que te enviei?

– Tenho, sim, quinze cópias.

– O projetor já está pronto?

– Está, sim, com o arquivo da sua apresentação.

Eu me permito abrir o primeiro sorriso sincero do dia. Monica é sensacional. Para ser sincera, acho que é até um pouco melhor do que eu era na idade dela. É a rainha da eficiência. Juro que essa garota está sempre atenta a tudo. É muita sorte tê-la ao meu lado.

E é muita sorte ter Sam. E este emprego.

Há muitas coisas boas na minha vida. E logo também vamos ter um filho.

– Você é demais, Monica – digo.

– Ah, e vou trazer outra caneca de café!

Quase digo para ela esquecer isso, que vou tomar café na porcaria da caneca do "Combustível da Mamãe" mesmo. Mas não. Prefiro outra. Não quero olhar para nenhum lembrete de tudo o que perdi ontem. Todos os cafunés, arrotinhos e noites em claro, a chegada da dentição, das primeiras palavras, dos primeiros passos, da pré-escola e…

Não posso mais pensar nisso.

Quando volta com uma caneca branca e fumegante, Monica está com uma expressão esquisita. Ela deixa a caneca na mesa e endireita a postura, mas não sai da sala. Fica só… parada ali.

Levanto as sobrancelhas para ela ao tomar um gole cuidadoso do café quente. Ela o fez exatamente do jeito que eu sempre tomo: puro e sem açúcar.

– Que foi?

Ela morde o lábio.

– Eu toparia.

– Toparia o quê?

– Ser sua gestante substituta.

Eu engasgo com o café. É uma cena bem dramática. Gotas de café voam da minha boca, salpicando o branco dos papéis à frente. Ainda bem que eu não estava comendo um bife, porque Monica teria que aplicar a manobra de Heimlich em mim. E tenho certeza de que faria isso com maestria.

– O quê? – murmuro, por fim.

As bochechas pálidas dela ficam vermelhas.

– Desculpa, é que eu… fiquei pensando e… acho que a gente poderia se ajudar.

– Monica. – Envergonhada, limpo o café que cuspi na mesa. – Hã, é… gentileza sua oferecer, mas seria *muito* inapropriado você fazer uma coisa dessas por mim. Afinal, nós *trabalhamos juntas*.

Monica junta as mãos, fechando os punhos. Neste momento, ela se parece tanto comigo na idade dela que é como entrar numa máquina do tempo.

– Escuta – diz ela –, eu ando querendo voltar pra faculdade pra fazer um mestrado em artes gráficas, porque o que quero mesmo é ser diretora de criação. Esse sempre foi o meu sonho.

Levanto as sobrancelhas.

– Não quer mais ser redatora?

– Eu gosto, mas meu amor sempre foi arte.

Por algum motivo isso não me surpreende. Monica já fez esboços para alguns dos nossos comerciais e está claro que tem talento artístico.

– Então por que não estuda à noite?

– Porque é caro e ainda estou pagando a dívida do curso anterior. – Ela balança a cabeça. – E você *sabe* como é a rotina aqui no trabalho. Eu não teria tempo pra fazer as duas coisas.

O argumento dela é válido.

– Está entendendo, Abby? – Os olhos dela brilham. – É perfeito! Eu posso te dar o bebê que você quer, e você pode me ajudar a fazer o mestrado. Seria uma mixaria pra alguém como você. Todo mundo sai ganhando.

Tecnicamente, tudo o que Monica disse faz sentido. Porém, na vida real, é insanidade.

– Não precisa fazer isso, Monica. Pense no que você está propondo. Pra todos os efeitos, esse filho seria seu. Está disposta a abrir mão dele assim?

– Não estou pronta pra ser mãe. – Seu olhar fica distante. – Tem muitas coisas que quero fazer na vida antes de ficar presa a uma criança. Mas você… você seria uma mãe fenomenal, Abby. Qualquer criança teria sorte em ser sua filha.

– Meu Deus. – Esfrego os olhos. – Sei que você tem a melhor das intenções, mas… é uma péssima ideia. Nós trabalhamos juntas…

– Eu peço demissão.

Fico de queixo caído.

– Quê?

– Assim que a barriga começar a aparecer – explica ela –, eu saio, pra situação

não ficar constrangedora. Quer dizer, isso se você puder pagar o meu aluguel.

– Mas você não queria ser diretora de criação?

– Quero. Mas não precisa ser aqui. Com o diploma de mestrado e uma bela carta de recomendação sua, aposto que consigo um emprego legal em outra agência.

Não. É loucura. Não vou nem considerar isso. Eu e Sam vamos adotar. Por mais sensacional que pudesse ser, é uma ideia terrível.

– E nós duas somos parecidas – acrescenta ela. – O bebê seria igualzinho a você.

– Não ligo pra isso.

– Não?

Eu me remexo na cadeira, que range alto com meu peso.

– Acho que você não está pensando direito. Só está me fazendo essa proposta por pena de mim.

– Não – responde ela com firmeza. – Fiz a proposta porque gosto de resolver problemas. E descobri um jeito de realizar tanto o seu sonho quanto o meu.

Ela tem razão. Seria uma forma de conseguir o recém-nascido com que sonhei. O sonho que pensei ter acabado para sempre.

Vou mesmo considerar essa ideia? Ah, meu Deus, não acredito que estou levando a sério.

– Teríamos que mandar um advogado fazer um contrato – digo, com cuidado. – E eu precisaria de acesso a todo o seu histórico de saúde. Você aceitaria essas condições?

Os olhos dela se iluminam.

– Claro. Pode ter acesso a tudo o que for necessário.

Giro o café forte dentro da caneca.

– Preciso falar sobre isso com Sam.

Monica abre um sorriso. Os dentes dela são excelentes. Brancos e retos. Será que ela usou aparelho? Seria inapropriado perguntar?

Seria. Seria, sim.

CINCO

– Não. De jeito nenhum. Nem pensar. Você perdeu o juízo?

Sam não parece animado com a ideia de deixar Monica ser nossa barriga de aluguel.

Toquei no assunto da melhor maneira possível. Fiz o prato preferido dele no jantar: filé de frango frito com creme de espinafre. Ele ficou surpreso, considerando o meu estado ontem. Mas deu para perceber que atribuiu o entusiasmo à expectativa da futura adoção, e não o corrigi. Então esperei até ele terminar de comer e ficar de barriga cheia para comentar a proposta de Monica.

– Você não quer nem pensar no assunto? – pergunto.

Ele empurra os óculos no nariz.

– Se você me perguntasse se quero pular de uma ponte e eu dissesse que não, perguntaria se vou pensar no assunto?

– Deixa de drama.

– Drama? Sou o único aqui que ainda tem juízo.

Apesar da resistência inicial, nas últimas dez horas e pouco fui me animando com a ideia de Monica. Quanto mais penso no assunto, mais entendo que é a resposta às nossas preces.

– Você já conhece a Monica – digo. – Ela é maravilhosa. Não consigo imaginar uma doadora de óvulos melhor.

Ele estreita os olhos.

– Qual delas é a Monica? A loira com sardas no rosto?

– Não, a morena de olhos escuros. Ela… hã, na verdade é meio parecida comigo.

– Sei lá. – Ele balança a cabeça. – Não lembro se a conheci, mas não importa. É uma ideia terrível.

– Me dá *um* motivo.

– Um só?! – exclama Sam, ficando de orelhas vermelhas.

Apesar de tudo, reparo em como ele fica sexy quando está zangado. Não admira as alunas dele estarem sempre ligando para cá.

– Vou te dar *cinco* motivos.

– Beleza. Me dá cinco motivos.

– Primeiro. – Ele levanta o dedo, mas felizmente não é o médio. – Não seria esquisito trabalhar com a mulher que está gestando o seu bebê?

– Ela disse que pediria demissão quando a barriga começasse a crescer.

Ele ignora o comentário.

– Segundo, um mestrado não é lá muito barato.

– É mais barato que adotar uma criança. E temos dinheiro pra isso.

– *Você* tem dinheiro.

– *Nós* temos.

Ele revira os olhos, mas não discute.

– Terceiro – continua –, e se ela mudar de ideia?

– Não seria um contrato de adoção convencional – argumento. – Ela usaria o seu esperma, então você teria direito legal sobre o bebê.

A vermelhidão nas orelhas dele invade o pescoço.

– É, e tem mais essa. Não gosto da ideia de usar o meu esperma.

– Mas você não teria que transar com ela…

– Ah, jura?

– Olha, não era isso que você queria? Ter um filho biológico?

Ele baixa o olhar.

– Eu queria ter um filho biológico *com você*, Abby. Isso é… muito *esquisito*. Assim não quero.

– Bom, você *não pode* ter um filho biológico comigo. – Cruzo os braços. – Porque eu vim *com defeito*.

– Para com isso. Você não veio com defeito.

– Vim, *sim*. – Pisco, lutando contra as lágrimas. – Então, se você quiser um filho biológico, esse é o único jeito.

– Meu Deus do céu. – Sam suspira, passando a mão pelo cabelo até deixá-lo em pé. – É uma péssima ideia. A gente ia adotar. Vamos continuar com o plano, tá?

– Não vou aguentar outra decepção, Sam. – Agora as lágrimas escorrem pelo

meu rosto. – A Monica… Ela é nota dez. Não vai nos decepcionar, tenho *certeza* que não.

Ele continua balançando a cabeça.

– Abby…

– A gente poderia ter o bebê dentro de um ano. Com a agência vai demorar mais que isso.

É o primeiro argumento que deixa Sam balançado. Ele está pensando de novo naquela história de ser um "pai velho". Embora tivesse 30 anos quando começamos, agora falta pouco para os 40. Vai ser um "pai velho", goste ou não. A questão é: *muito* velho ou só *um pouco*?

– Não sei, não, Abby – diz ele, suspirando.

Pega os nossos pratos na mesa para colocá-los na lava-louças. Faz isso toda noite, sem que eu precise pedir.

– Ainda acho que é uma ideia ruim.

– Topa pelo menos conhecer a Monica? – imploro. – Ouvir o que ela tem pra dizer?

Ele hesita. E, neste momento, sei que o convenci.

SEIS

Monica parece estar numa entrevista de emprego. Usa um conjunto de blazer e saia cinza e uma camisa social tão branca que chega a reluzir. Está de maquiagem, mas a aplicou com tanta habilidade que parece estar de rosto lavado. O cabelo está preso num coque justo na nuca. As mãos estão cruzadas em cima da mesa do restaurante, tão apertadas que ficaram pálidas.

Sam, por sua vez, parece conduzir uma entrevista de emprego. Também escolheu uma camisa branca impecável e uma gravata verde. Os óculos escorregam pelo nariz enquanto ele espia o bloco de notas amarelo na sua frente. Ao que parece, vai fazer anotações durante o almoço. A ideia de deixar Monica à vontade já era.

Seria uma situação engraçada se minha vida não dependesse disso.

Isso é bem coisa do Sam. Ele leva tudo *muito* a sério. É fofo, menos quando é irritante, como agora. Na verdade, me lembra a ocasião em que nos conhecemos. Eu ainda era assistente particular de Denise na Stewart Propaganda e estávamos montando uma campanha para a universidade onde Sam estudava matemática. Minha tarefa era me reunir com estudantes de pós-graduação de todos os departamentos e identificar pontos importantes que poderíamos usar no material de divulgação.

No geral, foi divertido. A estudante de artes me mostrou pinturas sensacionais que seus colegas de turma fizeram. A de química me mostrou uma experiência no laboratório. E o de especialização em língua inglesa me levou para dar uma volta no campus, depois me ofereceu um baseado na sala dele.

Sam chegou à nossa reunião na sala dele usando camisa social e gravata. Em

seguida, passou uma hora e meia me ensinando matemática. Falou alguma coisa sobre usar séries de potências para solucionar equações diferenciais – ou não, quem é que sabe? Eu teria pegado no sono se ele não estivesse tão lindo de camisa social e gravata. Ainda me lembro de vê-lo indicar uma linha de símbolos gregos no quadro-branco e dizer, com a maior ênfase:

– Isso aqui deveria estar no panfleto.

– Aham – respondi, fingindo anotar a fórmula. – Com certeza.

Na primeira oportunidade de fazer isso sem ser grosseira, eu me levantei e estendi a mão para ele.

– Muito obrigada, Sr. Adler. Foi tudo muito… útil.

Enquanto apertávamos as mãos, percebi que ele segurou a minha mais do que eu esperava. Seus olhos, castanhos e gentis, olharam nos meus e um sorriso nervoso apareceu no rosto dele.

– Então, hã… será que você não gostaria de… jantar comigo?

Fiquei em dúvida. Já havia dispensado o estudante de língua inglesa, que estava com segundas intenções depois de fumar o baseado. Mas aquele cara tinha uma barba enorme e fedia. Sam tinha um cheiro bom. Eu ainda adoro a loção pós-barba que ele usa.

– Preciso terminar de te explicar como solucionar equações diferenciais – acrescentou ele.

– É o seguinte – respondi. – Eu topo se você prometer passar o resto da noite sem falar dessas equações. Ou de qualquer outra.

Em parte, eu esperava que ele levasse a mão ao peito, horrorizado, e exclamasse: "Mas do que mais poderíamos falar?!".

No entanto, em vez disso, ele sorriu e disse:

– Combinado.

No fim das contas, tivemos muito assunto. Tanto que só saímos do restaurante bem depois da meia-noite. Eu estava no meio de uma frase quando Sam se aproximou e me beijou pela primeira vez.

E agora estamos aqui, mais de dez anos depois, entrevistando uma mulher que pode carregar o nosso bebê no útero por nove meses. Por essa ninguém esperava.

Sam deixou bem claro que não está empolgado com a ideia, mas concordou em se encontrar com Monica e conversar sobre a proposta. Caso fique satisfeito com os termos… Bom, ele não quis fazer nenhuma promessa. Às vezes, Sam é muito teimoso.

Escolhemos um restaurante italiano onde nunca estivemos, porque não

quero que os funcionários dos nossos lugares favoritos nos escutem pedindo para alugar a barriga de uma mulher. O restaurante é pequeno e escuro. Sam está se esforçando para enxergar as anotações no bloco à luz da vela na mesa.

– Sei que é meio constrangedor – comento, para dissipar a tensão. – Mas acho que seria ótimo se pudéssemos nos conhecer melhor.

– Aham, sem dúvida. – Sam bate com a caneta no bloco de papel. – Monica, você mora em Manhattan?

Ela faz que sim, ansiosa.

– Moro, sim. No centro da cidade, com uma amiga.

– E qual é o nome dela?

– Chelsea Williams.

Ele anota o nome, depois pede o número do telefone da amiga, que também anota. Dá vontade de arrancar a caneta da mão dele.

– Sam – murmuro. – Que grosseria.

– Não, tá tudo bem – diz Monica depressa. – Sei que essa é uma decisão muito importante pra vocês. Tudo o que quiserem saber, podem perguntar. Sou um livro aberto.

Ela cutuca o botão mais alto da camisa. Abotoou até o último, escondendo o pescoço, mas percebo que faz isso com frequência. Monica tem certos encantos, mas parece relutante em exibir a sensualidade no trabalho. Em geral, usa calça social ou saia abaixo do joelho. Presumo que deve ter um par de seios por ali, em algum lugar, mas não dá para perceber. Respeito a postura dela. Há muitas garotas dispostas a exibir um pouco do corpo para conseguirem o que querem, mas Monica não faz esse tipo. Ela tem integridade.

Um garçom se aproxima de nós para anotar o pedido. Peço uma taça de vinho tinto porque, caramba, estou precisando. Sam pede água. Por fim, o garçom se volta para Monica.

– E pra senhorita?

Ela dá uma olhada no cardápio. Tento mandar uma mensagem telepática: *Não peça nada alcoólico. Não peça!*

– Também quero uma água, obrigada – responde ela.

Sam meneia a cabeça, aprovando a escolha implicitamente. Ele até bebe, mas hoje Monica precisa ser uma santa.

– Posso fazer umas perguntas sobre a sua família? – pergunta ele, quando o garçom sai para buscar as bebidas.

– Claro – responde Monica. – Como eu disse, sou um livro aberto. Quero muito que dê certo.

Ele deixa a caneta na mesa e a encara.

– Por quê?

Ela pisca algumas vezes.

– Como assim?

– Entendo que você respeita a Abby e quer dar um bebê pra ela – explica ele. – Mas, se não se incomoda com o meu comentário, você parece muito ansiosa pra fazer isso. Pra mim, não faz sentido.

Por baixo da mesa, dou um chute na perna do meu marido.

– Sam…

– Não, é uma pergunta justa. – Ele continua olhando para ela. – Não acha, Monica?

Ela olha de relance na minha direção e assente.

– É uma pergunta justa, sim.

Neste momento, o garçom volta trazendo as bebidas. Água para Sam e para Monica, vinho para mim. Tomo um gole generoso.

– Dr. Adler, Abby me contou que o senhor é professor de matemática – diz Monica.

Ele hesita, depois confirma.

– Então presumo que goste muito de matemática.

– Gosto.

Dou risada pelo nariz. Isso é que é eufemismo.

– Então imagine que o senhor terminou a faculdade e não conseguiu se especializar na área de matemática. – Ela toma um gole d'água. – E o custo de continuar estudando matemática é mais alto do que o senhor sonharia em economizar em tempo hábil. E aí, o que fazer?

– Eu pediria um empréstimo.

– Bom, e se o pagamento do empréstimo já fosse *mais alto* que o seu aluguel?

Por um instante, Sam fica em silêncio.

– Sempre tem uma solução.

– Pois é. – Ela olha nos olhos dele. – Sempre tem uma solução.

Sam franze a testa. Com o canudo, ele mexe os cubos de gelo na água. Depois de um momento de silêncio, volta a pegar a caneta.

– Então, quando foi a última vez que você fez um check-up geral?

Sorrio com meus botões. Monica pode não perceber, mas conseguiu convencê-lo. Estamos bem mais perto de conseguir nosso bebê.

SETE

– Numa escala de um a dez, quanto você odeia a Denise? – pergunta Shelley.

– Doze – respondo.

– Me permita lembrar que é uma escala de um a dez.

– Cem.

– Acho que você não levou os parâmetros da pergunta a sério.

Faço sinal para chamar o garçom. Hoje não podemos demorar no almoço, porque Denise nos viu sair e fez questão de perguntar aonde íamos. Quando Shelley respondeu "almoçar", ela pareceu perplexa. Não sei se já usei a palavra "perplexa" na vida, mas a expressão de Denise quando soube que íamos sair para almoçar foi a personificação desse termo.

O garçom se aproxima com uma taça cheia de vinho tinto e a deixa na minha frente. Reprimo a vontade de revirar os olhos, porque detesto serviço de má qualidade.

– Não pedi isso – informo ao garçom.

– Eu sei. – Ele aponta com a cabeça na direção do balcão. – Aquele cavalheiro ali pediu pra eu trazer uma taça de *pinot noir* pra senhora.

Olho para lá, e um homem loiro levanta uma taça e faz um brinde na nossa direção. Está de terno cinza e tem um sorriso arrogante. O terno é da Brooks Brothers, aposto.

Shelley dá uma risadinha.

– Pelo jeito, tem mais um admirador na sua fila, Abby.

Afasto a taça.

– Deve ser pra você.

– Não – insiste o garçom, um jovem com cara de bebê. – Ele disse que era pra morena de vestido branco. E que gostaria de falar com a senhora depois do almoço.

Minha amiga dá uma gargalhada.

– Não falei que você tinha um admirador?

Sinto as bochechas arderem ao afastar a taça com mais firmeza.

– Também tenho *marido*. Por favor, leve a taça embora.

– E o marido dela é o maior gato – informa Shelley ao garçom, que deve se importar muito com isso.

Por mais embaraçoso que tenha sido, confesso que fez bem à minha autoestima. Às vezes acho que Sam fica mais atraente com o passar dos anos enquanto a minha aparência piora. Antes, eu levava muito mais cantadas. É bom saber que um desconhecido bonitão num restaurante mexicano me viu do outro lado do salão e me achou interessante.

Olho para o relógio de pulso, chateada por não ter feito o garçom anotar nosso pedido quando veio até aqui. Shelley levanta as sobrancelhas para mim.

– A que horas é aquela sua reunião de hoje?

– É à uma e meia. Mas não tem problema. A Monica está preparando tudo.

– Que bom. Ela é tão eficiente.

– Ela é maravilhosa. Gosto muito dela.

– Eu também.

– Gosto tanto – acrescento, observando a expressão da minha melhor amiga – que vou pedir pra ela ser barriga de aluguel pra podermos ter um bebê.

Shelley ri. Acha que estou brincando. Contei para ela que, depois da tentativa fracassada de adotar um recém-nascido, eu e Sam tentaríamos encontrar uma criança mais velha. Por isso é que a barriga de aluguel parece piada. E admito que percebi a graça assim que as palavras saíram da minha boca. Quem é que pede para a própria assistente carregar um feto no útero? No mês passado, recebemos um memorando nos proibindo de mandar as assistentes levarem nossas roupas à *lavanderia*.

Pigarreio.

– Não é piada.

– Aham, sei – debocha ela.

Não digo nada.

Shelley fica boquiaberta.

– Peraí. É sério?

– É, sim.

Ela me encara, balançando a cabeça.

– Eu… não entendo…

Em poucas palavras, explico tudo o que aconteceu até agora. A proposta de Monica, os termos do possível contrato e a relutância de Sam em aceitar "pensar no assunto".

– Não dá pra acreditar que o Sam está colaborando – murmura Shelley. – Achei que ele tivesse mais bom senso.

– Então você acha que *eu* não tenho bom senso?

– Nenhum!

Sinto o rosto arder. Shelley não entende. Quando ambas começamos na empresa como assistentes, estávamos solteiras e felizes. Depois conheci Sam, ela conheceu Rick e tudo mudou. Quando Sam me convenceu a tentar engravidar, Shelley começou a tentar também. Falamos de brincadeira que as crianças teriam a mesma idade e poderiam brincar juntas. Quando Shelley engravidou antes de mim, brincamos que a filha dela seria a irmã mais velha do meu bebê. Quando ela engravidou de novo, descobri que meus óvulos eram inúteis.

Embora ainda seja minha melhor amiga, Shelley toma cuidado para não falar dos filhos na minha frente. Falamos de trabalho, dos maridos, dos filmes mais recentes, mas nunca de crianças. Ou não falávamos, até a promessa da adoção… que agora foi por água abaixo. Shelley sabe o quanto eu quero ser mãe. Sabe o quanto isso é importante para mim.

– Você não entende – digo por fim.

Shelley solta um suspiro e toma um gole de Coca Zero.

– Sei que você quer muito, Abby. Eu entendo. Mas… não percebe mesmo que essa é uma péssima ideia?

– Não.

– Vocês vão usar o esperma do Sam, certo?

– Vamos.

– Então uma assistente bonitinha e dez anos mais nova do que você vai engravidar de um filho do seu marido. Isso não te incomoda?

– O filho vai ser nosso. Meu e do Sam.

– A não ser que a Monica mude de ideia e decida que quer ficar com ele. – Ela me encara com firmeza. – E aí o Sam vai ter que pagar pensão alimentícia. Ou pior.

– Não. – Balanço a cabeça com vigor. – Não vamos assinar o contrato se ela tiver o direito de mudar de ideia.

– Dá pra fazer isso?

– Claro que dá, por que não?

Shelley balança a cabeça de novo. Sei que ela não aprova a decisão, mas gostaria que me apoiasse mesmo assim. Ela tem dois filhos. Agora é a minha vez.

– Para de olhar pra mim desse jeito – peço. – *Não é* uma ideia ruim.

– Escuta, Abby. – Ela cruza os braços. – Vou tentar explicar da melhor forma possível. – E faz uma pausa. – Tenho certeza de que você percebeu que o Sam tem certos atributos físicos que as mulheres consideram… desejáveis.

Jura? Alguns anos atrás, quando o departamento de matemática tentava atrair mais estudantes do sexo feminino, a grande ideia que tiveram foi pôr uma foto de Sam no panfleto do curso e citá-lo como um dos professores. Ele achou tudo aquilo desconcertante, mas colaborou. E o mais louco é que *deu certo*. As candidaturas femininas triplicaram graças a ele.

E meu marido não é só um colírio. Li algumas das avaliações que ele recebe dos estudantes e é óbvio que o entusiasmo do professor pelo assunto é tão atraente quanto as qualidades mais superficiais. Para Sam, ensinar cálculo para o primeiro ano é tão empolgante quanto dar aulas para a pós-graduação. E dá para perceber. *Nunca tive um professor que gostasse tanto de ensinar quanto o Dr. Adler*, escreveu alguém da classe. E acho que em seguida a pessoa falou da bunda dele.

Para ser justa, meu marido tem *mesmo* uma belíssima bunda.

– Estou sabendo – respondo.

– E você acha que a Monica não percebeu?

Estremeço.

– Ela não é dessas.

– Ela é *mulher*, não é? Se não for lésbica, percebeu. Vai por mim.

– E daí?

– E daí… – Shelley me dá uma olhada. – E se ela decidir que quer o Sam?

– Shelley…

– Escuta. – Ela levanta o dedo. – Vamos presumir que ela tenha entrado nessa com boas intenções…

– Entrou, sim.

Ela revira os olhos.

– Tá, eu aceito que sim. Mas, mesmo que seja verdade, pense em como ela vai se sentir depois de um ou dois meses de gravidez. Vai estar com os hormônios a todo vapor, um parasita crescendo no útero, ganhando peso… e ela sabe que o Sam é o pai desse bebê. Eles têm um laço de *sangue*. E, claro, ela percebe que ele é um cara maravilhoso, que lava a louça, lava a roupa e beija muito bem…

Não posso discordar de nada disso. Sam lava a louça e a roupa. E beija *muito* bem.

– Eu confio no Sam – respondo, teimosa. – E confio na Monica.

– O Sam, tudo bem. Ele não te trairia. Mas você conhece bem a Monica?

– Conheço muito bem. Ela é minha assistente há quase seis meses.

– Beleza. Você a conhece há seis meses. É muito pouco tempo.

– Eu confio nela.

É difícil explicar a boa impressão que tive da Monica na primeira vez que fiquei cara a cara com ela. Vi muito de mim nela e decidi colocá-la sob minha proteção. Confio tanto em Monica quanto em mim mesma.

Shelley me olha por cima do refrigerante. Por um momento, parece pensativa.

– Sabe, já vi essa menina ouvindo atrás da porta da sua sala.

Meu coração dá um pulo.

– Quê?

– Eu vi. Quando a porta está fechada, ela para na frente e fica tentando ouvir as suas conversas.

– Eu…

De repente, minha boca está seca. A Monica é confiável, tenho certeza. Não preciso ouvir essas besteiras da minha suposta melhor amiga.

– Talvez ela estivesse só tentando saber se eu estava ocupada antes de bater na porta – argumento.

– Mas bater na porta não é pra isso? Pra ver se a pessoa está ocupada?

Olho irritada para ela.

– Bom… e daí? Quer dizer que a Monica está me espionando? É isso que você acha?

– Não! – As bochechas de Shelley ficam vermelhas. – Olha, Abby, só estou dizendo pra você tomar cuidado. Pra não confiar cem por cento em ninguém. Ainda mais em se tratando de um assunto desses.

– Tá – resmungo.

Ela tem razão. É por isso que pretendo investigar todas as referências que Monica deu antes de bater o martelo. Não vou cometer um erro. Não importa o que Shelley diga, eu *conheço* a Monica. Posso confiar nela. Vai dar tudo certo.

OITO

– Sim, aqui é Jean Johnson. Quem fala?

– Oi. – Seguro o celular com tanta força que meus dedos começam a formigar. – Meu nome é Abigail Adler. Sua filha, Monica…

Nem sei como concluir a frase. *Sua filha, Monica, aceitou deixar meu marido engravidá-la e depois dar o bebê pra mim.* Falando assim, parece meio esquisito mesmo.

Felizmente, Jean Johnson sabe muito bem do que estou falando.

– Sra. Adler! É, a Monica me contou…

E aí vem o silêncio constrangedor.

Ouço um assobio no fundo.

– Desculpe – diz a Sra. Johnson. A voz rouca e agradável lembra a de uma estrela de cinema de outros tempos. – É a chaleira apitando. Vou só desligar o fogão. Desculpa, Sra. Adler.

– Me chame de Abby.

– Abby – repete ela.

Ouço o som de pés se arrastando do outro lado da linha e da água fervente sendo derramada numa xícara.

– Então você trabalha com a Monica em Nova York, certo?

– Isso mesmo. – Pigarreio. – E a senhora mora em… Indianápolis?

– Moro, sim. Nasci e cresci aqui.

– Deve ter sido difícil quando a Monica se mudou pra longe.

– Pois é… Os filhos fazem o que querem. Um dia a senhora vai entender.

Analiso o tom de voz dela, tentando descobrir se foi sarcástico. Acho que

não.

– Quero que a senhora saiba – digo, com calma – que o que Monica está fazendo… é muito importante pra mim.

Por um instante, ela fica em silêncio.

– Bom, a Monica é assim. Sempre quer ajudar as pessoas.

– É mesmo?

– Ah, sim. Até demais. – Ela suspira. – Monica tem aquela carinha que faz as pessoas se abrirem com ela. Sempre que alguém diz que está com um problema, a garota dá um jeito de resolver tudo.

Sinto uma pequena pontada no peito. Monica vai me dar o que mais quero neste mundo, e eu estou aqui investigando a vida dela. Mas esta é a condição inegociável de Sam: ele só vai prosseguir se tivermos todas as informações. Está revirando o histórico de saúde de Monica enquanto cuido dos telefonemas. Ele queria contratar um detetive particular, mas eu falei que era demais.

– Vamos recompensar a Monica – digo, desesperada para que não pareça que estamos nos aproveitando dela. – Vamos pagar o mestrado dela em artes.

– Pode ser. Mas saiba que ela faria isso mesmo que vocês não pagassem nem um centavo.

– É – concordo. – Acho que faria mesmo.

– Bom, enfim. – A Sra. Johnson dá um suspiro. – De que informações a senhora precisa sobre a minha Monica?

Consulto a lista que Sam esboçou para mim em uma letra quase ilegível.

– Estava pensando se… existe algum caso de doença grave na família.

– Minha mãe tem diabetes – responde ela, pensativa. – Mas continua viva. O pai da Monica é saudável… quer dizer, não, a pressão arterial é meio alta. Mas a Monica sempre foi muito saudável.

– Tem algum… – Olho para a pergunta seguinte e estremeço. – Tem algum histórico de doença mental?

– Doença mental? – repete a Sra. Johnson. – Quer dizer algum maluco? Não, claro que não! Que tipo de família você acha que somos?

– Eu, hã…

– Olha, a minha Monica é uma menina muito boa. Sempre foi bem na escola e é gentil com todo mundo. Preciso ser sincera, Sra. Adler, eu falei pra Monica não fazer isso. Que íamos dar outro jeito de arranjar dinheiro pra pagar o mestrado. Mas ela quis assim. E agora parece que você… Como é que se diz? A cavalo dado, não se olham os dentes.

Dobro as anotações de Sam e as empurro para longe na mesa.

– Tem razão, Sra. Johnson. Desculpe por tomar seu tempo.

Agradeço mais uma vez, mas, ao desligar o telefone, sinto alguma coisa me incomodar. Parece que há algo errado. Porém isso não faz sentido. A Sra. Johnson foi bastante simpática, ainda mais considerando o que propusemos à filha dela. Nada do que ela disse foi um sinal de alerta.

Então que sentimento incômodo é esse de que estou deixando passar alguma coisa?

* * *

Há um bebê num cadeirão à mesa ao lado da minha. Uma menininha fofa com lindos cachos loiros. Está com um punhado de cereais espalhados numa bandeja, pegando-os sem muito jeito e enfiando-os na boca. Eu a observo, tentando ignorar a dor que cresce no meu peito. Quase tive um bebê. Cheguei muito perto.

– *Celeal* – diz a menininha para mim.

Sorrio para ela. Por que as crianças são tão fofas? Denise não concorda. Ela poderia olhar para uma menininha como essa, dar de ombros e voltar a escrever mensagens no celular.

– *Celeal!* – repete a menina, e dessa vez levanta um grão para eu ver, com o dedinho gorducho pingando saliva.

Está oferecendo comida. Que bebê mais gentil e generosa! A mãe tem muita sorte. Não faz a menor ideia da sorte que tem. Está tagarelando com uma amiga e nem *olha* para a preciosa filha. É tão *injusto*!

Ah, meu Deus. Acho que é melhor me sentar em outro lugar.

– Abby?

Ergo o rosto. A garota que está de pé à minha frente tem um ar de "moça boazinha": o rosto é bonito e arredondado, e o cabelo loiro está preso num rabo de cavalo alto. Usa uma blusa preta de manga curta e se apressa a explicar que é parte do uniforme de garçonete. Tem uma aura de garota limpinha e bom caráter, o tipo de pessoa que você contrataria para ser babá dos seus filhos.

– Chelsea? – pergunto.

Ela confirma.

Chelsea Williams é a amiga com quem Monica divide o apartamento. As duas moram juntas há alguns anos e ela é a última pessoa com quem combinei de conversar antes de garantir ao meu marido que Monica é, de fato, "impecável". Mas, pelo sorriso meigo e simpático de Chelsea, sei que esta reunião vai ser exatamente como imaginei.

– Por favor, sente – digo.

Chelsea ocupa a cadeira à minha frente, do outro lado da mesa.

– Não estou atrasada, né?

Balanço a cabeça.

– Eu é que cheguei cedo.

– Tipo a Monica. – Chelsea ri. – Ela sempre chega cedo.

Já tenho essa informação sobre minha assistente. Valorizo a pontualidade dos funcionários e essa é só mais uma das coisas que admiro em Monica.

– Então, há quanto tempo você mora com ela? – pergunto.

– A gente se conheceu na faculdade. – Chelsea abre o cardápio à sua frente. – Na época moramos juntas por dois anos, e agora faz um ano que moramos na cidade. Ela é minha melhor amiga.

– Então você a conhece muito bem, né?

Ela assente com ênfase.

– Com certeza. O que você quer saber sobre ela?

Dessa vez não trouxe as anotações de Sam. Na verdade, só há uma coisa que quero saber sobre Monica: será que ela vai mudar de ideia e tentar ficar com o bebê?

Mas não posso perguntar diretamente.

– Ela é responsável? – pergunto.

– Nossa, muito! – Chelsea dá uma risadinha. – Se não fosse por ela, teriam jogado a gente no olho da rua muito tempo atrás, por eu esquecer de pagar o aluguel.

Hesito antes de continuar.

– Ela tem namorado?

– No momento, não. – Ela levanta as sobrancelhas. – Você acha que um namorado ia aceitar essa situação?

– Acho que não.

– Então pronto.

Olho para minha xícara de café. Pedi puro, sem leite nem açúcar. Quando estava na faculdade, gostava de acrescentar um pouco de leite, mas, quando vi que Denise tomava café puro todo dia, mudei. Agora, só tomo assim. E, como Denise, perco o respeito por quem enche o café de leite.

– A Monica se cuida direito? – pergunto.

Chelsea franze a testa.

– Como assim? Tipo, ela toma banho todo dia e tal.

– Bom, ela usa drogas, bebe muito ou…?

Ela dá risada.

– A Monica? Nem pensar. Ela é totalmente careta. Tipo, é sempre ela quem fica com o carro porque está sóbria e tal.

É claro. Devia ter imaginado. Todas as pessoas com quem falei, sem exceção, juram que Monica é impecável. Para ser santa, só falta a auréola.

– Escute – diz Chelsea, limpando um pouco de espuma do café dos lábios. – Só quero dizer que acho muito legal o que vocês combinaram com a Monica.

Levanto as sobrancelhas.

– É mesmo?

– É! – Ela assente com vigor. – Mesmo que você esteja velha demais pra ter filhos, vocês ainda vão ser pais maravilhosos, né?

Velha demais pra ter filhos? Tenho 36 anos! Ainda falta um bom tempo para a menopausa. Se não fosse pelos meus ovários, eu poderia muito bem ter filhos.

Mas Chelsea tem só 23. Detesto imaginar que idade ela deve achar que tenho. Não vou nem perguntar. Por que deixar a conversa ainda mais deprimente?

– Obrigada – respondo.

Ela sorri para mim.

– Então, vocês vão fazer mesmo?

– Vamos – respondo devagar. – Acho que sim.

NOVE

Quando chego do trabalho, Sam me recebe com o jantar pronto.

Ele sai da cozinha com o rosto rosado por causa do calor do forno, a camiseta manchada de vinho tinto e, por algum motivo, o cabelo salpicado de farinha de trigo. Não tenho a menor ideia do que ele cozinhou. Biscoitos de vinho tinto?

Olho de relance para a cozinha, estremecendo ao ver a bagunça lá dentro. Pelo menos sei que ele vai limpar tudo. Sam sempre limpa o resultado dos próprios desastres culinários sem que eu precise pedir.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– De jeito nenhum – responde ele. – Você trabalhou pra caramba o dia inteiro. Quero que relaxe e coma um jantar delicioso. Quer vinho?

Olho para as manchas na camiseta dele e sorrio.

– É pra eu espremer da sua roupa e beber?

– Rá, rá, que engraçado.

Ele me serve uma taça, o que vem muito a calhar, porque o dia no trabalho foi puxado mesmo. Sam nunca reclama dos meus horários. Diz que acha legal a esposa ser uma superexecutiva de agência de publicidade. (Não sou bem uma executiva, mas não o corrijo.) Já o ouvi contar vantagem sobre mim, por isso acho que fala com sinceridade.

Poucos minutos depois, ele volta da cozinha com dois pratos de comida e deixa um deles na minha frente.

– Tcharã! – anuncia. – É frango ao molho marsala com arroz.

Olho para a comida no prato. Mordo o lábio.

– Era pro frango ficar vermelho?

– Bom, eu usei vinho tinto.

– É que… está *bem* vermelho.

Ele olha para o próprio prato, pensativo.

– Bom, o importante não é a aparência da comida, né? E sim o gosto.

É esse o meu medo.

Ele me observa enquanto corto um pedacinho da ponta do frango. Bom, pelo menos não parece estar cru. Se bem que, a julgar pelo tempo que levei para cortar, talvez tenha passado um pouco do ponto.

– Dessa vez não ficou cor-de-rosa – argumenta Sam. – Vitória!

Lanço um sorrisinho vacilante para ele.

– Que maravilha.

Tudo bem, é agora ou nunca.

Faço uma prece rápida e enfio o pedaço de frango na boca. O gosto de vinho tinto e farinha queimada misturado ao do frango ataca minhas papilas gustativas. Sam, que não para de me olhar, está com um ar de expectativa. Quero engolir a porcaria do pedaço, mas está tão duro que não consigo. Vou passar o resto da noite mastigando esse frango.

– Que delícia – comento, de boca cheia.

Ele franze a testa.

– Então por que está fazendo essa careta?

– Não estou fazendo careta.

Sam passa um momento me avaliando. Por fim, corta um pedaço de frango e põe na boca. Mastiga por uns dois segundos, depois começa a tossir e cospe tudo num guardanapo.

– Meu Deus do céu! – exclama ele. – Tá *horrível*! Por que você não me falou?

Dou de ombros.

– É que fiquei feliz porque dessa vez não está cru.

Ele abre um sorrisinho de lado.

– Obrigado por fingir que gostou.

– Obrigada por não me forçar a comer.

Ele aproxima o rosto para me beijar.

– Obrigado por entender que ainda estou aprendendo.

– E obrigada desde já por limpar a cozinha.

Sam ri e me beija outra vez. Acho que a intenção era dar outro selinho, mas acaba virando algo mais intenso. Ele põe a mão nas minhas costas e me puxa para mais perto, até eu ficar toda arrepiada. O beijo dele é muito bom mesmo. Na nossa época de namoro, eu ficava de pernas bambas toda vez que ele me

beijava. Sei que é um clichê, mas é verdade.

Agora que estamos casados há um tempo, não fico mais de pernas bambas todo dia, mas ainda acho nossos beijos bem mais gostosos do que a média. Ainda são melhores do que qualquer beijo que já experimentei antes de Sam aparecer.

– Nem estou com muita fome – sussurra ele no meu ouvido.

– Nem eu.

Ele me coloca de pé, e começamos a cambalear na direção do quarto, mas, no fim das contas, só chegamos ao sofá.

Essa é uma vantagem de não ter filhos. Transar no sofá.

Só depois de acabarmos, quando estamos deitados juntos, seminus (tudo bem, praticamente nus), enroscados no sofá, é que a proposta de Monica volta à minha mente. Entrevistei todo mundo na lista e não descobri absolutamente nada de preocupante a respeito de Monica Johnson. Não há razão nenhuma para não prosseguir com o plano.

Sam brinca com uma mecha do meu cabelo enquanto me aconchego em seu peito nu. Ele se matriculou na academia da universidade alguns anos atrás, porque "diminui o preço do plano de saúde", mas na verdade começou a frequentá-la. Ele corre quase todo dia, e acho que levanta peso duas vezes por semana. Estou orgulhosa dessa determinação de se cuidar melhor, mas também adoro o que o exercício fez com os músculos do corpo dele.

– O que você faz pra ter um cabelo tão macio? – pergunta ele.

– É macio?

– É, sim. É anormal de tão macio.

– Que bom que você gostou.

– Não disse que gostei. Estava só comentando as propriedades físicas do material.

Dou um soquinho no braço dele. Ele ri e me abraça mais apertado. Talvez os meus ovários tenham me traído, mas pelo menos tive sorte no amor. Não existe homem melhor que esse.

– Eu te amo, Abby – murmura ele junto do meu cabelo.

Sorrio para ele, levantando o rosto.

– Também te amo.

– Eu estava aqui pensando… – Sam volta a brincar com meu cabelo, olhando nos meus olhos. – Acho que a gente devia pedir uma criança pequena.

Isso é que é acabar com o clima.

Levanto a cabeça do peito dele e o encaro.

– *Oi?*

Ele levanta o tronco, apoiado no cotovelo.

– Olha, Abby, eu disse que ia pensar no… na história da barriga de aluguel e… estou incomodado com essa ideia. Quero adotar.

Não sei como consigo passar da felicidade pós-transa para as lágrimas em cinco segundos, mas é o que acontece. Não dá para evitar. Todo o sofrimento que venho ignorando desde aquele dia em que Sam entrou no chá de bebê e contou que Janelle tinha desistido volta como uma onda. Apesar de Sam ter guardado o berço portátil no armário e trancado a porta do quarto do bebê, a dor continua aqui.

O bebê que quase foi nosso. Estávamos tão perto…

A possibilidade nunca pareceu tão distante quanto agora.

– Abby? – Sam franze a testa, surpreso com as minhas lágrimas. – Por que está chorando?

– Por que estou chorando?

Por que fazer uma pergunta tão besta?

– Estou chorando porque… – Limpo as lágrimas salgadas do rosto. – Nunca vai dar certo pra nós, Sam. Sei que não vai. A próxima adoção vai levar uma eternidade e aí alguma coisa vai dar errado e… e… quando conseguirmos uma criança, vamos ter 50 anos!

O choro é tanto que me impede de falar mais. Uma bolha de muco escorre pelo meu nariz e nem me dou ao trabalho de limpá-la.

– Abby – diz ele com delicadeza –, você sabe que eu quero isso tanto quanto você…

– Não quer, não. – Olho irritada para ele. – Porque, se quisesse, estaria disposto a aceitar essa oportunidade que está bem na nossa frente. Não recusaria porque está "incomodado" com a ideia.

Sam olha para as próprias mãos. Acho que não foi justo da minha parte falar assim. Sei o quanto ele quer ser pai. Quer tanto que às vezes fico surpresa por não ter me largado para ficar com uma mulher com ovários funcionais. É, sei que ele não é esse tipo de homem, mas às vezes deve ter vontade de fazer isso.

– Desculpe – murmuro. – É que eu… fiquei chateada. Se essa ideia te incomoda, você tem o direito de vetar. – Limpo os olhos inchados e pego a mão dele. – Vamos tentar adotar de novo. Tudo bem.

Sam continua olhando para as próprias mãos, franzindo e desfranzindo a testa.

– Sam? – digo.

Ele não responde na mesma hora. Não sei o que isso significa. Às vezes ele

fica assim, quieto, e em geral presumo que está pensando em algum assunto de matemática. Porém não é nisso que está pensando agora. Bom, talvez sim. Mas não deve ser.

– Acho que a gente devia usar a Monica como barriga de aluguel – diz ele, por fim.

Eu respiro fundo.

– Sam, não precisa…

– Sei que não. – Ele ergue o olhar. – Mas você tem razão. Faz tempo que queremos isso. Detesto não podermos abrir a porta do outro quarto porque dói demais. Não consigo nem ver mais um comercial de fralda sem sentir um negócio horrível… Não dá pra imaginar como deve ser pra você ter que *criar* esses comerciais. – Ele suspira. – Talvez não seja o ideal, mas eu quero ser pai. E quero que você seja mãe. Estamos prontos, *agora*.

Ele estende as mãos e aperta a minha. Quando sorri para mim e meu peito se enche de felicidade, eu me lembro:

A Sra. Johnson mora em Indiana. O número do telefone dela tem DDD de Indiana e ela disse que "nasceu e cresceu" em Indianápolis.

Cresci torcendo para o Red Sox, ia a todos os jogos deles quando era criança. Se usar um boné do Yankees, nunca mais vou poder voltar pra casa!

Foi isso que Monica disse no chá de bebê, quando tentei dar a ela aquele boné do Yankees. Só que o Red Sox é um time de Boston. Todo torcedor do Yankees sabe disso. Desconfio que ninguém em Indiana vá pegar *tanto* assim no pé de quem torce pelo Yankees. Mas talvez sim. Afinal, nunca fui lá.

Então por que Monica é uma grande torcedora do Red Sox se nasceu e cresceu em Indiana?

Não faz sentido.

Eu me viro para Sam, prestes a dizer o que acabei de perceber, mas decido me calar. Ele já tem ressalvas. Se disser que estou desconfiada que Monica tenha mentido, vai ser o fim do projeto para sempre. E talvez minha lembrança esteja errada. Talvez outra pessoa tenha feito aquele comentário sobre o Red Sox. Será que foi a Lily da contabilidade?

É um detalhe tão pequeno… Não deve ter importância.

DEZ

Três meses depois

Há cinco potes de plástico cheios de papinha de bebê na minha mesa: maçã, pera, pêssego, batata-doce e peru com legumes.

Há pouco tempo a Aconchego decidiu entrar no mercado de comida para bebês. Minha tarefa é redigir o texto do site que estão desenvolvendo para exibir e vender as papinhas. Querem, especificamente, um slogan fácil de lembrar. Considerando que tenho pouca experiência no assunto, pensei em comprar algumas amostras na esperança de que me inspirem.

Já descobri um fato importante a respeito das papinhas: o gosto delas é horrível.

Não dá para acreditar que as pessoas fazem criancinhas indefesas comerem essa porcaria. Quer dizer, as de pera e maçã são razoáveis. Aceitáveis. A de pêssego parecia boa, mas é doce demais. A de batata-doce me deu ânsia de vômito, mas consegui engolir uma colherada. Já a de peru com legumes… Não uso a palavra "repugnante" com frequência, mas… *nossa*. Deve ter sido a pior coisa que já coloquei na boca.

Ah, e descobri outro dado importante a respeito das papinhas: são laxantes bem poderosos.

Isso porque nem experimentei a de *ameixa*.

Talvez exista um slogan nessa linha de raciocínio. *Papinha Aconchego: faz bem para a alma e para o intestino.*

Melhor não.

Alguém bate na porta da minha sala. Monica está na entrada com seu traje mais modesto: calça social preta e camisa branca impecável, abotoada até o pescoço. Ela sorri ao me ver.

Um mês atrás, finalizamos o contrato determinando que Monica será nossa barriga de aluguel. Sam passou uma eternidade revisando o documento com nossa advogada, e os termos são bem rigorosos. Pagaremos todos os custos do mestrado de Monica, mas ela abrirá mão de todos os direitos ao bebê assim que der à luz. Depois disso, não há margem para mudar de ideia. Tive receio de que os termos a assustassem, mas não. Ela assinou com um gesto teatral.

Algumas semanas atrás, Sam foi ao consultório médico fornecer uma amostra de esperma. Como conheço Monica muito bem, não precisávamos passar pela médica. Poderíamos ter extraído a amostra nós mesmos e a entregado para ela. Mas ele insistiu em fazer dessa forma.

E agora… estamos esperando. É nossa primeira tentativa, portanto a chance de a gravidez acontecer é pequena, mas mesmo assim estamos empolgados. Se não der certo este mês, será no próximo ou no outro. Monica tem apenas 23 anos e a médica dela declarou que está com excelente saúde, por isso não há razão para dar errado.

– Já experimentou papinha de bebê? – pergunto a Monica.

Ela faz uma careta.

– Não. Devo?

– Não mesmo. – Percebo que ela está com a bolsa debaixo do braço. – Está tudo bem?

– Bom – responde, pensativa –, mais ou menos.

– Mais ou menos?

Ela põe a mão na bolsa e vasculha o interior. Dali, tira um saquinho Ziploc transparente com um teste de gravidez. Ela o deixa na minha mesa para que eu possa vê-lo com clareza.

Há duas linhas azuis no mostrador do teste.

– Você está grávida? – sussurro.

Monica faz que sim, com um brilho no olhar.

– Não existe falso-positivo.

Ela está grávida.

O esperma de Sam engravidou minha assistente na primeiríssima tentativa. Tentamos por muitos anos, e foi em vão. Não que eu tenha duvidado de que era a responsável pela nossa infertilidade, mas nunca tinha visto as provas na minha frente. É como levar um tapa na cara.

Na primeira tentativa. Grávida.

Depois de um instante de autodepreciação silenciosa, o impacto da notícia me atinge. Monica está grávida. Isso quer dizer que em menos de nove meses ela

vai dar à luz. Eu vou ser mãe. Depois de todo esse tempo esperando, tentando e querendo, finalmente vou ser mãe.

Não consigo acreditar.

– É inacreditável! – exclamo.

Ela assente, feliz.

– Não achei que seria tão rápido. Pelo jeito sou bem fértil, né?

As palavras dela são um soco no estômago, mas deixo pra lá. Monica está fazendo isso por mim, e está tão animada quanto eu pela rapidez do resultado.

– Pois é. Vou avisar o Sam, tá?

– Claro.

Pego meu iPhone, que, como era de se esperar, não identifica a impressão digital porque meus dedos estão pegajosos de papinha. Teclo a senha, que é meu aniversário. É, eu sei, não é das mais seguras. Mas acho que ninguém planeja roubar informações do meu celular. A única coisa relevante são mensagens trocadas com colegas de trabalho. A maior parte entre mim e Shelley, reclamando de Denise.

Escrevo uma mensagem curta para Sam: *A Monica está grávida!*

Depois que digito as palavras, o iPhone sugere um emoji de gestante, que eu acrescento, apesar de saber que Sam não é muito fã de emojis aleatórios. Bom, paciência.

– O que ele disse? – pergunta Monica, debruçando-se na mesa num gesto descontraído para ver a tela do celular.

A resposta de Sam chega logo depois: *Que legal.*

É difícil não imaginar um leve sarcasmo na reação dele. Embora tenha aceitado embarcar no processo, Sam demonstrou relutância desde o começo. Ao sair para tirar a amostra de esperma, olhou para mim e disse:

– Lá vou eu.

E esperou, como se torcesse para eu mandá-lo desistir. Não mandei.

– Ele disse: "Que legal!" – respondo.

Monica sorri. Ela não precisa saber que fui eu que acrescentei o ponto de exclamação.

Olho para a barriga dela, reta como uma tábua. Combinamos que ela vai trabalhar só até começar a crescer, mas pelo jeito isso não vai acontecer tão cedo.

– Como está se sentindo?

– Estou bem!

– Enjoada?

– Nem um pouco.

– Cansaço?

– Só um pouquinho. – Ela mostra o polegar e o indicador, separados por um centímetro. – Mas nada de mais.

Monica não parece cansada nem enjoada. Na verdade… está maravilhosa. É como se estivesse brilhando.

– Você vai tomar as vitaminas pré-natais, né? – pergunto.

Ela faz que sim.

– Duas vezes por dia – recordo. – A dose recomendada é de dois comprimidos por dia.

Monica sorri.

– Eu sei.

Junto as mãos.

– E precisa evitar comer frios. E sushi. E, bom… pode beber álcool desde que seja com moderação, mas…

– Não se preocupe, Abby – diz Monica, naquela voz calma. – Não vou beber nada. Prometo.

Ouço uma batida na porta. Antes que consiga dizer qualquer coisa, vejo Denise na entrada. Ela nunca espera resposta, já sai invadindo minha sala. Ela me encara com a notável ausência de um sorriso, mas isso não é novidade. Olha para Monica de relance, mas nem sequer a cumprimenta.

– Abigail – diz ela. – Já conseguiu um slogan para a Aconchego? Acabaram de ligar pra mim.

– Hã…

Papinha Aconchego: 50% menos repugnante do que as outras marcas líderes de mercado.

– Ainda não – respondo.

Denise olha para os potes de papinha na mesa. Só percebo tarde demais que o teste de gravidez de Monica ainda está ali. Apoio o cotovelo na frente dele, torcendo para que minha chefe não perceba. A não ser por Shelley, não contei a ninguém sobre o acordo, nem pretendo contar. Fazer isso só me arranjaria dor de cabeça. Ela vai sair da empresa antes de a barriga crescer, então não é da conta de ninguém.

– Temos uma reunião com eles amanhã – recorda Denise. – Espero que até lá você tenha alguma coisa pronta.

– Com certeza.

Ela franze a testa.

– Não vá me decepcionar, Abigail. Esse contrato é importante.

É, *eu sei* que esse contrato é importante. Apesar do meu sucesso com a campanha das fraldas, só se é reconhecida pelo seu trabalho mais recente. Se eu mandar mal nesse projeto, vai ser o meu fim. Senão, por que mais estaria sentada aqui comendo essas papinhas nojentas?

– Não se preocupe – respondo. – Deixa comigo.

Dou um suspiro depois que Denise sai da minha sala feito um furacão. Estou com medo de contar para ela que, no fim das contas, vou, sim, precisar de três meses de licença-maternidade. Mas fazer o quê?

Uau, essa história de bebê vai dar certo mesmo.

Eu vou ter um filho.

Não consigo acreditar.

– É melhor eu me preparar pra essa reunião – digo para Monica, que ficou quieta enquanto Denise me repreendia. – Mas… bom, sei que já disse isso antes, mas nunca vai ser o bastante: muito obrigada. É… é inacreditável.

Ela sorri, mostrando uma fileira de dentes brancos como pérolas.

– É um prazer fazer isso por você.

Ela olha para o teste de gravidez em cima da mesa e estica a mão para pegá-lo, mas faço que não.

– Deixa que eu jogo fora pra você.

– Ah, *não*. – Ela o pega da mesa e o levanta, admirando as duas linhas azuis. – Quero guardar. De lembrança.

Ela quer *guardar*? Quer uma lembrança de uma gestação pela qual vai passar só para conseguir fazer um mestrado? É impressão minha ou isso é meio esquisito?

Se alguém deveria querer guardar o teste de gravidez, sou eu. E não quero. Está sujo de *urina*. Mas não quero criar caso por isso. Então não digo nem uma palavra quando Monica o guarda com cuidado na bolsa.

ONZE

Hoje faz oito anos que eu e Sam nos casamos.

Vamos sair à noite para jantar num bom restaurante espanhol no Centro da cidade que serve uma *paella* excelente. À noite, geralmente ficamos mais em casa e cozinhamos ou pedimos comida, porque estou sempre muito ocupada, mas sempre saímos para jantar no nosso aniversário de casamento.

Sam encontra um lugar para estacionar a algumas quadras do restaurante, o que é um verdadeiro milagre. A maior vantagem da recusa dele em alugar uma vaga num estacionamento é que isso o transformou num especialista em baliza. Tenho certeza de que ele nunca vai conseguir enfiar o Highlander naquela vaga minúscula, mas ele insiste que consegue. Enquanto tenta manobrar o carro para entrar na vaga, uma pequena multidão de pedestres se reúne para olhar.

– Não vai ter jeito, amigo! – berra um cara.

– Fica vendo! – grita Sam.

Quando consegue entrar na vaga (como se houvesse alguma dúvida), ele recebe uma salva de palmas. Ainda não sei como deu certo. Restaram poucos centímetros entre o carro de Sam e os outros. Ele sempre diz que o objetivo eterno é não deixar espaço nenhum.

Na caminhada curta até o restaurante espanhol, Sam pega minha mão. Ele sempre faz isso quando estamos andando. Era assim no tempo do namoro e até agora, após oito anos de casamento. É uma fofura.

– Estou feliz porque nos casamos – diz ele ao afagar minha mão.

Dou risada.

– Bom saber.

Não disse isso só porque é nosso aniversário: é óbvio que Sam é muito feliz no casamento. Nos primeiros anos que passamos juntos, antes das questões de infertilidade saírem dos eixos, ele sempre dizia isso. "Estou muito feliz porque nos casamos." Ou: "Como é bom ter a minha mulher!" Ou, às vezes: "Graças a Deus que a gente finalmente casou." Acho que ele não gostava muito de conhecer pessoas e namorar. Dizia que era exaustivo.

Deve ser por isso que nos casamos meio rápido depois de começarmos a namorar. Shelley começou a namorar Rick mais ou menos na mesma época em que conheci Sam, mas Rick sempre fugiu de compromisso. Sam foi o contrário. Logo começamos um relacionamento exclusivo em que sair nas noites de sábado e em várias outras também estava implícito. Enquanto Rick surtava por Shelley ter deixado uma escova de dentes no apartamento dele, Sam, por conta própria, esvaziou uma gaveta do quarto dele para mim, me deu uma cópia da chave do seu apartamento e, pouco tempo depois, disse:

– Não é mais fácil você vir morar comigo e pronto?

Tanto eu quanto Shelley estávamos perto dos 30 anos, pensando em casamento, e ela morria de inveja.

Quando já estávamos morando juntos, ele passou a fazer comentários do tipo: "Quando a gente se casar…" Por exemplo: "Quando a gente se casar, vamos poder fazer a declaração do imposto de renda juntos." Ou: "Quando a gente se casar, é bom arranjar um apartamento com dois quartos." Admito que não eram declarações super-românticas (como: "Quando a gente se casar, devia passar a lua de mel em Paris", nem: "Quando a gente se casar, é bom comprar uma *villa* em Milão"), mas havia certa meiguice no fato de ele presumir que continuaríamos juntos. Por fim, também passei a fazer comentários com a mesma frase.

Um dia, quando estávamos passando pela joalheria Zales, comentei:

– Quando você me pedir em casamento, quero uma aliança da Tiffany's.

Sam ficou com uma expressão estranha e meu coração doeu. Ele fez tantos comentários a respeito de casamento que achei que não haveria problema. A culpa era toda dele!

Por fim, bem quando eu estava prestes a gaguejar um pedido de desculpas desajeitado, ele se aproximou e murmurou no meu ouvido:

– E se for de outra loja?

Fiquei confusa.

– Hein?

Foi então que ele tirou do bolso uma caixinha azul. Fiquei de queixo caído.

Só fazia um ano e meio que estávamos namorando e, apesar de morarmos juntos, eu não contava com isso.

– Ah! – exclamei, arfando. – Eu não esperava…

Ele piscou para mim.

– Bom, eu te amo. Por que esperar?

Pois é: por quê?

– Peraí, vou me ajoelhar – disse ele.

E foi o que fez, como se estivesse cumprindo o protocolo para pedir a namorada em casamento que leu num manual de relacionamentos. Abriu a caixa azul e a aliança era… bom, não vou mentir, era minúscula. Sam tinha acabado de terminar o doutorado e não ganhava um megassalário no programa de pós-doutorado. Mas, mesmo assim, era perfeita.

– Abby, quer se casar comigo?

Recusei.

Brincadeira. É claro que aceitei. Disse "sim" com toda a veemência. Do contrário, por que estaríamos sentados à mesa esperando para comer *paella* e entrando no nosso nono ano como marido e mulher? Nunca, nem por um momento, me arrependi da decisão de me casar com Sam Adler.

Apesar de às vezes ficar pensando se o sentimento é recíproco.

Mas não há o menor sinal de arrependimento na expressão de Sam enquanto observa a garçonete colocar uma panela grande, rasa e bem quente de arroz com frutos do mar na nossa frente. Por entre o vapor que sai da comida, ele sorri para mim.

– Que tal? – pergunta a garçonete.

– Parece uma delícia – respondo.

Ela põe a mão branca de unhas vermelhas no ombro do meu marido.

– E o que *você* acha, *cariño*? – pergunta.

A mulher está flertando com Sam no maior atrevimento desde que chegamos. Esse tipo de coisa sempre acontece. Hoje em dia, mal percebo, e ele *nunca* percebe. Era de imaginar que a aliança no dedo e o fato de que *ele veio com a esposa* bastariam como impedimento, mas, pelo jeito, não bastam.

– Aham, está com uma cara boa – responde ele, mas sorri olhando apenas para mim.

É divertido ver as mulheres tentando flertar com ele e sendo completamente ignoradas. Nunca vou me cansar disso.

A garçonete desiste e nos deixa comer a *paella*. Está muito gostosa. Vai custar uma fortuna, mas nunca precisei me preocupar com dinheiro. Sempre senti a

necessidade de trabalhar e ganhar a vida, mesmo com o fundo fiduciário no banco, mas, com meu salário e o de Sam, seria difícil morar em Manhattan sem esse pé-de-meia.

– Está uma delícia – comento, ao pôr um pedaço de linguiça na boca.

– Sei lá – responde Sam. – Acho que a *paella* que fiz mês passado também estava ótima.

Não estava. Não mesmo. A culinária de Sam só está piorando.

– Bom, tecnicamente aquilo não era *paella* – argumento. – Era um arroz espanhol com pedaços de linguiça e camarão.

– Tá, e o que é *isso*? – Ele raspa um pouco de *socarrat* no fundo da panela. – É a mesma coisa. Arroz com linguiça e camarão.

– O seu não tem essa casquinha no fundo.

– Claro que tem.

Sorrio para ele.

– Fundo de panela queimado não é a mesma coisa.

– Ficou só *um pouquinho* queimado.

– Ficou preto.

– Hum… Acho que ficou marrom.

Reviro os olhos.

– Admito que gostei de você ter colocado tomate fresco. Tomate é meu legume preferido.

Ele arfa, chocado.

– Abby! Tomate não é legume! É fruta.

– É nada.

– É, sim – insiste ele, firme. – Tem sementes dentro, então é fruta. – Ele pisca para mim. – É uma fruta *salgada*.

– Acho que não, hein.

– É verdade. Pode acreditar.

Não… Será?

Pego o celular para pesquisar e… nossa, no fim das contas tomate é fruta mesmo. Saco.

– Não acredito! Como é que tomate pode ser *fruta*?

– O que não dá pra acreditar é você *não saber* disso.

– Pois é. – Por baixo da mesa, dou um chute leve no sapato dele, o que o faz sorrir. – Você não sabia que o Brad Pitt e a Jennifer Aniston tinham se separado.

– Eu não acompanho notícia recente de tabloide. E daí?

– Não é recente, o divórcio deles saiu décadas atrás! De lá pra cá ele casou

com a Angelina Jolie, eles adotaram um monte de crianças e depois *também* se separaram! Você ainda está no casamento antigo.

– Você sabe muito sobre a vida amorosa do Brad Pitt – comenta ele, devolvendo meu chute no pé.

Começamos a brincar com os pés por baixo da mesa. Tiro um dos sapatos e começo a subir o pé pela perna da calça dele. Sam abaixa a mão para pegar minha panturrilha nua. Acima da mesa, nossos olhos se encontram, e o sorriso que ele abre me deixa toda arrepiada. Shelley sempre diz que o marido não a "estimula" mais, mas não me identifico com ela. Sam ainda mexe comigo e me faz ferver. Não consigo imaginar nada diferente. Estou até ansiosa para vê-lo envelhecer, porque acho que vai ficar sexy com ruguinhas no canto dos olhos e cabelo grisalho.

Assim que terminamos de comer, trocamos presentes. Isso o deixa mais empolgado do que um adulto deveria ficar. Meu presente para ele está dentro da bolsa, e presumo que o dele esteja no bolso do casaco. Isso significa que deve ser pequeno. Talvez seja uma joia.

Tomara.

Tal como eu esperava, ele tira uma caixa retangular do casaco e a passa para mim por cima da mesa. Ao ver a caixa quadrada que ofereço, ele sorri e a levanta, avaliando o peso.

– Não parece nada eletrônico – comenta.

– Não é.

– É… um par de meias? – E sorri. – Você sabe que eu adoro meia.

É brincadeira. Está se referindo a uma vez em que passamos o Natal na casa dos meus pais. O presente que deram a Sam foi um par de meias chiques. Desconfio que tenha sido a maneira nada sutil da minha mãe de dizer que não estava feliz com o futuro casamento. Eu morri de vergonha, mas ele achou engraçado. Usa as meias até hoje. Diz que são suas "meias de Natal".

– É, mas são de alta qualidade – respondo. – Da Prada.

– Aaah, meias da Prada! Isso eu tenho que ver.

Ele rasga o papel de presente e tira a tampa da caixa, arregalando os olhos ao ver o que tem dentro.

– É… uma regata?

– É um avental!

– Ah…

Ele tira o presente da caixa, segurando-o à luz. No avental há uma porção de símbolos matemáticos: a raiz quadrada de *i* negativo, 2 elevado ao cubo, um

símbolo de somatório e o pi. Eu nunca imaginaria uma coisa dessas, mas o site onde comprei garantiu que esses símbolos podem ser lidos como: "I ate some pie", ou seja…

– Comi uma torta?

– Pois é. – Sorrio para ele. – Legal, né? Sabe, porque… você cozinha.

Não que eu queira incentivá-lo a cozinhar nem nada. Mas, já que não posso *dissuadi-lo*, posso muito bem comprar um avental para que ele não manche todas as peças de roupa do armário.

– É, muito legal – responde Sam, embora eu não perceba se foi sincero. – É como se eu fosse filho de Euclides com Martha Stewart.

– Você detestou.

– Não detestei, não.

– Está na cara.

– Não, sério. Eu *adorei*.

– Com certeza não adorou.

– Adorei, sim!

– Mentiroso.

– Adorei tanto – afirma ele – que vou pôr agora mesmo, porque estou ansioso pra usar.

– Tá bom, tá bom…

– Não, olha só…

Sam se levanta e, na frente de todos no restaurante, passa as alças do avental por cima da cabeça. Faz toda uma cerimônia para amarrar as fitas nas costas, até eu tapar a boca com a mão, porque estou gargalhando. As pessoas começam a olhar para nós, mas não ligo.

– Como estou?

– Gostoso pra caramba.

– Bom, isso é óbvio. – Ele sorri para mim. – Agora abre o seu.

Abro a tampa do que obviamente é uma caixa de joia. Sam não compra muitas para mim, mas, quando compra, sabe escolher. Considerando que é homem.

Mas não é uma joia. É um objeto comprido e prateado com diamantes no cabo e o nome "ABBY" entalhado na lâmina.

– É um abridor de cartas – diz ele. – Cansei de ouvir você reclamar dos cortes de papel nos dedos.

É verdade, reclamo muito disso.

– É lindo – respondo, e falo sério.

O cabo é simplesmente primoroso. Adoraria ter ganhado um colar, mas esse foi um gesto atencioso. É algo que não tenho e de que preciso e, toda vez que usar no trabalho, vou pensar em Sam. Ele sempre me dá presentes muito atenciosos.

– Que bom que você gostou – diz ele. – Não vai impressionar o pessoal da Aconchego com as mãos cheias de cortes, né?

Tiro o abridor de cartas da caixa, ainda admirando o formato. É lindo mesmo. A lâmina reflete a luz e percebo como é afiada. Bom, não vou mais ter problemas ao abrir cartas.

Uma hora depois, estamos caminhando de mãos dadas de volta ao Toyota. Ele tirou o avental e está muito bonito de camisa e calça social. Tomou só uma taça pequena de vinho porque vai dirigir, mas eu tomei duas e isso bastou para me deixar meio alta. Fazer o quê? Sou fraca para bebida. Assim, andar de mãos dadas logo vira uma cena em que me penduro no braço dele. Sam passa o braço em volta dos meus ombros, me agarrando bem junto de si enquanto caminhamos.

Tropeço numa rachadura na calçada, mais um sintoma de salto alto do que de embriaguez, mas Sam acha a maior graça.

– Ficou bêbada com duas taças de vinho, Abby?

– *Não*.

– Mas bem que parece.

– Olha aqui, seu moço. – Agarro o braço dele. Aaah, belo bíceps. Obrigada, academia da faculdade. – Trate de ser bonzinho.

Paramos de andar e, por um momento, ficamos só encarando um ao outro. Ele aproxima o rosto até eu sentir cheiro de vinho e *paella* no hálito dele. É quase certo que ele teria me beijado, se não fosse a voz que chama do meu lado esquerdo:

– Abby!

Saco.

Viro a cabeça e me surpreendo ao ver ninguém menos que Monica Johnson a apenas alguns metros de nós. Estamos bem longe do trabalho. *O que é* que ela está fazendo aqui?

– Hã, oi, Monica – respondo ao me afastar de Sam, que parece bastante decepcionado.

Ela parece não ter noção de que nos interrompeu. Está abraçando a bolsa junto do peito e se aproxima de nós.

– Que surpresa ver vocês por aqui!

Sam mal repara na presença dela, olhando o relógio de pulso e depois o poste de luz. Ele não é o cara mais sociável do mundo nas melhores circunstâncias, mas nunca escondeu quanto a situação o incomoda. Monica está grávida de uma criança com metade do DNA dele. É uma situação esquisita.

– É nosso aniversário de casamento – explico. – Acabamos de jantar.

– Ah, que legal!

Ela junta as mãos. Ainda está usando a mesma blusa com que foi trabalhar hoje de manhã, e não posso deixar de notar que, embora a barriga continue reta, os seios com certeza cresceram. Antes, eram até discretos, mas agora estão fartos.

Olho para Sam para ver se ele reparou, mas ele está com as mãos nos bolsos e evita olhar para Monica. Pelo menos não pegou o celular.

– E você, o que está fazendo? – pergunto.

– Saí pra jantar com uns amigos. – Ela dá de ombros. – E agora, sabe, estou tentando arranjar um táxi numa sexta-feira à noite. Ouvi dizer que ajuda se a gente exibir um pouquinho o corpo, mas não está adiantando.

– Ah. – Olho para a rua adiante, onde o Highlander de Sam está estacionado. – Se você quiser, a gente pode te dar uma carona.

Sam arregala os olhos, mas, felizmente, continua calado. Essa mulher está grávida do nosso bebê. Não vou deixá-la vagar pela cidade tarde da noite.

Monica fica vermelha.

– Ah, não quero incomodar vocês.

– Não, eu insisto – afirmo. – Sua casa não é tão longe da nossa. Não tem problema.

Olho para Sam em busca de concordância e ele, relutante, faz que sim.

Então, em vez de me agarrar com meu marido pelas ruas de Manhattan na noite do nosso aniversário, nós três vamos em direção ao Toyota. E tudo bem. Acho.

Mas esta é a parte esquisita: quando Sam destranca as portas do carro com o controle remoto, Monica corre para ocupar o banco do passageiro. Considerando que vamos dar uma carona para ela, a atitude é estranha. Sou a esposa de Sam, *eu* é que deveria me sentar ao lado dele. Tecnicamente, esse carro é dele, porque está em seu nome, mas ele o comprou com o dinheiro da nossa conta bancária conjunta. E, como ganho muito mais do que ele, de certa forma, o carro é mais meu do que dele. De qualquer jeito, é mais meu do que *de Monica*.

Como é que ela pôde pegar o banco do passageiro?

Por um instante isso me deixa furiosa, mas não há nada que eu possa fazer. É Sam quem vai dirigir, portanto não tenho escolha a não ser me sentar no banco

de trás. Sei que é bobagem, mas me incomoda. Quando vejo Sam e Monica sentados na frente, dá a impressão de que poderiam ser um casal. Ainda por cima, ela está grávida de um filho dele. Em diversos aspectos, Monica e Sam fazem mais sentido do que Sam e eu. Sim, ela é dez anos mais nova do que ele, mas e daí? Os homens sempre se casam com mulheres mais jovens.

Estou começando a sentir que sobrei aqui atrás. Tomara que Sam ande depressa.

Por cerca de cinco minutos, fazemos o trajeto num silêncio constrangedor. Sou boa em bater papo, mas que tipo de conversa dá para ter com a mulher que está carregando o nosso bebê? *Já pensou num nome pra criança que você vai entregar pra nós?* Nada de interessante vai sair da minha boca. Só quando paramos num semáforo vermelho na frente de um cinema é que Monica exclama:

– Ai, meu Deus! Saiu o filme novo do Quentin Tarantino!

Sam ergue as sobrancelhas. Tarantino é um dos diretores preferidos dele e já planejamos ver o filme neste fim de semana.

– Você gosta do Tarantino?

– Aham. – Ela faz que sim, ansiosa. – Meu preferido é *Pulp Fiction*.

Pulp Fiction é o Tarantino que Sam mais adora. Sem exagero, eu diria que ele viu esse filme umas dez mil vezes, e isso só contando quando o vimos juntos.

Ele ri pelo nariz.

– Você não devia nem ter nascido quando esse filme estreou.

Fico incomodada com o fato de ela não contradizer essa afirmação.

– Mas o filme é sensacional. Samuel L. Jackson? Clássico. – Ela sorri. – "Você sabe como é que eles chamam o Quarterão com Queijo em Paris?"

Um sorriso aparece no canto dos lábios dele.

– "Chamam de Royale com Queijo."

– Pois é. – Ela ri. – Por causa do sistema decimal.

E os dois passam o resto da viagem citando falas de *Pulp Fiction*. Vi o filme tantas vezes quanto Sam e poderia participar das piadas, mas, como estou no banco de trás, fica difícil. No fim, o sorriso de Sam se tornou genuíno. Quando ele para o carro junto do meio-fio perto do prédio dela, parece decepcionado porque a diversão chegou ao fim.

– E aí, vocês vão ver o filme novo do Tarantino neste fim de semana? – pergunta Monica.

– Aham – responde Sam, olhando para mim a fim de confirmar.

Faço que sim.

Há um silêncio prolongado e, por um momento assustador, imagino que Sam vá convidá-la para ir conosco. Não seria horrível, mas… bom, *não quero* que ela vá conosco. Em todo caso, ele não sugere nada e Monica sai do carro sem mais delongas.

Depois que ela vai embora, tiro o cinto de segurança e vou para o banco ao lado de Sam. Ele me lança um olhar intrigado.

– Não precisava vir pra frente – comenta.

– Não queria ficar sentada atrás como se você fosse meu motorista.

– Por que não? Podia ser um daqueles teatrinhos em que sou motorista de táxi e você é a mulher linda e misteriosa que peguei no aeroporto.

Dou risada.

– É isso que você quer?

– Na verdade, o que eu mais quero é chegar em casa pra gente poder… sabe, *comemorar*.

– Pra mim tá ótimo.

Sam liga o carro e entra na Third Avenue, voltando para o nosso condomínio. Observo o perfil dele à luz do luar. Está de barba feita, o que significa que se barbeou pouco antes de sairmos. Para mim.

– Escuta, você não achou esquisito a Monica sentar na frente? – pergunto.

Ele empurra os óculos pelo nariz.

– Achei. Um pouco.

– Afinal, ela era a passageira. Devia ter sentado atrás.

– É, acho que sim.

Sam não parece muito chateado com isso, então talvez seja melhor não insistir no assunto. Foi estranho, sim. Aposto que Shelley concordaria comigo. Mas esse tipo de coisa não incomoda Sam e, em todo caso, parece que ele se divertiu muito falando de *Pulp Fiction* com Monica.

Depois de já estarmos rodando há um bom tempo, me lembro de uma conversa que eu e Monica tivemos à mesa de reuniões alguns meses atrás.

– Ontem à noite vi *Django Livre* de novo na Netflix – comentei.

Monica, que estava arrumando o café na mesa, estremeceu e disse:

– Ai, nossa, o Tarantino é muito violento.

Dei risada.

– É, mas meu marido adora os filmes dele. Principalmente *Pulp Fiction*. Já vimos esse tantas vezes que perdi a conta.

Fecho os olhos, tentando lembrar o que Monica respondeu. Ela disse que tinha visto o filme? Não consigo lembrar. Mesmo assim, dizer que Tarantino é

“muito violento” é bem diferente de afirmar que é seu diretor preferido.

Por acaso, não só é o filme preferido dela como Monica memorizou cada fala dos personagens.

Mordo o lábio com tanta força que dói. Sam continua a dirigir, assobiando. Hoje ele se divertiu e não tem a menor ideia do que estou pensando.

Devo estar sendo irracional. Talvez minha lembrança da conversa com Monica esteja errada. É, ela disse que os filmes eram violentos, mas não disse que não gostava. Talvez tenha sido uma espécie de elogio, como: “Tarantino é o único diretor que satisfaz minha sede de violência!” E ela nunca falou que não tinha visto *Pulp Fiction*. Muita gente viu esse filme, é bem conhecido. Um clássico, como ela disse.

Bom, talvez nossa conversa a tenha inspirado a rever os filmes.

É claro que estou procurando pelo em ovo. E daí se Monica ficou no banco da frente? E daí se ela gosta dos mesmos filmes que o meu marido? Eu é que sou casada com Sam. E, graças à generosidade de Monica, logo vamos ter um bebê. Não sei por que estou ficando tão paranoica.

DOZE

É a primeira consulta de Monica com a obstetra desde o resultado positivo.

Com base na última menstruação, ela está grávida de dez semanas, talvez onze. A barriga continua reta como uma tábua, mas os seios estão enormes. Está com uma camisola de hospital, mas nua da cintura para baixo. Entrei com Monica na sala de exames e sugeri esperar lá fora enquanto ela mudava de roupa, mas ela insistiu que não era "nada de mais".

Virei de costas quando ela começou a tirar a roupa, mas não pude evitar uma espiadela. Preferia não ter olhado. Nunca achei Monica muito atraente, mas ela tem 23 anos e o corpo é absolutamente perfeito. Não que o meu seja horrível nem nada assim, mas tudo nela é firme e… bom, como eu disse, perfeito.

– É emocionante – comenta ela.

– É mesmo – concordo.

Ela junta as mãos pálidas.

– Por telefone disseram que talvez a gente ouça o coração do bebê hoje.

Pensar nisso faz brotar lágrimas nos meus olhos. É, eu e Sam quase conseguimos um bebê antes, mas Janelle morava do outro lado do país e nunca pude acompanhá-la a nenhuma consulta. Nunca pude vivenciar nada assim.

Para dizer a verdade, Monica tem sido maravilhosa. Aquela noite em que a levamos para casa foi meio esquisita, mas, desde então, ela tem sido um amor. Todo dia, me atualiza a respeito de como se sente. Já me ajudou a avaliar ideias para nomes de bebês (e Sam vetou todos na hora… Que é que tem chamar a criança de Worthington?) e me convidou para vir à consulta com ela. Eu nunca pediria, mas fiquei feliz com o convite.

– É o seu bebê, Abby. Tem todo sentido você ir – afirmou ela.

Não consigo acreditar que tive pensamentos tão mesquinhos porque ela pegou o banco da frente no nosso carro. Quem liga para uma coisa dessas? Talvez ela estivesse enjoada e precisasse ficar na frente. Deve ter sido isso.

– Aliás, eu e o Sam queremos te chamar pra jantar lá em casa semana que vem – digo a Monica. – Você está livre na quarta-feira à noite?

– Estou, sim. – Ela se anima. – Vai ser ótimo. Obrigada!

– O prazer é todo nosso. Afinal de contas, você é a nossa heroína.

Ela põe a mão delicadamente no abdômen.

– Pena que o Sam não pôde vir hoje.

Certo, transparência total: Monica convidou a mim *e Sam* para vir à consulta de hoje. Respondi que perguntaria a ele se queria vir, mas no fim não perguntei. Tenho certeza de que ele não ia querer. Seria bem constrangedor estarmos eu e Sam aqui. Assim é mais fácil e pronto.

– Quem sabe ele venha na próxima – comenta ela.

– Pode ser – digo, num tom vago.

Ou não.

A Dra. Selena Wong foi muito bem recomendada, embora Monica não precise de uma obstetra especializada em gestações de alto risco como eu precisaria se conseguisse engravidar. Mesmo assim, fico mais tranquila quando a Dra. Wong entra na sala com seu amplo sorriso e olhar inteligente. Há algo na médica que me faz confiar nela de cara.

– Bom dia. – Ela estende a mão para cumprimentar Monica. – Sou a Dra. Wong. Você deve ser Monica Johnson.

Monica faz que sim e aperta a mão dela. A Dra. Wong então se volta para mim.

– E você é… a mãe da Monica?

Ai, meu Deus. *Mentira* que ela disse isso para mim. *Mãe* da Monica? Sério? É verdade que sou treze anos mais velha do que ela, mas não sou velha o suficiente para… Bom, tecnicamente, eu *poderia* ser mãe dela. A diferença de idade não é de apenas um ano. Mas, como as pessoas deste país em geral não têm filhos aos 13 anos, isso é extremamente ofensivo.

– Abby vai adotar o bebê – explica Monica, porque estou perturbada demais para falar. – Eu estou fazendo uma gestação substituta pra ela.

– Ah. – A Dra. Wong arregala os olhos. – Desculpe… Achei que vocês fossem parentes.

– Tudo bem – resmungo.

Se ela notou um possível parentesco, não poderia ter imaginado que éramos irmãs?

Tudo bem, não vou ficar cismada com isso.

– Então, o óvulo é da Abby? – pergunta a médica.

Monica balança a cabeça.

– Não, os óvulos da Abby não servem. Usamos um óvulo meu e o esperma do marido dela.

– Ah!

A Dra. Wong me lança um olhar estranho, que decerto mereço. Na prática, Monica vai ter um filho com o meu marido. Eu nunca consideraria fazer isso se não estivesse tão desesperada para ser mãe.

– Bom, que ótimo.

A Dra. Wong começa a repassar o histórico de saúde de Monica, que não tem nada de mais. Ela nunca teve qualquer coisa além de um resfriado. Mas, até aí, sempre pensei que *eu* fosse perfeitamente saudável até ser incapaz de engravidar.

Depois das perguntas, vem o exame de toque vaginal, durante o qual insisto em sair do recinto, embora Monica pareça não se importar. Depois, a Dra. Wong sai para me chamar de volta.

– Vamos fazer um ultrassom com Doppler pra tentar ouvir os batimentos cardíacos do bebê – explica ela. – Monica achou que você gostaria de ouvir.

Meu coração começa a palpitar.

– Quero, sim, vai ser ótimo.

Monica já vestiu a calça para poder levantar a camisola sem exibir as partes íntimas. A barriga dela continua completamente reta. Nem imaginava que era possível ter uma barriga como essa aos três meses de gestação. *Eu* pareço mais grávida do que ela.

A Dra. Wong aplica gel no detector fetal e o encosta com delicadeza na barriga de Monica, que estremece e dá uma risadinha.

– Que gelado!

– Desculpe. – A Dra. Wong sorri para ela. – Tudo bem, agora vamos ver se encontramos os batimentos cardíacos. Não esqueçam que ainda é cedo, por isso não precisamos entrar em pânico se não conseguirmos ouvir. Se for o caso, vamos fazer o ultrassom transvaginal.

Mas a Dra. Wong movimenta o detector e ouvimos:

Tum, tum, tum, tum…

É bem rápido, mas ouvi dizer que o coração de um feto bate mais depressa do que o de um adulto. O som é… Bom, para mim parece normal, mas quem sou eu

para saber? Na verdade, é perfeito.

É o coração do meu bebê.

– Perfeito. – A Dra. Wong sorri para nós. – Cento e oitenta batimentos por minuto, que é normal com dez semanas. Vai desacelerar um pouco no segundo trimestre.

Sinto um nó na garganta e lágrimas nos olhos. De repente, me arrependo de não ter convidado Sam para vir conosco. Queria que ele estivesse aqui para ouvir comigo. O nosso bebê.

Monica olha para a própria barriga, boquiaberta.

– É incrível – sussurra ela.

Os olhos dela começam a lacrimejar. Ela os enxuga depressa, antes que as lágrimas caiam, mas sem dúvida está prestes a chorar. Mas por que *ela* está chorando?

– A gente pode gravar esse som? – pergunta Monica.

Ela quer uma gravação? Como assim?

– Bom, você pode gravar com o celular – responde a Dra. Wong.

Ela aceita a sugestão, pega o celular e grava o som dos batimentos cardíacos por muito mais tempo do que o necessário. Tipo, um minuto inteiro. Um minuto não parece muito tempo, mas, depois de dez segundos, fica meio repetitivo, não?

Isso me lembra que pegou o teste de gravidez positivo e guardou. Será que ainda está com ele? Ela não o guardaria esse tempo todo, não é?

– Vocês pretendem fazer a triagem de primeiro trimestre? – pergunta a Dra. Wong, depois de a gravação se encerrar (finalmente). – Ela inclui um exame de sangue que procura indícios de anormalidades cromossômicas e um ultrassom que verifica a translucência nucal, que é o fluido por baixo da pele na nuca do bebê. É bem acurado na avaliação de doenças congênitas. Podemos fazer esse exame daqui a algumas semanas.

– Ah. – Monica dá risada. – Bom, eu só tenho 23 anos. Tenho certeza de que o bebê está bem. A gente nem usou os óvulos da Abby.

Nossa, valeu.

– O risco é mais baixo – admite a médica –, mas não é nulo. Recomendo fazer a triagem. Além disso, você também faz um ultrassom e aí consegue ver o bebê.

Monica arregala os olhos. A princípio acho que vai perguntar minha opinião, mas, em vez disso, ela responde:

– Ah, sim, vai ser ótimo!

Ela deveria ter me perguntado. *Eu* vou ser a mãe dessa criança. Mas é ela quem está carregando o bebê. Enfim, não vou criar caso por isso. Eu *quero* que Monica faça a triagem, então não preciso interferir. Ela está fazendo exatamente o que eu quero que faça.

Então por que estou com uma sensação ruim na boca do estômago?

TREZE

– E aí, como é que vai *aquela mulher*?

Minha mãe se recusa a se lembrar do nome de Monica. Só se refere a ela assim. Nem é preciso dizer que também não apoia muito a ideia da barriga de aluguel. Acredito que as palavras dela foram: "Abby, você perdeu completamente o bom senso?" Ou alguma coisa assim nesse tom.

– Ela tá ótima! – respondo ao telefone, com um entusiasmo que torço para não parecer forçado. – A gestação está indo muito bem. E tudo está de acordo com o nosso plano.

– O plano em que uma mulher jovem e linda está grávida de um filho do seu marido.

– Isso mesmo – respondo, rilhando os dentes. – *Esse* plano.

– Hum.

Fecho o punho com força. Isso sempre acontece quando estou falando com minha mãe.

– Você disse que não ia criticar.

– Não estou criticando! Eu só disse "hum". Foi você quem interpretou como uma crítica. Deve ser porque está insegura com o fato de que uma mulher jovem e linda está grávida do seu marido.

Fecho o punho com ainda mais força. Um dia, ao falar com minha mãe, vou dar um soco na parede e quebrar a mão.

– Você sabe que eu e Sam não conseguimos ter um filho biológico e que a adoção dá errado o tempo todo. Essa é a única solução.

– É, é o que você diz – murmura ela. – E como vai o Sam?

– Ele está bem.

– É, aposto que sim.

A antipatia da minha mãe por Sam foi quase instantânea quando os dois se conheceram. Quando fez três meses que estávamos namorando, Sam concordou logo em ir de carro até Long Island para conhecer meus pais, o que considerei um ótimo sinal do compromisso dele comigo. A situação o deixou nervoso de um jeito muito fofo: vestiu terno e gravata, comprou um buquê de flores *e* uma caixa de bombons. Passou dez minutos se olhando no espelho, tentando deixar o nó da gravata perfeito.

Eu diria que a situação começou a azedar quando Imelda, a empregada dos meus pais, abriu a porta, e Sam achou que era a minha mãe. Ainda fico perplexa com a confusão que ele fez, já que Imelda é uma mexicana de pele escura e a minha pele é do tipo mais claro que existe. Mais tarde, quando perguntei sobre isso, ele resmungou:

– Desculpe, Abby, mas a minha família não tinha empregados abrindo a porta para visitas.

Depois disso, foi tudo ladeira abaixo. Sam disse que golfe era "uma chatice", depois descobriu que era o esporte preferido do meu pai. Ele se ofereceu para levar as cenouras até a mesa de jantar e derrubou todas no chão. O *gran finale* foi dar a ré e derrubar a caixa de correio ao sair da entrada da garagem.

– Ele tem sorte de ser bonito – disse minha mãe ao telefone no dia seguinte.

Mas, com o tempo, ela acabou gostando dele. Bom, mais ou menos. O importante é que tento impedir que eles se encontrem com muita frequência, estratégia com a qual todos parecem felizes.

– Escuta – digo, no telefone. – Sam está sendo muito legal durante esse processo todo. Nem todo cara seria tão compreensivo com… tudo.

– Então tenho que ficar feliz porque ele não te largou depois de não conseguir te engravidar?

Solto o ar.

– Não é isso que estou dizendo, mãe.

– Escuta o que eu digo, Abby – começa ela, de repente com a voz séria. – Lição de vida: não dá pra confiar nos homens. Em nenhum deles.

– Eu posso confiar no Sam.

– Não, muito menos nele.

– Mãe!

– Tudo bem – resmunga ela. – Sam não é menos confiável do que os outros homens. Está feliz agora?

De jeito nenhum. Mas não vou insistir no assunto.

– Só estou dizendo – continua ela – que é melhor você não deixar seu marido sozinho com *aquela mulher*. Ele é homem e não vai resistir.

– Ai, meu *Deus*…

– Homem é assim mesmo.

– Ele não é um *animal* – retruco. – É uma pessoa decente. Não vai me trair só porque apareceu uma oportunidade. Ele não faria uma coisa dessas.

– Não?

– Não! Não faria!

E acredito nisso. Acredito mesmo.

– Tudo bem, Sam é um santo – debocha minha mãe. – Mas… só estou dizendo pra você tomar cuidado, Abby. Não dê sopa pro azar.

Talvez seja melhor não contar à minha mãe que convidamos Monica para jantar conosco. Tenho a impressão de que ela não vai aprovar a decisão.

CATORZE

– A gente precisa mesmo fazer isso?

Sam está sendo antissocial como sempre, fazendo um estardalhaço porque Monica vem jantar conosco hoje. Liguei para lembrá-lo de pôr no forno a lasanha que fiz e ele aproveitou a oportunidade para chorar e espernear porque não quer ir adiante. Tenho certeza de que sabe que é inútil, porque vamos receber Monica, goste ele ou não.

– Precisamos, sim – respondo.

– Tenho que pôr uma roupa boa?

– Tem.

– E roupa boa quer dizer…?

– Quer dizer que se você abrir a porta com uma calça de moletom e aquela camiseta com a manga rasgada eu vou te assassinar.

– Tudo bem. Então é pra usar um short de ginástica. Entendido.

Reviro os olhos para o telefone.

– Vou acreditar que você está só brincando.

– Relaxa, Abby. Estou pondo a lasanha no forno enquanto a gente conversa e já vesti o smoking.

– Sam…

– É que não entendo por que a gente precisa fazer isso – diz ele com um suspiro. – Vamos pagar o mestrado dela. Vamos cobrir as despesas depois que ela pedir demissão. Por que precisamos *jantar* com ela?

– Você não gosta de jantar com ninguém.

– Gosto de jantar com *você*.

Bom, isso é verdade. Mas Sam é avesso à maioria das interações sociais, a não ser com os amigos mais íntimos. Ele gosta de jantar com a própria mãe, mas fica feliz da vida com o fato de só vermos os meus pais uma ou duas vezes por ano.

– Chego em casa às 17h45, tá? – digo a ele. – E… por favor, tenta ser legal.

– Vou tentar.

Não sei por que Sam está tão nervoso. Naquela noite, quando demos uma carona para Monica, ele pareceu simpatizar com ela. Embora eu precise admitir que uma pequena parte de mim está feliz por ele não se animar para jantar com a garota de 23 anos que está esperando um filho dele.

Estou com algumas cartas na minha mesa que Monica trouxe para mim hoje de manhã e acabei não abrindo. Pego o abridor de cartas com meu nome, o que Sam me deu, para abrir a primeira.

Mas, antes que eu consiga abri-la, a lâmina corta meu dedo, que começa a sangrar na mesma hora. Saco. Isso aqui é bem afiado. É para abrir cartas, não realizar cirurgias.

– Abby?

Ergo o olhar do dedo ferido e vejo Monica parada na entrada da sala. Ela usa outra calça social preta combinada com uma blusa branca folgada e abotoada até o pescoço. Na última semana, mais ou menos, notei um volume minúsculo na altura do umbigo dela, mas a circunferência da cintura ainda parece menor do que a minha.

– Oi. – Ela sorri para mim. – Estou muito animada pra hoje à noite. Às seis, né?

Pego um guardanapo na minha mesa para conter o sangramento no dedo.

– Isso mesmo.

– Tem certeza de que não preciso levar nada?

– É só chegar.

Ela faz que sim, feliz.

– Tudo bem se eu sair agora? Preciso passar em casa primeiro.

Olho para o relógio: são cinco em ponto.

– Claro, pode ir! A gente se vê às seis.

Ela junta as mãos.

– Vai ser tão legal! Estou ansiosa!

Enquanto Monica sai depressa pelo corredor, eu sorrio com meus botões. Desde que Sam não esteja ranzinza demais, vai ser uma noite agradável. Que bom que a convidei.

O dedo parece ter parado de sangrar – pelo jeito, não vou precisar tomar

pontos, nem mesmo pôr um curativo. Passo os quinze minutos seguintes respondendo a e-mails, depois desligo o computador. Estou prestes a sair do escritório e quase dou uma trombada com Denise. Apesar de ser o final do expediente, o terno dela está tão impecável quanto hoje de manhã e não há um único fio de cabelo desarrumado na cabeça dela. Como é que ela consegue? Deve se cobrir com uma espécie de verniz todas as manhãs.

– Abigail. – Seus olhos calculistas me olham de cima a baixo. Tenho certeza de que estou tão amarrotada quanto imagino. – Você não me mandou o texto do novo site da Aconchego.

– Ah. – Fico confusa. – Desculpe, achei que tinha mandado.

– Não mandou. – Ela franze a testa. – Quero ver o texto agora. Uma cópia impressa, se possível.

– Hã… – Olho para o computador desligado. – Dá pra esperar até amanhã de manhã? Eu… tenho um compromisso…

– Não dá pra esperar até amanhã de manhã *de jeito nenhum*. – Ela cruza os braços. – Nossa reunião com os executivos da Aconchego é amanhã às oito!

Sério?

Em geral, estou sempre por dentro dessas reuniões, mas nos últimos tempos ando de cabeça cheia. Como pude esquecer que tenho uma reunião amanhã cedo?

– Assim que você puder, Abigail… – diz Denise, suspirando.

– Certo.

Vou até o computador para ligá-lo de novo. Olho para o relógio: 17h20. É tempo mais que suficiente para voltar para casa e jantar com Monica.

– Vou imprimir pra você.

Enquanto espero o computador iniciar, tiro o celular da bolsa e consulto o calendário. Lá está a reunião: às oito da manhã, exatamente como Denise disse. Como não vi isso?

O computador leva vários minutos para iniciar e abrir o documento que minha chefe quer. Eu o envio para a impressora e sinto uma veia latejar na têmpora.

– Não está imprimindo – comenta Denise.

Que saco. É Monica quem sabe como resolver os problemas com a impressora. Não sei o que fazer. Tento imprimir mais uma vez, mas não dá em nada. Olho para Denise como quem pede desculpas e ela se limita a suspirar alto.

– Posso mandar pro seu e-mail e pronto? – pergunto.

Ela suspira de novo.

– Tudo bem, que seja.

Olho para o relógio outra vez: cinco e meia. Levo vinte minutos para chegar em casa de táxi, se o trânsito não estiver muito ruim. Deve dar certo. A não ser que o trânsito esteja um horror. Em todo caso, Sam vai distrair Monica até eu chegar em casa.

Denise está parada na frente da minha mesa, olhando o celular perto do rosto. Ela toca na tela, obviamente abrindo o e-mail. Seguro o fôlego, observando a expressão dela.

– Tudo bem? – pergunto.

Ela balança a cabeça.

– É isso mesmo que você vai apresentar na reunião de amanhã com a Aconchego?

– Hã…

Admito que não é a versão final porque não lembrei que a reunião seria amanhã cedo, mas achei que estivesse *razoável*. Com alguns toques finais que eu poderia acrescentar amanhã se chegasse mais cedo…

– Achei que íamos enfatizar o valor nutricional da papinha – diz Denise.

– Foi isso que eu fiz.

– Não estou vendo.

– Está bem aqui. – Eu leio a tela: – "A papinha Aconchego é feita apenas com os melhores e mais saudáveis ingredientes".

– É, mas só aparece nesse trecho. – Ela franze a testa, olhando para mim. – Eu disse *enfatizar*. Citar só uma vez não é *enfatizar*, Abigail.

– Então… devo citar duas vezes?

– Isso tem que estar no texto inteiro! – O rosto dela fica vermelho. – O purê de maçã deve ser feito de maçãs colhidas num pomar livre de agrotóxicos! O mingau de aveia com ervilha deve ser feito com matéria-prima de uma estância de ervilhas orgânicas!

Estância de ervilhas? O que é uma estância de ervilhas?

– Corrija o texto, Abigail.

– Eu corrijo amanhã bem cedo – prometo. – Vou chegar assim que o sol nascer.

– Inaceitável. – Ela me encara, arqueando a sobrancelha. – Amanhã cedo vai ser tarde demais. Isso tem que estar corrigido hoje, antes de você ir embora.

Que ótimo. Se ao menos eu soubesse disso algumas horas atrás, não haveria nenhum problema. Não acredito que esqueci a reunião de amanhã de manhã. O que está acontecendo com a minha cabeça?

– Vou esperar na minha sala – anuncia Denise. – Mande uma versão mais apropriada assim que terminar, depois vamos conversar se for preciso fazer mais alterações.

Se olhar matasse, Denise cairia dura no chão, mas não há nada que eu possa fazer enquanto ela sai da minha sala. Beleza. Vou corrigir esse esboço em quinze minutos e depois pegar um táxi para casa. Vou me atrasar, mas não muito.

Mando uma mensagem para Sam: *Denise quer que eu corrija uma coisa. Devo sair em 15 minutos.*

A resposta dele é quase instantânea: *Quê????? Ela vai chegar daqui a pouco! Trata de vir pra casa!*

Coitado do Sam. Quase consigo vê-lo surtando. Respondo: *Desculpa mesmo. Comecem a jantar sem mim. Não demoro. Prometo.*

Acho bom mesmo.

E, no momento, acredito de verdade que vou conseguir.

* * *

Quando entro em casa, mais de duas horas depois, estou com uma dor latejante na têmpora esquerda. Corrigi o texto para a reunião em quinze minutos e mandei para Denise, mas continuou inaceitável. Assim como a versão seguinte. Em dado momento, ela me lançou um olhar irritado e disse:

– Francamente, Abigail, parece até que estou falando com uma *estagiária.*

Se eu tivesse que passar mais cinco minutos corrigindo o documento, juro que a estrangularia com minhas próprias mãos. Ela nunca me tratou assim, até eu começar a tentar ter um filho.

Procuro as chaves na bolsa. A sensação é de que um picador de gelo está batendo dentro da minha cabeça. Toda vez que tenho dor de cabeça é na têmpora esquerda. Por quê? Será sinal de um tumor?

Meu Deus, cadê as chaves? Sam vai me matar por chegar tão tarde.

É então que escuto:

Risadas. Vindo de dentro do apartamento.

Meus dedos encontram o chaveiro. Tiro-o da bolsa de uma vez e, quando abro a porta, vejo Sam e Monica sentados juntos na sala de estar. Há dois pratos sujos na mesa de centro, o que significa que jantaram na sala. Sam sabe que eu detesto isso, porque não quero que o sofá estampado de flores fique manchado. Há uma garrafa de vinho branco aberta na mesa, cheia até a metade. Sam está com o rosto avermelhado, como sempre fica quando bebe um pouco além da conta.

E Monica…

Desde que a conheci, sempre a achei um tanto sem graça. Tem feições bonitas, mas não usa maquiagem e as roupas são caretas, o que a deixa com uma aparência bem mediana. Hoje, porém, está muito diferente. Passou um rímel que destaca os olhos, batom vermelho-escuro que combina com o cabelo bem preto e uma blusa decotada que exibe os seios, agora impressionantes.

Monica não está apenas atraente – está *muito gostosa*. Muito mais do que eu, para dizer a verdade. Ainda mais neste momento, quando estou toda descabelada e exausta depois de trabalhar doze horas.

– Abby! – exclama Sam ao me ver olhando para eles, o que devo estar fazendo há tempo demais. – Você chegou!

Ele se levanta do sofá e cambaleia na minha direção, quase tropeçando no tapete. Ai, meu Deus, quanto será que ele bebeu? Ganho um beijo molhado e frouxo na bochecha.

– Você fez falta. Ainda tem lasanha na cozinha.

A princípio, acho que ele vai até lá servir um pouco para mim, mas, em vez disso, volta para o sofá e se joga ao lado de Monica.

– Você está bêbado? – pergunto a ele, espiando a garrafa de vinho meio vazia.

É raro Sam beber mais do que uma taça, portanto isso é mais do que o bastante para fazê-lo passar do limite. E pode-se presumir que Monica não o ajudou a consumir metade da garrafa.

– Não! – Ele pisca algumas vezes e empurra os óculos pelo nariz. – Eu mal bebi. A gente está só se divertindo. Né, Mon?

– Abby.

Monica sorri para mim. Ainda não me conformo com a quantidade de maquiagem que ela está usando.

– Você não me disse que o Sam era tão engraçado.

Pois é, porque ele *não é* engraçado. Bom, às vezes sim. Mas com certeza não é mais do que a média. Nada que valha comentar.

– Ah – murmuro, porque é o máximo que consigo responder.

– Ele me contou um monte de piadas de matemática. São *muito* engraçadas!

Já ouvi Sam contar piadas de matemática e elas não têm graça *nenhuma*. A única graça é o fato de serem *completamente* sem graça. Como quando uma coisa é tão ruim que acaba sendo boa. Se bem que eu acho que as piadas de matemática acabaram dando a volta completa e, de novo, não têm a menor graça.

– Monica fez matemática como disciplina optativa na faculdade – informa Sam. – Não é incrível?

Aham. Incrível.

Ela sorri para mim.

– Tem mais alguma piada, Sammy?

Sammy? Ela o chamou de *Sammy*? E, pelo jeito, ele agora a chama de *Mon*. Quando é que arranjaram apelidos um para o outro? Quanto tempo passei no escritório?

Por um momento, Sam coça o queixo, pensando.

– Hum… por que a galinha atravessou a fita de Möbius?

Como Monica não responde, ele conclui:

– Pra chegar do *mesmo* lado.

Monica gargalha mais alto do que uma pessoa deveria gargalhar de uma piada sobre fitas de Möbius. E, ao rir, segura o braço dele.

– Ai, meu Deus, você é *tão* engraçado!

Sam percebe que estou olhando para eles com cara de paisagem.

– Abby, uma fita de Möbius é uma superfície com um lado contínuo que…

– Tudo bem – digo depressa. – Não precisa explicar.

Um silêncio constrangedor toma conta do ambiente. Monica olha de um lado para o outro e seu olhar finalmente pousa nos pratos na mesa de centro. Faz menção de pegá-los.

– Vou levar os pratos pra cozinha.

– Opa, não, de jeito nenhum – diz Sam, e a empurra de leve. – Você é nossa convidada. Além do mais, está grávida. Pode deixar que eu cuido disso.

Ele está sendo um cavalheiro, como eu pedi. Gostaria que parasse.

Sam parece estar mais firme ao levar os pratos para a cozinha. Monica se levanta para acompanhá-lo, mas me coloco na frente dela.

– Escuta, Monica, você sabia que vai ter uma reunião amanhã cedo, às oito?

– Aham. – Ela faz que sim. – Está na agenda. É com o pessoal da Aconchego, certo?

Saco, até Monica sabia da reunião. O que há de errado comigo?

– Isso me lembra uma coisa – comenta ela. – Vou ter que me ausentar por umas horas na semana que vem pra fazer aquele ultrassom e os exames de sangue. Tudo bem por você?

Sam coloca os pratos na lava-louças e levanta a cabeça.

– Ultrassom?

Monica arqueia as sobrancelhas.

– Abby não te contou? Vou fazer esse exame na semana que vem.

Ele franze a testa.

– Tem alguma coisa errada?

– Não, nada! – Ela leva a mão ao peito. – Se tivesse, eu falaria. Todo mundo faz esses exames. Mas é uma oportunidade de ver o bebê. Quer ir comigo?

– Hã…

Sam olha na minha direção, depois se vira de novo para Monica. Parece estar olhando para a barriga dela, mas também pode ser para o peito. Não que seja culpa dele, porque no momento os seios dela estão espetaculares.

– Quero ir, sim. Vai ser sensacional.

Ela se anima.

– Olha, eu gravei os batimentos cardíacos no exame da semana passada. Quer ouvir?

Ele faz que sim com vigor.

– Quero, com certeza.

Monica e Sam voltam para a sala e se sentam juntos no sofá, enquanto eu ocupo a namoradeira. Ela pega o celular e desce a tela até a gravação que fez na semana passada. Em seguida, aperta o "play".

Tum! Tum! Tum! Tum!

Sam arregala os olhos.

– Isso é o coração?

Ela confirma.

Eu não esperava isso de Sam, porque ele não é do tipo emotivo, mas os olhos dele ficam úmidos do mesmo jeito que os meus e os de Monica ficaram na sala de exames. Ele escuta a gravação completa e depois a faz tocar mais uma vez.

– É maravilhoso – sussurra ele.

Ela sorri para Sam.

– É o nosso bebê.

As palavras dela me atingem como um soco no estômago. O *nosso* bebê. Não, não é *nosso*. O feto dentro dela é o *meu* bebê. Meu e de Sam. Mesmo se ela tivesse dito "nosso" de maneira geral para me incluir, ainda está incorreto. Esse bebê *não é dela*. Assinamos um contrato. O que há de errado com ela?

E por que está sentada tão perto do meu marido? O sofá é bem grande. Monica tem o sofá inteiro para ocupar, mas está tão perto dele que os joelhos dos dois quase se tocam.

Quero que essa garota saia da minha casa.

– Enfim – digo. – Desculpe por não ter conseguido chegar mais cedo, Monica, mas foi ótimo te receber.

– Obrigada por me convidar – responde ela. – A lasanha estava uma delícia,

Abby.

Vou ter que confiar na palavra dela. Perdi o apetite.

– Mas não tão boa quanto a minha – diz Sam com um sorriso.

Ela arregala os olhos.

– Você sabe cozinhar?

– Hã… – Ele abre um sorrisinho de lado. – Estou… aprendendo.

Ela junta as mãos.

– Eu adoraria experimentar um prato seu um dia desses.

– Claro – responde ele. – Vai ser ótimo.

Que maravilha, agora estão combinando *mais um* jantar? Tenho que tirá-la dali agora mesmo. Antes que ela se mude para cá.

Mas, antes que eu consiga dizer alguma coisa, Sam se levanta.

– Bom, está tarde. Acho que é melhor você ir pra casa.

Sinto meus ombros relaxarem. Sam a está mandando embora. Graças a Deus. Mas não tenho nem a chance de comemorar, porque ele acrescenta:

– Vou te levar em casa.

Na outra noite, ele não queria nem que Monica chegasse perto do carro, mas agora está disposto a levá-la para casa *bêbado*. Eu nunca o vi tentar dirigir depois de tomar mais de uma taça de vinho. *Nunca.* O que é que ela fez com a cabeça dele?

– Você não vai pegar o carro – digo, rilhando os dentes. – Já passou do limite faz tempo, Sam.

As orelhas dele ficam vermelhas quando percebe o que estava prestes a fazer.

– É, Abby tem razão – murmura ele. – É melhor eu não dirigir. Vou chamar um táxi pra você.

– Obrigada. – Monica pega a bolsa no canto do sofá. – E, Sammy, depois te mando o horário do ultrassom, tá?

Ele faz um sinal de positivo e só consigo pensar: *Quando foi que os dois trocaram telefones?*

E também: *Por que ela não para de chamar ele de Sammy?*

Respiro fundo. Preciso me acalmar. Não é culpa de Monica se a Pentelha me deteve no trabalho. Não é culpa dela se Sam bebeu demais e está agindo feito uma besta. E não é culpa dela ser mais atraente do que eu achei que fosse. Monica também não tem culpa de estar grávida de Sam.

Essa culpa é toda minha.

Meu Deus, mal posso esperar para essa gestação acabar e as coisas voltarem ao normal.

QUINZE

Se houvesse justiça neste mundo, Sam acordaria com uma ressaca colossal. Mas talvez ele não tenha bebido tanto quanto imaginei, porque parece bem. Tão bem que chego a pegá-lo assobiando no banheiro enquanto faz a barba.

Qual é o motivo de toda essa felicidade?

Faço essa pergunta quando Sam está colocando a gravata e ele pisca algumas vezes, surpreso.

– Hã, sei lá. O dia amanheceu bonito.

– Achei que você estaria de ressaca.

Ele revira os olhos.

– Eu te disse que não tinha bebido tanto assim.

– Do jeito que você estava agindo, não parecia.

Ele não responde, mas, enquanto calça os sapatos, começa a assobiar outra vez. Eu nunca tinha visto Sam assobiar tanto assim, mas, depois de um único jantar com Monica, de repente ele parece uma chaleira. Será que assobiava desse jeito quando começamos a namorar?

– Você acha a Monica bonita? – pergunto de uma vez.

– Bonita?

– É.

– Nem um pouco. – Ele abre aquele sorriso enviesado. – Ela não é nem um pouco bonita. Muito pelo contrário. É horrível de se olhar. Eu não queria ser grosseiro nem nada, mas tive que passar a noite toda de olhos fechados, assim. – Ele fecha os olhos com força numa demonstração. – Tomara que ela não tenha percebido.

– Rá, rá, que engraçado.

– Não sei muito sobre as mulheres, mas sei que só existe uma resposta correta quando a sua esposa pergunta se outra mulher é bonita.

É justo.

– É que você pareceu se divertir muito ontem.

Ele solta um suspiro irritado.

– Abby, foi você quem quis convidar ela pra jantar. E foi você quem chegou duas horas atrasada. Você me fez prometer que eu ia "me comportar". Aí ela chega, eu sou legal e agora ainda sou o errado?

– Bom, ser legal é diferente de ser *legal demais*.

– A gente não estava se pegando nem nada, Abby. Só conversando.

Na verdade, os argumentos dele são bem razoáveis. Então por que não consigo me livrar dessa sensação tensa e horrível no peito?

– Ela te chamou de Sammy – digo.

– E daí?

– Parece… intimidade demais. Além disso, você detesta que te chamem de Sammy.

– Não detesto, não.

– Você sempre me disse que detestava.

Ele tira os olhos da cômoda e me encara.

– Beleza, eu detesto. Detesto o apelido, detesto a Monica e não quero que você convide ela pra vir aqui nunca mais. Pode ser? Está feliz agora?

Baixo os olhos. Uma parte de mim percebe que estou sendo boba, mas não consigo evitar. Há alguma coisa errada.

– Você vai ver o ultrassom?

Ele não hesita.

– Vou, sim.

Mordo o lábio.

– Olha, não tem nada a ver com a Monica – argumenta ele. – Eu quero ver o bebê. Ele também é meu e acho que tenho o direito de ir. – Faz cara feia para mim. – Eu não disse nada sobre o fato de que você *nem me contou* do exame anterior, mas, a partir de agora, quero ir.

Temia que Sam dissesse isso. E tem razão: ele merece participar tanto quanto eu. Ou, vamos admitir, mais do que eu. Vou adotar o bebê, mas é o filho biológico *dele.* E quero dividir essa experiência com Sam porque o amo. Só queria que *ela* não precisasse participar. Mas é claro que isso é impossível, já que o bebê está literalmente dentro dela.

– Abby. – A voz dele fica mais meiga. – Você está chateada, eu entendo, mas não precisa ficar. É como você mesma disse: isso é o que a gente sempre quis. Você deveria ficar feliz.

As palavras gentis ajudam, mas não totalmente. Respiro fundo, tentando identificar qual é a fonte exata da minha tristeza.

– Ela disse que era o "nosso bebê".

Sam franze a testa.

– Quê?

– Foi isso que a Monica disse quando falou do bebê. Ela disse "nosso bebê".

– Está certo. O bebê *é* nosso.

– É, mas ela não quis dizer "meu e seu". Ela disse "nosso", como se fosse dela também.

Ele balança a cabeça.

– O que você está insinuando?

– E se ela quiser ficar com o bebê?

– Foi pra isso que assinamos o contrato, certo? Podemos colocá-la na justiça.

Mas e se ela quiser ficar com você *também?*

Sam, porém, nem pensa nesse tipo de coisa. Não está preocupado em cair nos encantos de Monica. Eu também não me preocuparia, mas vi a expressão dele enquanto ouvia aqueles batimentos cardíacos. O filho dele está no útero *dela*. Isso deve mexer com a cabeça dele.

– Vem cá, Abby.

Sam abre os braços e eu me jogo neles, aninhando a cabeça no ombro dele. Apesar de tudo, estar nos braços dele me faz sentir acolhida e segura.

– Não esquenta a cabeça. Vai dar tudo certo.

Não sei o que eu faria se um dia o perdesse.

DEZESSEIS

Monica vai fazer o ultrassom hoje às duas da tarde.

Também precisava tirar sangue e resolver outras coisas, então acabou pedindo um dia de folga. Sam também vai, é claro, mas nós três vamos chegar separados e nos encontrar lá. É uma situação constrangedora, mas não há muito o que fazer a respeito. Quero estar lá para ver o ultrassom, principalmente se Sam vai estar.

Almoço na minha mesa só para ter certeza de que vou conseguir chegar a tempo. À uma e meia, pego a bolsa e vou até a porta. Mas juro por Deus que Denise deve ter instalado câmeras na minha sala para saber quando vou sair, porque ela me detém antes de eu chegar ao elevador.

– Abigail.

Ela me encara, estreitando os olhos. É a única pessoa aqui com a capacidade de me provocar uma sensação terrível com um único olhar.

– Aonde você vai? Não vai *sair*, não é?

– Eu tenho… – Engulo em seco. – Tenho uma consulta médica. Volto logo.

Hoje vou ficar aqui até as dez da noite. Posso apostar nisso.

– Você está doente? – Denise pronuncia as palavras com o mais absoluto desdém.

– Não. – Desvio o olhar. – É só uma consulta.

É uma resposta bem vaga. Denise não tem como notar nenhum indício do meu acordo com Monica. Daqui a poucas semanas, Monica vai pedir demissão, antes que a gravidez fique visível. Se minha chefe descobrisse o que estamos aprontando… Bom, não quero nem pensar nisso. Não ia prestar.

Graças a Deus, Denise parece aceitar a explicação. Em todo caso, ela não barra a saída fisicamente. Que é o que precisaria fazer para me impedir de ir a esse ultrassom.

– A propósito – comenta ela. – Quando voltar, eu gostaria que acompanhasse a sua correspondência. Quando a Aconchego manda um e-mail pra você, espero que responda em no máximo 24 horas, de preferência dentro de uma hora.

– Eu *respondo*.

Olho para o relógio na parede: 13h35.

– Eles disseram que mandaram vários e-mails e não receberam resposta.

O quê? Deve ser um engano. Eu respondo a todos os e-mails, é uma obsessão. Perder um deles… é possível. Mas vários?

Vou ter que dar uma olhada na pasta de spam quando estiver no consultório.

– Vou cuidar disso – garanto a Denise, passando por ela para entrar no elevador.

Não vou perder mais nada por causa dela. Ainda estou chateada por ter perdido o jantar na semana passada.

Saindo do prédio, chamo um táxi depressa e chego ao hospital em tempo recorde. Faltam dez para as duas, o que significa que tenho tempo de sobra.

A sala de espera está repleta de mulheres em vários estágios da gestação. No passado, ver uma multidão de mulheres grávidas me faria ferver de inveja. Eu voltaria para casa e choraria no travesseiro, pensando em como a vida era injusta. Mas agora está tudo bem. Sou parte desse mundo.

Não vejo Monica e Sam. Pelo jeito, sou a primeira a chegar. Eu me acomodo numa das cadeiras de plástico e espero. Uma recepcionista me lança um olhar curioso.

– Senhora, posso ajudar?

Eu sorrio, mas sinto que é de má vontade.

– Eu, hã… vou me encontrar com uma pessoa aqui.

A mulher me encara, arqueando as sobrancelhas.

– Se encontrar com uma pessoa?

– É, ela é minha… – Nossa, não quero explicar a situação para uma desconhecida. – Monica Johnson.

– Ah! – A expressão da recepcionista relaxa e ela sorri, entendendo. – Sim, ela está quase terminando.

Quase… terminando?

Antes que eu tenha tempo para refletir sobre isso, Sam e Monica saem pela porta dos fundos. Ela segura uma série de imagens em preto e branco, e ele sorri

de orelha a orelha. Fico de queixo caído. Que… merda… é… essa?

– Abby! – Sam acena para mim. – Você perdeu, mas estamos com as imagens.

Eu me levanto de um salto e corro até eles. Não quero perder a calma nesta sala de espera, mas estou furiosa. Como é que perdi o exame? Cheguei no horário certo! Cheguei *cedo*! O que está acontecendo aqui?

– Como é que vocês já terminaram? – rosno para ele. – O exame é às duas!

– Não – diz Sam, paciente. – Estava marcado para a uma.

Olho para Monica, que parou de sorrir.

– Você disse pra mim que era às duas – afirmo.

Ela franze a testa.

– Eu disse à uma, Abby.

– Você disse *às duas*.

Que saco!

Ela balança a cabeça.

– Eu sei que disse à uma. Você colocou na sua agenda, eu vi.

Mentira. Enfio a mão na bolsa e arranco o celular dali. Acesso a agenda e… *Ultrassom da Monica – 13 horas.*

Ai, meu Deus, como é que me enganei? Passei o dia todo achando que era às duas. Consegui mesmo estragar esse momento? O que está acontecendo comigo?

– Por que você não me mandou uma mensagem? – pergunto a Sam, desesperada para pôr a culpa em outra pessoa que não eu mesma.

Ele dá de ombros, indefeso.

– Você anda tão ocupada nos últimos tempos com aquela história de papinha da Aconchego que eu não quis te incomodar. Achei que não tinha conseguido sair do trabalho.

Tenho vontade de chorar. Não acredito que perdi o ultrassom. Eu queria tanto participar! E o pior é que Sam e Monica parecem não se importar nem um pouco. Não esperava que ela se importasse, mas ele também não parece dar a mínima para o que aconteceu.

– Eles disseram que está tudo bem – acrescenta Sam.

Acho que é só isso que importa. O objetivo do ultrassom era ter certeza de que o bebê está bem, não criar entretenimento.

– Bom, que ótimo.

Ele mostra a série de imagens.

– Quer ver?

Arranco as folhas da mão dele. Minha raiva diminui um pouco ao vê-las. As imagens são escuras, mas em branco há o contorno do rosto do bebê: o nariz

pequenino, o queixinho minúsculo e a curva do crânio.

Sam sorri para mim.

– Maravilhoso, né?

– A gente… – Olho para os dois. – A gente pode ficar com essas imagens?

Sam e Monica se entreolham.

– Na verdade, essas aí são pra mim – responde ela. – Mas eles vão imprimir uma segunda cópia. É que tiveram um problema com a impressora.

– Ah.

Não digo o que estou pensando, que é: se só existe uma cópia, por que é que *Monica* vai ficar com ela? Afinal de contas, o bebê é *nosso*. "Nosso" quer dizer meu e de Sam.

Antes que eu comece a ficar nervosa, a recepcionista chama:

– Sra. Johnson?

Monica sorri para nós e vai até o balcão da recepção. A mulher está segurando uma nova série de imagens, que entrega para Monica.

– Aqui tem uma cópia extra pro seu marido.

– Obrigada – responde Monica.

– Aproveitem! E parabéns para o casal!

Que maravilha. Essa mulher acabou de se referir a Sam como marido de Monica e ninguém achou necessário corrigi-la. O melhor que posso dizer sobre Sam é que ele está olhando para as imagens do bebê e não prestou atenção em nada. Não deve ter ouvido a recepcionista dizer que ele era marido de Monica. Mas, mesmo assim, é desagradável.

Monica abre um sorriso enorme para nós dois. Está usando batom de novo. Nos últimos tempos, vem usando mais maquiagem e não se veste mais como uma freira. Hoje ela está com uma blusa preta decotada e bem justa nos seios. E é claro que ainda não parece estar grávida.

– A gente precisa comemorar – comenta ela. – Que tal um café?

– Preciso voltar pro trabalho – resmungo.

Minha recusa não parece surpreendê-la nem perturbá-la.

– E você, Sammy?

Não. Ela *não* chamou meu marido para tomar café sem mim. Isso não pode ter acontecido. *E por que ela continua chamando ele de Sammy?*

– Hã – diz Sam, olhando de relance para mim. – Na verdade, também preciso voltar pro trabalho.

Ela levanta as sobrancelhas.

– Você não disse que já tinha terminado o expediente?

– Terminei de dar aulas. – Ele sorri, sem jeito. – Mas tenho umas pesquisas pra fazer, sabe como é.

– Ah, sério? Que tipo de pesquisas? – pergunta ela, demonstrando um interesse que parece sincero.

Sam se anima como sempre acontece quando alguém pergunta sobre as pesquisas dele, o que é raro em situações sociais.

– Estou estudando matrizes aleatórias e a universalidade da sobrejetividade e do conúcleo.

Monica fica pensativa. Será que entendeu mesmo?

– O que tem de específico no conúcleo?

– Bom – responde ele –, estou analisando a probabilidade de o conúcleo ser isomórfico para um grupo abeliano finito.

– E quando é cíclico?

Ele faz que sim com vontade.

– É! Isso também.

– Nossa, parece fascinante – comenta ela. – Eu *adoraria* saber mais sobre a sua pesquisa.

Sam olha para mim de novo. Dá para perceber que está morrendo de vontade de contar mais para ela, mas não quer me chatear.

– Abby – diz ele –, tem certeza de que não tem tempo para um cafezinho?

Aquele nó volta à minha garganta.

– Não tenho, não. Mas se quiser muito ir, Sam, você é quem sabe.

– Ah.

Ele olha de mim para Monica, sem saber o que fazer. Mas não é óbvio o que *deve* fazer? Deve dizer "não" para a mulher atraente de 23 anos que o convidou para tomar um café! Qualquer paspalho saberia disso! Tenho vontade de dizer isso a ele, mas não quero que Monica me veja forçando meu marido a recusar o que deve ser só um café inocente.

Deve ser.

– Talvez só por uns vinte minutos – diz Sam. – Depois preciso mesmo voltar pro trabalho.

– Que ótimo! – Monica sorri para ele. – Conheço o lugar perfeito.

Vamos todos até o saguão do hospital e, de lá, Sam e Monica vão juntos para o café enquanto chamo um táxi. Eu os vejo andarem pela rua lado a lado, cada vez mais distantes de mim.

Parecem estar extremamente próximos um do outro. Não existe uma regra de que você deve ficar a pelo menos uns 30 centímetros de distância da pessoa

com quem está andando? Ou eu inventei isso?

Tudo bem, preciso parar de surtar. Eu confio em Sam. E é só isso que importa.

DEZESSETE

Se eu não precisasse voltar para o trabalho depois deste almoço, com certeza estaria me embebedando agora.

Mesmo assim, a tentação é grande. Eu e Shelley conseguimos dar uma escapada para almoçar no restaurante mexicano no mesmo quarteirão do escritório, e este lugar tem a *melhor* margarita. Mas já estou numa situação precária com Denise. Não posso me dar ao luxo de ser menos do que a melhor no trabalho. Além disso, se ela sentir cheiro de álcool no meu hálito, não vai prestar.

– Você não está com uma cara muito boa, Abby – comenta Shelley. – Com todo o respeito.

Shelley é a rainha dos comentários "com todo o respeito". O macete é dizer uma coisa superofensiva, mas pôr panos quentes, acrescentando "com todo o respeito" (só que não). Por exemplo: "Com todo o respeito, mas com esse vestido você parece uma orca, só falta pular pra pegar um peixe no SeaWorld." Ou: "Com todo o respeito, mas você parece ter idade pra ser mãe da Monica." Dessa vez, porém, é difícil achar o comentário ofensivo.

– Não estou muito legal – murmuro.

Olho para a Coca Zero, desejando que se transforme por mágica numa margarita.

– Mas achei que estava indo tudo bem. – Shelley pega um nacho da tigela que estamos dividindo. – Monica engravidou na primeira tentativa e você disse que no ultrassom estava tudo normal. Então… legal, né?

Não confessei a Shelley nenhuma das minhas aflições. Em parte porque não

tive tempo para conversar com ela pessoalmente e o assunto era meio pesado para discutir por mensagens, mas também porque sei que ela vai dizer "Eu avisei". E não preciso de outro comentário desses agora.

Por outro lado, preciso conversar sobre isso com alguém.

– As coisas andam meio estranhas – admito.

– Estranhas como?

– Tipo… – Passo um nacho pelo molho, embora não esteja com muita fome. – O Sam e a Monica fizeram… amizade.

Shelley levanta as sobrancelhas.

– Amizade?

E, de repente, começo a contar a história toda. A noite em que demos carona para Monica e ela roubou meu lugar na frente. O jantar para o qual me atrasei, quando Monica e Sam se entrosaram bastante. O jeito como ela o chama de "Sammy". O ultrassom que perdi, seguido de um café só entre os dois.

– Ele disse que ia ficar só vinte minutos – revelo –, mas mandei uma mensagem e ele demorou duas horas pra responder. Então…

– Nossa – sussurra Shelley. – Isso aí foi pesado.

– E você reparou que ela anda usando maquiagem e roupas mais sedutoras? Antes ela usava umas roupas de ir à igreja, mas agora está… você sabe, *gostosa*.

– Monica é bem atraente – concorda ela. – Eu sempre achei. E ela faz o tipo do Sam.

Franzo a testa, sem entender.

– O *tipo* dele?

Ela abre um sorriso de lado.

– Bom, ela se parece com você. Então presumi que esse é o tipo dele.

É um bom argumento. Nunca pensei que Sam tivesse um "tipo", porque é raro ele comentar sobre outras mulheres ou falar de ex-namoradas. Nunca vi fotos das mulheres com quem ele saiu antes de me conhecer. Mas ele me convidou para sair tão depressa assim que nos conhecemos, que deve ter havido algo em mim que o atraiu na mesma hora.

E, sim, Monica se parece comigo. Só que mais jovem. E mais curvilínea. E grávida dele.

– Além disso – conto –, eles estão trocando mensagens.

– É mesmo?

Faço que sim.

– Eu vi uma mensagem dela aparecer na tela dele hoje de manhã.

– O que dizia?

– Hã… – Penso por um momento. – Acho que estava agradecendo por ele ter mandado um artigo de matemática que ela gostou.

– Bom, é um assunto bem inocente.

– Mas como é que de repente ela passou a gostar tanto de matemática? – Mexo à toa o gelo do refrigerante. – Ela queria voltar pra faculdade pra fazer mestrado em artes e ser diretora de criação. Agora sabe tudo sobre matrizes e conúcleos, seja lá o que forem essas coisas.

– Acho que o Sam não vai se apaixonar loucamente conversando sobre *matemática*. – Ela ri pelo nariz. – Não, retiro o que disse. Talvez se apaixone, sim.

– Rá, rá.

– Sei lá, Abby. – Ela dá de ombros. – Parece que as mensagens são bem inocentes. Mas, se você não tem certeza…

Olho feio para ela.

– Quê?

– Você tem a senha do celular do Sam?

Fico boquiaberta.

– Não vou espionar meu marido!

– Isso não é espionar. Só xeretar.

Eu tenho a senha do celular de Sam. Mas não pretendo usá-la.

– Não vou fazer isso, Shelley.

– Bom, então você não sabe se a conversa é inocente mesmo, né?

Não estou gostando do rumo desta conversa.

– Bom, na verdade a Monica não fez nada de errado, né? – Dou a mordida mais triste do mundo num nacho. – Afinal de contas, foi culpa minha ter errado o horário do ultrassom.

– Talvez sim. Talvez não.

– Como assim?

– Bom – responde ela, pensativa –, a Monica não tem acesso à sua agenda? Ela não poderia te dizer o horário errado, esperar você colocar na agenda, depois trocar pro horário correto e te deixar com cara de besta ao chegar no hospital?

Fico de queixo caído.

– Você… acha mesmo que ela faria isso?

Shelley dá de ombros.

– Talvez sim. Talvez não.

E ainda houve aquela reunião de manhã que eu deveria fazer com o pessoal da Aconchego e da qual não sabia. Será possível que Monica seja a responsável por isso?

– Não sei, não, Shel. É meio diabólico demais. Não consigo imaginar a Monica fazendo uma coisa dessas. – Eu me detenho. – Você consegue?

Ela passa um bom tempo calada enquanto eu prendo a respiração.

– Acho que não – responde ela, por fim.

Solto o ar. Estou feliz que ela não pense assim, porque não poderia barrar o acesso de Monica à minha agenda. Ela é minha assistente, e boa parte do trabalho dela é cuidar para que a agenda esteja atualizada e precisa. Preciso confiar nela.

E confio. Confio na Monica.

Porém talvez deva mudar a senha do celular. A data do meu aniversário não é uma opção muito segura.

– Em todo caso, é uma situação intensa pra todo mundo – diz ela. – Monica está grávida, cheia de hormônios. E Sam… Faz muito tempo que ele quer ter um bebê, e agora temos uma mulher que está grávida de um filho dele, mas não é a esposa dele. Isso deve estar mexendo com a cabeça do cara.

– É – resmungo. – A gente devia ter adotado. Foi um erro.

Shelley fica em silêncio. Dou um suspiro.

– Vai, pode falar.

– Falar o quê?

– Você sabe.

– O quê?

– Diz que você me avisou. Você disse que era um erro antes mesmo de a gente começar.

– Não vou dizer "eu avisei" quando você já está no fundo do poço. – Ela balança a cabeça. – Que tipo de amiga você acha que eu sou?

Do tipo que diz que já estou no fundo do poço? Deixa pra lá.

– Enfim, logo Monica vai pedir demissão, então acho que não vamos nos ver muito até o bebê nascer – digo. – Só nas consultas e nos exames. E depois, daqui a menos de cinco meses, vamos ter o bebê.

Shelley sorri.

– E eu prometo: dessa vez, nada de chá de bebê.

– Não mesmo, por favor – respondo. – Não consigo imaginar nada pior.

Mas isso não é verdade. Consigo, sim, imaginar coisas piores.

* * *

Sam está sentado ao meu lado no sofá, trabalhando em silêncio no computador. É parte da nossa rotina: ficamos sentados lado a lado na sala, ambos trabalhando. Às vezes passamos uma hora ou mais sem dizer uma única palavra, mas ainda

me sinto próxima dele. Principalmente quando ponho as pernas em cima do sofá e ele apoia a mão na minha panturrilha, fazendo carinho, distraído. E, sempre que olho para Sam, ele sorri.

O celular dele interrompe o silêncio ao vibrar com uma mensagem. Ele pega o aparelho e sorri ao olhar a tela.

– Mensagem de quem? – pergunto, no tom mais descontraído possível.

– Da Monica.

É claro. Antes de Monica entrar na nossa vida, Sam só recebia mensagens de mim e de colegas de trabalho. Agora ela é a nova amiguinha digital dele.

Ele me cutuca.

– Ela descobriu o sexo do bebê.

– Ah! – Tiro o notebook do colo. – Achei que a gente tinha decidido esperar pra descobrir só no parto.

Ele franze a testa.

– É?

– É! Foi o que a gente combinou!

– Hã… – Ele olha para o celular, depois volta a olhar para mim. – Então… ela meio que… já me contou.

Fico boquiaberta.

– Ela *te contou*?

– Bom, não sabia que a gente ia esperar pra descobrir!

Balanço a cabeça.

– Você sabia que eu queria que fosse surpresa.

– Não sabia, não.

Ele digita alguma coisa no celular enquanto fala, o que é extremamente irritante. O que está dizendo para ela? Que a esposa dele deu uma de chata?

– Ver como é a carinha do bebê vai ser surpresa suficiente, você não acha?

Não sei como responder. É tarde demais para mudar o fato de que Monica deu com a língua nos dentes. Além disso, por que mandou a mensagem para *ele* e não para mim? É *comigo* que ela trabalha. Eu a conheci antes dele. É por minha causa que tudo isso está acontecendo.

– Então, qual é o sexo? – pergunto por fim.

– Achei que você não quisesse saber.

Dou um suspiro irritado.

– Se *você* sabe, também quero saber.

– Tem certeza?

– Tenho!

Ele abre aquele sorrisinho torto.

– É menino.

– Ah!

– Vamos ter um filho! – Ele arregala os olhos, irradiando alegria. – Não é sensacional?

O entusiasmo de Sam é contagiante. Fiquei chateada por Monica revelar o segredo, mas ele tem razão: o importante é que vamos ter um bebê saudável. Um menininho saudável! Está acontecendo de verdade: em breve vamos ser pais.

– Eu te amo tanto, Abby.

Sam deixa o computador na mesa de centro e sobe em cima de mim, beijando meu pescoço até meu corpo ficar todo arrepiado.

– Estou tão feliz que você é minha esposa!

Sorrio com meus botões, me entregando à sensação maravilhosa dos lábios do meu marido no meu corpo. Tento ignorar a vibração das mensagens que não param de chegar ao celular dele.

DEZOITO

Hoje é a nossa grande reunião com a Aconchego e estou tão nervosa que poderia até vomitar.

Na última reunião com esse cliente, também fiquei nervosa, mas era um nervosismo de empolgação. Sabia que minha campanha estava ótima e me sentia cem por cento confiante. Hoje não sinto confiança nenhuma. Minha única esperança é conseguir fingir.

Nos últimos tempos, na verdade, meu desempenho não tem sido dos melhores. Desde a noite daquele jantar que perdi, dois meses atrás, é como se eu não conseguisse acertar em nada. No começo da semana, esqueci completamente uma reunião importante apesar de ela estar na minha agenda. Esqueci onde guardei uma pasta inteira de fotos de bebês e tive que pedir para a Aconchego me reenviar tudo. Denise teve que intervir e me repreender em duas ocasiões por eu não responder aos e-mails da Aconchego. Além disso, passei muito mal depois de experimentar uma papinha sabor doce de banana.

Gostaria de ter mais uma semana, mas não tem jeito. A reunião é hoje.

Monica colocou minha apresentação no notebook ligado ao projetor na sala de reunião. Preciso admitir que, ultimamente, ela tem sido fenomenal. Considerando o quanto ando desmiolada, ela tem feito um trabalho maravilhoso ao organizar tudo. Desde que esqueci aquela reunião na segunda-feira, ela começou a imprimir cronogramas diários para deixar na minha mesa de manhã e a grifar e-mails importantes na caixa de entrada. Ainda organizou um almoço gourmet para os executivos da Aconchego durante a reunião.

É, ela continua amiga de Sam. Ele jura que os dois não se encontraram mais

para tomar café, mas ainda vejo mensagens dela aparecerem no celular dele. Além disso, a última consulta com a obstetra coincidiu com uma reunião que eu não podia perder de jeito nenhum, então Sam acabou indo sozinho com ela. Tentei não me abalar ao vê-lo radiante depois daquela consulta. Tem a ver com o bebê, não com Monica.

Estou sentada na sala de reunião, tomando café e roendo as unhas, quando Jed Cofield chega com sua equipe. Tenho medo que Cofield me trate com frieza por não ter respondido a vários de seus e-mails, mas ele vem diretamente até mim e aperta minha mão. No entanto, percebo que dessa vez não a segura mais tempo do que o necessário.

– Bom te ver de novo, Abby – diz ele, e abre um sorriso para mim. – Espero que hoje você me deixe encantado outra vez.

Faço o possível para sorrir também.

– Claro.

Confiante. Finja estar confiante.

Em geral, não preciso nem dizer isso a mim mesma. Já sigo automaticamente as lições de Denise para passar uma imagem de autoconfiança total. Mesmo quando desconfio que estou enganada a respeito de alguma coisa, sigo em frente de peito aberto. É incrível com que frequência isso dá certo. Mas hoje não sei se dou conta.

– Eu sempre digo pra todo mundo – comenta Cofield. – Aquela Abby Adler… ela é demais. Se você quer vender um produto, é só falar com ela.

– Agradeço muito, Jed.

E sorrio com toda a confiança. Eu deveria, sim, estar confiante. Afinal, tenho um histórico excelente. Não há motivo para duvidar de mim mesma.

Minha segurança só volta a estremecer quando Denise entra na sala. Ela vem logo na minha direção, os olhos azul-claros me avaliando com um desdém maldisfarçado. Ela testemunhou cada um dos meus erros nos últimos tempos e não está nada contente.

– Abigail – diz ela. – Vou ficar nos fundos da sala caso precisem de mim.

As entrelinhas estão dolorosamente claras: *Vou ficar na sala para o caso de você fazer besteira.*

A última pessoa a entrar é Monica, carregando uma bandeja de sanduíches gourmet. Está usando uma blusa vermelha e uma saia preta que exibe pernas de primeira linha. Entre os seios e as pernas, cada homem de sangue quente nesta sala vira a cabeça a fim de olhar para ela. Cofield está de queixo caído. Caso Sam estivesse aqui, imagino que ficaria assim também.

Monica está com quase seis meses de gravidez, mas ainda consegue esconder a barriga com combinações de peças criativas. Por exemplo, a blusa vermelha é justa nos seios, mas folgada na cintura. Imagino que, daqui a poucas semanas, não vá mais conseguir esconder. Isso significa que, por mais doloroso que seja, vou ter que abrir mão dela. Ninguém na empresa pode saber do nosso acordo.

Depois de todos se sentarem e escolherem um sanduíche, eu começo a apresentação. Com a informação sobre os produtos e as fotos dos bebês, redigimos o texto e fizemos o design do site para exibir as papinhas. Estamos trabalhando no projeto há meses, e agora vou mostrar a eles uma versão quase definitiva. Ontem à noite mesmo eu e Monica revisamos uma lista de slogans para escolher o melhor.

– É claro que o site verdadeiro será interativo e nossa equipe de tecnologia vai cuidar disso – afirmo –, mas só queria mostrar a vocês como ficará o visual.

Dou a todos na sala a chance de olharem para a imagem que projetei na tela. Apesar dos problemas recentes, me dediquei muito a esse site. Tomara que eles gostem.

Jed Cofield é o primeiro a falar. Eu esperava um comentário entusiasmado, mas ele franze a testa.

– Hã, Abby?

– Sim?

– Isso não tem nada a ver com o que conversamos.

De repente, todos na sala me encaram. *Isso não tem nada a ver com o que conversamos.* O que ele quer dizer com esse comentário? Incorporei absolutamente tudo o que ele falou. Como pode dizer uma coisa dessas?

– Como assim? – pergunto com cuidado.

Cofield balança a cabeça.

– Esses não são os bebês que combinamos usar. Lembra? Eu disse que precisávamos de uma seleção mais diversa. Além disso, falei que queria a comida para crianças de 1 a 3 anos no alto e a papinha para até 12 meses embaixo.

Ele tem razão. Disse mesmo tudo isso para mim. E eu fiz as alterações. Porém, quando olho para a tela projetada no alto, percebo que a imagem não reflete nada disso. O primeiro bebê na imagem é o ruivinho de cabelo arrepiado, e me lembro especificamente de ouvir Cofield dizer que era "feio". Achei ofensivo da parte dele chamar qualquer bebê assim. Mas ali está o "bebê feio" de Cofield, olhando nos meus olhos.

Ah, meu Deus, será que coloquei as imagens *antigas* na apresentação?

Ah, não.

Não acredito que fiz isso. Que erro crasso. E nem sequer verificar os arquivos antes de uma apresentação importante para os executivos da Aconchego… O que há de errado comigo? Devo estar perdendo o juízo.

– Hã… – Eu me remexo, tentando descobrir como fazer de conta que não foi um erro gigantesco. Não sei se existe jeito de fazer isso. – Certo, essas são as primeiras imagens que usei pra poder mostrar a vocês como o nosso novo design é melhor.

– Então tá… – responde Cofield.

E agora todos esperam que eu mostre o novo design.

– Preciso de alguns segundos para carregar o arquivo – digo. – Desculpem.

Não consegui enganar ninguém. Monica tem que vir até a frente da sala para me ajudar a carregar as imagens corretas, e o estrago está feito. Consigo sentir a fúria emanando de Denise, que faz o possível para acalmar o pessoal da Aconchego enquanto eu tento recuperar o controle da reunião.

Leva vinte minutos, mas finalmente coloco a imagem certa na tela. Tudo bem, houve uma pequena confusão, mas o importante é que tenho um ótimo site para o produto deles. É só isso que interessa.

– Não sei, Abby… – diz Cofield.

Meu Deus do céu, o que foi agora?

– Sim? – respondo, com a maior calma possível.

– Não gostei muito desse slogan. – Ele balança a cabeça. – "Papinha Aconchego: porque nada é mais importante do que a barriguinha do seu bebê".

– Qual é o problema?

Tirando o fato de que é péssimo. Não consegui inventar nada melhor.

– Ficou desajeitado – responde ele.

– Desajeitado?

– Quero uma coisa que seja gostosa de dizer, entende?

Do outro lado da sala, Denise me olha de cara feia. Eu me esforço para tentar lembrar a lista de slogans que guardei no computador. Há outros que talvez soem mais bonitos. Se ao menos eu conseguisse lembrar…

– Que tal "Papinha Aconchego: seu bebê merece o melhor"? – sugere Monica de repente.

Esse slogan não me é estranho. É da lista que rejeitamos ontem à noite.

Cofield se vira para encarar a mulher que lhe serviu café e ajudou com o projetor. Um sorriso aparece devagar nos lábios dele.

– Gostei.

Monica sorri.

– Sério?

– Sério! – Ele faz que sim com vigor. – Ficou minimalista, simples… e convence os pais de consciência pesada a pagarem um pouco mais pelo nosso produto. – Ele se volta para Denise, sorrindo. – Essa garota aqui é um achado.

– Bom, o mérito não é meu – diz Monica depressa. – Esse slogan estava na lista da Abby. Foi ela quem criou.

– É, mas foi você quem percebeu que era o slogan certo para nós – argumenta Cofield. – Metade do mérito é seu.

– É bem verdade. – Denise abre um sorriso caloroso para minha assistente. – Sabe, Monica é uma das nossas estrelas em ascensão aqui na Stewart.

Hã… ela é?

A reunião está salva, mas isso não me alegra nem um pouco. Era para Cofield adorar minha apresentação. Em vez disso, Monica deu um jeito de roubar a cena com o *meu* slogan. Quando a reunião acaba, o pessoal da Aconchego começa a conversar com *ela* como se fosse a líder do projeto. Enquanto isso, Denise me pega pelo braço com tanta força que parece prestes a arrancá-lo.

– O que foi *isso*, Abigail? – rosna ela no meu ouvido, para que os executivos da Aconchego não escutem. – Você quase estragou tudo. Está usando *drogas* ou o quê?

– Foi um erro legítimo – gaguejo.

Ela olha nos meus olhos.

– Tem gente que perde o emprego por causa de um erro legítimo.

– Deu tudo certo.

– É, graças à sua *assistente*. – Denise balança a cabeça. – Não sei o que deu em você nos últimos tempos, Abigail. Talvez seja alguma questão da sua vida pessoal.

Isso é que é eufemismo.

– Mas você precisa resolver. Depressa – acrescenta ela.

– Não vai se repetir.

– Não. Não vai mesmo.

Denise me lança um último olhar gelado e depois me dá as costas para falar com Cofield. Um sorriso radiante muda a expressão dela por completo. Não consigo me lembrar da última vez que Denise sorriu desse jeito para mim. Ela tem razão ao me acusar de estragar tudo hoje, mas também poderia me dar um desconto.

Monica vai até os fundos da sala para recolher as xícaras de café e eu a ajudo. Se as coisas continuarem como estão, logo minha única responsabilidade será servir café nessas reuniões.

Não. Não é verdade. Antes disso, me demitirão.

– Espero não ter passado do limite quando falei agora há pouco – diz Monica ao limpar uma mancha de café da mesa.

– Claro que não. – Eu me esforço para sorrir. – Você salvou a reunião.

Ela sorri também.

– Você acha mesmo?

– Lógico – respondo, embora deteste admitir isso.

– Monica! – chama Denise, que está ao lado de Cofield e dos outros homens da Aconchego. – Venha aqui um instante!

– Hã… – Monica olha para o bule de café vazando e para os copos espalhados por toda parte. – Vou só terminar de limpar.

– Bobagem – responde Denise. – Abigail vai limpar. Queremos falar com você.

Eu observo, incrédula, minha assistente ir falar com os executivos enquanto limpo o café. Estou passando mal. Fiquei grata por Monica me resgatar durante a reunião, mas agora gostaria que ela tivesse me deixado afundar.

DEZENOVE

Não consigo dormir.

Tentei ler. Baixei três livros no Kindle, mas nenhum deles prendeu minha atenção. Fiz xixi duas vezes. Vi alguns vídeos no YouTube, mas ouvi dizer que ficar em frente a uma tela tira o sono, por isso desliguei.

Foi então que me levantei da cama e comecei a andar de um lado para o outro.

Sam acorda, o que não é nenhuma surpresa. Ele senta na cama, esfregando os olhos e bocejando. Acende o abajur ao lado e olha para mim, incrédulo.

– Abby, são duas da manhã.

– Não consigo dormir.

– É, percebi.

Houve um período de estresse no trabalho, quatro anos atrás, que coincidiu perfeitamente com o auge dos meus problemas de infertilidade. Na época, também tive muita dificuldade para dormir. Estava sempre acordada às duas da manhã, andando pelo quarto.

Preciso admitir que Sam foi muito compreensivo. Ele se levantava comigo e nós dois ficávamos sentados juntos na cozinha, conversando e tomando leite quente. Foi aí que eu soube que ele seria um pai maravilhoso. Ele não ligava de se levantar de madrugada e esquentar o leite para mim. E, de alguma forma, isso deixava a situação ainda pior. Porque eu queria uma criança não só para mim, mas também para ele.

– Hoje fiz besteira numa reunião de trabalho – conto, sentando na beirada da cama. – Uma reunião muito importante. Mostrei as imagens erradas. Foi um

desastre.

– Ah. – Sam esfrega os olhos outra vez. – Bom… e aí? Agora você está desempregada?

– *Não*.

– Então você vai resolver. Sempre resolve.

– E se eu não resolver?

Ele dá de ombros.

– Bom, logo a gente vai ter um filho. Se quiser, você pode ficar em casa.

– Você sabe que eu não quero! Ralei muito pra chegar aonde estou! – Ponho as mãos na cintura. – Além do mais, você sozinho não ganha o suficiente. A gente teria que começar a usar minhas economias.

– Eu ganho o bastante pra gente se virar.

– Não mesmo.

Sam me dá uma olhada. É raro ele demonstrar que se ressente do fato de eu ganhar duas vezes mais que ele ou de que tivemos que usar dinheiro do fundo para pagar o apartamento. Mas, às vezes, tenho a impressão de que isso o incomoda mais do que deixa transparecer.

Em todo caso, isso não faz com que eu me sinta melhor. Ando de um lado para o outro no quarto pequeno, o coração martelando no peito. Por que não consigo esfriar a cabeça? O que há de errado comigo?

– Você não tem um remédio pra dormir? – pergunta Sam. – Daquela época em que teve insônia?

– Talvez… – Acho que os comprimidos ainda estão no armário. – Mas isso foi muitos anos atrás. Já deve ter passado da validade.

Ele boceja.

– Talvez amanhã seja bom você ligar pra sua médica e pedir outra receita.

– Não quero depender de remédio pra dormir.

– É, você só quer passar a noite andando pelo apartamento.

Ele tem lá sua razão.

– Tudo bem, amanhã eu ligo pra médica.

Sam esfrega os olhos outra vez. Ele está muito sexy, com o cabelo bagunçado e a barba por fazer. Além disso, dorme sem camisa. Então, tem mais essa.

Consigo pensar em *uma* coisa que poderia me ajudar a relaxar…

– Escuta. – Volto para a cama, mas desta vez no lado em que Sam dorme. – Tá a fim de brincar…?

– Hã…

Faço cara feia para ele. A resposta não é sim?

Ele parece meio incomodado.

– Quer dizer, sim, claro que estou. Mas… bom, é que tenho uma palestra às oito da manhã e…

Ai, meu Deus, Sam está me rejeitando? Ele *nunca* me rejeitou! Nunca, em todos os anos de namoro e de casamento, ele recusou a proposta de transar. Nunca. No passado, já fiquei com peso na consciência porque houve vezes em que ele queria e eu o rejeitei (ironicamente) por causa de uma reunião na manhã seguinte. Mas Sam sempre topava. Mesmo quando tinha uma palestra de manhã cedo, sempre estava disposto a trocar sono por sexo. *Sempre*.

Por que não está mais interessado? Tem alguma coisa a ver com as mensagens que continua recebendo o tempo todo no celular?

– Tá bom – respondo, rolando para o outro lado. – Beleza.

– Desculpe, Abby.

Agora ele pede desculpas por me rejeitar. Se alguma coisa podia fazer com que eu me sentisse ainda pior, era isso.

– Não esquenta, Sam.

– Amanhã à noite – promete ele.

– Tá.

Ele passa um momento olhando para mim, depois balança a cabeça e apaga a luz. Rola para o lado, tentando voltar a dormir. Poucos minutos depois, o som de seu ronco baixo toma conta do quarto.

O celular de Sam está ligado à tomada e apoiado no parapeito da janela. Sei a senha dele de cor. Seria muito fácil ir até lá e xeretar as mensagens pra ver sobre o que ele e Monica andam conversando com tanto entusiasmo nas últimas semanas. Mas seria uma enorme traição da confiança dele.

Não posso fazer isso.

Ou posso?

Sam não está interessado em transar com a própria esposa. Não será um sinal de que há outra na vida dele? Com certeza tenho motivo suficiente para desconfiar.

Mas não posso fazer isso com Sam. Confio nele. Ele não me trairia. Não *mesmo*.

Ainda estou olhando para o celular dele quando, por fim, pego no sono.

VINTE

Hoje Monica tem uma consulta com a obstetra, e desta vez vou junto. De alguma forma, ela conseguiu agendar todas as consultas para momentos em que eu não poderia sair. Mas esta é de manhã bem cedo, e eu e Sam vamos de carro para lá, só para ter certeza de que não anotei o horário errado misteriosamente.

– Que bom que você conseguiu vir hoje – comenta Sam, a caminho do consultório da Dra. Wong, no norte da cidade. – Foi chato as duas últimas consultas não caberem na sua programação.

– É – resmungo. – Que pena que a Monica não tem acesso à minha agenda. Só que ela tem.

Sam me lança um olhar desconfiado.

– O que está querendo dizer?

– Que é uma coincidência, só isso.

Ele para no sinal vermelho.

– Acha que Monica marcaria as consultas de propósito em horários em que você não consegue ir?

– Não. – Porém estou insinuando *enfaticamente*. – Mas foi ótimo *você* ter conseguido ir a todas.

– Bom, minha agenda é um pouco mais flexível do que a sua.

É verdade, embora eu tenha a impressão de que ela fala com ele antes de agendar qualquer coisa. Por alguma razão, Monica quer que Sam compareça às consultas. Ele até a levou à mais recente. Depois, no trabalho, ela não parou de tagarelar sobre a habilidade maravilhosa dele de estacionar numa vaga minúscula. Sam deve ter tirado de letra.

– E essas mensagens que ela sempre te manda? São sobre o quê, afinal?

Sam empurra os óculos pelo nariz.

– Coisas de matemática.

– *Matemática*?

– É. Monica entende muito do assunto… Tem talento pra coisa. Sei que ela quer voltar pra faculdade pra estudar artes, mas estou tentando convencê-la a se formar em matemática. Ela conseguiria.

– E o que ela diz?

– Está pensando no assunto. – Um cara entra na frente de Sam e ele resmunga um palavrão, mas não buzina. – Ela quer se candidatar ao nosso programa, mas achei que seria esquisito porque… bom, você sabe.

– Nossa, você *acha*?

Sam dá um suspiro.

– Olha, vamos parar de falar da Monica. Tá?

– Claro. Do que você quer falar?

– Não sei. – Ele sorri para mim. – Que tal nomes de bebê? Não temos muito tempo pra decidir.

Não consigo deixar de sorrir também.

– Não vou aceitar Adam.

– Qual é o problema? Adam é um nome ótimo.

– Adam Adler? Tem muita aliteração. Parece a identidade secreta de um super-herói da Marvel.

– Que tal Jacob?

– Não. Eu namorei um Jake.

– E daí?

– Daí que seria esquisito!

– Tá bom. – Sam revira os olhos. – Que tal Richard?

– Também namorei um cara com esse nome.

– Matthew?

– Também namorei um Matthew.

Ele ri.

– Talvez seja melhor a gente pesquisar uns nomes internacionais pra encontrar um que você não tenha namorado.

– Tudo bem, mas não esquece que estudei um semestre na Itália.

– É, não quero saber os detalhes.

É meio estranho o fato de eu e Sam nunca termos conversado muito sobre nossos relacionamentos anteriores. Sei que ele teve outras namoradas antes de

mim – seria esquisito se não tivesse, já que só começamos a namorar com 20 e tantos anos. Se eu perguntava, ele dava uma resposta vaga sobre ser coisa do passado e depois questionava por que eu queria tanto saber. Ou fazia algum comentário do tipo: "Não foi nada importante." Isso me aborrecia, porque eu tinha medo de que um dia ele falasse assim de mim para uma futura namorada: "Meu namoro com Abby não foi importante."

É claro que, quando ficamos noivos, entendi que nosso relacionamento *era* importante para ele, então tirei essa preocupação da cabeça. Porém continuei curiosa sobre as namoradas anteriores de Sam. Talvez seja porque não consigo imaginar nenhuma terminando com um cara tão maravilhoso. Mas, ao mesmo tempo, é difícil imaginar o próprio Sam dispensando alguém. Não consigo visualizá-lo tendo essa conversa.

Chegamos ao consultório da Dra. Wong cedo o bastante para Sam encontrar uma vaga e caminhamos juntos até lá. Reparo que, a caminho do consultório, ele não pega minha mão como de costume. Mas imagino que esse compromisso não inspire ninguém a andar de mãos dadas.

Quando entramos na sala de espera, Monica já está lá. Ela se levanta ao nos ver, e fico de queixo caído. Em geral, ela se esforça para esconder a barriga quando está no trabalho, mas agora usa uma blusa de gestante azul com um cordão que se amarra logo abaixo dos seios grandes e… nossa, ela parece *muito* grávida. Isso não deveria me surpreender, já que está quase de sete meses, mas, nossa, que barrigão. Não existe a menor dúvida de que tem um bebê lá dentro.

O bebê de Sam.

Ao nos ver, o rosto de Monica se ilumina. Quando nos aproximamos, ela corre e joga os braços em volta dos ombros de Sam. Se eu já não estivesse boquiaberta, ficaria agora. Nem imaginava que a amizade dos dois incluía abraços. Sam não é muito de abraçar. Ele é bem carinhoso comigo, mas já reclamou que detesta demonstrações aleatórias de afeto de amigos e parentes.

– A única pessoa que eu quero abraçar e beijar é a minha mulher. E talvez a minha mãe.

E, pelo jeito, Monica também. Porque ele *não* tenta se soltar dela.

Monica acena para mim. Pelo jeito, não valho um abraço. Continuo encarando a barriga dela. Não consigo entender como pode estar tão grande. O que quer que ela esteja fazendo para escondê-la no trabalho é admirável, mas sem dúvida não vai funcionar por muito tempo.

Sam parece igualmente fascinado. Fica olhando para a barriga dela e, por fim, se sente obrigado a comentar:

– O bebê está ficando grande.

Ela faz que sim, empolgada.

– E ativo! Hoje ele chutou o dia inteiro.

Sam sorri.

– Ah, é? Deve ser impressionante.

– É, sim. – Monica também sorri para ele. – Vem cá, sente.

E pega a mão dele, colocando-a com firmeza no volume do abdômen. Em defesa de Sam, preciso dizer que ele fica sem jeito, mas não afasta a mão, deixando que ela a segure na barriga. Momentos depois, ele arregala os olhos.

– Ah, nossa! É sensacional!

– Né? – diz ela, rindo. – É como se o bebê sempre me fizesse companhia.

Monica solta a mão de Sam, mas ele não a tira do lugar. Continua com a palma encostada à barriga, sentindo o bebê se mexer. Está com um sorriso abobalhado.

– Abby – chama ele –, você tem que sentir!

Não quero tocar Monica assim como ela não quer que eu a toque. Por sorte, somos salvos por uma enfermeira que chama o nome dela.

Nós três vamos para a sala dos fundos, mas a enfermeira nos detém.

– Desculpem, mas só permitimos um acompanhante da gestante na sala durante os exames. É a nossa regra.

Que tipo de regra idiota é essa? Monica olha imediatamente para Sam, e a preferência dela fica óbvia.

– Abby, vai você – diz ele depressa. – Eu já participei das últimas duas vezes.

Monica aperta os lábios.

– Tem certeza?

– Tenho, tudo bem. – Ele abre um sorrisinho enviesado. – Eu espero lá fora. Senti o bebê, e essa é a melhor parte.

A caminho da sala de exames, Monica não me dirige a palavra, deixando claro que está irritada por eu ter entrado com ela em vez de Sam. Faz questão de andar vários passos à minha frente para não ter que olhar para mim. Quando chegamos à sala, ela me lança um olhar frio e diz:

– Você pode me dar licença pra eu mudar de roupa?

– Claro – respondo, sem lembrá-la de que não teve o menor problema com a minha presença quando trocou de roupa na primeira consulta.

Saio da sala, mas fica claro que Monica não vai me chamar de volta antes de a médica chegar. Por mim, tudo bem, porque a última coisa que quero é ficar dentro daquela sala com ela.

A Dra. Wong vem andando pelo corredor com o jaleco apoiado nos ombros. Ela me vê do lado de fora da sala e arregala os olhos, surpresa.

– Ah – murmura.

– Oi. – Aceno para ela sem ânimo. – Eu sou a Abby. Não sei se a senhora se lembra de mim da primeira consulta…

– Lembro, sim, claro. – Ela abre um sorriso forçado. – Desculpe, é que eu… não sabia que a senhora ainda estava participando.

Fico aturdida.

– Como assim?

– Bom… – Ela fica de bochechas coradas. – O marido da Monica veio com ela nas últimas duas consultas, então pensei…

– Marido… da Monica?

A Dra. Wong faz que sim.

– É, ele tem uns 30 e poucos anos, cabelo castanho, usa óculos, é… bem-apessoado…

– Sam?

Ela estala os dedos.

– Isso mesmo! Sam.

– Não, Sam é *meu* marido – corrijo.

– Ah! – Ela ri. – Bom, acho que isso faz mais sentido, não é? Mas eu poderia jurar que eles disseram que era o marido dela.

Quero dizer à Dra. Wong que ela entendeu mal, mas não consigo pronunciar as palavras. De repente, fico com uma sensação horrível na boca do estômago. Consigo imaginar Monica dizendo à médica que Sam é seu marido. Parece combinar com o comportamento recente dela. Mas Sam não colaboraria com essa farsa. Se a médica perguntasse para ele, Sam diria que não é marido de Monica. Ele a corrigiria.

Não é?

VINTE E UM

Quando Monica entra na minha sala hoje de manhã, trazendo café para mim, não há mais como negar: ela está visivelmente grávida. As pessoas no trabalho vão começar a perceber, se já não perceberam.

Não me admira. Agora são sete meses de gestação. É impressionante como ela conseguiu esconder esse tempo todo, mesmo com as escolhas criativas de vestuário. Ouvi umas secretárias implicantes no banheiro feminino cochichando que Monica precisa "pegar leve no chocolate". E ouvi outras fazendo piadas sobre quem seria o pai. Com certeza, o show acabou.

– Como está se sentindo? – pergunto, com cuidado.

– Meio cansada, mas em geral muito bem.

– Que bom. – Mordo o lábio, avaliando as próximas palavras com cautela. – Você, hã… quer sentar?

Monica me lança um olhar estranho, mas senta-se na cadeira à frente da minha. Eu me levanto e fecho a porta para podermos conversar em particular.

– Escuta – digo, ao voltar à cadeira de couro. – Tenho certeza que você percebeu que a gravidez está bem visível.

– Pois é.

Monica baixa a cabeça. Percebo pela primeira vez que, apesar de o cabelo dela ser preto como o meu, as raízes são claras. Um dos argumentos estratégicos que ela usou quando sugeriu ser minha barriga de aluguel foi nossa semelhança física, mas agora já não sei se ela é morena natural. Será que Monica tinge o cabelo de preto?

Por que faria uma coisa dessas?

Eu pigarreio.

– Então, conforme o nosso acordo, é hora de você pedir demissão. Posso começar a encontrar uma substituta pra você o quanto antes.

Os olhos dela se abrem de repente.

– Demissão?

– Isso mesmo – respondo, tensa. – Foi esse o acordo. Quando a barriga começasse a aparecer, você pediria demissão.

Ela passa um momento me encarando, boquiaberta.

– Isso é porque eu dei uma ideia melhor que a sua naquela reunião com a Aconchego?

Ai! Admito que guardei um ressentimento abrasador de Monica por causa daquela reunião. Desde então, Denise age como se ela fosse o novo prodígio da empresa. Nem me lembro da última vez que recebi esse tipo de mentoria da minha chefe. Na reunião de ontem, Denise disse a Monica que ela "ia longe" na Stewart Propaganda.

– Não é por causa disso – respondo com calma. – Esse foi o nosso acordo desde o começo, Monica.

– Mas não está no contrato.

– Como é que é?

– Não está no contrato – repete ela. – Eu disse que poderia pedir demissão, mas não assinei nada dizendo que pediria.

Agora é minha vez de encará-la.

– Mas a gente combinou…

Ela dá de ombros.

– É, mas mudei de ideia. Eu gosto daqui. Quero ficar.

Sinto como se ela tivesse me dado um soco no estômago. Não sei nem o que dizer. Esse era o nosso acordo e ela voltou atrás. O que provoca uma dúvida: em que mais ela vai mudar de ideia?

– Monica. – Tento manter a voz tranquila. – Se você continuar trabalhando aqui, posso me meter numa encrenca por causa do nosso acordo. Vai parecer que eu… te pressionei a fazer isso.

– Bom, talvez você devesse ter pensado nisso antes. – Ela levanta o queixo. – Não quero abrir mão do meu emprego, Abby. E não deveria ser obrigada a fazer isso.

Quero pular por cima da mesa e sacudir essa garota, mas seria uma péssima ideia por vários motivos. Não posso desagradar Monica. Muita coisa depende dela.

– Se é isso mesmo que você quer – digo com calma –, vamos dar um jeito de resolver. Podemos falar com o RH e explicar a situação. Desde que você me apoie quando eu disser que não te forcei a nada.

Observo a expressão de Monica. Estou morrendo de medo que ela se recuse a colaborar, mas os lábios dela se curvam num sorriso.

– Claro, Abby. Lógico.

Graças a Deus. Ainda assim vai ser um desastre colossal, mas talvez exista uma forma de amenizar os danos.

* * *

Não sei por que tenho tanta dificuldade para abrir envelopes. Considerando quanta correspondência em papel recebo todo dia, era de se esperar que eu tivesse adquirido uma habilidade razoável nessa tarefa. Mas parece que cada envelope que abro é uma chance de 25 por cento de fazer um corte feio no dedo.

Cadê o abridor de cartas que Sam me deu?

Dentro da primeira gaveta, onde em geral o guardo, só tem documentos. Remexo os papéis, tentando encontrá-lo. Nossa, minha mesa está uma bagunça. Sempre fui muito organizada, mas agora a superfície da minha mesa virou um furacão de papéis. Não sei como é que deixei isso acontecer. Ando com tanta coisa na cabeça…

Ainda estou procurando o abridor de cartas quando Denise entra na sala sem bater na porta. A expressão dela me perturba. É verdade que Denise sempre parece meio irritada comigo, mas, no momento, está com uma mancha rosada em cada bochecha e veias saltadas no pescoço.

– Abigail – diz, enquanto uma daquelas veias pulsa.

Tomara que ela não sofra um aneurisma bem na minha frente. Bom, é o que eu espero, em parte.

– Sim? – respondo. – O que foi, Denise?

Ela olha para mim de cara feia.

– Gostaria que me explicasse o que significa este e-mail que recebi.

Ela levanta o celular na minha direção e eu o pego. Reconheço na mesma hora um e-mail que *pensei* ter mandado para Shelley, pedindo a opinião dela a respeito do último texto que redigi para a Aconchego. Só que, por acidente, acabei mandando a mensagem com cópia para Denise Holt.

Além disso, escrevi o seguinte prefácio à mensagem: *Me diz o que você acha. É claro que não importa o que eu faça, a Denise vai ser escrota de novo e me obrigar a refazer tudo.*

– Hã… – gaguejo.

Ah, fantástico. Chamei minha chefe de escrota num e-mail e o encaminhei sem querer para ela. De todas as burradas que fiz nos últimos tempos, essa deve ser a cereja do bolo.

Denise arranca o celular da minha mão, põe as mãos fechadas na cintura e me encara, esperando uma explicação. O rosto dela está visivelmente vermelho por baixo do corretivo. Fico pensando quantos anos Denise tem. Eu e Shelley discutimos isso inúmeras vezes e não conseguimos descobrir. Ela parece ter 40 e tantos, mas já aparentava essa idade quando começamos a trabalhar aqui, dez anos atrás. Então… 50 e tantos? Sessenta? Setenta? Quem é que sabe?

– Sinto muito – digo, tentando soar o mais sincera possível, considerando que falei muito sério quando escrevi aquilo para Shelley. – Eu estava só descarregando a tensão e… bom, é óbvio que não era pra você ver.

– Então você não tinha a intenção de me mandar um e-mail me chamando de escrota?

Baixo os olhos. Será que ela vai me demitir? Ah, meu Deus, não posso ser demitida logo agora. Nem nunca. Não existe época boa para ser demitida.

E aí, quando parece que a situação não tem como piorar, Sonia Watson, do departamento de Recursos Humanos, bate na porta da sala. No começo, tenho certeza de que foi Denise quem a chamou aqui para entregar meu aviso de demissão, mas logo fica óbvio que ela nem imaginava que Sonia viria.

– Oi, Abby – diz Sonia, juntando as mãos na frente do corpo. – Denise. Que bom que as duas estão aqui. Será que podemos conversar na sala de reunião?

Meu estômago se revira. A Sonia do RH quer falar comigo e com Denise ao mesmo tempo na sala de reunião? Esta manhã está cada vez pior.

Denise estreita os olhos. Não gosta de surpresas.

– Do que se trata?

Sonia alisa a saia-lápis cor de creme.

– É melhor vocês virem comigo.

Sinto que estou seguindo Sonia rumo à minha execução. E me sinto ainda pior ao ver ninguém menos que Monica Johnson já sentada na sala de reunião. Pela primeiríssima vez, ela está usando roupa de gestante no trabalho. Está com uma blusa azul-clara que cinge a região abaixo dos seios e se abre confortavelmente por cima da barriga volumosa. Na verdade, está linda.

Denise arregala os olhos ao vê-la. Seria cômico se não fosse tudo tão, tão horrível.

– Monica – sussurra ela. – Você está… grávida?

– Estou, sim.

Denise deve estar furiosa, já que decidiu colocar Monica sob sua proteção e, como sabemos, ela detesta gestantes, crianças e provavelmente também animais, flores e a neve no Natal.

– Por favor, sentem – diz Sonia, para mim e para Denise.

É óbvio que Denise está muito confusa. É interessante vê-la abalada assim, porque ela nunca perde a compostura.

– Do que se trata, Sonia? Agora precisamos nos reunir pra discutir gestações?

– Não precisamos, não – responde Sonia, ajeitando as tranças nagô, constrangida. – Mas devemos nos reunir pra conversar sobre as circunstâncias da gestação da Monica.

Denise lança olhares frenéticos ao redor, tentando entender.

– Circunstâncias?

Sonia meneia a cabeça, confirmando.

– Fui informada de que Monica e Abby fizeram um acordo. Monica está atuando como gestante substituta pra Abby, que vai adotar o bebê.

A expressão de surpresa no rosto de Denise é absolutamente impagável. Queria tirar uma foto. Eu não conseguiria imaginá-la mais abalada do que ficou quando a chamei de escrota, mas aí está. É, foi bom trabalhar aqui.

– Abigail – sussurra ela, arfando. – Você… você…

– O acordo não tem nada a ver com a empresa – digo, com a voz espantosamente firme, já que tenho mais ou menos 80 por cento de certeza de que vão me demitir. Ou melhor, 95 por cento. – Foi algo que eu e Monica combinamos fora do trabalho, e assinamos um contrato.

– Pode até ser verdade – diz Sonia –, mas, considerando que Monica é sua assistente, isso a coloca numa posição delicada pra aceitar qualquer tipo de acordo.

– Ela não trabalha pra mim – argumento. – Não pago o salário dela. Nem fui eu que a contratei.

– Mas ela é sua assistente – responde Sonia.

– Esse é o título do cargo dela, sim. Mas na prática…

– Não consigo acreditar – diz Denise de uma vez. – Como é que você pôde forçar Monica a fazer uma coisa dessas, Abigail?

Todas na sala me encaram. Estou sem palavras. Poderia argumentar que Monica pediria demissão antes de chegarmos a esse ponto, mas acho que não ajudaria em nada.

– Monica – diz Denise com delicadeza.

Acho que, em todo esse tempo desde que a conheci, ela nunca falou comigo nesse tom tão simpático.

– Sinto muito pelo que Abigail fez com você – continua ela. – Se tiver alguma coisa que a empresa possa fazer…

– A ideia foi minha – declara Monica de repente.

Sonia pisca algumas vezes, surpresa.

– O quê?

– Foi ideia minha ser substituta da Abby – explica Monica, e cruza as pernas devagar, acomodando o peso da barriga. – Fiquei muito triste por ela depois de tudo o que aconteceu, então me ofereci pra ajudar. Ela não me pediu nada. Quer dizer, como vocês sabem, faz tempo que ela está tentando ter um filho…

– Mesmo assim foi inapropriado – retruca Denise, os olhos faiscando de raiva.

– Eu pedi pra uma advogada revisar o contrato – diz Monica. – Nosso acordo é muito justo. Como eu disse, a ideia foi minha. Eu queria fazer. Abby não me forçou de jeito nenhum. Ela não deveria ser castigada por uma ideia minha.

Sonia e Denise se entreolham, mas não sei o que isso quer dizer. No entanto, estou começando a ter um minúsculo fio de esperança de não perder meu emprego hoje.

– Monica – diz Sonia com cuidado –, não precisa defender a Abby.

– Só estou dizendo a verdade. – Ela levanta o queixo. – Se vocês vão demitir alguém hoje, sou eu quem vai embora.

Nossa. Por essa eu não esperava.

– Não vamos demitir ninguém hoje – responde Sonia depressa.

Denise lança a ela um certo olhar. Está claro que adoraria se despedir de mim para sempre. E ficar com Monica.

Às vezes tenho medo de que Sam também se sinta assim.

– Sinto muito por tudo isso – digo. – Sinceramente, não tive a intenção de envolver a empresa no nosso acordo.

– Não teve a intenção de envolver a empresa! – exclama Denise. – De onde você tirou que…

Sonia levanta a mão.

– Se Monica insiste que o acordo foi feito de forma justa e estiver disposta a assinar documentos atestando isso, acho que é melhor pra todas nós encerrar o assunto. Monica, você aceitaria assinar esses documentos pra mim?

Ela põe a mão na barriga num gesto protetor.

– Claro.

Denise me olha como se quisesse me estrangular com as próprias mãos. Este talvez não seja o melhor momento para discutir minha licença-maternidade.

VINTE E DOIS

– Então parece que Monica salvou a pátria.

Olho feio para Sam, que está usando o avental com a piada de matemática e tentando fazer almôndegas. Ele as colocou numa panela no fogão e está cozinhando tudo em molho de tomate, mas com um cuidado exagerado. Levanta a tampa da panela a cada trinta segundos para mexer as almôndegas.

Enquanto ele cozinhava, contei a história completa do que aconteceu hoje, quando fui chamada pelo RH graças a Monica. Mas parece que ele não entendeu.

– É, ela "salvou a pátria" – admito. – Mas não teria que salvar nada se tivesse pedido demissão como deveria. Acabou virando uma encrenca enorme pra mim. A Denise *me odeia*.

Um sorriso aparece no canto dos lábios de Sam.

– Talvez você não devesse ter mandado um e-mail chamando ela de escrota.

Dou um gemido. As pessoas nunca vão esquecer isso. Contei para Shelley o que aconteceu e ela não conseguia parar de rir. Não tem a menor graça. É a minha *carreira*. Talvez tenhamos dinheiro suficiente para vivermos sem o meu salário, mas isso não significa que quero abrir mão de tudo aquilo por que batalhei.

– Só acho que é um mau sinal – explico. – Se ela voltou atrás no que combinamos sobre o trabalho, no que mais vai mudar de ideia? Entregar o bebê pra gente?

Sam abre a tampa e espia as almôndegas.

– Ela não vai fazer isso.

– Como é que você sabe?

– Ela disse que no momento quer se concentrar na carreira. E pode ser que volte a estudar à noite, no fim das contas. Talvez artes ou matemática… quem sabe as duas coisas. De um jeito ou de outro, ela não vai conseguir fazer isso com um bebê.

Olho para Sam, estreitando os olhos.

– E quando foi que ela te disse tudo isso?

O sorriso desaparece dos lábios dele, e Sam logo volta a se ocupar da panela.

– O quê?

– É que parece que você sabe muito sobre os planos dela pro futuro, só isso.

Sam mexe num botão do fogão.

– A gente saiu pra almoçar uns dias atrás.

Ah, que ótimo. Meu marido está almoçando com uma mulher jovem e atraente que por acaso está grávida do filho dele. E não me contou.

– Você planejava me contar, *Sammy*?

– Não foi nada de mais – resmunga ele.

– Então por que não me contou?

– Porque eu sabia que você ia criar caso. – Ele balança a cabeça. – Olha, Monica está num ponto crucial da carreira dela e eu quero ajudar, sabe? Isso é parte do meu trabalho… aconselhar os alunos.

– É, mas ela não é sua aluna! Ela trabalha na *minha* empresa. Não acha que, se Monica precisasse mesmo de conselhos, viria falar *comigo*?

Ele baixa o olhar.

– Acho que você a intimida um pouquinho.

– Eu a *intimido*?

– É, foi isso que Monica disse.

– Ai, meu pai do céu. – Reviro os olhos. – É esse tipo de asneira que ela anda falando pra você?

– Não é asneira. Você *sabe* intimidar, Abby.

– Ah, sério? Eu intimido *você*?

– Na primeira vez que te vi, intimidou, sim – admite ele, e abre um sorriso enviesado. – Você estava com aquela roupa de executiva, a saia preta combinando com o casaco curto, e o cabelo preso naquele coque todo elaborado. Estava *tão* sexy. Me deixou muito nervoso. Eu não sabia nem o que estava falando.

Acabo abrindo um sorriso.

– Você começou a falar de matemática.

– Eu sei, é o que faço quando fico nervoso. Achei que ia fazer o maior papel

de bobo. Nem acreditei quando você aceitou jantar comigo. Quase não tive coragem de te convidar.

Minha raiva começa a se dissipar.

– Que bom que você convidou.

– Pois é. – Ele levanta a tampa da panela mais uma vez e tira uma almôndega com o garfo. – Quer experimentar?

– Hã, você primeiro.

Ele leva a mão livre ao peito, fingindo choque.

– Está com medo de experimentar minhas almôndegas?

Dou uma espiada na bola torta e cinzenta espetada no garfo.

– O que você colocou nelas?

– Bom, carne moída, claro. Hã… migalhas de pão, queijo parmesão, um ovo…

Migalhas de pão, queijo parmesão e um ovo. Como ele conseguiria estragar essa receita? Aproximo o rosto e dou uma mordida na almôndega no garfo. E…

– Sam! – grito. – Tem casca de ovo no meio!

– Tem? – Ele olha para a almôndega, confuso, e dá uma mordida hesitante. – Ah. Tem mesmo. Saco.

Ele olha para a panela de almôndegas, cabisbaixo. Quero dizer que estou disposta a comê-las mesmo assim, mas não estou. Não é nada agradável comer almôndegas crocantes. Nem mesmo para poupar os sentimentos do meu marido. Além disso, tenho quase certeza de que ele também não quer comer.

– Pizza? – sugiro.

Ele suspira.

– Pode ser.

Mas, antes que eu consiga pegar meu celular, Sam segura minha mão.

– Escuta – chama ele.

– Que foi?

Ele olha nos meus olhos.

– Eu só queria dizer… desculpa. Não devia ter ido almoçar com a Monica.

– Ah…

Ele afaga minha mão.

– Eu pensei… Bom, quando ela me convidou, não achei que fosse nada de mais. Sinceramente, Monica está fazendo tanto por nós que achei que devia uma pra ela. Mas, quando cheguei lá, percebi que tinha sido um erro. Sabia que você ia ficar magoada se descobrisse, e fiquei com a consciência pesada. Me senti um babaca.

Sam é muito bom em pedir desculpas. E é mais severo consigo mesmo do que eu seria com ele.

– Tudo bem – respondo. – Tem razão, não foi nada de mais. Quer dizer, foi só um almoço.

– Não vai se repetir. Prometo.

E agora sou eu que fico com a consciência pesada por pegar no pé dele.

– Está tudo bem.

Devo estar criando caso demais por tudo isso. É só um almoço, não um caso. Sam não faria uma coisa dessas. Se existe uma coisa da qual tenho certeza, é que meu marido não trai. E ele tem razão: hoje Monica me defendeu e salvou meu emprego. Se ela quisesse, eu estaria tirando minhas coisas do escritório agora mesmo. Acho que não é loucura ela querer continuar no emprego. Aos 23 anos, é normal mudar de ideia sobre o rumo da carreira.

Vai dar tudo certo.

VINTE E TRÊS

– Toc, toc!

Olho para a porta da minha sala e vejo um rosto me espiando. Levo um instante para reconhecer Gertie, minha antiga assistente. Ela não vem aqui desde que caiu daquela escada e fraturou o quadril. Gertie entra mancando no escritório, carregando um prato de cookies com gotas de chocolate cujo aroma consigo sentir do outro lado da sala. Está com uma bengala na outra mão e se apoia nela com força.

Tenho saudade dos cookies de Gertie. Tenho saudades dela. Saudades de ter uma assistente que não pareça estar tentando conquistar meu marido. E daí se ela não sabia usar a máquina de fax e às vezes ficava confusa ao telefone? No momento, eu daria meu braço direito por outra Gertie.

– Como vai, Abby? – Ela sorri para mim por cima do prato de cookies. – É tão bom te ver de novo! Pelo jeito você está trabalhando a todo vapor!

Estou mesmo. A esta altura, não posso me dar ao luxo de fazer mais nenhuma burrada. Tenho chegado cedo, almoçado na sala e ficado até mais tarde do que qualquer outra pessoa. Ainda está meio difícil me concentrar, já que meu sono continua ruim, mesmo com a nova receita de sonífero, mas estou fazendo o melhor que posso.

– Pois é – respondo. – Fazer o quê? Sem você estou perdida, Gertie.

Ela adota uma expressão meiga.

– Eu soube do que aconteceu. Sobre, sabe… a adoção. Sinto muito. Deve ter sido horrível.

– Foi – concordo.

Se ao menos Janelle não tivesse mudado de ideia… Já estaríamos com nosso bebê e eu provavelmente estaria tão exausta quanto agora, mas seria um cansaço gostoso.

– Mas estou bem. A gente vai… hã… adotar de outra pessoa.

Não é preciso entrar em detalhes.

Ela deixa o prato de cookies na mesa e junta as mãos.

– Ah, que notícia ótima! Você vai ser uma mãe maravilhosa, Abby.

– Obrigada. – Consigo abrir um sorriso. – Enfim, senta. Como está o seu quadril?

Gertie senta com cuidado na cadeira à minha frente e apoia a bengala na mesa.

– Tem dias bons e dias ruins. Já consigo andar, e é isso que importa.

– Com certeza. Você está com uma cara ótima.

Ela ri e ajeita as mechas de cabelo branco.

– Ora, bondade sua.

– Tem alguma chance de você voltar?

Desta vez, ela joga a cabeça para trás ao rir, como se eu tivesse contado uma piada engraçadíssima. Só que não foi piada.

– Ah, acho que não, Abby. Cansei de viver na correria. Chega de correr pra cumprir prazos e ser empurrada da escada.

Começo a dizer outra coisa, mas as palavras dela me detêm.

– Empurrada da escada?

Ela abana a mão.

– Estou só brincando. É claro que foi um acidente.

– Mas… – Seguro as bordas da cadeira, o coração acelerado. – Alguém te empurrou da escada?

– Não, não! – Ela balança a cabeça. – Tinha muita gente na escada e… bom, *pareceu* ter sido um empurrão, mas é óbvio que foi um acidente. Quem ia empurrar uma velhinha como eu?

Talvez alguém que quisesse o emprego dela.

Encaro Gertie boquiaberta. Sei que ela acha tudo isso uma grande piada, mas não tenho lá tanta certeza. Ela disse que foi como se alguém a tivesse empurrado da escada. E, logo depois do acidente, Monica chegou para tomar o lugar dela.

Só pode ser uma coincidência.

Tem que ser.

– Abby, você está bem? – pergunta Gertie. – Está tão pálida! Anda comendo cookies suficientes?

– Hã, acho que não.
– Bom, pega um! Fiz esse prato todo pra você. E pro seu marido bonitão.
Certo. Para mim e para o meu marido bonitão.
Estendo a mão e pego um cookie. Tem gosto de papelão.

VINTE E QUATRO

Estou no banheiro feminino, passando corretivo extra debaixo dos olhos. Completamente exausta, porque na semana passada não tomei o sonífero. Esta semana vão fazer os exames toxicológicos anuais na empresa e eu não queria que houvesse a menor chance de aquela substância ser detectada. Tenho a receita assinada pela médica e tudo mais, mas não vou dar a Denise nenhum pretexto para se livrar de mim.

Estou com uma aparência bem cansada. É como se fosse dez anos mais velha. Hoje de manhã, Sam entrou no banheiro enquanto eu escovava os dentes e, quando me beijou, fiquei imaginando como é que pode me achar atraente se existe uma versão de mim mais jovem e mais bonita mandando mensagens para ele a cada cinco minutos. Mas não vou dizer nada. É melhor não pôr ideias na cabeça dele.

Shelley entra enquanto estou me maquiando. Arregala os olhos.

– Abby, você está bem?

Fecho o estojo de pó compacto com um estalo.

– Estou bem, sim.

– Você está com uma cara *bem* cansada.

– Nossa, valeu.

Ela estremece.

– Desculpe. Não falei por mal.

Sinto os ombros murcharem.

– Não, desculpe pela resposta atravessada. É que… está difícil.

Isso é que é eufemismo. A barriga de Monica começou a aparecer de verdade

nas últimas semanas, e todo mundo está tendo ataques de fofura por ela. Só umas poucas pessoas conhecem a história completa sobre a barriga de aluguel. Notei que ela não oferece essa informação, e é melhor assim. Tenho certeza de que vou ganhar vários olhares esquisitos quando a verdade se revelar.

Mas a boa notícia é que a gravidez logo vai acabar, e depois não vou mais precisar lidar com Monica. Se precisar, eu saio da empresa. Afinal, não vou conseguir uma ascensão rápida com Denise como chefe. Talvez eu simplesmente fique em casa com o bebê. Pelo menos, dinheiro não vai faltar.

– Tudo bem – diz Shelley. – Eu entendo. E a Monica… bom, o comportamento dela anda estranho. Não te julgo por estar preocupada.

Franzo a testa para ela.

– Comportamento estranho?

– Bom… – Ela hesita. – Eu não queria falar nada…

– Ai, meu Deus, por favor, fala de uma vez.

– É que… sei que é constrangedor pra ela admitir que vai entregar o bebê pra adoção, mas quem fala com a Monica nem consegue imaginar. Ela age como se fosse ficar com o bebê.

Sinto um nó na garganta.

– Como assim?

Shelley baixa um pouco a voz.

– Tipo, ouvi ela conversando por um bom tempo com a Mia sobre nomes de bebê. Monica disse que já tinha praticamente decidido chamar o filho de David.

A frase me atinge como um soco no estômago. David é uma das opções preferidas de Sam: era o nome do pai dele. Ele vem insistindo nesse nome, embora eu tenha dito que namorei um David que era meio babaca.

– E depois ela foi pedir conselhos pra Lucy a respeito de berços – continua Shelley. – Tipo, elas discutiram o assunto a sério. Entraram num site e tudo mais.

– As pessoas… acham que ela é casada?

Shelley balança a cabeça.

– Ouvi Monica dizer pra alguém que está num namoro sério.

Namoro sério? De jeito nenhum. De uma coisa eu tenho certeza: Monica não está namorando. Para começar, Chelsea, a amiga com quem ela mora, disse que ela não estava e…

Chelsea.

Uma ideia se infiltra na minha mente. Talvez eu deva ligar para Chelsea. Ela pareceu bem simpática e ficou claro que conhece Monica muito bem. Talvez me dê uma noção de qual é o plano da amiga. Por exemplo, ela poderia me dizer se o

apartamento de Monica está cheio de utensílios para bebês ou se ela anda fazendo comentários inapropriados sobre Sam. Chelsea pode hesitar em trair a amiga, mas sei como ser bem persuasiva. Talvez eu crie um contexto em que estou tentando ajudar Monica.

– Desculpe. – Shelley se encolhe ao ver minha expressão. – Não devia ter dito nada. Você já tem muito com que se preocupar sem mim pra enfiar ideias na sua cabeça.

– Não, é bom saber – respondo. – Se o plano da Monica é nos deixar na mão, quero saber com antecedência.

Tenho que ligar para Chelsea.

* * *

Espero até chegar em casa para ligar para Chelsea, lembrando que Shelley disse ter visto Monica escutando as conversas atrás da porta da minha sala. Além disso, não tenho o número do telefone da garota à mão. Por sorte, Sam guarda todos os nossos documentos na segunda gaveta da mesa dele e é absurdamente organizado. Arquivou tudo a respeito de Monica numa pasta com o título "Monica Johnson." O telefone de Chelsea ainda está lá.

Entro no quarto enquanto Sam está fazendo o jantar e teclo o número no celular. Meu coração acelera quando aperto o botão verde para completar a ligação.

Antes mesmo de o telefone tocar do outro lado, ouço uma mensagem automática:

– Esse número foi desativado.

Fico olhando para o celular. O telefone de Chelsea não funciona mais. Que… interessante.

Sam entra no quarto com o avental de matemática salpicado de molho *pesto*. Também tem um pouco de molho no queixo, e acho que ele nem sabe. Parece estar muito orgulhoso de si mesmo.

– O jantar está servido – anuncia.

Não me mexo.

– Desta vez eu experimentei – afirma ele. – E garanto que está comestível. Eu juro.

Não consigo nem abrir um sorriso.

Sam franze a testa e olha para o celular na minha mão.

– Com quem você estava falando?

– Com a Chelsea, que mora com a Monica. Ou, pelo menos, tentei falar. O

celular dela está desativado.

– Ah.

– É esquisito, você não acha?

Sam dá de ombros.

– Vai ver ela esqueceu de pagar a conta.

Pode ser. Mas, por algum motivo, acho que não.

– Enfim, por que você ligou pra amiga da Monica? – pergunta ele.

– Porque sim. – Eu me remexo na cama. – Shelley me disse que a Monica está falando do bebê como se pretendesse ficar com ele. Ela até já escolheu um nome.

– Ah, é? Qual?

– David.

Ele sorri para mim.

– Opa, ela tem bom gosto!

Olho para ele, irritada.

– Acho que você não está levando a situação a sério. É do *nosso* bebê que estamos falando. Não tem graça nenhuma.

Sam senta ao meu lado na cama, me olhando com aquele olhar gentil.

– Desculpe. Não tem graça, você tem razão. Mas eu sinceramente não acho que exista alguma chance de a Monica ficar com o bebê. É só conversa fiada.

Só conversa fiada. Ele parece estar muito seguro de si, mas não sinto a mesma confiança.

– Escuta – digo.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Você disse pra Monica que queria chamar o bebê de David?

– Hã… – As orelhas dele ficam avermelhadas. – Acho que eu… devo ter comentado com ela.

– Entendi. Achei que você tinha dito que só falava com ela sobre *desenvolvimento profissional*. – Cruzo os braços. – E aí, sobre o que mais vocês conversam?

– Olha, ela está grávida do meu filho. Estranho seria *não* conversar com ela sobre isso.

Baixo o olhar.

– O *seu* filho.

– Eu quis dizer *nosso* filho.

– Então por que não disse?

– Não sei… é que… escapou.

– Porque é assim que você pensa. Que é o *seu* filho.

Sam passa a mão pelo cabelo.

– Abby, não esquece que tudo isso foi ideia *sua*. Eu queria adotar, lembra?

– Na verdade, foi ideia da Monica.

– Tudo bem.

Ouço a raiva crescente na voz de Sam quando se levanta da cama. É raro ele ficar zangado.

– Monica é a vilã – acrescenta ele. – Ela é terrível.

Olho para meu marido com o cabelo alvoroçado e a barba sexy por fazer. Faz uma semana que não transamos, o que deve ser um recorde para nós. Ando muito estressada com o trabalho e ele não tem tomado a iniciativa. E agora, ao olhar para ele, sei que também não vamos transar hoje.

– Você quer jantar ou não? – pergunta Sam, impaciente.

Faço que sim e vou com ele para a sala.

VINTE E CINCO

Preciso encontrar Chelsea Williams.

Ligar para ela é obviamente impossível, já que o telefone não funciona mais. Mas ela mora com Monica. Enquanto subo de elevador até minha sala, penso em procurar o endereço delas no computador e fazer uma visitinha a Chelsea. Talvez eu faça isso na hora do almoço, quando tenho certeza de que Monica não vai estar por perto.

Porém, quando estou a caminho da sala, encontro Denise parada na porta com uma expressão sombria no rosto.

Meu Deus do céu, o que foi agora?

– Abigail – diz ela em tom ríspido. – Posso falar com você na minha sala?

– Agora? – pergunto.

Ela me olha como se eu fosse idiota.

– Isso mesmo, agora.

Acompanho Denise sem dizer uma única palavra. O salto dos sapatos dela estala no piso, ecoando pelo corredor silencioso. Olho ao redor e vejo que todos parecem nos encarar. O que está acontecendo?

– Senta, por favor – diz Denise, indicando a cadeira em frente à mesa dela.

Eu me acomodo, o coração agora martelando com força no peito. Não tem como essa conversa trazer boas notícias. Com certeza ela não vai me dizer que acabei de receber uma promoção e um belo aumento de salário.

– Como você sabe – começa ela, os olhos cravados no meu rosto –, ontem fizemos o exame toxicológico de urina de todos os funcionários. Hoje de manhã fui informada de que o seu exame indicou a presença de metanfetaminas.

O meu… *Quê*?

– Isso… isso só pode ser um engano – sussurro.

– É mesmo? – Denise me encara, arqueando as sobrancelhas. – Seu comportamento tem sido cada vez mais errático nos últimos meses. Já faz algum tempo que desconfio de um envolvimento com drogas. Isso apenas confirma a minha suspeita.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Como podem ter encontrado *metanfetamina* na minha urina? Não é possível! Eu não uso metanfetamina. Não sei nem *como* usar! É de cheirar? Fumar? Mastigar? Bater no liquidificador com banana e iogurte?

A única coisa que tomei nos últimos tempos foi um sonífero de vez em quando. Mas não tomo nada há uma semana… Além do mais, tenho certeza de que o remédio não contém metanfetamina. Não faria o menor sentido.

– Eu não uso metanfetamina – murmuro. – É um grande engano.

Denise revira os olhos.

– Bom, em todo caso, as leis do estado de Nova York nos permitem definir nossa própria política diante de exames toxicológicos positivos, e a da Stewart é de tolerância zero. Portanto, a partir deste momento, você está demitida.

Eu… fui demitida?

Não dá para acreditar que isso está acontecendo. Nunca usei drogas na vida. Nunca sequer fumei um baseado! Sou careta demais para isso. Sei que existem boatos de que as pessoas no mundo dos negócios usam cocaína e de que há uma epidemia de opioides, mas nunca usei nada disso! Que inferno, nunca fumei nem um cigarro comum.

– Eu juro pra você – digo, com a voz embargada – que nunca fiz isso… nem nunca faria… Você *me conhece*, Denise…

– Será?

A mulher que me contratou logo que terminei a faculdade, mais de uma década atrás, levanta as sobrancelhas outra vez.

– Eu te dei uma oportunidade espetacular, Abigail. Depositei minha confiança em você. Foi você quem decidiu jogar tudo pro ar. – Por um momento, a voz dela falha. – Estou muito, muito decepcionada.

Relembro o dia em que atendi a um telefonema da própria Denise Holt dizendo que eu seria sua nova assistente. Assim que desliguei, comecei a pular pela sala e gritar feito louca. Ela era meu ídolo. E, naqueles primeiros anos, foi muito boa comigo. Ela me ensinou tudo o que sabia. Não apenas sobre publicidade, mas sobre a vida. Ouviu quando admiti que o relacionamento com

meu namorado matemático estava ficando sério.

– Ele parece um partidão, Abigail – disse ela.

Denise me ensinou a me vestir, sorrir e ser autoconfiante.

Ainda me lembro de estar no banheiro feminino com ela, nós duas rindo feito garotinhas enquanto eu tentava prender o cabelo num coque banana. Duvido que muita gente além de mim tenha visto esse lado de Denise Holt. Eu não o vejo há anos.

– *Por favor*, Denise. – Estou prestes a me ajoelhar. – Você tem que acreditar em mim.

Quando ela ergue o olhar, aquele vislumbre de emoção desapareceu.

– Sinto muito, Abigail.

Vou ter que passar por cima de Denise. Vou precisar falar com a chefe *dela* e descobrir se existe alguma coisa que eu possa fazer. Mas não vai ser agora, porque um segurança chegou para me escoltar para fora do prédio. Não me deixam nem voltar à minha sala. O segurança me leva diretamente até o elevador, na frente do escritório inteiro. Ouço as pessoas cochichando.

Todo mundo já sabe.

Neste momento, percebo que nunca mais vou poder voltar à Stewart Propaganda. Minha reputação está irremediavelmente arruinada. E que tipo de emprego vou conseguir com essa mancha no meu currículo?

Assim que saio do prédio, chamo um táxi para voltar para casa, apesar de em geral pegar o metrô. Preciso de um táxi. Não vou conseguir segurar o choro durante o trajeto demorado do metrô. Assim, passo todo o caminho para casa soluçando no banco de trás. O taxista não comenta.

Ao chegar em casa, ouço o chuveiro ligado no banheiro. Sam ainda deve estar em casa. Graças a Deus. Preciso conversar com alguém. Ele vai saber o que fazer.

Sam sai do banheiro com os cabelos ainda molhados do banho e o rosto liso, cheirando a loção pós-barba. Os olhos dele se alegram ao me ver.

– Abby! O que está fazendo em casa?

Ele leva mais meio segundo para perceber as lágrimas nos meus olhos vermelhos e inchados. Atravessa a sala correndo até mim, franzindo a testa.

– O que foi? O que aconteceu?

Antes que eu consiga responder, ele acrescenta:

– A Monica está bem?

– A *Monica* está bem? – repito, quase gritando com ele. – Essa é a primeira pergunta que você faz quando me vê chorando?

– Bom, eu… é que eu achei… – O rosto dele fica vermelho-vivo enquanto

gagueja. – Achei que fosse alguma coisa com o bebê…

– Não, Monica está ótima – retruco. – O bebê também. Mas eu…

Ele franze ainda mais a testa, me olhando de cima.

– O que foi?

– Eu… fui demitida! – Começo a soluçar.

Sam me abraça, embora eu esteja manchando sua camisa social com lágrimas e muco. Ele parece não se importar. Continua a me abraçar até meus ombros pararem de tremer.

– Essa Denise é inacreditável – diz ele. – Você precisa lutar. Processá-los por danos morais. Que mentira usaram como pretexto pra te mandar embora?

Eu me solto do abraço, enxugando os olhos.

– Apareceu metanfetamina no meu exame toxicológico.

Sam fica boquiaberto. Solta meu ombro e dá um passo para trás.

– *Quê*?

– Denise me contou hoje cedo. Fizeram uns exames de urina ontem e, ao que parece, o meu deu positivo para metanfetamina.

Ele recua mais um passo, balançando a cabeça.

– Você não pode estar falando sério.

Ai, meu Deus, ele acha que eu estava mesmo usando metanfetamina? Não é possível.

– É um falso positivo, Sam. Eu não uso metanfetamina!

Mas ele não diz nada. Só continua me encarando.

– Sam! – Meu coração acelera. – Você acha mesmo que eu sou viciada em metanfetamina?

– Não… – Ele estreita os olhos por trás dos óculos. – Mas… você precisa admitir que isso explica muito do seu comportamento nos últimos tempos. O jeito como você anda pra lá e pra cá toda noite. A paranoia.

– É, mas a insônia é por causa do estresse. – Faço cara feia para ele. – E eu não estou paranoica.

– Está, sim.

– Não estou, não!

– Abby. – Ele balança a cabeça de novo. – Ontem à noite você passou um tempão reclamando porque tentou entrar em contato com a amiga da Monica e não conseguiu. Você achou que estava acontecendo alguma coisa terrível.

– Você não acha isso nem um pouco suspeito?

– Não acho, não! E você não consegue acompanhar a data de nenhuma das suas reuniões. Confundiu os horários dos exames da Monica. Além disso, está

sempre dizendo que ela está tramando alguma coisa…

– Ela quase provocou a minha demissão!

– Não. – Ele recua outro passo. – *Você* provocou a sua demissão.

Meu estômago se revira.

– Sam, eu te juro: não estou usando metanfetamina.

Ele não responde.

– Por favor. – Meus olhos começam a lacrimejar mais uma vez. – Você precisa acreditar em mim. Você é meu marido. Se *você* não acreditar em mim…

Sam pisca algumas vezes.

– Eu… preciso ir trabalhar, Abby.

– Você acredita em mim?

Ele solta um suspiro demorado.

– É, acho que sim.

Tento me aproximar mais uma vez, mas ele se afasta. É óbvio que, apesar do que disse, não acredita em mim de verdade. Meu próprio marido acha que sou viciada em metanfetamina.

VINTE E SEIS

Passo a maior parte do dia vagando sem rumo pela cidade. Vou a todas as minhas lojas preferidas, olhando roupas, lenços e perfumes, mas não compro nada. Nem almoço. Shelley me manda várias mensagens, mas não quero alimentar fofocas. Só quero ficar sozinha.

Sam chega em casa depois das nove da noite, o que é inédito. Em geral, ele volta às cinco e, se for chegar mais tarde por algum motivo, me avisa por mensagem. Escrevi para ele perguntando onde estava, mas não respondeu. Ele chega bem depois de o sol se pôr, com o cabelo alvoroçado e um leve cheiro de álcool. E talvez seja só a minha *paranoia* se manifestando, mas também está com o cheiro do perfume de lavanda que Monica usa.

– Você quer jantar? – pergunto quando Sam entra em casa. – Pedi pizza.

– Já jantei – resmunga ele.

– Onde?

Ele dá de ombros.

– No apartamento da Monica? – pergunto em tom enfático.

Ele olha feio para mim. Talvez eu não devesse ter dito isso, mas o que mais devo falar quando meu marido chega em casa tarde cheirando ao perfume de outra mulher? Não fiz nada errado. Não uso metanfetamina e ele deveria saber disso.

– Vou dormir – diz ele, tirando a gravata, que já está frouxa no pescoço.

– Mas são só nove e meia.

– Pois é.

Porém ele não vai para a cama. Entra no banheiro e ouço o chuveiro ligado

por mais ou menos meia hora. Ligo a televisão para ver o noticiário, porque é a única coisa em que consigo me concentrar no momento. Este foi um dos piores dias da minha vida. O dia em que perdemos o bebê foi ruim, mas este está pau a pau com ele. Pelo menos, quando aquilo aconteceu, Sam me apoiou. Não sei como é que ele pode acreditar que sou viciada em metanfetamina. Meu comportamento não anda *tão* esquisito assim.

Não é?

Quando estou prestes a ir dormir, Sam sai do quarto com o cabelo molhado, de camiseta e calção. Está segurando um saco plástico.

– O que é isso? – pergunta ele.

Olho para o objeto na mão dele. É um saco Ziploc cheio de pequenos cristais brancos.

– São pedras preciosas?

– Tá curtindo com a minha cara? – Ele está exaltado e balança o saco plástico na frente do meu rosto. – Vai mesmo me dizer que não sabe o que é isso?

Pego o saco da mão dele. Parecem cristais de açúcar ou alguma coisa assim. Não faço ideia do que é. A não ser…

– Ai, meu Deus, é *metanfetamina*? – sussurro.

– Me diz você – retruca Sam. – Encontrei na *sua* gaveta!

– Você estava xeretando as minhas gavetas?

– Estava, sim. – Ele me olha de cara feia. – Acabaram de encontrar drogas no seu exame toxicológico e você anda agindo feito maluca, então, sim, olhei nas suas gavetas. Mas essa não é a questão mais importante no momento.

– Eu juro pra você, Sam. Nunca vi isso na minha vida.

– Bom, então por que estava na sua gaveta?

– Não sei.

– Nós dois somos as únicas pessoas que moram aqui. *Eu* não coloquei nada lá. Então, se não foi você, quem foi?

– Eu… não sei. – Estremeço ao ver a raiva no olhar dele. – Mas você tem que acreditar em mim… isso não é meu.

– Tá. – Ele bufa. – Então, está na sua urina e na sua gaveta, mas não é seu. Entende que pra mim está meio difícil acreditar nisso?

– Alguém deve ter colocado lá.

– Quem? O Papai Noel?

Junto as mãos.

– Não sei. Mas nunca vi esse saco na minha vida.

Sam tira o saco da minha mão e olha para ele com nojo.

– Vou jogar na privada e dar a descarga.

– Não faz isso!

Ele balança a cabeça.

– Por que não?

– Porque é uma prova. Pode ter impressões digitais aí.

– Você só pode estar brincando. – Ele revira os olhos. – Sabe o que vai acontecer se te pegarem com isso? Você vai pra cadeia. Vou jogar na privada. Desculpe… Vai ter que arranjar outra coisa pra ficar chapada.

Eu o vejo sair da sala, incrédula. Olho para minhas mãos, que tremem muito. Não sei o que está acontecendo. Será possível que eu esteja viciada em metanfetamina sem saber? Talvez eu tenha uma daquelas condições em que a pessoa apaga e tem uma vida paralela completamente diferente. Será possível? Porque ele tem razão: só existe uma explicação lógica para tudo isso.

E faz com que eu me sinta péssima comigo mesma.

VINTE E SETE

Pela primeira vez em muito tempo, durmo como uma pedra. É surpreendente, considerando que passei o dia todo ansiosa. Achei que ficaria acordada até as duas da manhã, com a cabeça girando, cheia de pensamentos frenéticos, o que se tornou a regra nos últimos tempos. Mas, no instante em que encosto a cabeça no travesseiro, é como se uma luz se apagasse, embora eu nem tenha tomado o remédio para dormir. Nem sequer acordo durante a noite para fazer xixi, o que é um milagre.

Quando me levanto, Sam não está mais na cama. Ele não dormiu no sofá nem nada assim, mas dormiu o mais longe que pôde de mim sem estar em outra cama. Nunca briguei desse jeito com ele durante toda a década em que nos conhecemos. É deprimente.

Eu me levanto cambaleando e entro no banheiro. Quando me vejo no espelho acima da pia, quase dou um grito de susto. Estou *horrorosa*. Meu cabelo está com aquele ar de Noiva de Frankenstein que sempre ganha quando durmo demais, e há alguns fios brancos novos que não estavam aqui na última vez que me olhei. Estou com olheiras profundas, e as bochechas estão murchas. Para ser sincera, se me mostrassem a foto de uma mulher com a minha aparência e dissessem que era viciada em metanfetamina, eu acreditaria. Não admira Sam desconfiar de mim.

Pulo o banho porque, de repente, estou morrendo de fome. Vou até a cozinha pegar alguma coisa para comer… e paro de repente ao ver a dupla sentada no sofá.

Sam e Monica.

O que *ela* está fazendo aqui?

– Você acordou – comenta Sam, com um sorriso forçado.

Já está com a roupa de ir trabalhar, camisa branca impecável e gravata, e fez a barba. Embora não esteja usando nenhuma peça da Armani nem da Prada, está com ótima aparência. Essa é a versão do Dr. Adler que faz todas as universitárias se apaixonarem por ele. Monica está com um vestido de gestante azul que exibe o decote profundo, e o cabelo está brilhante e sedoso. Os dois são mesmo um belo casal. Penso no meu reflexo no espelho do banheiro e estremeço. Além disso, estou com um short de pijama e uma camiseta larga, nenhum dos quais me favorece.

– Hã, o que está acontecendo? – pergunto.

– Pode sentar pra conversar um pouco, Abby? – sugere Sam.

Cutuco o ninho de ratos na minha cabeça.

– Posso tomar banho primeiro?

– Não, tenho que ir trabalhar, e precisamos muito falar com você. – Ele olha nos meus olhos, mas o carinho de sempre desapareceu. – Vai ser rápido.

Não sei o que eles têm a me dizer, mas é óbvio que não é nada de bom. Mesmo assim, me acomodo na poltrona diante deles. Monica cruza as pernas, abrindo um sorriso gentil para mim. Quero dar um soco na cara dela.

– Ontem eu e Monica conversamos por um bom tempo – começa Sam.

Rá, sabia que ele estava com o cheiro do perfume dela! O que é que essa mulher ficou fazendo com meu marido a noite toda?

– Ela tem algumas preocupações muito válidas.

– Preocupações? – repito.

Ele olha de relance para Monica e segue em frente.

– Ela está preocupada com a adoção, considerando os seus problemas recentes com… você sabe, com drogas.

– Eu não tenho nenhum problema com drogas! Foi tudo um engano!

Os dois se entreolham. Não gosto nem um pouco dos olhares significativos que lançam um para o outro. Monica mal o conhece! Eu sou a *esposa* dele!

– Acho que as preocupações da Monica são muito válidas – insiste ele. – E… bom, a gente chegou a um acordo. Queremos que você vá pra uma clínica de reabilitação.

Fico boquiaberta.

– Você quer me *internar*?

Ele faz que sim.

– Quero. Existem muitas clínicas ótimas. Ontem liguei pra várias e…

– Eu *não vou* pra uma clínica!

Isso é loucura. Não vou para uma clínica de reabilitação sendo que nunca usei drogas na vida!

Monica põe a mão sobre a de Sam. Quero pular a mesa de centro e estrangular essa mulher com minhas próprias mãos.

– Eu disse que ela não ia aceitar.

– Isso é inegociável, Abby – acrescenta Sam. – Se você não aceitar, vou liberar a Monica do contrato.

Não dá para acreditar que isso está acontecendo. Como vim parar nesta situação? Não uso drogas. Se acharam uma droga na minha urina, alguém deve ter me feito consumir sem saber. Mas como isso poderia acontecer? Não consigo pensar num momento em que…

Espera aí…

– Meu café! – sussurro, apontando para Monica. – Você levava café pra mim toda manhã. Deve ter colocado a droga no meu café!

Monica arregala os olhos. Sam fica vermelho-vivo.

– Abby, por favor, você está passando vergonha – diz ele.

– Você não vê? – grito. – É a única explicação! – Olho para Monica com raiva. – E ela deve ter pegado as chaves da casa na minha bolsa, tirado uma cópia e plantado a metanfetamina na gaveta.

Sam baixa a cabeça nas mãos.

– Abby…

Eu me levanto com as pernas trêmulas.

– Olha na bolsa dela, Sam. Aposto que vai encontrar uma cópia das minhas chaves aí dentro.

Ele também se levanta.

– Você *perdeu a noção*, Abby? Não vou olhar na bolsa dela!

– Não ligo se você olhar – declara Monica.

– Não. – Sam cruza os braços. – Você está fora de controle, Abby. Estou falando sério. Quero que pense no que eu disse sobre a clínica, porque, se você não for… bom, não sei como vai ser.

Eu o encaro.

– Está querendo dizer *o quê*?

Por um instante, ele se cala, e o silêncio pesa entre nós. Por fim, olha para Monica.

– Mon, você pode nos dar licença? Preciso falar com a Abby a sós.

– Claro, Sammy – responde ela num tom suave. – Eu… hã, a gente se fala

depois.

Mon. Sammy. Ah, e *depois*. O que significa esse "depois"?

Monica sai do nosso apartamento, fechando a porta sem fazer barulho. Mas não a tranca, embora possa fazer isso, porque tenho a mais absoluta certeza de que as chaves estão na porcaria da bolsa dela. Ela sabe que Sam nunca aceitaria revistá-la. É esperta, aquela lá.

Depois que ela sai, o silêncio é total. Apesar de tudo, Sam está muito bonito de camisa e gravata. Queria que deixássemos essa história de drogas para lá e ele me beijasse. Mas sinto que ele nunca mais vai fazer isso.

– Abby. – Ele pega minha mão. É promissor. – Agora a Monica foi embora. Somos só nós. Por favor, me diz a verdade.

– Sam…

– Por favor. – Ele pisca algumas vezes, como se tentasse conter as lágrimas. – Não vou ficar bravo com você. Quero te ajudar, Abby. É só… me dizer a verdade. Eu mereço isso depois de todos esses anos.

Nossa. Ele quase me faz querer ser viciada em metanfetamina.

– Estou dizendo a verdade – respondo. – A Monica andou me drogando.

– Que saco – resmunga ele baixinho, baixando a cabeça. – Abby, você entende a posição em que estou, né? Essa não é uma adoção comum. É o *meu* filho.

– O *nosso* filho.

– Não. O *meu* filho. Tem metade do meu DNA. *Meu* filho. Se você decidir que não quer mais ou se a Monica voltar atrás, o que ela tem todo o direito de fazer nessas circunstâncias, eu ainda tenho a obrigação de apoiá-la. Não vou sair de cena.

Sinto vontade de vomitar.

– O que está dizendo?

– Estou dizendo: por favor, pensa em ir pra clínica de reabilitação.

– Sam…

– Pensa nisso – repete ele, soltando um suspiro demorado. – Tenho que ir trabalhar. Mas a gente conversa melhor depois. Tá?

Faço que sim, pois não confio na minha capacidade de falar. A esta altura, entendo que sou incapaz de convencer meu marido de que não tenho problemas com drogas. Não tenho como sair dessa.

VINTE E OITO

Ninguém acredita no que digo sobre Monica. Ninguém.

Sam a adora. Acredita em tudo o que ela diz sem questionar.

Minha ex-chefe, Denise, a considera um prodígio. Logo Monica deve ficar com o meu emprego.

Tenho que descobrir um jeito de provar que ela não é tão boazinha quanto afirmou ser. Preciso de uma prova de um ato ilícito da parte dela. Mas o que poderia ser? A única pessoa que ela escolheu como alvo fui eu. E… Gertie.

Quando minha ex-assistente foi me visitar, comentou ter sentido que alguém a havia empurrado da escada. Alegou estar brincando, mas não tenho tanta certeza assim. E se alguém a tiver empurrado mesmo? E se Monica queria tirá-la do caminho para assumir o papel de minha nova assistente?

É um tiro no escuro, mas, no fim das contas, não tenho nada melhor para fazer hoje.

Encontro o número do telefone fixo de Gertie no meu celular. Quando ligo para ela, o telefone toca várias vezes e começo a temer que Monica tenha acabado com ela para eliminar quaisquer pontas soltas.

Nossa, talvez eu esteja mesmo ficando paranoica.

– Alô? – grita Gertie.

Quando falava ao celular, ela era incapaz de modular o volume da voz. Antes esse hábito me deixava furiosa, mas agora sinto uma saudade desesperada dele. Preferiria mil vezes os gritos de Gertie à eficiência concisa de Monica.

– Quem fala?

– Oi, Gertie. Aqui é a Abby.

– QUEM?

E tem mais essa. Gertie parece não ouvir nada ao telefone, o que pode explicar por que ela grita.

– ABBY ADLER! DO TRABALHO! ABBY!

Há uma longa pausa.

– Ah! Abby! Que bom ter notícias suas, querida!

– Escuta, Gertie, será que posso te fazer umas perguntas?

– O QUÊ?

Já estou rangendo os dentes.

– A gente pode se encontrar em algum lugar, Gertie? Vou a qualquer restaurante que você quiser.

– Ah, que amor! Mas acabei de almoçar, querida!

– Gertie – digo, com toda a paciência. – Preciso falar com você. Topa tomar um café?

– Ah! Ora, seria ótimo!

Dou um suspiro de alívio. Novamente, é um tiro no escuro, mas talvez Gertie se lembre de ver Monica na escada naquele dia. Não sei se alguém na empresa vai acreditar, mas talvez Sam acredite. Estou desesperada para tê-lo do meu lado. Não estou paranoica. *Não estou.*

* * *

Gertie escolhe uma pequena cafeteria no quarteirão em que mora. Chego antes e peço um café puro, embora precise mesmo é de uma bela dose de uísque. Mas talvez seja melhor não ficar bêbada no meio da tarde. Além disso, desconfio que este lugar não tenha uísque. Provavelmente não tem nem licença para vender bebidas alcoólicas.

Eu me acomodo a uma mesinha redonda entre um cara de cavanhaque que digita furiosamente num notebook e uma mulher de mais idade que lança um olhar melancólico pela janela. Tomo um gole demorado do café, estremecendo com o sabor amargo.

Gertie chega alguns minutos depois, apoiando-se com força na bengala de quatro pontas. Ela está mancando tanto que me dá vontade de chorar. Antes da queda, Gertie estava sempre para lá e para cá no escritório, uma pessoa cheia de energia. A lesão com certeza a privou de muitas coisas. Fico pensando se um dia vai voltar a ser como era.

Quando ela chega à mesa, eu me levanto e nos abraçamos. Provavelmente por tempo demais. Tempo suficiente para Gertie sentir a necessidade de

comentar:

– Abby, está tudo bem, querida? Você está com uma carinha tão triste.

Respiro fundo, contendo as lágrimas. São as primeiras palavras gentis que ouço o dia todo.

– Vou ficar bem. E você, como vai?

– Ah, sabe como é… – Gertie sorri e ajeita o cabelo branco e fofo. – A aposentadoria tem suas vantagens. Estou passando mais tempo com o meu neto. Ele é muito danadinho!

– Que ótimo.

– Ontem passamos três horas brincando com Lego! – conta ela, suspirando. – Nunca achei que conseguiria passar tanto tempo brincando com Lego! Até que é divertido. Que ótima ideia pra um brinquedo. Mas não sei ao certo como é que conseguiram fazer tantos filmes a respeito. Afinal, são só uns blocos de montar, né?

Eu me esforço para sorrir.

– Pois é.

– Enfim, você vai ficar bem atarefada quando o bebê chegar, Abby! Estou muito feliz por você.

Sinto um nó se formar na garganta. *Não chora. Não chora, Abby.*

– E como vai o Samuel, seu marido? – pergunta ela. – Ele é um doce de pessoa. Também deve estar muito animado.

Sei que ela está tentando ser educada, mas não aguento mais.

– Escuta, preciso te fazer uma pergunta.

– Claro, querida. – Gertie põe a mão enrugada sobre a minha. – O que é?

Respiro fundo.

– Você se lembra do dia em que caiu da escada no trabalho?

Ela estremece.

– Claro que lembro. É difícil esquecer uma coisa dessas.

Sinto uma pontada de culpa. A última coisa que quero é obrigá-la a reviver lembranças tão ruins, mas preciso saber.

– Você disse que achou que alguém tinha te empurrado.

– Mas não foi isso que eu quis dizer. Foi só, sabe como é, aquele empurra-empurra de sempre. – Ela dá uma risada descontraída. – Cite *uma* pessoa jovem que não viva no meio do empurra-empurra!

– Se eu te mostrar uma foto, você conseguiria me dizer se já viu a pessoa?

Gertie não teve a oportunidade de conhecer Monica. Se ela reconhecer a foto, significa que existe uma chance de Monica ter estado na escada naquele dia. E

talvez estimule Gertie a se lembrar também de outras coisas.

Por exemplo, se foi Monica quem a empurrou.

Pego o celular e abro a única foto que tenho de Monica, tirada na sala de espera da primeira consulta com a obstetra. Eu quis tirar uma foto para comemorar a ocasião. Agora, parece a maior besteira. Quem poderia imaginar que ia dar tudo tão errado?

Bom, além de Sam, Shelley e a minha mãe… É, todo mundo imaginou, menos eu.

Passo o telefone para Gertie do outro lado da mesa. Ela pega os óculos de leitura. Meu Deus, esqueci que ela usava esses óculos. Têm uma armação gigante e roxa que está sempre na bolsa dela. Sempre que eu pedia para ela ler alguma coisa, demorava umas cinco horas para ela colocar a porcaria dos óculos. Estou começando a lembrar como Gertie era irritante.

Por fim, ela põe os óculos e espia a imagem no meu celular. Estreita um pouco os olhos, depois levanta o celular para pegar mais luz. Em seguida, vira o aparelho. Depois de um minuto inteiro, estou com vontade de sacudir essa mulher.

– E aí? – pergunto.

– Até que ela é familiar, sim – admite Gertie.

– Então você acha que já a viu?

– Acho que sim.

Meu coração acelera.

– Acha que ela é a pessoa que te empurrou da escada?

Gertie levanta o olhar de repente. Tira os óculos gigantes e junta as sobrancelhas.

– Abby, você está bem?

– Não!

Agora não consigo mais me conter. Começo a soluçar de verdade. Eu tinha muita esperança de descobrir alguma coisa, mas foi tolice. Como é que Gertie se lembraria de algo que aconteceu um ano atrás quando nem se lembrava de apertar o botão "enviar" na máquina de fax?

– Não estou *nem um pouco* bem. Alguém no trabalho colocou uma droga no meu café e eu fui demitida, e meu marido acha que sou viciada e…

Ela arregala os olhos. Passa um momento me encarando. Depois, me puxa para um abraço.

– Vai dar tudo certo, Abby. Isso eu prometo.

– Não vai, não! Como é que pode dar certo?

– Confie em mim – diz ela, num tom tão convincente que eu quase acredito. – Você é uma boa pessoa, Abby. Todo mundo sabe que você não fez nada de errado. No fim, tudo vai se resolver.

Enquanto Gertie me abraça, ouço um zumbido em cima da mesa. Eu me solto do abraço e pego o celular. Arregalo os olhos ao ver o nome na tela.

Denise Holt está me ligando.

VINTE E NOVE

Por que Denise Holt ligaria para mim? Não faz sentido. A mulher já me demitiu. Quer me demitir *de novo*?

Não, deve ser alguma bobagem. Como uma complicação no meu último pagamento. Porém…

– Com licença – peço a Gertie, que reage com uma expressão confusa. – Eu… vou atender lá fora.

Saio correndo da cafeteria com o celular, deslizando a tela para atender assim que passo pela porta. Meu coração já bate acelerado.

– Alô?

– Abigail?

O modo de falar conciso de Denise é inconfundível. Só consigo imaginar aqueles olhos disparando farpas contra mim do outro lado da cidade.

– Aqui é Denise Holt.

– Sim, eu sei.

– Certo – diz Denise.

Em seguida, hesita, o que não é nada típico dela. Denise nunca hesita. Nunca questionou nenhuma decisão nem ideia que teve em toda a sua vida. Ou é nisso que ela quer que o resto do mundo acredite.

– Escuta, Abigail… eu… acho que cometemos um engano…

Quase derrubo o celular. Um engano? Denise Holt cometeu um *engano*? E está *admitindo* isso?

Não pode ser verdade. Deve ser uma espécie de alucinação provocada pela metanfetamina. Eu deveria me beliscar para ter certeza de que não estou

sonhando.

– Só o que eu sei é que nunca usei drogas, Denise. Juro pela minha vida.

– Sim… – Ela solta um suspiro do outro lado da linha. – Infelizmente, a situação ficou um pouco mais complicada do que isso.

Prendo o fôlego.

– Como assim?

– Bom – diz ela devagar –, contratei Monica como minha assistente pessoal depois que você foi embora e… hoje de manhã a peguei vasculhando a minha mesa quando eu não estava na sala. Não consegui acreditar nos meus próprios olhos.

– O que ela disse?

– Disse que estava procurando fita adesiva, dá pra acreditar? – Denise bufa. – Eu não disse nada, mas a conversa toda me deixou extremamente incomodada. Então, quando ela saiu pra almoçar, fiz uma busca na mesa dela.

Quase dou risada ao imaginar Denise dando uma busca no cubículo minúsculo de Monica. Não que essa história tenha alguma graça.

– E o que você encontrou?

– Bom, a parte que diz respeito a você é um frasco de medicamento controlado.

Fico confusa.

– Medicamento controlado?

– Ela tinha o frasco de um remédio chamado Adderall. Pesquisei o nome e é basicamente uma forma de anfetamina. – Ela pigarreia um pouco. – A Monica não levava café pra você todos os dias? E também encomendava o seu almoço, não é?

– É – sussurro.

Até agora, tudo isso era pura especulação. Mas, no fim das contas, eu estava certa. O exame toxicológico não estava errado. Monica me drogou para garantir que eu seria demitida.

– Isso tudo é um pesadelo de RH – lamenta Denise com um gemido. – Não sei o que vamos fazer, considerando a gravidez dela e o acordo que vocês fizeram. Ela pode nos processar até o último tostão.

– Sinto muito – murmuro.

Por um instante, ela fica em silêncio. Prendo a respiração, imaginando se vai me passar um de seus famosos sermões.

– Não, eu entendo – diz ela por fim. – Você… estava passando por um momento difícil. E eu… Minha atitude poderia ter sido melhor. Como sua chefe.

– Ela faz mais uma pausa. – E como sua amiga.

Sinto os ombros murcharem. Nunca, em toda a minha vida, eu chamaria Denise de amiga. Eu a *odiava*. Porém, antes que os problemas de fertilidade criassem um abismo entre nós, éramos amigas. Não, mais do que isso. Ela foi minha mentora. Entre todas as pessoas que já conheci, ela foi a que mais admirei.

– Escuta, quero conversar sobre isso com você pessoalmente – diz Denise. – Precisamos de uma estratégia pra enfrentar a situação, e a sua ajuda seria… Bom, eu agradeceria muito.

– Sim, claro – sussurro.

– Você pode vir ao escritório hoje à noite?

– Posso. A que horas?

– Às oito está bom… Como você sabe, nesse horário todo mundo já vai ter ido embora. – Quase ouço o sorriso na voz dela. – Aquele bando de folgados sempre sai às sete.

Eu me lembro de todos os serões que fizemos, com um banquete de comida chinesa espalhado na mesa dela enquanto trabalhávamos.

– Com certeza.

– Então, a gente se vê hoje à noite?

– Conta comigo.

Por um momento, Denise hesita, mas acrescenta:

– Não se preocupe, Abigail. Vamos resolver essa história.

* * *

Assim que terminei de falar com Denise, dei uma desculpa para Gertie e fui embora. Minha cabeça girava.

É claro que talvez estivesse girando porque Monica andou batizando meu café com anfetamina.

Ao chegar em casa, mandei uma mensagem de texto para Sam: *Precisamos conversar quando você chegar.*

Ele respondeu: *Tá.*

Eu queria revelar para ele tudo o que Denise me contou, mas não por telefone. Queria falar olhando bem na cara dele. Porém, às sete e meia, Sam ainda não tinha chegado em casa. Eu não sabia onde ele estava. Não queria imaginar onde estaria. Decidi que falaria com ele depois da conversa com Denise.

Preciso que Sam acredite em mim. Mais do que tudo.

São quase oito horas quando chego ao escritório, e a maioria das pessoas já

foi para casa. Por um momento, parada diante do prédio, lembro que, como o segurança me escoltou porta afora, deve haver alguma espécie de aviso para que ninguém me deixe entrar. E, para completar, não estou com roupa de trabalho. Estou com uma camisa bonita e uma calça social, mas não é o traje típico da Abby Adler poderosa.

Bom, paciência. É agora ou nunca.

Entro no edifício com passos confiantes. Como eu disse, a autoconfiança nos leva longe. Logo reconheço Patrick dos serões que fiz na Stewart. É o segurança que trabalha aqui quase todas as noites, um cara alto e magro de sorriso fácil. Imagino que ele vá tentar me deter, mas, em vez disso, abre um sorriso enorme.

– Oi, Abby! – E acena para mim. – Vai trabalhar até tarde de novo, é?

– Pois é – respondo.

Ele pisca para mim.

– Vê se não fica até *muito* tarde.

Antigamente eu achava que Patrick tinha uma queda por mim, antes de a minha autoconfiança ser estilhaçada pela mulher que está tentando me roubar o emprego e o marido. Mas talvez possa recuperar o que é meu. Pela primeira vez em muito tempo, Denise enfim está do meu lado. Tenho a esperança de sair dessa situação com a carreira e o casamento intactos.

Quando chego ao andar da Stewart Propaganda, tudo está em silêncio. Todo mundo já foi para casa, o que não me admira. Como a própria Denise disse, eu e ela éramos as únicas pessoas que ficavam até tarde com frequência. O salto dos meus sapatos estala no piso quando faço a caminhada familiar até a sala dela, no canto do prédio.

Na porta da sala se lê DENISE HOLT em letras douradas e reluzentes. Em geral, deixo a porta da minha sala entreaberta, mas Denise sempre tranca a dela. Por isso, bato primeiro.

Não há resposta.

Ela não iria embora, não é? Não, nunca. Se existe uma certeza a respeito de Denise, é que ela é responsável. Não pediria para alguém vir a uma reunião só para tomar chá de sumiço. Não é do feitio dela.

Por impulso, tento girar a maçaneta – está destrancada. Ela deve ter ido ao banheiro. Abro a porta para esperar lá dentro.

No entanto, Denise não está no banheiro. Está sentada à mesa com a cabeça apoiada nos braços, como se estivesse cochilando, chorando ou alguma coisa assim.

– Denise?

Ela não responde.

O que está acontecendo aqui? Denise jamais tiraria um cochilo na mesa. Seria mais fácil um porco passar voando pela janela. Mas por que ela não levanta a cabeça? Por que não percebe que estou aqui?

– Hã… Denise?

Não há resposta.

Eu me aproximo da mesa e ponho a mão no ombro dela, mas Denise nem se mexe. Em seguida eu a balanço, mas, em vez de levantar o rosto, ela cai no chão.

É então que vejo todo o sangue.

* * *

Há uma fita de isolamento em volta da sala de Denise, instalada pelos policiais que agora ocupam o escritório. Estou sentada na cadeira de alguém, abraçando meu próprio corpo, e não consigo parar de tremer.

Denise morreu. Não sei ao certo o que aconteceu, mas, quando a virei no chão, tentando ajudá-la, os olhos azuis dela estavam sem vida, fixos no nada. Não sou médica, mas, naquele momento, percebi que era tarde demais para chamar uma ambulância.

Deve ser terrível dizer isso, mas, por um instante, pensei em fugir. Depois de toda a hostilidade entre mim e Denise, o último lugar onde eu queria ser pega era na cena do assassinato dela. Mas Patrick me viu entrar. Fugir seria uma grande admissão de culpa. Além disso, também havia o pequeno detalhe de eu estar toda suja do sangue dela.

Porém, mais importante do que tudo isso, eu não podia deixá-la assim. Denise tinha sido minha ídola. Estava tentando me ajudar. Não podia deixar o corpo dela largado ali a noite toda, apodrecendo no chão da sala. Ela merecia respeito.

– Sra. Adler?

É a voz de uma detetive, que já se apresentou, mas esqueci o nome dela logo em seguida. Está parada na minha frente, segurando um saco plástico que contém um objeto de metal reluzente.

– Sim? – murmuro.

– A senhora reconhece este objeto?

– Não.

– Pode olhar com mais atenção?

Aperto os olhos para ver o objeto sujo de sangue dentro do saco. Levo um instante para perceber o que é: um abridor de cartas.

Com o nome “Abby” entalhado nele.

– É meu! – sussurro.

Bom, a situação só piora. Estou começando a ter saudades de quando meu único problema era um suposto vício em metanfetamina.

A detetive se retira para falar com os outros. Não gosto do jeito como ficam olhando para mim enquanto conversam. E agora estão *apontando* para mim. Que ótimo.

Ai, meu Deus, e se me prenderem?

A detetive volta a se aproximar de mim. Meu coração começa a palpitar. Isso é muito ruim.

– Sra. Adler, queremos que vá à delegacia para responder a algumas perguntas.

– Estou presa? – pergunto, a voz falhando.

Há uma longa pausa.

– Não, só queremos fazer algumas perguntas.

– Eu preciso… – Engulo em seco com força. – Preciso chamar um advogado?

– Se quiser, pode chamar. Mas vamos só fazer algumas perguntas. Queremos descobrir quem matou a Sra. Holt o mais depressa possível, por isso agradecemos a sua cooperação.

– Tá bom. Eu vou.

– Quer que a gente peça pra alguém buscar a senhora na delegacia? – pergunta ela.

– Meu marido.

Enquanto informo o número do telefone de Sam, não consigo imaginar como ele vai reagir a tudo isso. Já foi péssimo quando o problema era só a droga. Agora uma possível acusação de homicídio entrou na conta.

Está claro que alguém armou uma cilada para mim. Se ainda me restava alguma dúvida, aquele abridor de cartas confirmou meus medos. Alguém queria que eu fosse acusada de homicídio. Alguém que temia que Denise soubesse demais.

E receio que esse alguém vá conseguir o que quer.

TRINTA

Na delegacia, a policial se apresenta de novo como detetive Sweeney. Ela me leva a uma sala de interrogatório, que nem chega perto de ser tão assustadora quanto o nome sugere. É um cômodo pequeno com paredes pintadas de azul-celeste, uma mesa de metal no meio e duas cadeiras de plástico, uma de cada lado. Prefiro não ficar aqui por muito tempo, mas o lugar não me assusta.

Eu me sento numa das cadeiras e a detetive Sweeney ocupa a outra à minha frente. Ela tem um rosto bonito e um sorriso acolhedor, o que desconfio ser de propósito. Eles esperam que eu diga alguma coisa para me incriminar. Mas não vou dizer.

Porque não matei Denise.

– Sra. Adler… – começa Sweeney, e hesita. – Posso te chamar de Abby?

– Pode.

– Legal, Abby. – Ela abre aquele sorriso acolhedor outra vez. – Estou torcendo pra que você esclareça umas coisas pra mim.

– Hã, tá bom.

Ela junta as mãos em cima da mesa.

– A Sra. Holt te demitiu ontem, certo?

Faço que sim.

– Qual foi o motivo da demissão?

Penso em mentir, mas seria burrice. É bem fácil descobrir o verdadeiro motivo.

– Fiz um exame toxicológico e o resultado indicou metanfetamina. Mas foi um falso-positivo, porque eu não uso drogas.

– Entendi. – Sweeney assente, mas alguma coisa muda na expressão dela. – Então, considerando que você foi demitida, o que estava fazendo no prédio da empresa?

– Denise pediu que eu fosse até lá.

– Com que objetivo?

– Ela achava que alguém tinha adulterado o meu exame e queria conversar sobre isso.

Sweeney levanta as sobrancelhas.

– Ela te ligou e disse isso?

– Exatamente.

– E quem ela achava que tinha adulterado o exame?

Hesito por um momento.

– Monica Johnson. Minha ex-assistente.

– Entendi. E por que ela achava que a Sra. Johnson havia adulterado o exame?

– Denise encontrou um frasco de Adderall na mesa da Monica, quer dizer, da Srta. Johnson. É uma anfetamina. Ela acreditava que a Srta. Johnson tinha usado isso pra batizar o meu café.

– Por que a Sra. Holt revistou a mesa da Srta. Johnson?

Junto as mãos.

– Denise me disse que viu Monica xeretando a mesa dela e… acho que quis ter certeza de que ela não tinha roubado nada.

Sweeney inclina a cabeça de lado, pensativa.

– Sabe, Adderall é um medicamento receitado pra TDAH. Por que ela chegou à conclusão de que a Srta. Johnson estava te envenenando? Não poderia ser um remédio que um médico receitou?

– Eu… não sei bem.

– E você está ciente de que é muito improvável que o Adderall indique a presença de metanfetamina num exame toxicológico de urina?

Eu não sabia.

Sweeney não espera pela minha resposta. Adota logo uma linha de interrogatório completamente diferente, que me deixa com receio de que a anterior não tenha sido favorável para mim.

– Então, segundo você, a Sra. Holt ligou pro seu celular…

– Ela ligou. A chamada está no meu histórico.

– Posso ver?

Faço que sim e tiro o celular da bolsa. Pelo menos tenho uma prova de que

Denise telefonou. Acesso o histórico de chamadas e o entrego à detetive Sweeney, que o analisa, pensativa.

– Alguém mais testemunhou essa chamada? – pergunta ela.

– Não. – Me lembro de sair correndo da cafeteria no instante em que vi o nome de Denise na tela. – Mas ela me ligou. Dá pra ver na tela.

– Certo. – Sweeney meneia a cabeça. – A dúvida é: o que ela disse?

– Já contei o que ela disse.

– É. Contou.

O que ela está querendo dizer?

– E a Sra. Holt informou a mais alguém essa suspeita a respeito da Srta. Johnson?

– Bom, não – admito. – Pelo menos, acho que não.

– Mas não é estranho? Se você achasse que uma das suas funcionárias estava envenenando outra, não falaria com o RH?

De repente, minhas mãos ficam muito suadas.

– Bom, ela achou que poderia ser complicado porque, sabe… a Monica está grávida.

Sei que uma hora a detetive vai acabar descobrindo, mas não consigo contar para ela que Monica é nossa barriga de aluguel. Nem imagino como essa revelação vai afetar a minha imagem. Não quero pensar nisso. Quando acontecer, vou enfrentar.

– Então, Abby, quando foi a última vez que você viu o abridor de cartas?

– Umas semanas atrás. – Franzo as sobrancelhas. – Achei que o tivesse perdido.

– Perdido? – Ela inclina a cabeça na minha direção. – Você o tiraria da sua sala?

– Não. Mas… ele não estava na gaveta onde costumo guardar. Pode ser que alguém o tenha pegado emprestado.

Ou roubado, para me incriminar por homicídio.

– Antes da sua demissão, como você descreveria seu relacionamento com a Sra. Holt?

– Hã… era bom.

– Você se dava bem com ela?

– Mais ou menos. – Começo a ter dificuldade para engolir e é como se estivesse sufocando. – Todo mundo tem conflitos, né?

Ela sorri para mim.

– É verdade.

Quanto tempo vai demorar para descobrirem a história do e-mail em que chamei Denise de escrota?

– É normal a Sra. Holt trabalhar até tão tarde? – pergunta a detetive.

– Hã… é, sim. Bem normal.

– De resto, o escritório geralmente fica vazio nesse horário?

– Quase sempre. Foi por isso que ela quis se encontrar comigo às oito.

– Você pediu para que a Sra. Holt fosse se encontrar com você?

Fico intrigada.

– Não, já falei. *Denise* me pediu pra ir.

– Então você não mandou um e-mail pedindo para conversar com ela?

– Não…

Meu coração começa a bater depressa quando a detetive Sweeney põe a mão no bolso interno da jaqueta e tira uma folha de papel dobrada. Ela a desdobra com cuidado.

– Então você não mandou um e-mail pra Sra. Holt dizendo: "Tenho informações sobre você que podem acabar com a sua vida. Se não quiser que eu divulgue, sugiro que se encontre comigo hoje às oito da noite"?

Eu a encaro.

– Não. Com certeza não mandei.

Ela passa a folha impressa por cima da mesa para que eu possa olhar com mais atenção. Vejo meu e-mail no campo do remetente no alto da mensagem endereçada a Denise. Em seguida, as palavras que Sweeney acabou de ler para mim. Palavras ameaçadoras. Palavras que nunca escrevi.

A não ser que eu esteja enlouquecendo.

– Eu não escrevi esse e-mail – declaro, com toda a convicção.

– Podemos acessar sua conta de e-mail da empresa pra procurarmos essa mensagem?

– É claro.

Mas tenho um mau pressentimento sobre o que vão encontrar quando acessarem o e-mail. Porque agora lembro que não sou a única pessoa com acesso a essa conta. Monica também tinha acesso.

Estou prestes a contar isso a Sweeney, mas ela se debruça na mesa como se fosse me fazer uma confidência e abre aquele sorriso acolhedor mais uma vez.

– Escuta, Abby. Sei que foi muito difícil perder o emprego. Essas coisas deixam qualquer pessoa arrasada. E, quando isso acontece, a gente pode tomar uma atitude desesperada.

Fico paralisada. O que ela está dizendo?

– Eu entendo – continua Sweeney. – Já é bem difícil arranjar outro emprego na situação atual, mesmo sem uma acusação de uso de drogas pesando no seu histórico. E mesmo que não seja culpa de ninguém, a gente tende a colocá-la na pessoa que deu a ordem.

– Eu… não culpei Denise…

– Não? – Ela levanta as sobrancelhas. – Vou ser sincera com você, Abby. No momento, as provas são esmagadoras. Você vai pra cadeia, isso eu garanto. Mas, se confessar agora, talvez a gente consiga fazer um acordo.

Eu a encaro.

– Eu não matei a Denise.

Ela me olha com pena.

– Estou nesse ramo há muito tempo, Abby. Já te disse o que vai acontecer. Você parece uma pessoa boa que cometeu um erro terrível, e eu quero te ajudar.

– Eu não matei a Denise.

– Ora, nós duas sabemos que isso é mentira. – A detetive olha bem nos meus olhos. – Se você confessar agora, posso te propor um acordo. Mas, assim que sair desta sala, não tem mais acordo. E, quando prendermos você, vai ser por homicídio doloso. É prisão perpétua.

Estou passando mal. Sinto que vou vomitar bem em cima dessa mesa tão limpinha. Ela acha que sou uma assassina. A polícia toda acha que fui eu. Assim como todas as outras pessoas do mundo vão achar.

– Quero falar com um advogado – declaro.

* * *

É quase meia-noite quando sou liberada. Não me prenderam, o que encaro como um bom sinal. Não devem ter provas suficientes. E talvez seja por isso que insistiram tanto para que eu confessasse. Depois de Sweeney, outro policial entrou para falar comigo e, por fim, um terceiro. Mas fiquei calada. Eu não ia dizer nem mais uma palavra sem um advogado.

Uma policial me leva até uma sala de espera na delegacia, onde há duas filas longas de cadeiras de plástico com aspecto desconfortável. Imagino que, durante o dia, quase todas fiquem ocupadas, mas no momento há poucas pessoas ali, incluindo um cara que parece ter desmaiado de tanto beber. No meio da segunda fileira, vejo uma pessoa conhecida, encurvada, com a cabeça nas mãos.

Sam.

– Sr. Adler? – chama a policial. – Ela está aqui.

Ele levanta a cabeça. Está com olheiras profundas, como as minhas hoje de

manhã. Não sorri ao me ver. Nem olha para mim, pelo menos não diretamente. Ele se levanta com dificuldade, remexendo na jaqueta.

– Estacionei perto daqui – diz, com a voz rouca.

– Tá bom – murmuro.

Eu o acompanho até o carro sem dizer nada. Não tenho a menor ideia do que disseram a ele, mas, a julgar pela reação, está claro que ouviu boa parte dos detalhes. Fico pensando se o interrogaram. Se tiverem feito isso, o que será que ele disse?

Minha mulher é dependente química. Tentei ajudar, mas ela se recusa a admitir que tem um problema. Abby odiava a chefe e deve ter matado ela.

Durante a caminhada até o carro, continuamos em silêncio. Depois que entramos, fico esperando Sam ligar o motor. Em vez disso, ele encosta a cabeça no banco, com os olhos vidrados.

– Sam.

Ele esfrega o rosto com as mãos.

– Quê?

Não sei o que dizer. Quero perguntar se ele acha que matei Denise, mas tenho medo da resposta.

– A polícia te interrogou? – pergunto, em vez disso.

Ele balança a cabeça.

– Só me contaram o que aconteceu. Queriam me interrogar, mas eu me recusei. Não vou falar com ninguém sem um advogado e queria que você também tivesse pensado nisso.

– É – sussurro. – Só percebi que a situação era grave depois que já estava lá.

– Vamos contratar um advogado pra você amanhã – declara ele.

Sinto uma pontada de esperança. Ele disse "vamos" contratar um advogado. Significa que ainda está comigo. Não vai pegar as minhas coisas e jogar pela janela.

– Eu não matei a Denise. Juro que não.

Sam não responde.

– *Não fui eu*. Você acha mesmo que fui eu?

Ele balança a cabeça.

– Se você tivesse feito essa pergunta uns meses atrás, eu diria que não. Com certeza não. De jeito nenhum. Mas agora…

– Sam! – Sinto lágrimas nos olhos. – Você acha mesmo que eu sou uma assassina? Que faria uma coisa dessas?

Por um momento, ele fica em silêncio. Então esfrega o rosto outra vez.

– Não, acho que não.

Sinto meus ombros relaxarem de alívio. Ele acredita em mim.

– Acho que alguém armou pra mim, Sam. Parece que alguém mandou um e-mail que…

– Não quero falar sobre isso.

– Mas você precisa saber que…

– Não quero ouvir isso agora. Só quero ir pra casa, tá? A gente conversa amanhã.

O silêncio toma conta do carro. Não digo mais nada. Mesmo que Sam afirme acreditar em mim, não tenho lá tanta certeza. No mínimo, ele está em dúvida.

Sempre senti que Sam ficaria ao meu lado em qualquer situação. De alguma forma, isso acabou em meros oito meses.

TRINTA E UM

– Essas acusações são completamente absurdas. O que você precisa é de um bom advogado.

Minha mãe, num contraste enorme com meu marido, está plenamente convencida da minha inocência. Tanto que, se eu for presa mesmo, a polícia sofrerá um processo por detenção indevida. Minha mãe adora processos. No ano passado, ela comprou um terno da Saks na Quinta Avenida, não gostou e ligou para o advogado dela para saber se podia processar a loja. (A resposta foi não, mas ela podia *devolver* a roupa. Não ficou claro por que ela não fez isso antes de mais nada.)

Estamos no bistrô que fica a um quarteirão do meu prédio, onde minha mãe me trouxe para almoçar. O lugar está lotado, mas ela deu à recepcionista uma nota de certo valor e conseguimos uma mesa bem depressa. Fico feliz com o burburinho baixo das conversas, pois não quero que ninguém ouça o que estamos dizendo.

– Sam já arranjou um advogado pra mim – digo.

– Ah, é mesmo? – responde ela, bufando.

Na opinião dela, Sam ainda é o rapaz de 26 anos que deu a ré com aquele Honda velho e desajeitado e derrubou a caixa de correio. Nunca vou esquecer o olhar desanimado de Sam quando viu o que tinha feito. Foi como se soubesse que aquele único ato consolidaria a antipatia dela por ele para sempre.

– O advogado é muito bom – afirmo, e acrescento, porque sei que isso vai conquistar o respeito dela: – Estamos pagando uma fortuna.

– *Você* está pagando uma fortuna – corrige ela, me espiando por cima da

borda do copo d'água.

– Eu e Sam não pensamos assim quando o assunto é o nosso dinheiro.

Ela ri.

– Bom, isso é bem conveniente pra ele, né?

– Para com isso. A senhora sabe que o Sam não liga pra dinheiro.

– Abby, *todo mundo* liga pra dinheiro.

Trinco os dentes e aperto entre os dedos o guardanapo no meu colo. Não vou dar um chilique neste bistrô, mas vontade não falta.

– Então – diz minha mãe –, conte mais sobre o advogado "maravilhoso" que Sam arranjou pra você.

Finjo que não percebi a ironia nas palavras dela.

– Ele é advogado criminalista há quase trinta anos. Tem um histórico sensacional nos tribunais. Sam disse que ele é o melhor no ramo.

Mas ela não está ouvindo. Está distraída com alguma coisa do outro lado do salão. Acompanho seu olhar até um homem atraente, com um terno risca de giz e gravata vermelha chique, sentado sozinho a uma mesa para dois, os olhos fixos no celular.

– O que você acha dele? – pergunta minha mãe.

Olho para ela, levantando as sobrancelhas.

– Como assim?

O homem ajeita a lapela do paletó. Acho que é da Brioni. Caro. Ele ergue o olhar e percebe que o estou encarando. Sinto as bochechas esquentarem. Antes que eu consiga desviar o olhar, ele pisca para mim.

– Ele piscou pra você! – diz ela, triunfante.

– E daí?

– Você deveria ir lá falar com ele.

Eu a encaro boquiaberta.

– Não vou fazer isso!

– Por que não?

– Porque sou *casada*.

– É bom ter um reserva, não é?

Gostaria de poder dizer que é a primeira vez que minha mãe fala uma coisa dessas desde que eu e Sam nos casamos. Não entendo. E, para ser sincera, já estou de saco cheio.

– Por que você odeia tanto o Sam? – pergunto.

Ela pisca algumas vezes, surpresa.

– Eu não odeio o Sam.

– Então por que está sugerindo que eu saia com outro?

Minha mãe reflete sobre a pergunta. Toma mais um gole de água, ainda pensando. Por fim, responde:

– Sempre achei que você conseguiria coisa melhor. Você é rica, é linda e tem uma carreira maravilhosa. Poderia ter qualquer homem que quisesse.

– Mas eu quis o Sam. E ele é um ótimo marido.

– É mesmo?

– Pode ter certeza. – Reprimo o impulso de dar um soco na mesa. – E ele conseguiu um advogado excelente pra mim. Que vai me ajudar a resolver esse engano terrível.

– Tomara que você tenha razão.

TRINTA E DOIS

– Quinze anos seriam um presente, Abby.

As palavras do advogado, Robert Frisch, ecoam nos meus ouvidos. Sinto como se as paredes do escritório dele se fechassem ao meu redor. O sorriso de Obama na foto zomba de mim. Isso não pode estar acontecendo.

Quinze anos. Não, sem chance.

– Não fui eu – digo, pela milionésima vez.

Frisch suspira. Está muito claro que não acredita em mim. Sei que é um dos melhores criminalistas da cidade, mas no momento eu o trocaria por um novato que pelo menos acreditasse na minha história. Só que ninguém acredita. Sam não acredita. Nem Frisch. Nem mesmo Shelley, minha melhor amiga, retorna os meus telefonemas.

E Monica… bom, ela é a única pessoa que sabe a verdade.

Ela matou Denise e planejou me incriminar pelo assassinato – a última pá de terra sobre o meu túmulo. Não bastou ter causado a minha demissão pela droga que plantou no teste toxicológico. Não bastou seduzir meu marido, que agora manda mensagens para ela dia e noite. Nada disso foi suficiente. Monica quer me ver atrás das grades, onde não terei meios de retomar o que é meu.

– Acho que você devia aceitar o acordo – diz Sam. – É a nossa melhor chance.

– E passar o resto da vida na cadeia por um crime que não cometi?!

– Não é o resto da vida.

Ele está de brincadeira comigo?

– São quinze anos!

Estou com 37. Daqui a 15 anos, vou estar com 52. A essa altura, qualquer

chance de ser mãe terá acabado para sempre. Minha carreira terá acabado. E meu casamento…

Sam está olhando um ponto fixo na mesa de Frisch, se recusando a me encarar. Se eu for para a cadeia, estará tudo terminado entre nós. Algumas pessoas conseguem manter o casamento atrás das grades, mas não será o nosso caso. Ele acha que sou um monstro. Se eu aceitar esse acordo, vai acabar indo morar com Monica. Talvez não de imediato, mas vai. Os dois vão criar o filho deles juntos. Um final feliz para os pombinhos.

Talvez eu devesse deixá-los serem felizes para sempre. Sam continuou comigo durante os problemas da infertilidade, mesmo sabendo que era tudo culpa minha. Ele é uma boa pessoa. Merece ser feliz.

Mas não com Monica.

Esquecendo tudo o que ela fez contra mim, ainda que seja muito difícil. Se eu me importo com Sam, não posso deixar que ele se envolva com ela. A mulher é uma psicopata. Uma *assassina*. No momento em que Sam for inconveniente, ela é capaz de enfiar uma faca no peito dele.

– Pense nisso, Abby – diz Frisch. – Você não terá essa opção para sempre. A polícia tem provas sólidas contra você.

No carro de Sam, no trajeto de volta ao nosso apartamento, minha cabeça está girando. Ele precisa ir trabalhar, mas vou passar o dia em casa, já que agora minha vida é essa. Sam espera até metade do caminho, então repete:

– Acho que você deveria aceitar o acordo.

– É, eu sei o que você acha.

– Frisch sabe do que está falando.

Olho pela janela, vendo a fachada das lojas passar. Se eu for para a cadeia, vou sentir falta dessa vista. Se isso acontecer, só vou ver barras, o pátio da prisão, guardas e…

Ah, que ótimo, agora estou chorando.

– Abby. – A voz dele fica mais meiga. – Não chora.

Não. Continuo chorando. Acho que não consigo parar.

É engraçado, porque não sou disso. Eu nunca choro. Talvez só uma vez por ano eu tenha uma choradeira épica, para descarregar toda a frustração, depois fico pronta para os próximos 364 dias. Detesto a perda de controle que sinto quando estou soluçando. Mas, nos últimos tempos, eu me sinto uma torneira com vazamento. Só o que faço é chorar.

Sam deve achar que é por causa da metanfetamina. E talvez seja.

– Escuta – diz ele com delicadeza –, se você preferir um julgamento… a gente

faz isso. Tá?

Enxugo os olhos com as costas da mão.

– Se eu for pra cadeia, você vai morar com a Monica.

– Não vou, não.

– Vai, sim.

– Para. Eu não faria isso.

Mas não acredito. Dá para ver nos olhos dele que não quer mais nada comigo. Toda a gentileza se foi. Quem pode julgá-lo? Ele acha que fiz uma coisa horrível.

Enxugo os olhos outra vez com a manga da camisa. Olho pela janela de novo, tentando não pensar no que pode acontecer nos próximos dias. Cadeia. Isso não me entra na cabeça.

Fico pensando se vão me algemar. Será que sempre fazem isso? Se eu concordar em ir sem resistência, vão ter que pôr as algemas mesmo assim? Não quero mesmo ser algemada. Parece tão… medieval. Talvez eu deva ir à delegacia e me entregar de uma vez. Na verdade…

Espera aí.

Puta merda.

– Sam! – grito. – Para o carro!

– Quê? Por quê?

Por sorte, ele já estava diminuindo a velocidade a fim de parar num sinal vermelho. No instante em que para por completo, abro a porta e saio do carro. Nem dou a ele uma explicação. A esta altura, tenho certeza de que Sam vai atribuir essa atitude ao meu comportamento errático influenciado pelas drogas. Que seja. O que me ocorreu é mais importante do que a possibilidade de eu cair um pouco mais no conceito de Sam. Afinal de contas, depois do zero não dá para descer mais.

Ou talvez dê. Números negativos e tal. Sam deve saber dessas coisas.

Assim que saio do carro, corro o mais depressa possível pela Broadway. Não é fácil, porque estou de salto alto, mas, se perder essa garota de vista, nunca vou me perdoar. É a única chance de restaurar minha reputação.

– Chelsea! – grito, quando me aproximo um pouco dela.

A garota não se vira. O vento alvoroça seu cabelo loiro enquanto ela anda pela rua com uma sacola de loja. Persegui-la está me deixando totalmente sem fôlego. Além disso, o salto do sapato fica preso numa rachadura na calçada e eu quase me estatelo no chão. Por um milagre, consigo recuperar o equilíbrio. Levo mais um instante, mas por fim chego perto o bastante para pegar o braço dela.

– Chelsea! – repito, arfando.

Ela se vira, surpresa. É a mesma garota. Aquela que conversou comigo sobre a pessoa incrível e generosa que é Monica Johnson. E cujo número depois foi inexplicavelmente desativado.

– Oi? – responde ela.

– Eu…

Ainda estou arquejando para recuperar o fôlego. Nossa, estou muito fora de forma. Que bom que tenho quinze anos para ficar sarada na prisão. Não é isso o que as pessoas mais fazem lá? Malhar e se tatuar com caveiras?

– Sou Abby Adler. A gente… conversou um tempo atrás sobre Monica Johnson.

Ela continua confusa.

– Quem?

O quê?

– Monica Johnson. A *amiga* que mora com você.

A garota balança a cabeça, negando e franzindo a testa como se estivesse mesmo tentando entender. E agora acho que perdi o juízo de verdade. Será que imaginei toda aquela conversa? Foi tudo uma fantasia movida a metanfetamina?

Mas de repente os olhos dela se iluminam.

– Ah! Você é aquela moça que queria o bebê!

Não estou maluca. Graças a Deus.

– E aí, como foi? – pergunta ela.

– Acho que você não mora mais com a Monica, né?

– Hã… – Ela coça o nariz arrebitado com a mão livre. – Na verdade…

Olho para ela, levantando as sobrancelhas em expectativa. A garota abre um sorriso de lado.

– Eu nunca morei com a Monica. Ela me pediu pra dizer que morava, só isso.

O quê?

– Então… – Estreito os olhos. – Como é que você conhece a Monica?

Ela dá de ombros.

– A gente meio que foi amiga na faculdade. Quer dizer, mais ou menos. Na verdade eu era mais amiga da garota que morou com ela.

– Então por que a Monica não me deu o telefone *dessa* garota pra gente poder conversar?

Ela dá uma gargalhada tão alta que algumas pessoas na rua se viram e olham para nós.

– Ah, *isso* ela não ia querer.

Meu estômago se revira. Foi exatamente este o motivo de Sam querer investigar Monica: descobrir se ela era doida. Mas aí ela nos ofereceu amizades e familiares completamente inventados. Nunca mais tentei falar com a mãe dela, mas agora fico pensando se a mulher ao telefone era mesmo a mãe.

Talvez tenha sido por isso que Monica disse ser torcedora do Red Sox. Porque a história de que veio de Indiana era pura mentira.

– A garota que morou com a Monica não gostava dela?

Chelsea bufa.

– Não era muito fã dela, não.

– Mas você também não gostava dela. Né?

– Não, mas…

– Mas o quê?

Ela baixa a cabeça.

– Monica me pagou 200 dólares pra dizer que eu morava com ela e que era maravilhosa.

Ah, meu Deus. Monica não se apaixonou por Sam depois de engravidar. O plano dela era me enganar desde o começo.

Será que foi Monica quem empurrou Gertie da escada? Estava tentando tirar minha assistente do caminho para poder se infiltrar na minha vida?

Por que ela faria isso? Por que *eu*?

Chelsea, ou seja lá qual for o nome verdadeiro dela, vê minha expressão e estremece.

– Olha, me desculpa. Achei que nada do que eu dissesse naquele dia ia fazer diferença. Além disso, sou atriz e, tipo, estava no maior perrengue e precisava *muito* daquele dinheiro.

– Não é culpa sua – respondo.

Na verdade, estou bem irritada com essa garota pelo que fez. Toda a minha vida foi destruída por causa de 200 dólares. Ela não poderia pelo menos ter pedido 500?

– Mas preciso da sua ajuda – acrescento.

– Claro – diz ela. – O que você quiser.

TRINTA E TRÊS

A primeira informação que extraio de Chelsea, cujo nome na verdade é Taylor Reynolds, é seu verdadeiro número de telefone. Sam não acredita em uma única palavra do que eu disse sobre Monica, mas talvez acredite em outra pessoa. Mais do que tudo, estou decidida a convencê-lo da minha inocência. Não vou aguentar passar por esse processo sem ele do meu lado.

O segundo favor que Taylor faz por mim é pegar o próprio celular e telefonar para Cynthia Holloway, que já morou com Monica. A informação de Taylor pode ser condenatória, mas parece que Cynthia tem muitas outras coisas a dizer. Se eu conseguir provar que Monica é louca de pedra, e estou convencida de que é, talvez consiga me salvar.

Talvez.

– Agradeço muito por isso – digo a Taylor, enquanto ela procura o número de Cynthia.

Eu me lembro da época em que memorizava o telefone de todas as minhas amigas. Agora tenho sorte se lembrar meu próprio número.

– Tudo bem – responde ela, abrindo um sorriso.

Taylor está fascinada com tudo isso. Acho que dei a ela uma história que vai contar para todos os amigos no bar hoje à noite.

Ficamos ali de pé, dando licença para as pessoas passarem com sacolas de compras. Ela encontra o número e liga. Sinto uma bolha latejar no dedão do pé. É a última vez que corro de salto alto. Se eu precisar fazer trabalho braçal na prisão, vou precisar dos pés em boa forma.

Não. Não posso pensar desse jeito. Vou resolver isso.

– Cynthia? – O rosto dela se anima. – Oi, é a Taylor! E aí?

Em seguida (tenha a santa paciência!) as duas passam uns cinco minutos jogando conversa fora. É como se eu não estivesse bem ao lado de Taylor, com toda a minha vida em risco. Tenho certeza de que ela até esqueceu que estou aqui. Quando começa a contar tudo o que comprou numa bela promoção da Anthropologie, finalmente toco no ombro dela e pigarreio alto.

– Ah! – exclama Taylor. – Escuta, Cyn, você lembra da Monica Johnson?

Mesmo a quase meio metro de distância, ouço a voz feminina do outro lado da linha dizer:

– Ai, meu *Deus*.

Taylor dá uma risadinha.

– Então, tem uma moça aqui que está tendo um problemão com a Monica e ela queria falar com você.

– Cara a cara, se possível – acrescento.

– É, cara a cara – diz Taylor, e passa um momento ouvindo, depois olha para mim. – Não, ela não tem jeito de maluca. Parece gente boa. Acho que a Monica passou a perna nela.

Eu espero, inquieta. Tomara que essa garota esteja disposta a falar comigo. Se eu puder convencer uma ex-colega de quarto de Monica a me contar o quanto ela é louca, talvez Sam esteja disposto a considerar que eu tinha razão. Sei que é difícil para ele pensar o pior dela, já que está grávida dele, mas ele vai ter que dar ouvidos à razão se houver provas suficientes. *Tem* que dar.

Taylor afasta o celular do ouvido.

– Cynthia disse que precisa sair pra trabalhar daqui a uma hora, mas está livre até lá. Ela mora em Greenwich Village.

– Me passa o endereço dela.

* * *

É um trajeto de meia hora de táxi até o apartamento de Cynthia, e faço o taxista pisar no acelerador, prometendo pagar se ele levar uma multa. Todo mundo que conheço acha que Monica é uma santa. É questão de justiça me encontrar com mais alguém que admita que ela não é o que parece.

Enfim, tomara que seja isso mesmo. Se Cynthia só tiver histórias sobre como Monica devorava todo o cereal matinal mas nunca comprava uma caixa nova, vou ficar decepcionada.

Cynthia mora num prédio de tijolinhos no oeste de Greenwich Village, com saídas de incêndio ziguezagueando pela fachada. Encontro o nome Holloway no

interfone e aperto o botão. Pouco depois, ouço um zumbido alto e a porta do prédio se destranca.

O apartamento fica no quarto andar, e ter a esperança de encontrar um elevador seria querer demais. Subo a escada arfando e sentindo as bolhas se multiplicarem nos coitados dos meus pés. Mas ignoro a dor. Preciso falar com essa garota. Ela é a chave de tudo, tenho certeza.

Cynthia Holloway é uma jovem pequena, mais ou menos da altura de Monica, com cabelo preto num corte joãozinho estiloso e um piercing de argola no nariz. Ela exibe um sorriso enorme ao abrir a porta, revelando um incisivo torto.

– Quer dizer que você é uma vítima da Monica, hein?

– Abby – respondo, tentando recuperar o fôlego.

– Certo. – Ela faz que sim e olha para o interior do apartamento. – A Ellie, que mora comigo, está aqui. Ela também quer fofocar sobre a Monica.

– A gente vai contar histórias sobre a Monica? – diz outra voz nos fundos do apartamento.

Uma garota de cabelo castanho-claro preso num coque bagunçado aparece, enxugando as mãos no jeans azul justinho.

– Posso falar primeiro?

Cynthia dá uma piscadela para mim.

– Quer sentar, Abby?

Eu me sento num pufe tipo saco no meio da sala. Acho que nunca me sentei num desses na vida. Eu me acomodo com cuidado no meio, segurando a bolsa no colo, e logo afundo. Não sei como vou me levantar desse treco depois, mas é bem confortável.

– E aí, de onde você conhece a Monica, Abby? – pergunta Cynthia ao sentar numa poltrona.

Não tenho tempo para contar a história toda. É melhor resumir.

– Trabalhei com ela. Até ela me meter numa encrenca com a nossa chefe e eu perder o emprego.

As duas se entreolham.

– Parece coisa da Monica mesmo – comenta Ellie.

Cubro a boca com a mão, tossindo.

– Então, hã, como é que foi a experiência de vocês com ela? Monica era… difícil de conviver?

Cynthia dá uma risada amarga.

– "Difícil" é pouco. Ela era psicopata. Pra ser sincera, no fim eu já estava com

medo de morrer enquanto dormia.

Meu coração pula no peito. Certo, a conversa está promissora.

– Ela não ia *matar* a gente. – Ellie revira os olhos, enquanto eu reprimo o impulso de contar o que sei. – Mas era maluca, sim.

– A gente estava no último ano da faculdade e eu aluguei um apartamento com a Ellie e outra amiga nossa – explica Cynthia. – Mas, na última hora, essa amiga decidiu ir morar com o namorado. Coloquei um anúncio no jornal da faculdade e, uma semana depois, Monica foi morar com a gente.

– E… – Mordo o lábio. – Ela foi… ruim?

– Ela foi legal nas primeiras semanas. E aí começou a loucura. – Cynthia coça o joelho, pensativa. – Ela, tipo, me acusava de comer todo o iogurte dela ou alguma besteira assim. Nada de mais, né? Aliás, eu não comia. Detesto aquele iogurte esquisito que faz a gente cagar. Mas, enfim, Monica ficava com muita raiva. Começava a mexer no lixo, procurando as embalagens. Depois saía pisando duro e deixava o lixo todo espalhado pelo chão. Me diz: quem é que faz uma coisa *dessas*?

– Ah, e acusava a gente de xeretar o quarto dela. – Ellie inclina o corpo para a frente, entrando na história. – Ela colocou uma tranca na porta, então como é que a gente ia entrar, né? Mas Monica tinha certeza. Dizia que ia instalar uma câmera lá dentro pra saber se alguém entrasse. – Ellie balança a cabeça. – Ela ficava com *muita* raiva. Tipo assim, a gente estava na sala com uns amigos e ela saía do quarto e começava a berrar.

– Sem falar que ela chamou a polícia pra nos prender – acrescenta Cynthia. – Várias vezes. Tipo, Monica achava que a gente estava fazendo muito barulho, aí em vez de bater na porta do quarto e pedir pra baixar o volume da música, chamava a polícia e registrava uma queixa de perturbação do sossego. Quase tive um ataque cardíaco quando a polícia bateu na nossa porta. Mais de uma vez!

– Ou o síndico do prédio – diz Ellie.

– Pois é. – Cynthia estremece. – Ah, e ela quase me fez perder o emprego *também*. Ligou pro meu chefe e disse que eu estava roubando material do escritório.

Ellie sorri.

– Mas você *estava*.

– É, mas ela não precisava me dedurar! – Cynthia bate na mesa de centro. – Sério, quem é que faz uma coisa dessas? Eu confrontei a Monica e a reação dela foi, tipo: "Roubar é errado. Você merecia ser denunciada."

– Monica Maluca.

– Aham, Monica Maluca. – Cynthia arregala os olhos. – E aquele cheiro?

Ellie ofega de espanto.

– É, eu tinha esquecido totalmente! – Ela se vira para mim. – Vou te contar a coisa mais sinistra. Monica estava namorando um cara fazia uns meses, mas era um relacionamento complicado. Tipo, eles viviam gritando um com o outro. Dava pra todo mundo ouvir através das paredes. E aí, um dia, eles estavam batendo boca na maior gritaria, até que a gente ouviu um "tum" bem alto e a briga acabou de repente.

– E depois – acrescenta Cynthia –, na semana seguinte, a gente começou a sentir um cheiro horrível vindo do quarto dela. Tipo, o maior fedor mesmo. Como se alguma coisa estivesse apodrecendo lá dentro. Eu tinha certeza que a Monica tinha matado o cara e ele estava apodrecendo no quarto dela.

– Estava, nada.

– Estava, sim!

Se eu fosse uma terceira pessoa imparcial ouvindo essa história, diria que estavam falando absurdos. Mas, sabendo o que agora sei sobre Monica, aposto que ela matou o coitado. Ele deve estar no fundo do rio Hudson.

– A gente tentou procurar o cara nos jornais – conta Cynthia. – Mas não sabíamos o nome dele, então… não deu, sabe? Mas tenho certeza que ela matou ele.

Ellie revira os olhos.

– A Monica podia ser maluca, mas não era assassina.

– Tá, beleza, mas e aquela estaca que a gente achou debaixo da cama dela? – Cynthia se vira para mim. – Depois que a Monica foi morar em outro lugar, encontrei escondido debaixo da cama um cabo de vassoura que ela esculpiu até virar uma estaca. Juro que o plano dela era empalar nós duas. A gente tem sorte de estar viva.

Mordo o lábio, tentando decidir se isso basta. Sim, essas histórias fazem Monica parecer lunática, mas não são nada conclusivas. Não sei se essas duas garotas nada confiáveis vão bastar para convencer Sam de alguma coisa. E é para isto que estou aqui: trazê-lo para o meu lado.

– Ah, e a pior parte – acrescenta Cynthia – era a mãe da Monica. Ai, meu Deus, aquela mulher era *tão* sinistra. E não saía daqui!

– É, ela era um terror! – concorda Ellie. – Cyn, eu te contei daquela noite em que levantei pra beber água e a mãe da Monica estava… tipo, parada na frente da porta do meu quarto? Eram duas da manhã!

– Mas ela cozinhava superbem – comenta Cynthia. – Você chegou a

experimentar os brownies dela?

– Hã, não. Eu é que não ia comer nada do que aquela mulher fazia! Devia estar batizado com, sei lá, cianureto!

Minha cabeça está girando. Conversei por telefone com uma mulher chamada Jean Johnson, que afirmou ser a mãe de Monica. Porém desconfio que seja tão falsa quanto Chelsea Williams.

– Então a mãe da Monica *não morava* em Indiana?

– Nossa, *quem me dera*! – Ellie dá risada. – A Monica era de Boston, mas a família dela se mudou pra cá e mora no norte da cidade. Ou, pelo menos, morava na época.

A mãe da Monica. A verdadeira, não a falsa com quem falei ano passado e que decerto saiu dessa com algumas centenas de dólares. Aposto que qualquer coisa que a mãe dela tenha a dizer será muito mais convincente do que a palavra dessas duas jovens.

– Por acaso vocês têm o telefone dos pais dela? – pergunto.

– Não – responde Cynthia, e meu coração afunda no peito. – Mas tenho o endereço deles. Por um tempo a gente teve que mandar a correspondência da Monica pra lá.

Bom, vai servir.

TRINTA E QUATRO

Meu celular ficou vibrando dentro da bolsa durante todo o caminho até o apartamento de Cynthia Holloway, mas tive medo de olhar a tela. Larguei Sam preso no trânsito e nem disse por quê. Ele deve ter surtado. Depois de sair do apartamento de Cynthia, finalmente me atrevo a pegar o celular. Não me surpreende ver seis chamadas perdidas do meu marido, assim como várias mensagens na tela:

Cadê você?
Abby, cadê você???
Dá pra você dizer onde está?????
Você saiu de um carro em movimento. Dá pra pelo menos
me dizer se está bem???????

O carro não estava em movimento. Estávamos parados no semáforo, pelo amor de Deus.

Acesso o número de Sam na tela. Estou me coçando para apertar o botão verde e fazer a chamada, mas uma coisa me detém. Se eu contar o que estou tramando, ele vai achar que fiquei maluca. Assim como achou que eu estava maluca quando acusei Monica de batizar meu café. Ele vai dizer: "E daí que a Monica morou com umas garotas que não gostavam dela?" E não estaria de todo errado.

É por isso que preciso de mais informações. O fato de Monica não querer que eu falasse com os pais dela é um sinal de que eles devem ter vários detalhes interessantes para dividir comigo. Tenho a impressão de que mamãe e papai Johnson são a chave de tudo.

Os Johnsons moram no norte da cidade, por isso preciso pegar mais um táxi. Não tenho como ligar para avisar da minha chegada, mas isso talvez seja uma vantagem. Tenho certeza de que não vão gostar muito de me ver nem da minha opinião de que a filha deles é uma assassina. Ainda mais porque, a julgar pelo que Cynthia e Ellie disseram, Monica teve a quem puxar.

O apartamento dos Johnsons fica num edifício de aparência modesta com gramado verde e porteiro na entrada. O saguão está repleto de mesas de mármore e sofás vermelho-vivos cafonas. Aliso a blusa que vesti hoje de manhã para a reunião com Frisch e armo meu melhor sorriso profissional.

– Com licença – digo, com a mesma voz confiante que uso com os clientes. – Estou procurando os Johnsons.

Devo parecer uma pessoa importante, porque o porteiro não demonstra desconfiar de mim.

– Eles moram no 6B. Qual é o nome da senhora?

– Abigail Adler. Por favor, diga que sou a chefe da filha deles.

No caminho para cá, fiquei pensando no que dizer. No fim das contas, decidi dizer a verdade. Não tenho a menor ideia do que Monica contou aos pais. Se eu for acreditar no que as garotas disseram, ela deve ser muito próxima da mãe. Mas desconfio que a maioria das pessoas abriria a porta para a chefe da filha, ainda mais se ela tiver uma aparência respeitável.

Prendo o fôlego, esperando o porteiro interfonar. Mesmo que minha história seja concreta, os pais de Monica talvez não estejam em casa no meio da tarde. Tudo isso pode não adiantar nada.

No entanto, por sorte, alguém atende o interfone. O porteiro repete o que eu disse, ouve por um momento, sorri e indica que posso subir.

Pelo menos dessa vez o prédio tem elevador, mas meu estômago passa o caminho todo dando cambalhotas. Não faço ideia do que esperar. Os pais de Monica podem ser qualquer coisa, desde completamente normais a doidos de pedra. Pelo que sei, a Sra. Johnson pode me esfaquear assim que abrir a porta. Acho que não vai acontecer, mas quem sabe?

Por isso estou pouco otimista quando bato na porta do 6B. Meus joelhos estão bambos e sinto náuseas.

É a Sra. Johnson quem abre a porta. Deve ser uns cinco centímetros mais alta do que eu. Tem cabelo castanho sem graça, preso num rabo de cavalo simples, e usa óculos sem armação. Aparenta estar na casa dos 50 anos, a julgar pelas rugas no rosto. Parece… bem normal.

Ao me ver, uma expressão cansada toma conta do rosto dela. Ela me encara

por cima dos óculos meia-lua.

– Desculpe, como é mesmo o seu nome?

– Abigail Adler. Prazer. A Monica trabalha pra mim numa agência de publicidade.

Ela estende a mão para mim. O aperto é firme.

– Louise Johnson.

Exatamente como desconfiei: Jean Johnson era só mais uma invenção.

– Então – diz a Sra. Johnson com um suspiro –, o que foi que a Monica aprontou dessa vez?

As palavras me pegam de surpresa. Achei que ela defenderia a filha.

– Hã… posso entrar? – pergunto.

A Sra. Johnson solta outro suspiro e faz sinal para que eu entre no apartamento pequeno.

É modesto: a sala de estar é menor do que a nossa e a mobília parece muito usada. Eu me acomodo num sofá gasto e a Sra. Johnson senta a mais ou menos meio metro de mim. Não me oferece nada para beber.

– Tudo estava indo tão bem… – A Sra. Johnson tira os óculos e esfrega os olhos. – Faz mais de um ano que não tenho notícias da Monica. Achei… bom, que talvez aquela época ruim tivesse acabado.

Época ruim?

– Mas, no fundo do meu coração, sabia que era só questão de tempo – continua ela. – As pessoas não mudam.

Não sei o que dizer.

– Então, me conta, o que ela fez? – pergunta a Sra. Johnson. – Do que a senhora precisa?

Eu hesito, ponderando o quanto devo dizer. A mãe de Monica já deixou bem claro que não faz a menor ideia do nosso acordo.

– Quando foi a última vez que a senhora falou com a Monica?

– Como eu disse, faz mais de um ano. – Ela balança a cabeça. – Hoje em dia, eu e meu marido só interferimos quando é necessário. Diferente de quando ela era mais nova.

– Aconteceram alguns furtos na empresa – digo. Melhor não comentar o assassinato. Não quero deixar essa mulher preocupada. – Estamos investigando aonde isso leva.

– Tudo sempre leva à Monica. – Ela suspira. – Desculpe, não devia ter dito isso. Mas chega uma hora em que a gente fica exausta. Desde que ela era adolescente…

A Sra. Johnson para de falar, percebendo claramente que é melhor para a filha se não continuar.

– Sra. Johnson – digo, com minha voz mais profissional –, eu gosto muito da Monica. Ela é uma funcionária excelente. Quero ajudá-la. E seria uma grande ajuda *pra mim* saber que problemas ela vem enfrentando, porque… bom, logo tudo vai vir à tona de qualquer jeito.

Prendo a respiração, esperando para ver se a mulher vai acreditar nas minhas mentiras. Ela estreita os olhos.

– Uma funcionária excelente? – repete a Sra. Johnson, bufando. – Só acredito *vendo*!

– É verdade. Ela é muito eficiente, organizada e…

– É, mas é louca! – Os olhos castanhos dela se arregalam e, por um momento, ela mesma parece um pouquinho louca. – Sinto muito se isso vai prejudicar a Monica, mas acho que é melhor a senhora mandar ela embora, pro seu bem. Antes que a garota cause ainda mais estrago. Quem avisa, amiga é.

– Como assim? – pergunto com cuidado.

– Sabe, a culpa não é só dela. – A Sra. Johnson encurva os ombros. – Acho que ela tenta fazer o que é certo. Bom, pelo menos de vez em quando. Mas ela… bom, os psiquiatras discordaram um pouco do diagnóstico…

Psiquiatras?

– A maioria deles concorda que ela tem transtorno de personalidade borderline.

Fico de queixo caído. Investigamos o histórico de saúde de Monica a fundo. Como é que não encontramos um transtorno psiquiátrico?

– Transtorno de personalidade borderline? – repito.

A Sra. Johnson confirma.

– Igual à Glenn Close em *Atração fatal*, sabe? Aquele filme em que ela mata um coelho?

Ah, que ótimo. Escolhi a psicopata matadora de coelhos para ser a mãe do meu filho.

– Os médicos receitaram vários remédios pra tentar ajudá-la – continua a Sra. Johnson.

Remédios? No plural?

– Mas nenhum funcionou. Às vezes ajudavam um pouco, mas não o bastante pra mudar alguma coisa.

Eu relembro o consultório da Dra. Wong, quando ela perguntou se Monica usava algum medicamento. Monica respondeu que não. Claro que não. Afinal,

está *grávida*.

– Mas o motivo de ela ser perigosa é a inteligência – diz a Sra. Johnson. – Ela tem QI de gênio, comprovado num teste. Sabia disso?

– Ah… não me admira.

– Um gênio da matemática. – Pela primeira vez vejo um lampejo de orgulho. – Se ela conseguisse se dedicar, aposto que ganharia um Prêmio Nobel. Mas… bom, agora não dá mais.

Não existe Nobel de matemática, fato de que sei graças a Sam. Em vez disso, existe a Medalha Fields, que só é concedida a cada quatro anos e raramente a matemáticos com mais de 40 anos. Sam é realista quanto às chances que tem de ganhar uma, ainda mais agora que chegou aos 38, embora admita que nunca chegou a concorrer. *Acho que minha Medalha Fields subiu no telhado*, brinca ele às vezes.

– A senhora disse que ela é perigosa. – Meu coração acelera. – Em que sentido? Ela parece completamente normal.

– Ah, Monica é boa nesse papel. – Ela ri, sem alegria. – Mas não se engane. Eu e meu marido começamos a trancar as portas à noite, se é que me entende.

Eu a encaro.

– Sério?

– Ah, sim. – Ela olha ao longe. – Eu sabia que Monica tinha uns problemas, mas nunca achei que fosse perigosa até começar o segundo ano do ensino médio. Ela e a melhor amiga, Sandy, estavam brigando pelo mesmo garoto. Bobagem, sabe? Mas as garotas são muito emotivas nessa idade. As duas se desentenderam e aí…

Uma sensação horrível toma conta do meu peito. Não sei se quero ouvir o resto dessa história, mas como posso evitar?

– O que aconteceu?

Ela fecha os olhos por um momento.

– Sandy sumiu.

Aperto os joelhos com tanta força que os dedos doem. Não acredito que convidei essa louca a entrar na minha vida. Como pude ser tão burra?

– Quem sabe ela tenha fugido de casa? Acontece.

– Ela não fugiu, não. – A Sra. Johnson mantém o olhar distante, encarando o nada. – Encontraram a garota boiando no rio Charles uma semana depois.

Cubro a boca com a mão. Acho que vou vomitar. De verdade.

– Sra. Johnson, posso… posso usar o banheiro?

Ela aponta o dedo comprido e esquelético para o corredor. Pego a bolsa e

corro para lá. Chego ao banheiro a tempo, mas só sinto náuseas secas. Pulei o almoço por estar muito ansiosa pela reunião com Frisch, então não há nada no meu estômago.

Minha cabeça gira enquanto me levanto e olho no espelho. Meu rosto está com uma palidez mortal e o cabelo, desgrenhado. Arrumo as mechas com os dedos e jogo água no rosto, mas de nada adianta. Penso em retocar a maquiagem, mas para quê?

Quando saio do banheiro, a Sra. Johnson está mexendo no celular. Ela levanta o rosto ao me ver, com uma expressão sem vida.

– Achei uma notícia antiga sobre a morte da Sandy, se a senhora quiser ver.

Levanto a mão.

– Não, eu… Não precisa.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Sra. Adler, está se sentindo bem?

Faço que sim, tentando abrir um sorriso fraco ao sentar de novo no sofá.

– Estou, claro.

A Sra. Johnson dá de ombros e põe o celular na mesa.

– O assassinato foi bem chocante, como a senhora pode imaginar. E quase todo mundo acreditou que a Monica teve alguma coisa a ver com ele, apesar de nunca terem conseguido provar. Foi por isso que saímos de Boston e viemos morar aqui.

Um calafrio percorre meu corpo. Monica matou alguém na adolescência e escapou sem sofrer as consequências. Além de ser uma assassina, pelo jeito, é boa no que faz. Já era boa quando adolescente, então a esta altura deve ser ótima.

A Sra. Johnson se reclina no encosto do sofá.

– Desculpe. Não devia ter contado tudo isso pra senhora. Deveria estar defendendo a Monica… eu sei. Antes eu fazia terapia e, nas sessões, só falava da Monica. Monica, Monica, Monica…

Parece o assunto de que *eu* falaria se fizesse terapia.

– Sra. Johnson, posso fazer uma pergunta?

Ela faz que sim.

– Claro.

– Como é que a senhora perdeu contato com a Monica?

– Ah. – Ela balança a cabeça. – A gente começou a brigar por causa do caso dela. Faz uns três anos. A partir daí a coisa degringolou.

– Caso?

Ela revira os olhos.

– Monica começou a ter o que, na minha opinião, foi um caso muito imprudente com o professor de matemática na faculdade. Falei isso pra ela, mas ela não quis saber.

As palavras me paralisam.

– Professor de matemática?

– Ah, pois é. Bom, você tinha que ver o cara. Era bem bonito, nem dava pra julgar muito a Monica. Mas é claro que ele era bem mais velho do que ela. E casado, lógico.

– Casado…? – Sinto um nó na garganta e engulo em seco. – Onde foi mesmo que a Monica fez faculdade?

Quando a Sra. Johnson diz o nome da universidade onde meu marido dá aula, é como um soco no estômago. Não. *Não*. Não pode ser.

Não pode.

– É óbvio que o professor estava se aproveitando de uma garota muito jovem – continua a Sra. Johnson. – Mas Monica não pensava assim. Estava completamente apaixonada e encarava todas as minhas críticas como um ataque pessoal.

Fecho os punhos suados, amassando a saia.

– A senhora… por acaso lembra o nome dele?

– Steve – responde ela, pensativa, e franze a testa. – Não, não era isso. Simon? Não…

– Sam? – digo numa voz esganiçada.

Ela estala os dedos.

– Isso. Sam. Era esse o nome. Nunca vi a Monica tão encantada com um homem antes. Parece que eles estavam *apaixonados*. Dá pra acreditar?

Nem faço de conta que ela não está falando do meu marido. Um professor de matemática chamado Sam?

Não tem como ser coincidência.

– A senhora… sabe o que aconteceu com eles?

Ela balança a cabeça.

– Como eu disse, depois disso meu relacionamento com ela degringolou. Não faço ideia do que Monica andou aprontando. Deve ter tocado a vida depois que não conseguiu fazer o professor largar a esposa. Ou talvez tenha feito ele perder o emprego. Seria bem feito pra ele.

Ou então…

Talvez os dois tenham descoberto um jeito de finalmente ficarem juntos.

TRINTA E CINCO

Sam e Monica estão tendo um caso.

Pela cronologia que a mãe de Monica me passou, esse caso está rolando há *pelo menos* três anos. Três anos de Sam aprontando pelas minhas costas – o que é bem fácil de fazer com a agenda de aulas flexível e as minhas muitas horas de trabalho. Aquele sofá velho que fica no escritório dele na universidade deve ter sido um ótimo lugar para se enroscar com ela.

Em certos aspectos, parece impossível. Sam foi meu porto seguro durante os últimos dez anos. Ao mesmo tempo, alguns detalhes fazem muito sentido. Afinal de contas, faz anos que universitárias lindas se oferecem para ele – e ele não é de pedra. É compreensível que em algum momento Sam tenha cedido. Quer dizer, compreensível, não. Mas *concebível*, sim. O que ele teve com Monica com certeza não foi seu primeiro casinho.

Minha mãe tinha razão: ele é bonito demais. Eu me enganei.

Sam sempre demonstrou me amar por quem eu sou. Na verdade, sempre pareceu se ressentir de eu ter tanto dinheiro. Nunca me deixou gastar com coisas que podíamos pagar, como uma vaga no estacionamento. Mas adorava o condomínio em que nunca poderíamos morar sem o meu fundo. Em resumo, está claro que ele não me amou *apenas* por quem eu sou.

E, se queria mesmo um filho, deve ter sido muito frustrante ver todas aquelas garotas jovens e férteis nas aulas e saber que qualquer uma delas poderia dar a ele o bebê que eu não pude. Tenho certeza de que foi isso o que Monica disse a Sam quando ficaram juntos pela primeira vez. Quando conceberam essa trama diabólica.

Janelle, a garota que prometeu entregar o bebê para nós, nunca deu sinal de que voltaria atrás. Ela estava ansiosa para nos dar a criança. Mas, agora que paro para pensar, nunca falei com ela sobre a desistência. Sam me disse que ela mudou de ideia, e pronto. Confiei nele.

E, é claro, foi Sam quem investigou o histórico de Monica, o que tenho certeza de que nunca fez. Foi ele quem me deu o número de telefone de "Chelsea" e da "mãe" de Monica e alegou ter verificado tudo. Aham, sei.

Tenho certeza de que Sam e Monica se divertiram muito planejando uma

forma de me excluir das consultas dela com a obstetra. Qualquer um dos dois pode ter sido responsável por alterar os horários na minha agenda. E batizar minha comida com drogas também pode ter sido um trabalho em equipe. Ah, e os cristais de metanfetamina que Sam "encontrou" na minha gaveta? *Esse* mistério está resolvido.

Aquele abridor de cartas que matou Denise… foi Sam que me deu. Achei que fosse um presente de aniversário de casamento fofo e atencioso, mas, no fim das contas, ele me forneceu a arma do crime.

E agora está me pressionando a aceitar o acordo judicial. Vai saber o que ele disse para fazer Frisch me dar esse conselho. Só o que quer é me tirar de cena ao menor custo possível. Assim pode finalmente ficar com Monica.

Só tem um problema.

Se foi Sam quem fez tudo isso, ele não é só um babaca ou um marido traidor. Seria um psicopata completo. Afinal, ele poderia ter se divorciado de mim, se quisesse. Seria difícil e ele perderia o acesso ao meu dinheiro, mas não é nenhum coitado desempregado. Conseguiria se sustentar depois do divórcio. Mesmo que Sam não tenha assassinado Denise, dar um jeito de me incriminar por homicídio é obra de uma pessoa com um problema grave.

Conheço Sam há mais de uma década. Até ontem, eu diria que o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Acho que ele não é assim. Nunca imaginei que seria capaz de uma coisa dessas.

Além disso, não dá para subestimar a influência de uma mulher perversa. E da minha vasta conta bancária.

E do sexo. Essa também é uma enorme influência.

Saio do apartamento dos Johnsons e volto a pé para casa a fim de clarear a mente. Ao chegar, a primeira coisa que faço é vasculhar as gavetas de Sam na cômoda e o lado dele no closet. Não sei ao certo o que estou procurando. Manchas de um batom que não me pertence? Bilhetes de amor de Monica? O perfume de lavanda dela persistindo nos calções dele? Não faço ideia. O que quer que esteja procurando, não encontro. Só vejo camisas, calças e cuecas, todas com o cheiro do nosso sabão em pó e um pouco da loção pós-barba que ele usa.

Depois de concluir a busca exaustiva no nosso quarto, desabo no sofá e começo a soluçar. É, estou chorando *mais uma vez*. Não acredito que meu marido fez isso comigo. Eu o *amava.* Achei que ele me amasse. Naquele dia, quando Sam pegou minha mão na frente do juiz de paz, olhou nos meus olhos e disse que me amaria até que a morte nos separasse, foi tudo mentira?

Eu me lembro do jeito como ele falou. Com muita seriedade. A seriedade

com que sempre tratou tudo no nosso relacionamento. Como se, ao dizer aquelas palavras, ele as buscasse no fundo da alma.

Merda.

Pego o celular, abro a lista de contatos favoritos e vejo o nome de Sam no topo. Eu o coloquei ali depois do nosso terceiro encontro. Mas não posso ligar para ele agora. Ainda não estou pronta para confrontá-lo. Em vez disso, toco no nome de Shelley.

O telefone toca três vezes e tenho certeza de que ela não vai atender. Vem me evitando desde o assassinato de Denise, o que indica que me considera culpada. Mas logo ouço a voz dela do outro lado da linha. O tom é reservado, mas pelo menos ela atendeu.

– Oi, Abby. – Há cautela na voz dela. – Como é que você está?

Contra minha vontade, sinto novas lágrimas nos olhos.

– Shelley, por favor, dá pra você parar de agir como se eu fosse uma assassina?

Há silêncio do outro lado. Meu estômago se revira enquanto espero a resposta dela. Acho que não aguento ser rejeitada por mais uma pessoa importante para mim.

Por fim, ela dá um suspiro.

– Desculpe, Abby. É que… bom, você tem que admitir que a situação é grave.

– Acha que eu não sei?

– E você odiava Denise mais do que ninguém…

– Eu não odiava Denise – digo com sinceridade. – A gente só… se desentendeu. Mas eu não a odiava. – Faço uma pausa. – Além do mais, existe uma diferença entre odiar alguém e esfaquear a pessoa com um abridor de cartas.

Shelley dá uma gargalhada malcontida.

– É, acho que é verdade.

– Escuta, tem como a gente se encontrar pra tomar um café? Preciso muito falar com você.

– Claro, Abby. É só me dizer quando e onde.

* * *

Levo mais ou menos meia hora para contar a Shelley a história toda, do começo ao fim. Quando termino, culminando na minha visita ao apartamento de Cynthia, ela está de queixo caído. Não sei se está chocada ou se acha que enlouqueci. Tomara que seja a primeira opção.

– Nossa – sussurra ela. – Isso é…

Baixo a cabeça, olhando nas profundezas do meu copo de café.

– Pois é. Você sempre disse que o Sam era meio perfeito demais. Acho que tinha razão.

– Bom – responde ela, pensativa –, ele não era *tão* perfeito assim. Era *legal*. Mas…

Fico intrigada.

– "Mas" o quê?

– Bom, às vezes ele era meio chato, né? – Ela toma um gole da bebida cheia de espuma. – Quer dizer, algumas vezes ele era de boa, mas outras a gente fazia uma pergunta inocente e ele transformava num grande problema matemático. Como aquela vez que a gente foi pegar sorvete de casquinha. Eu disse pra ele tomar cuidado pra não colocar demais porque acabaria caindo, e ele começou a tentar calcular até que altura podia encher a casquinha sem que isso acontecesse.

Sorrio com meus botões. Shelley ficou muito irritada quando ele sacou a caneta e começou a fazer contas num guardanapo na sorveteria.

– Pelo jeito a Monica ia adorar isso – comento.

– E as piadas de matemática? Aff.

– Disso ela também gosta.

Aperto o copo com tanta força que ele queima minha mão. Monica é tão perfeita para Sam, e de tantas formas, que não consigo nem julgá-lo por se apaixonar por ela.

Não, não é verdade. Julgo, sim. Babaca.

À toa, mexo o café com a colher.

– Então, você acha que é verdade? Sam e Monica? – pergunto.

Shelley hesita.

– É pra ser sincera?

– Claro que é pra ser sincera!

– Acho, sim.

Meu coração afunda. Shelley conhece Sam muito bem. Se ela acredita que pode ser verdade, é um mau sinal.

– Sério?

– Bom, sei lá. – Ela suspira. – Sempre teve alguma coisa estranha nele que eu não conseguia identificar…

– Você nunca me disse isso!

– Ah, sei lá. Achei que fosse coisa da minha cabeça.

Meu celular toca dentro da bolsa. Pego o aparelho e vejo uma mensagem de Sam:

Cadê você? Acho que a gente precisa conversar.

Levanto o rosto e Shelley está de sobrancelhas erguidas.

– Era o Sam?

Faço que sim.

– Ele quer “conversar”.

Ela toma um gole de café, me encarando por cima do copo.

– Tem certeza de que é seguro ficar no apartamento com ele?

– Como assim?

– Bom, se ele e Monica tramaram a morte da Denise, ele é capaz de qualquer coisa. E se os dois estiverem no apartamento neste exato momento, armados com uma faca e fita adesiva?

– Ai, meu Deus, ele não faria uma coisa dessas!

– Não?

Olho para a mensagem do meu marido. Não sei mais o que pensar. Hesito antes de digitar a resposta:

Vou ficar fora até tarde. Amanhã a gente conversa.

TRINTA E SEIS

Eu e Shelley acabamos mesmo ficando fora até tarde. Depois do café, vamos jantar num restaurante. E, depois disso, vamos a um bar beber um pouco. Bom, *mais* do que um pouco, para ser sincera. Digo a mim mesma que preciso parar, que agora é mais importante do que nunca continuar lúcida, mas o álcool é a única coisa que alivia a dor da traição. Quando chego em casa cambaleando, já passa da meia-noite e todas as luzes estão apagadas.

Entro no quarto escuro, murmurando baixinho um palavrão ao tropeçar num sapato que Sam largou no meio do quarto. Ele *sempre* deixa os sapatos num lugar onde é fácil eu tropeçar. Antes, isso me deixava furiosa. Por acaso é difícil jogar os sapatos dentro do closet, caramba?

Eu me lembro de quando esse era o pior dos nossos problemas.

Sam está apagado na cama. Está de camiseta e calção e jogou o cobertor de lado enquanto dormia. É mais uma das coisas que sempre faz. Começa o sono com o corpo todo debaixo do cobertor e em uma hora termina descoberto.

Os óculos dele estão na mesa de cabeceira e ele respira profundamente, quase roncando. Está com a barba por fazer e, ao observá-lo, é difícil julgar Monica por se apaixonar por ele. Também não consegui resistir quando nos conhecemos. Ainda não consigo. Nem mesmo agora que sei a verdade.

Vejo o celular dele, que está carregando na mesa de cabeceira. Ele me disse a senha e acho que não a mudou. Talvez eu consiga acessar o celular, e aí vou ver sobre o que ele tem falado com Monica durante esse tempo todo. Sei que eu disse que não violaria a privacidade dele, mas isso foi antes da acusação de homicídio.

Preciso saber a verdade.

Pego o celular antes que possa mudar de ideia. Teclo os seis números que formam a senha e, para minha surpresa, a tela é desbloqueada.

Clico logo no ícone das mensagens. O nome de Monica está bem no alto: ele não tentou escondê-lo. Clico na conversa deles, lendo as frases mais recentes.

Sam: Não sei o que fazer com a Abby. Isso é ruim.
Monica: Pois é.
Sam: Ela não quis vir pra casa hoje. Então o plano está cancelado.

Plano? Que plano? O que ele pretendia fazer caso eu chegasse em casa no começo da noite como deveria? Tinha alguma coisa a ver com fita adesiva?

– O que você está fazendo?

Quase derrubo o celular. Sam acordou e está me observando na escuridão. À luz da tela, consigo distinguir seus olhos. Meu coração começa a bater acelerado.

– Hã… – respondo.

Ele franze a testa.

– Esse aí é o meu celular?

– É…

Ele senta na cama, piscando para mim enquanto coloca os óculos.

– Você está xeretando o meu celular?

Não adianta negar. O que eu estava fazendo é dolorosamente óbvio. Deveria ter pelo menos levado a porcaria do celular para o outro quarto, em vez de xeretá-lo a um metro de Sam. O que é que eu tenho na cabeça? Seria a pior espiã da história.

– Eu… acho que sim.

– Por quê?

Ele parece sinceramente confuso. Não sabe o que eu sei. Acha que ainda estou completamente por fora. Eu hesito, porque não quero pôr as cartas na mesa antes de obter mais informações. Mas não consigo evitar.

– Você está tendo um caso com a Monica?

Sam arregala os olhos. Por um momento, olha para mim boquiaberto, depois se levanta da cama e tira o celular da minha mão. Fica parado ali por um instante e, de repente, percebo que ele é bem maior do que eu. Não diria que Sam é um cara "grandalhão", mas tem 1,80 metro – 15 centímetros a mais do que eu – e músculos poderosos nos braços, depois de tantas horas na academia. Quando ele se levanta diante de mim, seu olhar fica severo. Dou um passo para trás.

Se quisesse, Sam poderia me jogar pelo quarto feito uma boneca de pano. Pode fazer o que quiser comigo.

Mas, em vez disso, ele tira o travesseiro da cama e passa por mim.
– O que está fazendo? – pergunto.
– Vou dormir no sofá. Não estou a fim de deitar na mesma cama que você.
– Ah – murmuro.
Ao chegar à porta do quarto, ele para e se vira para me encarar.
– Eu nem te reconheço mais, Abby.
– Igualmente – respondo.
Ele estreita os olhos.
– E você está cheirando a uísque.
Bom, acertou.
– Boa noite – diz Sam, batendo a porta.
Se antes disso ele não estava tendo um caso, acho que mudei tudo.
Mas o lado bom é que ele não me amarrou numa cadeira.

TRINTA E SETE

Ao acordar, me arrependo amargamente do consumo de álcool ontem. Eu me levanto com a cabeça latejando e com gosto e textura de lixa na língua. Rolo na cama e vejo o espaço vazio ao meu lado. É a primeira vez, durante todo o nosso casamento, que Sam dorme no sofá. Tenho o mau pressentimento de que não vai ser a última.

Enquanto estou deitada, a campainha toca, ecoando pelo apartamento. Esfrego os olhos, estremecendo com o barulho. Nem imagino quem viria aqui tão cedo num dia de semana comum. Não estou esperando ninguém.

Ah, meu Deus, será que a polícia veio me prender?

Meu coração martela dentro do peito enquanto corro descalça até a porta. Eu me aproximo para espiar pelo olho mágico e quase desmaio de alívio ao ver Gertie. Ela está com uma sacola de mercado numa das mãos e a bengala na outra, sorrindo.

Abro a porta de uma vez e o sorriso dela se amplia ao me ver. Bom, só até me olhar com mais atenção. É perturbadora a forma como Gertie arregala os olhos e dá um passo para trás. Eu gostaria de ter me olhado no espelho antes de correr até aqui.

– Abby! – exclama ela, arquejando. – Você está com cara de quem não dorme há semanas.

Não, é só ressaca. Mas não comento isso.

– É, a coisa anda difícil.

– Bom, é por isso que estou aqui! – Ela mostra a sacola de compras. – Você estava tão triste da última vez que te vi que quis fazer um café da manhã pra

você.

– É muita bondade sua, mas…

Ao que parece, Gertie não aceita não como resposta. Ela passa por mim, entra e logo fica à vontade na cozinha. Dentro de instantes, está abrindo a torneira e mexendo nas panelas.

– Posso fazer alguma coisa pra ajudar? – pergunto.

Ela abana a mão.

– Claro que não! Vá, hã… lavar o rosto.

Entendi.

Volto cambaleando para o quarto para conferir o tamanho do estrago. Quase dou um grito ao ver as olheiras e o meu cabelo emaranhado. Quando eu tinha 20 e poucos anos, conseguia tomar todas e continuar linda na manhã seguinte, mas isso é passado. Passo uma escova no cabelo e um pouco de maquiagem no rosto.

Pronto. Melhorou.

Quando volto à cozinha, sinto cheiro de ovos, o que faz meu estômago roncar apesar da ressaca. Isso me lembra a tentativa de Sam de fazer um omelete no café da manhã, alguns meses atrás. Ele colocou ovos demais na frigideira e o centro do omelete ficou completamente cru, enquanto a parte de fora ficou escura. Batizamos o prato de "Surpresa de Salmonela". Demos muita risada nesse dia (e comemos flocos de milho).

Não dá para acreditar que Sam está me traindo com Monica. Como é que pode?

– Abby, senta, querida – diz Gertie.

Ela está usando o avental matemático de Sam e mexendo os ovos na frigideira. Pega o cabo da panela e serve os ovos em dois pratos. Leva o meu até a mesa de jantar e volta mancando para pegar um copo de suco de laranja.

– O café da manhã está servido!

Não sei se estou com fome, mas não quero dar uma de ingrata, então sento numa cadeira. No mínimo estou com uma sede inacreditável, por isso bebo o suco todo em três goles. Isso faz a dor de cabeça parecer um pouquinho melhor.

Cutuco os ovos com certa relutância, mas, depois da primeira garfada, começo a comer tudo. Está muito gostoso. Bem melhor que a Surpresa de Salmonela.

– O que achou? – pergunta Gertie, sorrindo para mim do outro lado da mesa.

– Você tem que ensinar o meu marido a fazer isso – respondo.

Desconfio, porém, que Sam nunca mais vai tentar fazer ovos para mim. Essa época acabou.

– Seria um prazer.

Gertie dá uma piscadela e, assim de perto, reparo que ela não tem tantas rugas quanto eu esperava ao redor dos olhos. Sempre achei que estivesse perto dos 70 anos, mas agora acho que está mais para os 60. É uma pena ela ter sofrido uma fratura tão grave no quadril sendo tão jovem. Ainda fico pensando se Monica foi a responsável. Acho que nunca vou saber a verdade.

Estou quase terminando de comer os ovos deliciosos quando a campainha toca outra vez.

Gertie ergue o olhar do próprio prato.

– Está esperando alguém, Abby?

Balanço a cabeça. Talvez agora seja mesmo a polícia. Limpo a boca com o guardanapo que Gertie trouxe para mim e me levanto para ver quem é. Ao avistar Monica, quase finjo não estar em casa.

Não quero ficar a sós com ela. As histórias aterrorizantes da Sra. Johnson ainda ecoam nos meus ouvidos. Não confio em Monica nem por um instante. É quase certo que ela matou Denise a sangue-frio.

Porém Gertie está aqui. Monica não tentaria fazer nada na frente de uma testemunha.

Ou tentaria?

Destravo as trancas da porta e abro uma fresta, mas mantenho a corrente presa. Monica está deslumbrante em um vestido vermelho-vivo e com o cabelo preto e sedoso solto sobre os ombros. Meus olhos, porém, se fixam logo na barriga dela. Meu Deus, ficou enorme. Deve estar pronta para ter o bebê a qualquer momento.

– O que está fazendo aqui? – rosno para ela.

– Por favor, posso entrar? – Ela segura a barriga com as duas mãos. – A gente precisa conversar.

– Ah, é mesmo?

Ela hesita.

– Sam pediu pra eu vir falar com você.

– Quem é? – pergunta Gertie à mesa.

Pela fresta da porta, encaro Monica, que a esta altura parece ter dificuldade para ficar ereta. Ela pode ser perigosa num dia normal, mas acho que no momento não representa ameaça. Eu até conseguiria enfrentá-la, mesmo que ela tivesse uma faca. Ou um abridor de cartas. Sem contar que Gertie está aqui: seriam duas contra uma.

– Tá. – Fecho a fresta, tiro a corrente e escancaro a porta para ela. – Entra.

Monica entra gingando no apartamento. Bom, mais ou menos. Embora esteja bem grávida, seu modo de andar até que é gracioso. Fico pensando o que Sam acha disso. Deve achar que ela está extremamente sexy. É óbvio que ele anda transando com ela, porque comigo não transa há um mês.

Monica vê Gertie sentada à mesa e para de repente.

– Não sabia que você estava com visita.

– Ah! – Gertie faz um esforço para se levantar. – Abby, se você quiser eu posso ir embora.

– Não – respondo depressa, pois me sinto segura com Gertie aqui, ainda que ela seja uma idosa com uma bengala. – Fica, por favor.

Gertie olha para Monica, indecisa. Talvez seja egoísmo da minha parte pedir para ela ficar, ainda mais se tiver sido Monica quem a empurrou da escada. Não quero colocar a vida de Gertie em perigo.

Mas não, vai dar tudo certo. Monica não vai tentar fazer nada na presença de nós duas.

– Vou arrumar a cozinha – anuncia Gertie, por fim.

Monica se acomoda numa das cadeiras enquanto Gertie vai mancando para a cozinha, onde não poderá nos ouvir. Monica joga o cabelo por cima do ombro e, mais uma vez, tenho um vislumbre das raízes claras. Ela me olha nos olhos e, sem querer, eu estremeço.

– Sam tinha uma palestra hoje cedo, mas prometi a ele que você e eu teríamos uma conversa sincera. – O sorriso dela não alcança os olhos. – A situação saiu um pouquinho do controle, você não acha?

Olho para o prato de ovos mexidos.

– Não sei do que você está falando.

– Abby, não preciso te dizer que o seu comportamento na noite passada deixou Sam muito chateado. – Ela solta um muxoxo. – Xeretar o celular dele? Que deselegante.

Levanto o queixo.

– Eu tive um bom motivo.

Por um instante, ela fica em silêncio.

– É – responde por fim. – Acho que teve.

A resposta não faz com que eu me sinta melhor.

– O que você quer dizer com isso?

– Acho que você sabe a resposta – diz ela baixinho.

Levanto o olhar.

– Quê?

– Abby, acabou.

Eu a encaro.

– Como é que é?

– Você e Sam. O casamento de vocês. Acabou.

O suco de laranja e os ovos no meu estômago ameaçam voltar com tudo.

– Do que você está falando?

– Pensa nisso, Abby. – Monica me olha com pena. – Você está péssima. *Olha só* pra você. Está viciada em drogas. Prestes a ser presa por *homicídio*. – Ela balança a cabeça. – Eu e Sam achamos que seria melhor você arranjar outro lugar pra morar, pra nós podermos ficar aqui e cuidar do bebê.

Com essas palavras, ela põe a mão na barriga num gesto protetor. Aquele é o bebê que eu ia criar com Sam. Agora, ele ainda vai cuidar da criança, mas eu não vou participar.

– Eu… – Olho para o prato vazio, enjoada. – Quero ouvir isso da boca dele.

– Sam não tem coragem de te dizer isso. É muito difícil pra ele.

– Ah, é mesmo?

Ela bufa.

– Francamente, não era nem pra você estar com ele. Você não é nada atraente e, em termos intelectuais… bom, não tem comparação. Se alguém te falasse de números primos, você perguntaria quais são os números tios.

Não perguntaria, não. Sei o que são números primos. São os números que… bom, são parte dos números naturais.

Mas é melhor nem comentar. Posso estar enganada.

– Sam casou com você por dinheiro – diz Monica. – Simples assim. E agora a sua utilidade acabou.

Será que ela tem razão? Sam casou mesmo comigo por causa do dinheiro? Se alguém me dissesse uma coisa dessas um ano atrás, eu não acreditaria. Mas agora…

Há uma sensação estranha no fundo da minha mente. Balanço a cabeça, tentando me livrar dela, mas não adianta. Olho para Monica e, por um instante, vejo duas dela. Mas, quando pisco, ela volta a ser uma só. Esfrego o rosto.

Monica franze a testa.

– Você está bem?

– Eu… – Fecho os olhos com força e volto a abri-los. – Estou meio… zonza.

Monica olha para o prato na minha frente, depois se recosta na cadeira para olhar na direção da cozinha.

– Estava nos ovos? – grita ela.

Gertie sai da cozinha, enxugando as mãos num dos meus panos de prato. O estranho é que não está segurando a bengala, embora antes, quando chegou, parecesse incapaz de dar um passo sem ela.

– Não – responde Gertie. – Estava no suco de laranja. Ela tomou faz uns dez minutos.

Fico de queixo caído.

– Gertie?

– E você usou o frasco todo? – pergunta Monica.

– Até o último comprimido.

Monica sorri para Gertie e, desta vez, é um sorriso genuíno.

– Obrigada, mãe – diz ela.

TRINTA E OITO

Minha cabeça está girando. Não sei se é por causa do que colocaram no suco de laranja ou pelo fato de que, de repente, Gertie e Monica são cúmplices, talvez até mãe e filha. Será um sonho? Estou alucinando? Não pode ser verdade!

– Você… – Concentro meu olhar em Gertie, mas está cada vez mais difícil. – Você é a mãe da Monica?

– Ah, você é ligeira. – Gertie ri. – Talvez *seja* inteligente o bastante pra estar com Sam.

– Mas… – gaguejo. – Eu *conheci* a mãe da Monica. Fui ao apartamento dela outro dia. Ela… Você não é ela.

Monica sorri com desdém.

– Aquela era a minha *madrasta*, Louise. Você achou mesmo que *ela* era minha mãe? Ela não tem nada a ver comigo!

Olho de Monica para Gertie e finalmente percebo a semelhança. Está nos olhos e no queixo. Mas tenho a impressão de que as similaridades vão além da superfície. Eu me lembro de ouvir Cynthia dizer que a "mãe maluca" de Monica estava sempre no apartamento delas.

– Eu deveria te agradecer, Abby – diz Gertie, com um brilho no olhar. – Na primeira vez que Sam foi te visitar no trabalho e me contou que era professor de matemática na mesma faculdade onde a minha filha estudava, eu logo disse pra ela que precisava conhecê-lo. Né, Monica?

Monica faz que sim.

– Me inscrevi nas aulas dele naquele mesmo semestre. E… bom, minha mãe tinha razão, como sempre. Eu e Sam nos apaixonamos num instante.

– Depois que planejei minha aposentadoria antecipada, eu disse pra Monica exatamente o que deveria dizer pra conseguir o emprego – declara Gertie, orgulhosa. – Era só citar aqueles comerciais de iogurte de fibras que você contrataria ela de cara.

Elas me manipularam desde o começo. Uma onda de tontura toma conta de mim e me agarro à mesa para não cair da cadeira.

– Eu sabia que você estava desesperada pra ter um filho – continua Gertie. – Depois que conseguiram a adoção, tive medo de que você prendesse o Sam pra sempre, mas… bom, demos um jeito de resolver isso. Quando a adoção deu errado, você estava disposta a fazer… ah, qualquer coisa. E, se tivesse dúvidas, eu sabia que conseguiria anular todas elas quando a gente conversasse por telefone.

Por um instante, minha visão fica turva. Pisco até recuperar o foco.

– Por telefone?

Monica abre um sorriso.

– Você pediu pra falar com a minha mãe. – Ela indica Gertie com um gesto da cabeça. – E falou.

A mulher com o código de outro estado era Gertie. Como é que não reconheci a voz dela?

– Mas aí a Denise descobriu qual era a sua – digo. – E você teve que se livrar dela.

Monica ri, bufando.

– Fala sério. Denise não descobriu *nada*. Sou muito mais inteligente do que ela, do que *vocês duas*. Eu *quis* que ela me pegasse mexendo na mesa dela. Depois demorei pra voltar do almoço pra ela poder encontrar aqueles comprimidos nas minhas coisas.

– Mas por quê?

– Porque eu sabia que ela ia te ligar. – Monica revira os olhos. – Talvez você não saiba, mas Denise tinha adoração por você. Sempre que você não estava lá, era toda hora: "Bom, Abigail faz assim ou assado, por que você não consegue?" Ou então: "Abigail nunca vai embora cedo, por que vocês estão indo pra casa ficar com a família?" Dava pra ver que ela lamentava o que tinha acontecido.

Ouvi-la dizer essas palavras sobre Denise é uma facada no coração. Denise nunca me odiou. Mesmo quando ficou decepcionada com minhas decisões pessoais, continuou achando que eu era uma das melhores funcionárias. E Monica a assassinou por isso.

– A propósito, aquele Adderall é totalmente legalizado – acrescenta ela. – Qualquer policial pode confirmar. E não foi ele que apareceu no seu exame de

urina. Aquilo era metanfetamina pra valer.

Monica pensou em tudo. A madrasta dela tinha razão: ela é mesmo um gênio.

– Por que você está fazendo isso? – murmuro.

Minha mente está turva, mas pelo menos ainda estou consciente, o que já é alguma coisa. O efeito dos comprimidos ainda não me atingiu em cheio. Talvez eu ainda consiga forçar o vômito. Sinto que vou acabar vomitando de qualquer jeito. Mas, caso contrário, tomara que pelo menos ela me conte com o que me drogou.

– Não é óbvio? – responde Monica.

– Não. Você já deu um jeito de me mandar pra cadeia pelos próximos quinze anos. Pra que me matar?

– Assim fica muito mais simples. – Ela junta as mãos no colo e sorri como se estivesse muito satisfeita consigo mesma. – Você está deprimida com tudo o que fez e não vê mais saída, então toma o frasco inteiro do sonífero e tem uma overdose.

Meu sonífero. Saco. Não admira Sam querer tanto que eu renovasse a receita.

Mexo os tornozelos, percebendo que minhas pernas ainda parecem intactas. Será que eu conseguiria fugir? Monica está grávida, pelo amor de Deus. E Gertie está… bom, em condições melhores do que eu imaginava. Mas mesmo assim… talvez eu consiga.

– A gente precisa amarrar ela. – Gertie olha para mim estreitando os olhos. Deve ter adivinhado o que estou pensando. – Não quero que Abby tente fugir.

– Não. – Ranjo os dentes. – Vocês não vão me amarrar. Não vou deixar.

Monica ri.

– Ah, essa eu quero ver.

Ela remexe no interior da bolsa pendurada no encosto da cadeira. Fico de queixo caído quando saca uma arma. Uma *arma*. Não a aponta para mim, mas a simples presença do objeto me paralisa. É tão *ameaçadora*.

– Tinha um estande de tiro bem do lado da minha casa quando eu era mais nova – diz ela, como se não fosse nada. – E sou muito boa de mira. Se bem que, dessa distância, nem precisaria ser.

Olho de Monica para Gertie com o coração batendo acelerado. Se ela atirar em mim, acabou. Não tenho a menor chance.

Monica remexe na bolsa mais uma vez e tira uma folha de papel de carta. Ela a empurra por cima da mesa para que eu leia. Olho para as palavras, escritas numa imitação impecável da minha letra e por alguém que passou um ano

analisando os bilhetes que escrevi à mão e treinando. A assinatura está perfeita: só um especialista em caligrafia perceberia a diferença, e duvido que alguém pense em convocar um.

É uma confissão completa de tudo. Meu vício em drogas que saiu do controle. O assassinato da minha ex-chefe depois que ela não cedeu à chantagem. E, no clímax, um pedido de desculpas a Sam, em que dou a ele minha bênção para tocar a vida.

– Suas últimas palavras. – Monica sorri para mim e eu estremeço. – Poético, né? Não está feliz porque é assim que as pessoas vão se lembrar de você?

Indico a arma na mão dela.

– Se você atirar em mim, vai estragar o plano de suicídio, né? Se me matar a tiros na minha própria casa, qual vai ser a explicação?

– Ah, vim preparada. – Num gesto protetor, ela pousa a mão esquerda na arma. – Ainda tenho acesso ao seu e-mail da empresa. Hoje de manhã você me mandou um e-mail me convidando pra "conversar". E, quando cheguei, você apontou uma arma pra mim porque o seu ciúme saiu do controle. A gente lutou e… bom, infelizmente levei a melhor. E a coitada da Gertie testemunhou tudo.

– Tá, mas como é que *eu* tinha uma arma?

Monica nem vacila.

– Não sei… Talvez você precisasse dela porque muitos traficantes frequentavam o seu apartamento. Quem sabe? Não está registrada, deve ter sido roubada. Você deve ter comprado no mercado clandestino.

Estou sem palavras. Ela pensou em tudo.

– Mas acho que o suicídio seria muito mais respeitável, não concorda?

Monica aponta a arma para mim, o que me deixa apavorada. Nunca apontaram uma arma para mim. Nunca segurei uma arma. Sinceramente, nem sei se já estive tão perto de uma.

– Por falar nisso, vamos continuar essa conversa no quarto.

Como não me mexo, ela estreita os olhos.

– A não ser que você prefira a segunda opção.

Ao me levantar, minhas pernas parecem feitas de borracha. Não sei se é o sonífero fazendo efeito ou se estou apenas aterrorizada demais. A caminho da cama, praticamente desabo, mas por sorte caio no colchão.

– Fica aqui – ordena Monica, abanando a arma na frente do meu rosto.

Enquanto estou deitada ali, ela segura a barriga e estremece. Por um instante, fico pensando se eu teria alguma chance de tomar a arma. Monica está grande e seu equilíbrio deve estar péssimo. Talvez esteja até entrando em trabalho de

parto, quem sabe? Não é absurdo imaginar que eu conseguiria. De um jeito ou de outro, vou morrer. Talvez valha a pena resistir até o fim.

No entanto, tive dificuldade até para chegar à cama. É óbvio que não estou em condições de lutar. E, mesmo que subjugasse Monica, ainda teria que passar por Gertie. Acho que não seria bem-sucedida, considerando que fui drogada.

Monica tira um rolo de fita adesiva da bolsa e começa a amarrar meus tornozelos. Saco, eu sabia que haveria fita adesiva pela frente. Reconheço que é a fita barata do armário de materiais de escritório da empresa. Ela deve ter roubado. Que ironia. Pelo jeito, me manter sob controle não valia nem o preço de um rolo de fita.

Depois que ela amarra meus punhos, percebo que qualquer chance de fuga entrou pelo cano. Nem sequer tentei. Li vários livros e artigos de jornal sobre pessoas que enfrentaram a ameaça quando estavam em perigo e também histórias daquelas que ficaram paradas e se deixaram assassinar. Sempre acreditei que faria parte da primeira categoria. Na hora do aperto, eu acreditava que seria uma heroína.

Talvez tenha a ver com a vontade de sobreviver. Mesmo que eu sobreviva a isso, o que me resta? Minha carreira foi destruída. Tenho uma acusação de homicídio para encarar. E meu marido pediu para a namorada armar tudo para parecer que eu me matei.

Dá no mesmo me entregar e partir.

– É a decisão certa – diz Gertie, enquanto Monica prende meus braços e pernas. – Você está impedindo Sam de ser feliz. Isso é o que ele queria desde o começo. Uma criança. Uma mulher com as mesmas paixões. Você o privou de tudo isso. Eu tinha pena dele quando trabalhava pra você.

Mas eu amava Sam.

E achei que ele me amasse.

– É muito egoísmo – diz Monica, praticamente cuspindo em mim. – Qualquer mulher decente teria saído do caminho.

– Como se você fosse grande coisa – resmungo baixinho.

Ela arregala os olhos.

– Como é que *é*?

– Só estou dizendo… Tem muitas garotas mais jovens e bonitas nas aulas dele. O que é que você tem que elas não têm?

– Eu vou ser *a mãe do filho dele* – rosna ela para mim, aproximando o rosto do meu.

É bem assustador, já que não consigo mexer os braços nem as pernas.

– Tá, é verdade – admito. – Mas você vai estar ocupada e cansada demais de cuidar do bebê pra dar a atenção que Sam merece. E ouvi dizer que é bem difícil perder o peso que se ganha na gravidez…

Monica parece prestes a me dar um tapa. Tomara que dê. Se ela me bater com força suficiente para deixar marca, vai haver alguma prova de que não cometi suicídio. Mereço isso. Redenção após a morte.

Mas, antes que eu possa provocá-la de novo, ouço a tranca da porta do apartamento se abrir.

TRINTA E NOVE

– Merda – sussurra Monica.

– Quem é? – pergunta Gertie.

– Como é que eu vou saber? – retruca Monica, irritada.

Estou tão surpresa quanto elas. Quem é? O zelador? A polícia, vindo me prender? Qualquer uma dessas opções seria ótima. Mas presumo que, se fosse uma dessas pessoas, bateria em vez de entrar direto.

Antes que eu possa perguntar "quem está aí?", Monica arranca mais um pedaço de fita e o cola nos meus lábios. Em seguida, me empurra com tanta força que rolo da cama, caindo no espaço de 30 centímetros entre o móvel e a parede. Meus ombros atingem o chão com força e eu ofego por baixo da fita. A estrutura do aquecedor instalado na parede é cortante e sinto o metal frio apertando meu braço.

– Abby? Abby, você está em casa?

É Sam. A voz de Sam.

Como assim?

Monica se debruça por cima da cama. Estou encaixada entre o colchão e a parede. O rosto dela está rosa-choque.

– Não se mexe. Senão…

Por precaução, ela joga um cobertor em cima de mim. O tecido abafa o som e fica meio difícil respirar, mas ainda consigo ouvir através dele.

– Mãe, se esconde no closet, tá? – diz Monica para Gertie.

Ouço a porta do closet bem ao lado da cama se abrir e se fechar completamente. Mas agora estou confusa. Por que Gertie se escondeu? Parece até

que Sam não sabe que ela existe.

Ele sabe, não sabe?

– Oi, Sammy. – A voz de Monica ecoa pelas paredes finas do nosso apartamento.

– Monica? O que está fazendo aqui?

– Abby me chamou pra conversar – responde ela. – Mas aí ela ficou… reclamando e berrando. E no fim saiu correndo.

– Ela… saiu correndo?

– Mas o que *você* está fazendo aqui? Não ia dar uma palestra?

– Cancelei. – Ouço o suspiro de Sam. – Meio que bati boca com Abby ontem à noite e fiquei me sentindo um lixo pelo jeito como a conversa acabou. Preciso muito falar com ela. Temos que resolver isso.

Meu coração palpita. Sam *não* está conspirando com Monica contra mim. Ele está do *meu* lado. E, apesar de tudo o que acredita que fiz, ainda quer tentar resolver os problemas comigo. É claro que seria ótimo se ele tivesse acreditado em mim para começo de conversa, mas preciso admitir que as provas me condenavam mesmo.

– Você sabe aonde ela foi? – pergunta Sam.

– Não faço a menor ideia. Pra ser sincera, ela estava muito confusa. Devia estar drogada.

Sam fica em silêncio. *Não acredita nela. Por favor, não acredita nela.*

– Ela disse alguma coisa sobre ir embora da cidade – continua Monica. – Estava ligando pro aeroporto.

– Pro *aeroporto*?

Acalmo minha respiração acelerada para poder ouvi-los melhor. O aquecedor está começando a machucar meu braço de verdade. Não me surpreenderia se estivesse sangrando.

– É, ela chamou um Uber pra ir pro LaGuardia, então…?

– Meu Deus do céu. Tá bom… Eu, hã… vou ver se consigo ir lá procurar por ela. Você faz alguma ideia de pra onde Abby comprou uma passagem?

– Não, desculpa.

– Tudo bem.

Ah, meu Deus, Sam acreditou nela. Ele vai embora! *Por favor, não vai, Sam! Não acredita nela!*

– Vou só ligar pro celular dela rapidinho – diz ele. – Quem sabe consigo fazer ela dar ouvidos à razão.

– Não, Sam. – Há urgência na voz de Monica. – Você não vai conseguir. *Não*

tem jeito.

É então que ouço. O toque do celular. Do *meu* celular.

– Monica?

Pela voz, Sam está tão confuso que tenho vontade de correr até lá e abraçá-lo.

– Por que a bolsa e o celular da Abby ainda estão aqui?

– Hã…

Prendo a respiração, esperando para ouvir o que ela vai dizer.

– Sam, ela estava tão fora de controle… que deixou tudo pra trás.

– Até o *celular*?

– Pelo jeito…

– Desculpe – responde Sam. – Se tem uma coisa que eu sei sobre a Abby é que ela *nunca* sai de casa sem o celular. Cadê ela, Monica?

– Eu já disse: não sei!

– Abby! – grita ele. – Abby! Você está aí?

Estou aqui! Estou aqui!

– Abby! – A voz dele está ainda mais alta, vindo para o quarto. – Abby! Cadê você?

– Sammy, ela não está aqui…

– Abby!

A porta do quarto se abre. A voz dele está muito mais alta.

– Abby!

Chuto o lado da cama com todas as minhas forças. O barulho faz Sam se calar. Ouço as molas do colchão rangerem. No momento seguinte, o peso do cobertor é retirado de cima do meu corpo. Sam olha para mim com uma expressão de horror crescente.

– Abby – sussurra ele, se debruçando em cima de mim. – O que… o que está acontecendo?

Chama a polícia!

Mas é tarde para isso. Tarde demais.

QUARENTA

– Levanta, Sam.

Não consigo ver Monica, mas dá para imaginar a aparência dela. A barriga volumosa debaixo do deslumbrante vestido vermelho, o cabelo preto solto em volta do rosto, os olhos faiscando de raiva. A arma apontada para o rosto do meu marido.

– Monica. – A voz dele está rouca. – O que você está fazendo?

– Eu mandei *levantar*.

O rosto dele desaparece de vista. Levanto a cabeça apenas o bastante para vê-lo de pé com as mãos para o alto. Consigo me deslocar um pouco se me contorcer, mas não muito. Viro de lado para que o aquecedor pare de machucar o meu braço. Porcaria de aquecedor. Esse treco é tão afiado que poderia cortar…

Ah, meu Deus, será que poderia cortar fita adesiva?

– Você é inacreditável, Sam. – A voz de Monica exala veneno. – Eu estou aqui te oferecendo *tudo* e a única coisa que você quer é *ela*.

– Mas ela é minha *esposa* – responde Sam.

Ele fala com muita simplicidade, como se fosse um fato imutável as pessoas ficarem juntas para sempre depois do casamento. Ao ouvi-lo dizer essas palavras, não entendo como é que pude duvidar da fidelidade dele. Sam é assim: fiel por toda a eternidade.

– Mas ela não pode te dar nada do que você quer! – Monica está praticamente gritando. – Ela não satisfaz nenhuma das suas necessidades!

– Pode acreditar, Monica. Abby satisfaz as minhas necessidades.

Eu me contorço outra vez, movimentando o corpo para cima até encostar a

ponta afiada do aquecedor. É difícil, considerando que estou toda amarrada e o sonífero está começando a me derrubar. Continuar de olhos abertos é um esforço, e sinto o corpo muito pesado. Dolorosamente pesado.

– Mas eu posso te dar mais – diz Monica. – Estou pronta pra isso.

A voz de Sam fica um pouco mais baixa.

– Monica, a gente já conversou sobre isso no seu apartamento naquela noite. E eu disse *não*.

Nem consigo me concentrar mais no que estão dizendo porque meus punhos encontraram o aquecedor. Se sei alguma coisa sobre a fita adesiva do trabalho, é que é uma bela porcaria. Se eu conseguir acertar o ângulo…

– Não estou falando daquela noite, Sam. – A voz dela fica mais branda. – Estou falando de três anos atrás. Na universidade.

– Na universidade?

– Eu estava na sua aula de álgebra linear – explica ela. – Sempre ia falar com você no seu horário de atendimento.

– Ah.

Sam não se lembra dela. Não estou vendo o rosto dele, mas consigo perceber na voz.

– Na época, meu cabelo era loiro – diz Monica. – Eu pintei depois que vi aquela foto da Abby na sua sala. Mas eu ia lá toda semana. Você disse que me achava muito promissora.

– Eu… tenho certeza de que falei sério, mas…

– E teve aquela vez que a gente tomou café depois da aula – acrescenta ela, aumentando o volume da voz. – No Starbucks. Você me pagou um cappuccino.

Ele tosse alto.

– A gente… tomou café? *Só nós dois*?

– Bom… – Ela hesita. – Não estávamos *só* nós dois. Eu estava com mais duas alunas e… você pagou café pra todo mundo. Mas, o tempo todo, você não conseguia parar de olhar pra mim.

– Eu… não sei bem se…

– E depois, um dia – continua ela, sem esperar resposta –, quando estávamos só nós dois na sua sala, eu tentei te beijar e você simplesmente… – A voz dela está repleta de emoção. – Você pulou pra longe. Como se estivesse se *esquivando* de mim.

Sam continua em silêncio.

Quando volta a falar, Monica parece furiosa:

– Você não se lembra mesmo de *nada* disso?

– Bom… hã… essas coisas… meio que acontecem… com frequência.

– E você nunca tem nem *vontade*?

Ele bufa.

– Claro que não. Sou casado.

Meu marido merece uma medalha. Quero me levantar e abraçá-lo, porém estou completamente imobilizada.

Mas é então que sinto a fita se rasgar na borda afiada do aquecedor. No instante seguinte, meus punhos estão livres! Consigo mexer os braços de novo! As pernas continuam presas, mas já é meio caminho andado. Basta Monica continuar de olho em Sam e não em mim. Também é importante eu não desmaiar, uma possibilidade cada vez mais concreta.

– Sam. – A voz dela fica mais meiga. – Ainda não é tarde demais pra nós. Olha pra mim: estou grávida do seu filho. E dá pra perceber que você sente atração por mim.

– Monica, deixa disso…

Começo a ranger os dentes. Será que ele ia morrer se fingisse estar interessado nela por uns minutinhos, só até conseguirmos tirar a arma das mãos dela? Nos filmes, as pessoas sempre fazem isso, e parece dar certo de vez em quando. Só preciso de mais um tempo. Mais um instante para desamarrar os tornozelos.

– Você nem precisaria fazer nada – argumenta ela. – Abby tomou uma caixa inteira de sonífero, então já deve estar inconsciente.

Não estou, não. Estou soltando os tornozelos, caramba. Se bem que, para ser justa, se não houvesse uma onda de adrenalina percorrendo o meu organismo, acho que já estaria inconsciente.

– Uma caixa de sonífero? – sussurra Sam. – Você… envenenou a Abby?

– Vai ser melhor assim. Você não entende? Ela não serve pra você. Seria tão fácil deixar ela sumir…

– Meu Deus…

– Você sabe que é a decisão certa, Sam. Não precisa mais ficar de consciência pesada. Já cuidei da parte mais difícil.

E agora meus tornozelos estão livres. Mas isso não me ajuda tanto quanto era de se imaginar. Estou encaixada num espaço minúsculo, quase desmaiando depois de tomar uma caixa inteira de sonífero. Não sei como é que vou me levantar com um salto e subjugar alguém. Acho que não consigo.

– Monica. – A voz de Sam está calma, mas eu o conheço bem o bastante para ouvir o pânico encoberto. – A gente precisa levar Abby pra um hospital. Juro que

vamos dar um jeito de te ajudar com… bom, com tudo. Mas, por favor, Monica. Não faz… – A voz dele fica embargada. – Me deixa levar ela pra um hospital.

– Meu *Deus*. – A voz de Monica está repleta de nojo. – Você é patético. Mesmo quando uma coisa milhões de vezes melhor está bem na sua frente, você não quer. Minha mãe se enganou completamente a seu respeito. – Ela bufa. – Bom, que pena, mas isso não importa. É tarde demais. Pra vocês dois.

Durante todos esses anos que conheço Sam, nunca o vi dar um soco em ninguém. Correção: nunca estivemos numa situação em que dar um soco faria algum sentido. Ele não é nenhum pinguço que se mete em brigas de bar. É verdade que está em boas condições físicas graças à academia, mas não sai por aí socando as pessoas.

No entanto, consigo levantar o tronco bem a tempo de vê-lo atacar Monica.

Quando ele faz isso, a arma dispara e o tiro ecoa pelo apartamento. Nossa, que barulho alto. Não sei se atingiu Sam ou não, mas a mão esquerda dele segura o punho direito dela. Monica está gritando. Demora uns poucos segundos, mas, entre a força muito superior de Sam e a circunferência abdominal dela, Monica cai no chão.

Mas continua segurando a porcaria da arma.

Consigo me levantar, porém isso exige cada vestígio das minhas forças. É como se eu estivesse presa em areia movediça. Não sei como vou fazer alguma coisa para ajudar Sam. E tem mais: agora que estou de pé, consigo distinguir o sangue no chão. É muito sangue. O vermelho está vazando pela camisa de Sam.

E é então que vejo a porta do closet se abrir.

Gertie.

Observo, horrorizada, quando ela se arrisca a sair e vê todo o sangue no chão. Não deve nem imaginar que é de Sam. Vejo o pânico crescente no olhar dela. Ela vai tentar tirar Sam de cima de Monica. Se Gertie se envolver, serão duas contra um. E Monica ainda está com a arma bem firme na mão direita.

Não importa se mal restam forças no meu corpo. Não posso deixar Gertie e Monica vencerem. Preciso impedi-las.

Anda, Abby. Anda!

Meu corpo obedece. No começo, com relutância, mas logo avanço pelo quarto em direção a Gertie. Sinto que nem tenho mais o controle total dos braços e das pernas, porém, apesar de tudo, eles agem de acordo com o que quero. Ataco Gertie, jogando-a contra a parede. Pouco antes de fazer isso, cruzo olhares com Monica por uma fração de segundo e ela levanta a arma…

Pela segunda vez, o som de um disparo ecoa pelo quarto. Meu coração

acelera quando o mesmo vermelho que mancha a camisa de Sam jorra de um buraco na têmpora esquerda de Gertie. Sua boca se entreabre de choque e, no instante seguinte, ela desaba no chão.

– Mãe! – grita Monica.

Sam, surpreendido pelo disparo, acaba deixando Monica escapar. Em silêncio, nós dois a vemos correr até Gertie o mais depressa possível, considerando o peso que carrega. Ela se abaixa ao lado da mãe com lágrimas nos olhos.

– Mãe…

Sam parece chocado. Nunca o vi tão pálido. Ele levanta a mão esquerda e toca a testa, tremendo muito. A manga da camisa está ensopada de sangue.

– Puta merda – sussurra ele.

– Sam – murmuro.

Minha cabeça gira e eu desmorono feito uma boneca de pano. Estou tão sedada que só entendo o que aconteceu quando já estou no chão. Não consigo continuar de olhos abertos por muito mais tempo.

– Abby? – Ele se arrasta pelo quarto até mim, quase engatinhando, e pega na minha mão fria e úmida. – Você acordou.

– É – sussurro. – Mais ou menos.

– Aguenta firme. Vamos te levar pro hospital.

Ele tira algumas mechas de cabelo do meu rosto suado. Está branco como papel. Será que perdeu muito sangue?

– Prometo – insiste ele. – Só preciso ir pra sala pegar meu celular. Tá bom?

– Não me deixa sozinha – sussurro.

– Eu vou e volto num pulo. Não demoro nada.

– Não. – A voz de Monica nos interrompe. – Não vai, não.

Uso meus últimos resquícios de força para virar o rosto e olhar para ela. Está nos encarando, furiosa, de olhos úmidos e avermelhados. A arma… ela ainda está com a arma. Esqueci completamente. Não consigo mais acompanhar os acontecimentos. Estou muito cansada. Muito, muito cansada…

– Ela morreu – rosna Monica. – Minha mãe morreu.

– Foi você quem atirou nela – argumenta Sam.

– Meu alvo era a *Abby*. – Quando levanta a arma, Monica me lança um olhar cortante. – E dessa vez não vou errar.

Sam arregala os olhos. Para ser sincera, não sei como duvidei da lealdade do meu marido, porque a primeira coisa que ele faz é se jogar na minha frente. Assim, se Monica disparar, o tiro terá que passar primeiro por ele. Quero pedir a

Sam que não se sacrifique por mim, mas não consigo. Meus olhos estão se fechando. Falar seria um esforço além da minha capacidade.

– Você vai ter que me matar primeiro – diz ele para Monica.

– Larga de ser besta, Sam.

Ele não diz mais nada, mas sinto sua mão apertando a minha.

– É isso mesmo que você vai escolher? – pergunta Monica, incrédula. – *Ela*?

– É isso aí. Eu escolho a Abby.

Meu herói.

Vou morrer sabendo o quanto meu marido me ama. Isso tem lá seu valor.

Minhas pálpebras estão pesadas demais para continuarem abertas. Ouço o estalo do gatilho da arma. Depois, a explosão do terceiro disparo.

QUARENTA E UM

Acordo num quarto branco.

No começo, penso na possibilidade de ter morrido e estar no céu. Mas não, o céu não deve ser assim. Lá não haveria tantas rachaduras no teto. Também não haveria um ar-condicionado barulhento ao lado da minha cama. Nem o catéter de soro no meu braço.

Acho que estou num hospital.

Tento engolir, mas é difícil com a garganta tão ressecada. Minha última lembrança é o disparo. Monica estava com a arma e puxou o gatilho. Ela atirou em Sam.

Ah, não…

Ele deve estar morto. Ela atirou nele à queima-roupa.

Porém, se Monica matou Sam, como vim parar no hospital? Com certeza não foi *ela* quem chamou a ambulância.

Ouço um grunhido e olho para a direita, o que provoca uma dor latejante na minha têmpora. Há uma poltrona reclinável ao lado da cama e, deitado nela, debaixo de um cobertor leve, está meu marido, adormecido.

Ele resmunga alguma coisa durante o sono e se vira, tentando se ajeitar.

Sam está vivo.

Ah, meu Deus, ele está *vivo*! E não está respirando por aparelhos nem nada do tipo. Está bem o bastante para dormir no *meu* quarto no hospital.

– Sam – sussurro.

Ele se mexe, mas não abre os olhos.

– Sam!

Dessa vez, os olhos dele se abrem. Ele endireita o tronco na poltrona, começando a abrir um sorriso.

– Você acordou.

– É. Acordei.

Ele segura minha mão. A dele está quente e reconfortante, e percebo o quanto a minha está fria e úmida.

– Graças a Deus você está bem. Fiquei tão preocupado, Abby…

Esfrego os olhos com o braço sem o catéter.

– O que aconteceu?

– Do que você se lembra?

Olho para o braço esquerdo dele, que parece mais ou menos intacto.

– Você levou um tiro.

– Ah, isso aqui? – Ele solta minha mão para esfregar o braço e estremece. – Foi um ferimento superficial. Enfaixaram no pronto-socorro. Estou bem.

– Mas a Monica… Ela estava apontando a arma pra você. Ia atirar em você de novo.

Sam dá um suspiro demorado e baixa a cabeça.

– Monica não atirou em mim. Ela…

Fico intrigada.

– O que foi?

– Ela atirou em si mesma.

Estou de queixo caído.

– Ela atirou *em si mesma*?

Ele baixa o olhar.

– Achei que Monica fosse atirar em mim. Achei que fosse me *matar*. Pra mim, era o fim. Mas aí… ela virou a arma pra si mesma. Colocou debaixo do queixo e apertou o gatilho. Acho que, quando percebeu que a mãe tinha morrido, ela simplesmente… não sei… entrou em desespero.

Apesar de tudo o que Gertie me fez, fico um pouco triste pela morte dela. Foi minha assistente por anos, e eu a conheci apenas como uma idosa amável. Preciso acreditar que não foi tudo fingimento. Vou sentir saudades do sorriso e dos cookies dela.

Porém não tenho tanta certeza de que a morte de Gertie foi o motivo de Monica atirar em si mesma. Eu vi a expressão dela quando Sam tentou me proteger. Ela ficou inconsolável por causa da mãe, mas não foi isso que a levou além do limite. Monica atirou em si mesma porque sabia que eu tinha vencido.

– Só quero que você saiba – diz ele em voz baixa – que nunca aconteceu nada

entre mim e Monica. *Nada.* Nunca encostei nela. Juro que não.

– Eu acredito em você.

Vejo os ombros dele relaxarem.

– Acredita?

– Claro que sim.

Ele passa a mão pelo cabelo.

– Bom, então você é a única. A polícia olhou pra mim como se eu fosse um lixo de pessoa, a sua mãe ameaçou me processar até tirar de mim "tudo o que eu tenho", seja lá o que for, porque eu não tenho nada, e a madrasta da Monica chegou a me dar um tapa na cara. Pelo jeito, ninguém acha plausível eu nunca ter ido pra cama com ela. – Ele balança a cabeça. – Será que é tanta loucura assim eu não querer trair minha esposa?

Consigo abrir um sorriso.

– Pelo jeito, é.

– Monica armou mesmo uma cilada pra mim. Disse pra todo mundo que eu era namorado ou marido dela. Eu não tinha a menor ideia… Estou me sentindo um paspalho por ter deixado isso acontecer.

– Bom – respondo –, ela sabia muito bem como manipular as pessoas. Pra começo de conversa, era você quem não queria se meter nessa. Fui eu que te convenci a topar.

– Eu sei, mas…

Estendo a mão para ele, que a pega mais uma vez.

– Ouvi tudo que você disse pra Monica no nosso quarto. Sei que não estava indo pra cama com ela. E… – Engulo em seco, sentindo a garganta embargada. – Sei que pulou na minha frente quando ela ameaçou atirar em mim.

Ele baixa a cabeça, afagando meus dedos.

– Você é a minha vida, Abby. Se acontecesse alguma coisa com você…

– Pois é. Sei o que você quer dizer.

Pensar em perder Sam foi o que me levou a me jogar na frente de Gertie.

Ele muda de posição na poltrona.

– Me desculpa por não ter acreditado quando você disse que não usava drogas. Eu deveria saber que você nunca faria uma coisa dessas.

Faço que sim, embora ainda reste certa mágoa. Queria que ele tivesse acreditado em mim.

– Nunca achei que você tinha matado a Denise. Sinceramente. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas não acreditei nisso. – Ele balança a cabeça outra vez. – Sabe, foi a Monica quem disse pra eu comprar aquele abridor de cartas pra

você. Topei com ela quando fui te buscar no escritório e pedi ideias de presentes pro nosso aniversário de casamento. Não dá pra acreditar que ela estava planejando tudo desde aquela época…

– Ela e a Gertie passaram *anos* planejando…

Ao pensar nisso, fico nauseada. Todos aqueles anos, quando eu achava que Gertie era uma idosa amável fazendo o melhor que podia, só o que ela fez foi tentar arranjar um marido para a filha. Ela soube desde o começo que eu e Sam tínhamos problemas de fertilidade e o quanto eu queria um filho. Planejou me tirar do caminho e depois conseguir o meu dinheiro e o meu marido para a filha dela.

Aí uma ideia me passa pela cabeça. Minha mente estava tão turva quando acordei que nem pensei nisso.

– Sam, o bebê… – É como se eu estivesse sufocando. – O bebê… morreu?

A sombra de um sorriso toca os lábios dele.

– Não, conseguiram fazer o parto em segurança. Ele está na UTI neonatal. E está bem.

– Ah.

Solto o ar, pensando no nosso bebê minúsculo ligado a monitores numa incubadora. Passei tanto tempo sonhando com esse bebê… Já o amo um pouquinho, mesmo que nunca o tenha visto. Mas, depois do que Monica fez conosco…

– Não tem problema – diz Sam de repente.

– Como assim?

Ele está com um olhar triste.

– Se você não quiser ficar com ele, eu vou entender.

– Sam…

– Não, sério. Depois de tudo o que aconteceu, vou entender se… bom, você sabe. A gente vai achar uma solução.

Tento me sentar na cama, mas minha cabeça lateja. Volto a me deitar, sabendo que vou ficar presa aqui por pelo menos mais um dia.

– Você quer o bebê? – pergunto.

– Claro que eu quero.

É óbvio que sim.

Por um momento, ele fica em silêncio. Quando volta a falar, sua voz tem um toque de empolgação:

– Quer ver uma foto?

Faço que sim.

Sam pega o celular e leva um instante para abrir a imagem na tela. Mostra o aparelho para mim e olho com atenção para o bebê recém-nascido.

É tão pequeno. Dolorosamente pequeno, indefeso e fofo, como o recém-nascido com que sonhei. Está com uma cânula no nariz minúsculo, usando uma touquinha e um suéter brancos e pequeninos mas que parecem absurdamente grandes nele. Consigo ver cinco dedinhos perfeitos em sua mão esquerda.

– Ele se parece com você – digo a Sam.

Sempre achei ridículo quando as pessoas diziam que um bebê parecia um adulto. Todos os bebês parecem homenzinhos idosos. (Mas o contrário não é verdade: os idosos não parecem bebês.) Porém, na verdade, esse menininho se parece mesmo com Sam. É alguma coisa no nariz e na boca.

– Também achei. – Ele sorri para mim. – Hoje de manhã me deixaram pegar ele no colo. Foi bem rápido, mas foi…

Sam vira o rosto. Está tentando não ficar empolgado demais. Afinal, a mãe dessa criança tentou assassinar nós dois. Mas existe apenas uma atitude certa a tomar.

– Também quero o bebê – digo.

Os olhos de Sam se iluminam.

– Sério?

– Claro que quero. Ele é fofo, lindo e parecido com você.

Não revelo a última coisa que estou pensando: *e ele não tem mãe.*

– Assim que estiver se sentindo melhor, você precisa ir comigo ver ele – sugere Sam. – Tá?

Não consigo conter um sorriso.

– Tá.

– Além disso… – Ele pisca para mim. – A gente tem que escolher o nome.

Certo. Precisamos escolher um nome para o bebê que agora é nosso e que vamos levar para casa. Meros dias atrás, parecia um sonho impossível.

– Estou tão feliz porque finalmente temos nosso filho – comento com um suspiro.

Ele faz que sim.

– Sei o que você quer dizer.

– Passamos muito tempo querendo isso.

– É…

– É que… é difícil saber que só vamos ficar com ele porque a mãe dele morreu.

Sam fica em silêncio. Está com uma expressão esquisita que me deixa

apreensiva.

– O que foi? – pergunto, por fim.

Ele esfrega a nuca.

– Eu não disse que a Monica tinha morrido.

EPÍLOGO

Um ano depois

David está aprendendo a andar.

Eu sei: não queria que o nome dele fosse David. Mas Sam insistiu mesmo nesse ponto – afinal de contas, era o nome do pai dele. Ele não comenta como teve saudades do pai depois do ataque cardíaco que o levou, porém foi muito importante dar o nome do pai para o filho. E a inicial do nome também foi, em parte, uma homenagem a Denise, que fez de mim a mulher que sou hoje.

Agora David, que tem 1 ano, está se segurando à mesinha de centro e dando aqueles primeiros passos cautelosos no abismo da nossa sala de estar. Ele é cuidadoso e sério, exatamente como o pai. Além disso, também como o pai, é um amor. Em muitos aspectos, David é um clone de Sam.

Eu o adoro. Amo esse menino mais do que imaginei que seria possível amar outro ser humano. Já amava meus pais e Sam, é claro, mas agora é diferente. Passo horas admirando as mãozinhas perfeitas dele. Quando o abraço, sinto que, por mais que o aperte, não é suficiente. À noite, quando tenho dificuldade para dormir, basta ir ao quarto dele e olhar para seu lindo rostinho adormecido, ouvir sua respiração profunda e regular, e toda a tensão se esvai do meu corpo.

Ele mudou minha vida.

Sam entra na sala com um pote plástico de comida de bebê. Depois de todas as minhas reclamações sobre o gosto horrível da papinha industrializada, Sam decidiu que ele próprio prepararia as refeições de David. E, acredite se quiser, ainda que não saiba fazer comida de adulto nem que a vida dele dependa disso, as comidinhas que faz para David são deliciosas. Até eu concordo. É como se tivesse talento para isso. Eu disse que deveria abrir a própria empresa, mas ele respondeu que vai ficar com a matemática mesmo.

David também adora a comida. Assim que vê o pote, suas bochechas gorduchas se esticam num sorriso. Esse sorriso sempre mexe comigo.

Sam bagunça o cabelo de David num gesto carinhoso, depois o coloca no cadeirão. Eis uma coisa a respeito do nosso filho que não tem nada a ver conosco: ele é loiro. Sam alega ter sido loiro quando criança, mas já vi fotos e é mentira. O cabelo dele era de um tom de castanho mais claro do que é hoje, mas não claríssimo como o de David. Isso veio de Monica.

Graças ao meu filho, não passo um único dia sem pensar naquela mulher. Ou sem procurar no rosto dele sinais das feições dela. Nunca vou parar de observar o comportamento dele, imaginando se vai acabar louco como ela.

Minha sorte foi que, ao revistar o apartamento de Monica depois de ela atirar em si mesma, a polícia encontrou diversas provas que vinculavam Gertie e ela ao assassinato de Denise Holt. Além disso, descobriram que Monica andava roubando dinheiro da empresa – algo que talvez tivessem atribuído a mim, se o desfecho daquele dia fatídico tivesse sido diferente. Sem dúvida, era por isso que as duas queriam encerrar o plano fazendo com que eu parecesse ter me matado: Monica sabia que, se um dia fosse investigada, a verdade viria à tona.

Também descobrimos que, antes de se oferecer para ser minha barriga de aluguel, Monica entrou em contato com Janelle e a convenceu de que nós dois não seríamos pais adequados. Ela foi a responsável por tirar o bebê que deveria ser nosso. Além disso, continua viva.

– Nham, nham – diz Sam ao oferecer a colherzinha de plástico para David. – Papinha gostosinha de peito de peru!

David come como se fosse lagosta. E, sinceramente, é bem saboroso mesmo. Eu experimento tudo o que Sam faz, porque parte de mim ainda não confia nele depois da Surpresa de Salmonela, mas a comida fica ótima.

– Nham, nham – balbucia David.

Sam dá risada. Ele é muito bom com David. Adora nosso filho mais do que eu poderia imaginar. E David também adora o pai. Às vezes fico triste por termos precisado esperar tanto tempo por isso. E ainda estaríamos esperando, se não fosse Monica.

Então, sim, Monica continua viva.

Viva, mas em estado vegetativo. Na última vez em que a vi, estava numa cama de hospital, ligada a um respirador, com baba escorrendo pelo canto do queixo. O couro cabeludo estava todo suturado com grampos. Dano cerebral grave, disseram. É improvável que tenha uma recuperação significativa.

Há pouco tempo eu soube que ela saiu do respirador, mas ainda não come,

não fala e não escuta. Não sabe o que acontece ao redor. Continua em estado vegetativo. Depois de um ano, a condição deve ser permanente.

Sam termina de dar comida para David, que espalhou papinha por toda parte. Tem comida no babador, mas também nos bracinhos rechonchudos, no cabelo, nas bochechas e até uma gota na pálpebra.

– Como é que ele sempre fica tão sujo? – comento, refletindo.

– É que ele puxou a você.

– Ah, é mesmo?

– É. – Sam faz que sim, arregalando os olhos. – Estou sempre tirando comida do seu cabelo depois do jantar. Francamente, é um transtorno, Abby.

Dou um soco no braço dele, que sorri para mim. Todo mundo diz que ter um bebê acaba com a vida sexual, e… bom, não dá para dizer que transamos com a mesma frequência de antes. Ambos ficamos mais cansados do que antigamente, porque David não é de dormir muito. Mas, mesmo assim, ainda arranjamos tempo um para o outro. Saímos para jantar com frequência. Damos uns amassos no sofá enquanto David dorme no berço. Há momentos em que ter um bebê exigente gera tensão no nosso relacionamento, mas, na maior parte do tempo, é o que completa nossa família.

– Quer que eu dê banho nele? – pergunto.

– Não, deixa comigo. – Ele se vira para David. – Tá pronto pro banho, cara? Que tal?

David levanta os braços, animado.

– Bã!

Esse menino adora tomar banho tanto quanto adora a papinha do pai.

Sam o tira do cadeirão, fazendo o possível para limpar parte da comida, mas essa é uma causa perdida. Os dois saem pelo corredor em direção ao banheiro. Abro um sorriso. Talvez, tecnicamente, David tenha os genes de Monica, mas não vi nenhuma semelhança com ela, tirando o cabelo. Até agora, ele é Sam da cabeça aos pés.

Enquanto trato de limpar o desastre que David deixou no cadeirão, o interfone me avisa que temos visita esperando lá embaixo. Vou depressa até a pia lavar a papinha dos dedos, depois aperto o botão na parede para ver quem é.

– Sra. Adler? – diz a voz metálica do porteiro ao interfone. – Tem visita pra senhora. Louise Johnson.

Louise Johnson. A madrasta de Monica.

O que ela está fazendo aqui?

– Pode mandar subir – respondo, antes que comece a pensar demais.

Falei com Louise Johnson algumas vezes desde que Monica atirou em si mesma. Ela e o marido concordaram em levá-la para casa quando ficou claro que não ia melhorar. Isso me surpreendeu, depois de tudo o que ela os fez passar quando era adolescente. Os dois pareceram gente boa e, apesar de eu não gostar, Sam sugeriu que poderiam visitar David de vez em quando. Mas a Sra. Johnson respondeu, em termos gentis mas firmes, que os dois não tinham interesse. Fiquei aliviada.

O que será que ela quer? Será que Monica está bem?

E se ela tiver acordado? E se tiver aberto os olhos, sentado na cama e exigido ver o filho?

Bom, isso é muito improvável. Disseram que Monica nunca acordaria. Não havia a menor chance, segundo os médicos.

Mas nunca se sabe…

Quando Louise Johnson toca a campainha, já estou num estado de pânico total. Abro a porta e encontro o rosto familiar dela, com vários fios grisalhos a mais e rugas profundas entre as sobrancelhas. Deve ser difícil cuidar de Monica.

– Bom dia, Sra. Johnson – digo, com a maior calma possível.

– Bom dia, Sra. Adler – responde ela.

Ao que parece, não vamos nos tratar pelo primeiro nome.

– Como vai? – pergunto, tensa.

– Vou bem, obrigada. – Ela consegue abrir um sorriso fraco. – E a senhora?

– Estou bem. – Engulo um nó na garganta. – E como… hã… como vai a Monica?

– Igual. – Ela desvia o olhar. – Não mudou nada.

Será que é horrível o fato de o meu primeiro pensamento ser "Graças a Deus"? Sou uma pessoa horrível por não querer que a mulher que quase matou toda a minha família saia andando por aí de novo? É um alívio que Monica Johnson seja um assunto com o qual não vamos mais precisar nos preocupar.

Mas então a Sra. Johnson acrescenta:

– Só que…

Meu coração dá um pulo no peito. Só que… Só que *o quê*? Monica vive em estado vegetativo. Disseram que era permanente. Que ela nunca, jamais acordaria. É "o mesmo que estar morta", segundo os médicos. *Só que o quê?*

Eu pigarreio.

– Só que o quê?

– Ah. – Ela parece se surpreender com a pergunta e balança a cabeça. – Nada. Deixa pra lá.

Nada? *Deixa pra lá?* Quero sacudir essa mulher até ela me explicar exatamente o que quis dizer com "só que", mas consigo me controlar antes que faça uma bobagem.

– Então, escuta… – começa ela.

A Sra. Johnson baixa o olhar e começa a mexer dentro da bolsa. Estremeço, me lembrando de Monica pegando uma arma da bolsa na última vez em que esteve aqui. Mas a Sra. Johnson não é assim. Não tenho nada com que me preocupar. Só relaxo, porém, quando ela tira um cobertorzinho amarelo e esfarrapado.

– Ontem eu estava mexendo numas caixas velhas no fundo do armário e encontrei… bom, encontrei isto aqui. Era… era da Monica.

Olho para o objeto como se ela tivesse dito que está repleto de sarna.

– Era o cobertor preferido dela quando criança – diz a Sra. Johnson, suspirando. – Até na época da adolescência ela ficava com ele na cama. Era… muito importante pra ela.

– Ah – respondo, porque, pelo amor de Deus, o que mais poderia responder?

– Olha, Abby. – Ela ergue os olhos para olhar nos meus. – Sei o que você deve sentir pela Monica. Eu… passei por muitas dessas mesmas emoções. Mas ela te deu o maior presente que uma pessoa pode dar a outra.

Não discordo.

– Sei que a Monica ia querer que o filho dela ficasse com esse cobertor. – O olhar dela pousa no tecido amarelo e gasto, depois se volta para mim. – É claro que a decisão é sua, mas estou torcendo pra que você dê isso a ele. Pra ele poder ficar com pelo menos uma partezinha da mãe biológica.

Ele já tem o sangue dela correndo nas veias! Toda vez que olho para o meu filho, fico procurando por sinais daquela mulher perversa. Será que isso não basta? Eu amo David, amo muito, mas nunca vou poder apagar o fato de que metade dos genes dele pertence a *ela*.

Mas, quando a Sra. Johnson estende as mãos oferecendo o cobertor, eu o aceito. Não adianta discutir. Melhor deixá-la acreditar que vou dar essa coisa para David, assim ela fica em paz. Porém o único destino desse cobertor é o cesto de lixo.

Bem quando estou fechando a porta e recolocando as trancas, Sam aparece com David, que agora está limpíssimo e aconchegado numa toalha verde. Meu marido sempre o traz para mim depois do banho, porque sabe como eu o acho fofo quando está todo embrulhado. David sorri para mim, exibindo os seis dentinhos minúsculos.

– Quem era? – pergunta Sam.

– A madrasta da Monica.

Estremeço ao dizer essas palavras.

O rosto de Sam empalidece, sem dúvida refletindo o meu.

– Como é que a Monica está?

– Igual – respondo.

Só que…

– Ah. – Vejo os ombros dele relaxarem. – Que alívio.

– Ela veio trazer este cobertor que era da Monica.

Aproximo o tecido do nariz e, ao sentir o cheiro, jogo a cabeça para trás. O perfume de lavanda de Monica está grudado nele, entremeado a um leve aroma de sabão em pó. Como se eu precisasse de mais um motivo para detestar esse cobertor.

– Nossa, por que ela achou que a gente ia querer isso? – Sam também estremece, abraçando David ainda mais junto do peito. – Se livra dessa coisa. Já.

– Cobetô – diz David, apontando para o cobertor com a mão gorducha.

– Isso mesmo – respondo. – É um cobertor nojento que vai direto pro lixo.

Eu me viro para jogar o cobertor fora, mas, quando minha mão paira acima do cesto, David franze o rosto.

– Cobetô! – grita ele.

– Não, meu bem – diz Sam, impaciente. – Não é pra você.

– Cobetô!

Lágrimas escorrem pelo rosto do meu filho. Ele está se debatendo tanto que Sam chega a ter dificuldade para mantê-lo no colo. Está ficando descontrolado muito depressa.

– Cobetô! Cobetô, mamãe!

Meus dedos ainda seguram o cobertor. Eu me afasto do cesto e o alívio toma conta do rosto de David.

– Cobetô – implora ele.

– Não dá pra ele – pede Sam. – Não quero isso aí na minha casa.

David está com as mãos estendidas, fazendo o possível para alcançar o cobertor. Ele não se emocionou assim nem com o caminhãozinho de brinquedo que ganhou no primeiro aniversário (se bem que, para ser justa, gostou muito mais da caixa em que veio o caminhão). Ele está muito alterado. Tudo isso por causa de um *cobertor*?

– Vou deixar ele ficar com essa coisa por enquanto – digo por fim.

– Abby, não…

– Amanhã ele já vai ter perdido o interesse – argumento. – Garanto.

Sam balança a cabeça, mas eu acho difícil dizer não para David quando ele fica assim. É meu único filho e eu o mimo. Então, em vez de jogar fora, entrego o cobertor amarelo para David. Ele o agarra com alegria, enfiando o rostinho no aroma persistente do perfume de Monica.

AGRADECIMENTOS

Considerando que a escrita parece ser um processo solitário, é maravilhoso ver quantas pessoas me ajudaram a concluir um romance!

Quero agradecer à minha mãe, por ser a primeira pessoa a ler *Barriga de aluguel* e também a primeira a dizer "Nossa!" ao terminar.

Agradeço a Kate, pelos conselhos sobre a trama, assim como pela edição cuidadosa e brilhante. Sou muito grata a Catherine, por me emprestar seus conhecimentos do mercado publicitário e por me ajudar com a complicada cena derradeira. Agradeço a Rhonda, pelos conselhos a respeito da capa, e a Zack, pelos conselhos de marketing. Meus agradecimentos também a Jenna, pela leitura beta, e por me avisar que agora Christian Louboutin está muito mais na moda do que Jimmy Choo. (Quem diria?) Agradeço a Jessica, pelas opiniões sempre amargamente sinceras. Agradeço às minhas outras leitoras beta: Kate, Laura, Sarah e Liz. E ao meu grupo de escrita, pelas opiniões sensacionais.

Às vezes também precisamos agradecer a pessoas que não tiveram nada a ver com o processo de escrita em si. Então, agradeço ao meu marido, por ser um matemático de bom coração, tal como Sam. (Todo mundo presume que aquela vez você pegou mononucleose numa situação completamente inocente, como andar de monotrilho.) Também agradeço de antemão ao meu pai por não reclamar de não ser citado nos agradecimentos.

E agradeço a todos vocês, minhas leitoras e leitores. É por sua causa que eu escrevo, então, por favor, continuem lendo!

SOBRE A AUTORA



FREIDA McFADDEN é uma médica especializada em lesões cerebrais, com mais de 20 livros publicados, entre suspenses psicológicos e romances médicos. Com *A empregada*, que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares e teve os direitos negociados em 36 países, Freida chegou ao topo das listas de mais vendidos.

Mora com a família e seu gato preto em uma casa de três andares centenária, cujos degraus rangem a cada passo e onde ninguém vai ouvir se você gritar. A não ser, talvez, que grite muito, muito alto.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Não se deixe enganar

Harlan Coben

Um ano após os acontecimentos devastadores de *A grande ilusão*, um obscuro segredo do passado do ex-detetive Sami Kierce volta para assombrá-lo.

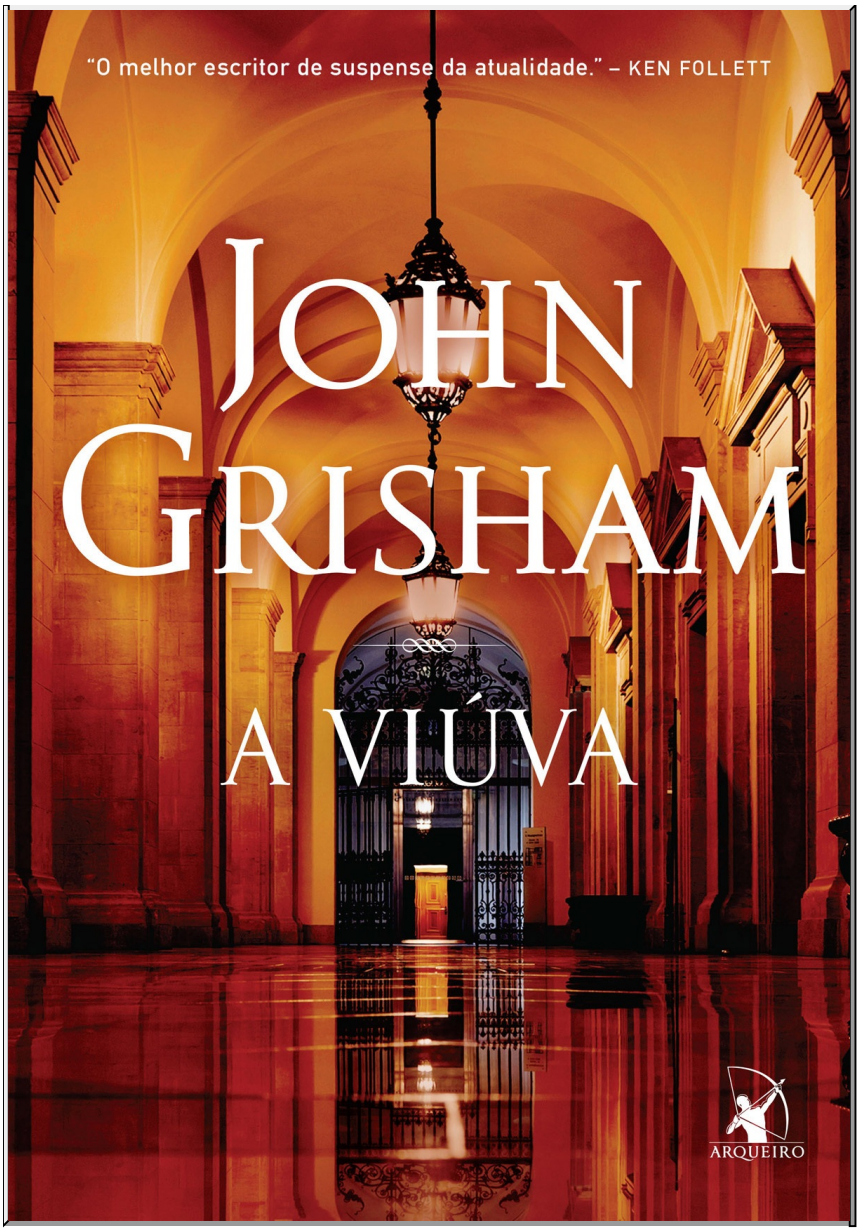
Quando ainda era um jovem universitário viajando com amigos pela Espanha, certa manhã Sami acordou coberto de sangue. Com uma faca na mão. E, ao seu lado, o corpo de sua namorada, Anna. Morta. Sem ter ideia do que aconteceu, ele se desesperou e fugiu.

Vinte e dois anos depois, Kierce ganha a vida como investigador particular, fazendo trabalhos eticamente duvidosos e ensinando aspirantes a detetives em uma escola de Nova York. Uma noite, ele reconhece um rosto familiar no fundo da sala de aula. Por mais impossível que seja, ele tem certeza de que é Anna.

Assim que seus olhos se encontram, ela sai correndo. Kierce sabe que não tem escolha: precisa ir atrás dessa mulher e desvendar o mistério que o atormenta desde aquele dia terrível.

Sua investigação o colocará frente a frente com traumas nunca superados e com segredos que deveriam permanecer enterrados para sempre. Mas agora que está perto da verdade, ninguém vai enganá-lo novamente.

Clique aqui para ver na loja



A viúva

John Grisham

Simon Latch é advogado em uma pequena cidade na zona rural da Virgínia, e ganha a vida cuidando de casos de menor expressão. Mal consegue pagar as próprias contas e, para piorar, seu casamento está desmoronando aos poucos.

Um dia, Eleanor Barnett entra em seu escritório. A princípio Simon a enxerga apenas como uma senhorinha viúva que precisa refazer o testamento, então pretende se livrar dela logo, e embolsar um dinheiro fácil.

Quando começa a entender melhor o caso, porém, ele descobre que o marido de Eleanor lhe deixou uma pequena fortuna, e que ninguém sabe disso. Simon decide então agir discretamente para manter em segredo a herança da cliente mais rica que já teve. Assim como os honorários que, de acordo com suas estimativas, se multiplicam conforme as conversas avançam.

Mas em pouco tempo a história toma proporções inesperadas. E quando Eleanor é hospitalizada após um acidente de carro, Simon se vê acusado de um crime que jura não ter cometido: assassinato.

Ele sabe que é inocente. Mas também sabe que as circunstâncias estão contra ele e que pode passar o resto da vida atrás das grades. A não ser que encontre o verdadeiro assassino.

Clique aqui para ver na loja



Vestígios

Nicholas Sparks e M. Night Shyamalan

Quando o arquiteto Tate aceita viajar até uma cidadezinha distante para projetar a casa de veraneio de seu melhor amigo, a mudança de ares é como a promessa de um recomeço.

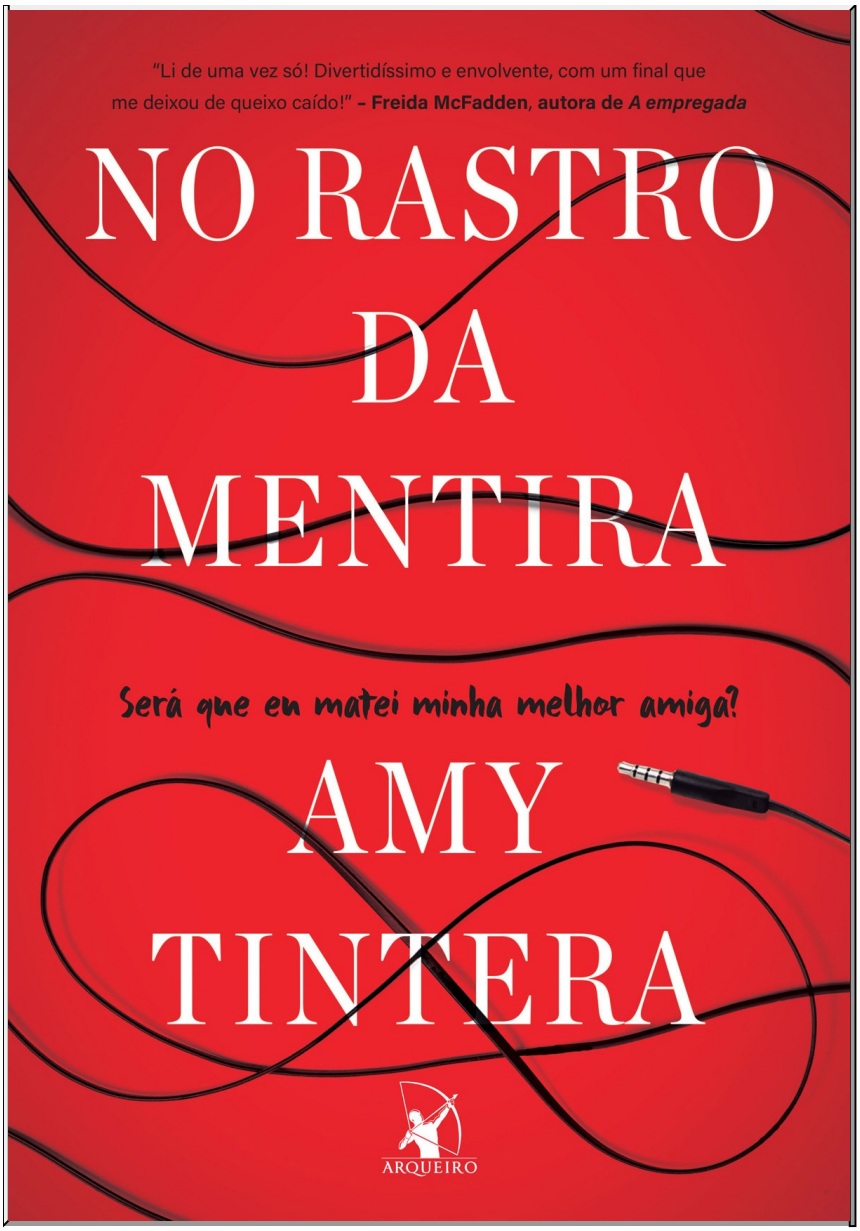
Após meses enfrentando a depressão e o vazio deixados pela morte da irmã, Tate deseja recuperar o equilíbrio. Mas o destino reserva algo que o tirará completamente do eixo, fazendo-o duvidar de tudo em que acredita.

Em um encontro que parece premeditado, Tate conhece Wren, uma jovem com quem tem uma conexão imediata e intensa. Mas logo fica claro que nada nela é o que parece, e há muito que a lógica não dá conta de explicar.

Com tantos segredos do passado de Wren vindo à tona, envolver-se vai ficando cada vez mais perigoso... e, no entanto, afastar-se parece impossível.

Agora, Tate precisa decidir até onde está disposto a ir para desvendar a verdade – e para descobrir se o amor é poderoso o suficiente para atravessar as fronteiras entre a vida e a morte.

Clique aqui para ver na loja



No rastro da mentira

Amy Tintera

Em Plumpton, uma cidadezinha do Texas, Lucy e Savvy sempre foram as meninas dos olhos de todos: bonitas, inteligentes e alvo da inveja geral.

Lucy se casou com o marido dos sonhos, conquistando um anel enorme e uma casa maior ainda. Já Savvy era a rainha do carisma. Não havia quem não a adorasse – especialmente os homens da cidade, segundo os boatos.

Até que tudo desmoronou: um dia, Lucy foi encontrada vagando pelas ruas de madrugada, coberta com o sangue de Savvy, sem ter ideia do que aconteceu.

Apesar de sua culpa nunca ter sido provada, todos têm certeza de que ela é uma assassina.

Agora, cinco anos depois, com uma vida nova em Los Angeles, Lucy ainda não consegue se lembrar de nada relacionado àquela noite terrível.

Mas quando Ben Owens, o apresentador bonitão de *No Rastro da Mentira*, um famosíssimo podcast de true crime, decide investigar o assassinato de Savvy para a segunda temporada, Lucy é forçada a voltar ao lugar onde jurou nunca mais pisar para descobrir quem matou sua amiga. Mesmo que tenha sido ela mesma.

A verdade está em algum lugar. Basta saber que rastro seguir.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento
Até o último de nós
A sete chaves
O filho perfeito
A mulher em silêncio
Querida Debbie
A ex
Não perturbe
Barriga de aluguel

SÉRIE A EMPREGADA
A empregada
O segredo da empregada
O casamento da empregada (apenas e-book)
A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br





Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis
em audiolivro.